



**JØRN
LIER
HORST**

**A PORTA
OCULTA**

«Um dos mais brilhantes escritores de policiais da atualidade.»
THE SUNDAY TIMES





Ficha Técnica

Título: *A Porta Oculta*
Título original: *Blindgang*
Autor: Jørn Lier Horst
Edição: Cecília Andrade
Tradução: João Reis
Revisão: Clara Joana Vitorino
Capa: Rui Garrido
Fotografia do autor: © Marius Batman Viken
ISBN: 9789722067935

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Jørn Lier Horst, 2015
Publicado por acordo com Salomonsson Agency
© Publicações Dom Quixote, 2019
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.



A publicação desta tradução foi possível através do apoio financeiro de NORLA,
Norwegian Literature Abroad.

Jørn Lier Horst



A PORTA OCULTA

Romance

Traduzido do norueguês por
João Reis

WILLIAM WISTING
Nota introdutória à edição portuguesa

William Wisting é um polícia de carreira que subiu na hierarquia tornando-se inspetor-chefe no Departamento de Investigação Criminal da Polícia de Larvik, assim como o seu criador, o autor Jørn Lier Horst. *A Porta Oculta* é o décimo título da série que tem William Wisting como protagonista, e o quarto a ser publicado em Portugal. Aqui, encontramos-lo com cinquenta e cinco anos e pai viúvo dos gémeos já crescidos Thomas e Line. A sua mulher, Ingrid, foi morta em África – para onde tinha ido trabalhar num projeto da NORAD – no final de *Nattmannen* (Homem da Noite), o quinto título da série.

O seu filho Thomas, que serve nas forças armadas, é piloto de helicópteros no esquadrão 330. Line, cuja carreira muitas vezes se cruza com a do pai, é jornalista de investigação. Wisting, de início apreensivo com a escolha profissional da filha, começou a valorizar as suas capacidades ao deparar-se frequentemente com pistas e conhecimentos inesperados. Em *A Porta Oculta*, Line desistiu do seu trabalho em Oslo e voltou a morar na sua cidade natal. Desta vez envolve-se na investigação de uma maneira diferente, através da sua relação com uma velha amiga de escola, Sofie Lund.

Após a morte de Ingrid, Wisting envolveu-se com outra mulher, Suzanne Bjerke, mas a relação fracassou no decurso de *Cães de Caça*, e Wisting continua sozinho. Suzanne aparece de novo em *A Porta Oculta* como proprietária da galeria-cafetaria A Paz Dourada.

Cruciais são também os colegas de Wisting. Um dos temas desta série é a tensão entre o pessoal da polícia, que enfrenta as pressões da investigação criminal, e a administração, cujas prioridades são equilibrar orçamentos e cumprir metas. Isso vem de novo à tona em *A Porta Oculta*, quando o novo chefe da polícia, Ivan Sundt, entra em conflito com Wisting.

Wisting tem melhores relações com outros colegas de confiança: Nils Hammer, da velha guarda, cujo passado na unidade de combate à droga o transformou num cínico; a jovem Torunn Borg, em quem Wisting tem vindo a confiar graças ao seu profissionalismo e inteligência; e Espen Mortensen, o técnico forense, que é geralmente o primeiro a chegar à cena do crime. Christine Thiis, apontada como chefe assistente e procuradora da polícia em *Fechada para o Inverno*, estabeleceu-se e consolidou a sua posição como colega de confiança.

O pano de fundo desta série é o condado de Vestfold, na costa sudoeste da Noruega, uma área popular entre os turistas, cujas paisagens ondulantes e praias atraentes resultam num cenário pouco provável para o crime. A cidade de Larvik, onde Wisting trabalha, está localizada a 105 quilómetros a sudoeste de Oslo. A comuna de Larvik tem aproximadamente 43 mil habitantes, metade dos quais vivem na própria cidade, e cobre cerca de 500 quilómetros quadrados. Larvik é conhecida pelas suas fontes naturais, mas a sua economia moderna depende muito da agricultura, de comércio e serviços, da indústria ligeira e de transporte, bem como do turismo. Há um serviço de *ferry* de Larvik para Hirthals, na Dinamarca.

No início de *A Porta Oculta*, Wisting procura adaptar-se à nova situação de Line e à sua proximidade, e tem algumas dificuldades em enfrentar a crítica popular e da imprensa sobre a sua falta de progresso num caso de desaparecimento que permanece sem solução há mais de seis meses. Com o inquérito em vias de ser arquivado, surge uma pista que revela ligações com o crime organizado. As reviravoltas daqui resultantes sobrepõem-se a um caso de homicídio numa jurisdição vizinha, e Wisting é forçado a desafiar não só os seus superiores, mas também os colegas de Kristiansand.

A intuição que Wisting desenvolveu ao longo da sua vasta carreira, bem como a aguda consciência da natureza humana e das transformações sociais, tudo sustentado pela profunda experiência de Jørn Lier Horst nos procedimentos policiais, conferem aos seus livros um poderoso tom realista.

Jørn Lier Horst trabalhou como polícia em Larvik, entre 1995 e 2013, altura em que passou a dedicar-se à escrita a tempo inteiro.

WILLIAM WISTING – DADOS BIOGRÁFICOS

William Wisting é um polícia honesto e competente, mas é acima de tudo uma pessoa sincera e de bom coração. Detetive cuidadoso e preocupado, com largos anos de experiência e comprometido com a sociedade, está familiarizado com o lado obscuro da natureza humana. Um homem com consciência, íntegro e humano, e a crença de que pode desempenhar um papel na criação de um mundo melhor.

Nasceu em Larvik, a 14 de abril de 1958.

Pai: Roald H. Wisting, médico (1930-).

Mãe: Ruth Else Wisting, dona de casa (1934-1987).

Não tem irmãos.

Foi criado no distrito de Fjerdingen, oeste de Stavern.

Casou em 1982 com Ingrid Grindem (5 de abril de 1958-25 de julho de 2006).

Filhos: Line e Thomas Wisting, gémeos, nascidos a 8 de agosto de 1983.

Morada: Herman Wildenveys, porta 7, 3290 Stavern, Noruega.

Profissão: inspetor-chefe no Departamento de Investigação Criminal da Polícia de Larvik.

Curiosidade

O bisavô de William Wisting foi o explorador polar Oscar Wisting, o companheiro de expedição mais confiável e fiel de Roald Amundsen. Juntos, foram os primeiros a chegar tanto ao Polo Sul como ao Polo Norte.

Educação

1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, Stavern Skole, 1964-1970.
3.º Ciclo do Ensino Básico, Brunla Ungdomsskole, 1970-1973.
Ensino Secundário, Larvik Gymnas, 1973-1976.
Serviço militar, campo de treino Evjemoen, 1976-1977.
Academia de Polícia, 1977-1980.

Emprego

Esquadra da Polícia de Larvik, Departamento de Ordem Pública, 1980-1984.
Esquadra da Polícia de Larvik, Departamento de Investigação Criminal, 1984-.

¹NORAD – Agência Norueguesa de Cooperação para o Desenvolvimento.



A PORTA OCULTA



Ela passou duas vezes diante da grande casa branca. À terceira, estacionou o carro na rua.

A moradia imponente, com telhado de quatro águas, encontrava-se atrás de uma cerca de madeira branca e de uma sebe de arbustos. Rodeavam-na árvores velhas com ramos entrelaçados. As janelas com vidraças pequenas revelavam apenas escuridão no interior.

Aquela moradia era maior do que se lembrava, e na verdade demasiado grande para ela.

Estivera ali pela última vez há 19 anos. Nessa ocasião, prometera a si mesma nunca mais regressar. Agora, ia mudar-se para aquela casa.

Pegou no envelope que estava no lugar do pendura e tirou a chave lá de dentro. À chave estava presa uma pequena placa de plástico na qual o advogado escrevera, num dos lados, o nome do seu avô, e no outro a morada: *Frank Mandt. Johan Ohlsens Gate, Stavern*.

Não pôde deixar de pensar que *ele* havia segurado naquela mesma chave. Que andara com ela no bolso, que lhe tocara, que fechara a mão à sua volta.

Não gostava de pensar nele como o *avô*, não utilizava essa palavra. Pensava nele como o *Velhote*. Era assim que o recordava – como um velho –, embora não pudesse ter mais do que 50 anos da última vez que o vira. Era grande e forte, e tinha olhos escuros e encovados, cabelo grisalho e espesso e um bigodinho branco.

Uma das últimas vezes em que o vira fora no feriado de 17 de maio, dia nacional da Noruega. Passara diante da casa integrada na parada infantil, e o Velhote, que estava no alpendre de vidro com as mãos atrás das costas, sorria de boca fechada, os seus lábios contraídos. Tentara acenar-lhe, mas ele tinha-lhe virado costas e desaparecido no interior da casa.

Largou a chave e olhou de novo para a casa. Parecia-lhe que irradiava frio, mesmo num dia quente de julho como aquele.

Um pequeno gemido na cadeira de criança fê-la virar-se para trás.

– Estás acordada, Maja? – Sorriu e esticou-se em direção à filha. – Já chegámos.

A menina fez alguns gorjeios, sorriu e pestanejou. Felizmente não era parecida com o pai. Tinha o cabelo e os olhos escuros da mãe.

– E a minha covinha na face quando sorrio – disse ela, e afagou a filha abaixo do queixo numa tentativa de fazer aparecer a dita covinha. As duas haviam de se arranjar. No passado, tinha sido ela e a mãe. Agora, era ela e a filha.

Voltou-se de novo para o volante, ligou o motor e dirigiu-se às traseiras da casa, parando diante da garagem. Então, pegou na chave, saiu do carro e tirou a filha do assento traseiro.

As colunas e os ornamentos, típicos das casas construídas cem anos atrás, davam à entrada um aspeto distinto.

A chave girou facilmente na fechadura. Dentro da casa cheirava a lavado e fresco, não a mofo e a casa fechada, como ela temera. O advogado agira tal qual ela lhe pedira. Tinham removido todas as peças de mobília e utensílios da casa. Tudo aquilo que lhe pudesse lembrar alguma coisa. Que a fizesse lembrar-se do passado.

Entrou na cozinha e, depois, na sala de estar. Os seus passos reverberaram entre as paredes nuas.

A luz do Sol entrava pelas janelas e estendia-se no chão.

Esta casa pode tornar-se confortável, pensou ao olhar para o pequeno jardim no outro lado da rua. A casa grande poderia ser um bom início para uma nova vida.

A escadaria larga até ao primeiro andar rangeu. Apoiou Maja sobre uma anca e encaminhou-se até àquele que havia sido o quarto da sua mãe. Ficou algum tempo imóvel sem sentir verdadeiramente nada, e depois olhou para o relógio. Dez menos um quarto. A carrinha das mudanças podia chegar a qualquer momento.

Deu uma rápida vista de olhos aos outros quartos, desceu as escadas e inspecionou o resto da casa.

Parou um momento antes de abrir a porta da cave. Acendeu a luz e desceu alguns dos degraus desgastados.

Num dia de janeiro, tinham-no encontrado lá em baixo. Devia ter caído do sítio onde ela se encontrava agora. Conseguia ver ainda uma mancha escura no chão de cimento. Achavam que ele havia passado três dias ali estendido até um dos seus amigos o encontrar.

Ela era a familiar mais próxima do velhote, mas não tinha ido ao velório nem ao funeral. Nessa altura, não lhe ocorrera que era a única herdeira da sua moradia, que estimavam valer um milhão de coroas, e do dinheiro que ele tinha depositado na conta. Quando soube que herdara o património do velho, a sua primeira ideia foi a de não aceitar nada da herança, e que o dinheiro deixado por Frank Mandt era tão sujo que preferia não ter nada que ver com ele. Mas depois pensara: «Porque não aceitar?» Seria demasiado estúpida se recusasse a herança.

Com a filha ao colo, desceu as escadas até ao fundo. O ar na cave estava mais pesado do que no resto da casa. Era um odor enjoativo, um cheiro a fruta podre ou a flores que tivessem passado demasiado tempo numa jarra.

Na cave havia uma casa de banho com sauna, e no que parecia ter sido uma sala de exercício ou pequeno ginásio havia uma barra de ferro fixa à parede.

Encontrou o cofre na divisão mais afastada da saída. O advogado avisara-a de que o tinham deixado lá. Não só era grande e pesado, como provavelmente também estava fixo ao chão com parafusos imbuídos. As pessoas responsáveis por limpar a casa esperavam encontrar a chave do cofre, mas esta tinha desaparecido por completo. E confiava plenamente nas ditas pessoas. Tinham-lhe entregado quase trinta mil coroas que haviam encontrado num envelope deixado num armário da cozinha. É certo que poderiam não lhe ter comunicado a existência de mais dinheiro que tivessem descoberto pela casa, mas ela acreditava que

não haviam encontrado a chave do cofre nem o tinham aberto.

Pousou a mão no cofre e afagou-o. O metal frio dava-lhe arrepios.

Depois, agachou-se, afastou a pequena placa metálica que ocultava o buraco da fechadura e tentou ver o que estava lá dentro.

Irritava-a o facto de a chave ter desaparecido. O cofre estava no meio da divisão e ocupava muito espaço. Isso dificultaria mobilizar a cave se, um dia, se tornasse necessário usá-la. Um carro buzinou lá fora. Ela olhou para o relógio. Eram dez horas. Os homens das mudanças eram pontuais.

Saiu de casa e foi ao encontro deles. Enquanto faziam marcha-atrás para posicionar corretamente o camião das mudanças, abriu a bagageira do seu carro, pegou numa caixa e encontrou a placa que mandara fazer em Oslo. Levou-a consigo e pendurou-a num prego espetado ao lado da porta da frente.

Sofie e Maja Lund.

Uma mulher espreitou por trás das cortinas da cozinha de uma casa vizinha. Sofie acenou-lhe. A mulher não lhe retribuiu o cumprimento.



William Wisting parou à porta do quarto e observou a mulher deitada na sua cama. Os feixes estreitos de luz que entravam por entre as lâminas do estore e repousavam no seu rosto pareciam não lhe perturbar o sono profundo.

Trabalhava com Christine Thiis há cerca de dois anos. Ela era 15 anos mais nova do que ele e tinha dois filhos adolescentes. Depois de se divorciar, abandonara um emprego bem remunerado como advogada em Oslo e mudara-se para Larvik com os filhos.

Era uma boa colega de trabalho, e engenhosa, e tinha também um grande pragmatismo e sentido de iniciativa. Tomava a decisão certa no momento indicado.

Falavam sempre sobre trabalho. Ela expandia-se pouco acerca da sua vida privada. Quando se ausentavam da cidade para assistir a conferências, ela regressava invariavelmente a casa ou ao quarto de hotel assim que os afazeres profissionais terminavam. Nunca bebia uma cerveja com os colegas e não ia aos jantares de Natal. Por conseguinte, Wisting surpreendeu-se quando ela aceitou o seu convite para ir a uma festa na sua casa.

O seu rosto contraiu-se um pouco: sentira a presença de Wisting no quarto. Ele voltou a fechar a porta com cuidado e desceu as escadas até à sala de estar. Ela precisava de dormir mais. Nils Hammer tinha-a seguido até à cama. Por essa altura, já ela tinha esvaziado duas garrafas de vinho. Os outros continuaram sentados até ao nascer do dia e os primeiros pássaros começaram a cantar.

Uma mosca tentava esvoaçar dentro de um dos copos pousados na mesa da sala. Zumbiu quando se afogou nas sobras de vinho.

Wisting caminhou até ao sofá, dobrou o cobertor que usara sobre as costas e endireitou as almofadas. Depois, recolheu os copos e levou-os para a cozinha, encheu a máquina de lavar louça, pôs-se à janela e olhou para a casa acastanhada, na esquina, onde morava Line.

Embora não se sentisse completamente confortável com a mudança da filha de Oslo para Stavern, estava contente por a ter perto de si. Também não gostava que ela tivesse comprado a casa. Parecia-lhe que a morte estava colada àquelas paredes. Viggo Hansen, o antigo dono da casa, tinha sido encontrado morto numa poltrona da sala há oito meses. Passara quase quatro meses sentado na poltrona até alguém se aperceber de que tinha morrido.

No entanto, Line não parecia preocupar-se com este facto. Um comportamento típico dela, já agora. Era uma mulher destemida e pragmática. Além disso, fora um bom negócio. As circunstâncias levaram a uma redução brutal do preço da casa, e, ao visitá-la na véspera, Wisting reparou que aquela casa já pouco ou nada tinha que ver com o que fora outrora. Tinham deitado todos os móveis e objetos para o lixo. A cozinha, a casa de banho e um dos quartos já haviam sido completamente renovados. A sala de estar estava agora em obras.

O seu telemóvel tocou algures dentro de casa. Encontrou-o na mesa da sala, mas não se atreveu a atendê-lo.

Era uma chamada de Suzanne. Ainda tinha o número dela gravado. Não falava com ela há muitos meses, e sentiu alguma coisa ao ver o seu nome, ou assim lhe pareceu. Tinham sido muito próximos, e ela mudara-se para a sua casa. A relação durara alguns anos; depois, ela decidira seguir a sua vida sem ele. Ainda tinha saudades dela. Não tantas quanto as que tinha de Ingrid, a mãe de Line e do seu irmão gémeo, Thomas. Ingrid desaparecera para todo o sempre. Suzanne, por seu lado, nem sequer vivia muito longe. Geria uma galeria com cafetaria e bar em Stavern e morava num apartamento no primeiro andar do edifício. Ele sobressaltou-se quando o telefone voltou a tocar. Suzanne tentava uma vez mais contactá-lo.

– Olá – disse ele, e sentiu como tinha a boca seca.

– Olá – respondeu-lhe. – É a Suzanne.

– Olá – repetiu ele, para logo engolir em seco. – Como vai a vida?

– Estás em casa? – perguntou, sem lhe responder.

Wisting olhou em seu redor. Alguém virara uma taça com amendoins. Espen Mortensen espalhara várias camadas de papel higiénico no tapete, para assim tentar absorver a cerveja de uma garrafa tombada. A mala de Christine Thiis encontrava-se debaixo de uma cadeira, e parte do seu conteúdo caíra ao chão.

– Que se passa? – perguntou ele.

– Tenho de falar contigo sobre uma coisa. Mas não tenho coragem de falar disso ao telefone. Tem que ver com o caso Hummel.

– Com o caso Hummel? – repetiu Wisting, que, contudo, sabia perfeitamente de que se tratava.

Jens Hummel era taxista. Ele e o seu táxi haviam desaparecido na noite de 6 de janeiro, sexta-feira. A última pessoa a vê-lo fora uma mulher que deixara, à 1h23, diante do Grand Hotel, situado na Storgata, em Larvik. Desaparecera há mais de meio ano. O mistério continuava por deslindar.

– Posso passar por aí à tarde, antes de ter muitos clientes no café – sugeriu Suzanne.

Ele ouviu passos no andar de cima. Christine Thiis devia ter acordado.

– Estou agora de saída – disse rapidamente Wisting. – Posso passar por aí.

– Consegues chegar antes da uma da tarde?

Olhou para o relógio e tentou calcular há quanto tempo parara de beber.

– Posso estar aí daqui a uma hora – respondeu, e percebeu, pelo modo como lhe agradeceu, que ela estava a sorrir.

Ouviu uma torneira a abrir-se e água a correr na casa de banho do primeiro andar.

Wisting regressou à cozinha. Tirou duas canecas e duas cápsulas de café do armário.

As escadas entre o rés do chão e o primeiro andar rangeram. A máquina de café fez um ligeiro ruído e libertou vapor quente no preciso momento em que Christine Thiis entrou na cozinha.

– Olá – disse com uma voz rouca. Tinha ainda o cabelo castanho desgrehado, mas ele viu que ela tentara penteá-lo. – Desculpa, eu...

Wisting interrompeu-a.

– Queres um café?

Ela anuiu com a cabeça.

– Seria bom, sim.

Sentaram-se à mesa da cozinha, de frente um para o outro.

– Desculpa – repetiu ela. – Nunca tal me aconteceu... Costumo ir para casa.

Ela bebericou o café e tossiu.

– Quer dizer, nem sequer costumo sair. Não estou habituada a beber álcool.

– Mais um motivo para dormires cá – disse Wisting. Percebeu como ela se sentia desconfortável por estar ali sentada com a mesma roupa com que se deitara. Continuou a falar: – Bem precisavas de relaxar um bocadinho. De descontraíres e de não pensar nos teus filhos nem em trabalho.

– Mas devia ter ido para casa.

– Não tinhas lá ninguém à tua espera nem nada que resolver – disse, com um sorriso, Wisting. Pôs as mãos em volta da caneca de café e sentiu-se contente por ter alguém com quem se sentar à mesa da cozinha. – Posso dar-te boleia até casa daqui a pouco.

Ela abanou a cabeça.

– Posso apanhar um táxi.

Ele ergueu a mão aberta para indicar que nem queria ouvir falar de tal possibilidade.

– Tenho de sair de qualquer maneira – disse ele. – Apareceu uma coisa sobre o caso Hummel.

O olhar dela alterou-se. Como se a sua timidez desse lugar a algo mais afoito.

– Sobre o caso do Jens Hummel? Revimos o caso todo na semana passada e concordámos em arquivá-lo. Surgiu algum facto novo?

– Ainda não sei. Daqui a pouco vou encontrar-me com uma pessoa que quer falar sobre ele.

Christine Thiis debruçou-se sobre a mesa.

– O que publicaram no jornal é mentira – disse ela. – Neste caso, fizemos mesmo tudo ao nosso alcance.

Wisting afastou o olhar. Ela referia-se a um artigo de jornal da semana anterior. O mistério relativo ao desaparecimento de Hummel também chegara a manchetes em janeiro, mas não despertara grande entusiasmo no público. Jens Hummel não tinha parentes próximos que pudessem acicatar a polícia e a imprensa. Tinha apenas uma avó, que ficara sozinha após o desaparecimento do neto.

Quando a imprensa se mostrara interessada em resgatar o caso ao esquecimento, Wisting entretivera a esperança de que surgissem novas informações sobre o desaparecimento. O fator tempo não influenciava necessariamente os casos de forma negativa. Com o decorrer do tempo, as ondas poderiam alargar-se em círculos cada vez maiores e, por fim, alcançar alguém disposto a falar com a polícia. Em tais circunstâncias, uma nova atenção mediática poderia ser um fator decisivo.

Quando voltou a chamar a atenção para o caso, um jornal criticou a polícia em geral, e Wisting em particular, pois ele era o responsável pela investigação. Embora não indicasse como é que a polícia poderia, em concreto, ter agido, o artigo transmitira a imagem de que a polícia se interessara pouco pelo caso e fizera um péssimo trabalho de investigação. A falta de resultados falava por si. Nem sequer tinham conseguido encontrar o carro de Hummel. E as recentes estatísticas indicando que a polícia realizara, em média, quase 20% mais de controlos de trânsito do que no ano anterior foram usadas a favor da acusação de que a polícia não avaliava bem as suas prioridades. Assim as simpatias não recaíam sobre a polícia, que enfrentava uma tarefa difícil, mas sobre a avó que perdera o seu único neto.

Wisting estava habituado às críticas. Normalmente, as críticas passavam-lhe ao lado, mas daquela vez ressentira-se um pouco. Recordavam-lhe que não tinham sido bem-sucedidos. E o caso Hummel já o havia inquietado antes, dando origem a uma crescente sensação de asfixia.

– Em poucos casos terá sido mais justo dizer que «desapareceu sem deixar rasto» do que neste – continuou Christine Thiis. – Seria de acreditar que, com a ajuda dos controlos de tráfego, das portagens, dos taxímetros e dos registos de localização, se encontrasse alguma coisa que nos indicasse onde estão ele e o carro, mas a verdade é que não temos nada.

Wisting anuiu. Ao recordar-se da investigação do caso Hummel, não conseguiu deixar de pensar que tinham sido dias sem conteúdo ou proveito. Tinha criado uma linha temporal minuciosa para as 24 horas prévias ao desaparecimento do homem, mas nada lhes deu a mínima pista sobre o seu paradeiro. Ao mesmo tempo, tentaram formar uma impressão sobre Jens Hummel. Ele tinha 34 anos e morava sozinho. Tivera diversos empregos temporários até aos 25, quando começara a ser taxista. Há cinco anos, obtivera licença individual e carro próprio. Ao fim de quase dez anos ao volante, criara uma rede de contactos alargada com pessoas muito diferentes. Falaram com a maior parte delas, mas ninguém lhes soube dizer algo que pudesse ajudar.

Os desaparecimentos eram sempre casos difíceis de resolver, não só porque não havia um local do crime, mas também porque era complicado realizar uma investigação abrangente.

Continuaram sentados diante das canecas de café e discutiram algumas das teorias mais interessantes. Segundo uma delas, o desaparecimento tinha o narcotráfico como causa; dizia-se que Hummel seria um correio de droga local que usava o táxi para distribuir os estupefacentes. Durante um certo período teria também transportado prostitutas, contudo, apesar de a informação ter sido confirmada há muito, não tinham avançado mais nessa linha de investigação.

Wisting olhou para o relógio. Precisava de se fazer ao caminho.

Uma vez no carro, começaram a conversar sobre outros assuntos. Sobre o verão e como passariam as férias.

– Não vou a lado nenhum – disse Christine Thiis. – E tu?

– Prometi à Line ajudá-la com as obras. Está convencida de que sei aplicar papel de parede.

Christine Thiis sorriu e, pensativa, abanou a cabeça.

– Os meus filhos vão passar quatro semanas em casa do pai, vai ser estranho ficar tanto tempo sozinha.

Wisting parou o carro junto ao passeio diante da casa dela.

– Obrigada pela boleia. E mais uma vez desculpa por ter dormido em tua casa.

– Não faz mal – disse ele.

– Tens de me telefonar – pediu-lhe ela, e pousou a mão no braço dele. Os seus olhares cruzaram-se, ela pestanejou antes de retrain a mão. – Se souberes de alguma coisa, quero eu dizer. Se descobrires o que aconteceu ao Jens Hummel.



Era um dia quente. O ar estava abafado, não fazia vento. Wisting encontrou um lugar de estacionamento livre junto ao cais e saiu do carro. Dois rapazinhos seguravam nas suas canas de pesca no pontão. Algumas gaivotas sobrevoavam-nos em círculos apáticos.

As ruas estavam invulgarmente cheias de pessoas. Wisting acenou, de vez em quando, a caras conhecidas que com ele se cruzavam.

A maioria das mesinhas na esplanada do A Paz Dourada estava já ocupada. Wisting abriu a porta, entrou e parou um instante, para que os seus olhos se habituassem à luz mortíça. Suzanne, sentada no fundo do estabelecimento, acenou-lhe. Usava um vestido de verão branco, e trazia o cabelo preto preso num rabo-de-cavalo.

Wisting fez-lhe um gesto com a cabeça e aproximou-se da sua mesa. Ela levantou-se e abraçou-o. A pele em volta dos olhos enrugou-se-lhe quando sorriu.

– Tomas alguma coisa? – perguntou-lhe ao olhar para o balcão. – Um café?

Wisting sentia a cabeça pesada.

– Pode ser uma água com gás – retorquiu.

Suzanne desapareceu atrás do balcão e regressou com uma garrafa e um copo com cubos de gelo.

– Não sabia com quem mais falar sobre isto – disse ao sentar-se.

Wisting pegou no copo.

– Disseste que queres falar sobre o Jens Hummel.

– Não tenho a certeza se isto vai servir para alguma coisa – disse ela –, mas nos últimos tempos tem cá vindo um homem à noite. Senta-se ao balcão, lê os jornais e não fala muito, mas percebi que viveu algum tempo no estrangeiro e regressou agora à cidade.

Suzanne empurrou um envelope não endereçado que estava pousado, na mesa, entre eles, e só depois continuou:

– Na semana passada, disseste no jornal que querem arquivar o caso Hummel.

– Que o queremos pôr em suspenso – corrigiu-a Wisting.

– Há alguma diferença entre as duas coisas?

Wisting encolheu os ombros.

– Seja como for – prosseguiu ela –, ao artigo que resumia o caso adicionaram uma fotografia do táxi do Jens Hummel.

Wisting anuiu. Lembrou-se, uma vez mais, de como a sua estratégia de comunicação falhara por completo.

– Nessa noite houve pouco movimento aqui na cafetaria. Reparei que o homem teve uma reação muito estranha ao ler o tal artigo.

– Como assim? Que reação?

Suzanne baixou o tom de voz, apesar de não estar ali ninguém que a pudesse ouvir:

– Ficou inquieto – explicou ela. – Levantou os olhos do jornal e olhou em volta antes de continuar a ler. Depois, levantou-se, saiu da cafetaria e ficou algum tempo parado lá fora antes de voltar para dentro e reler o artigo.

Wisting bebeu um pouco de água.

– Aproximei-me dele para recolher alguns copos vazios – continuou Suzanne. – E foi então que vi uma coisa esquisita.

– O quê?

– Ao início, comentei o artigo que ele estava a ler. Disse que era um caso bizarro, ou algo assim. Então, ele olhou para mim e disse que *aquilo está no celeiro*.

– Aquilo está no celeiro? – repetiu Wisting.

Suzanne anuiu.

– Não consegui perguntar-lhe nada sobre esse comentário. *Um dia, simplesmente apareceu lá*, disse ele, e apontou para a foto do táxi no jornal. A seguir, dobrou o jornal e foi-se embora com ele.

– De que celeiro estava ele a falar? – perguntou Wisting sem, na verdade, esperar obter uma resposta.

– Não sei mais do que aquilo que te contei, mas fiquei a matutar nisso e decidi ligar-te. O homem sabe alguma coisa.

Wisting lançou um olhar aos outros clientes.

– Ele já cá esteve depois disso?

Ela meneou a cabeça.

– Alguém lhe fez companhia quando cá esteve? – continuou a perguntar Wisting, pois pretendia descobrir algo que pudesse indicar quem era o homem.

– Não, já perguntei a outras pessoas, mas ninguém sabe quem é.

Wisting fez-lhe, então, uma série de perguntas sobre a aparência do homem, as roupas que usava, que dialeto falava, se tinha outros sinais ou traços que facilitassem a sua identificação.

Suzanne remexeu no envelope à sua frente, abriu-o e tirou um papelinho do seu interior.

– Nessa noite, ele pagou com cartão – disse ela, e voltou a pôr o papel no envelope. – Verifiquei o registo da caixa e procurei o valor que ele teria pago pelo que consumiu. Vocês provavelmente podem usar o número da transação para descobrir quem é ele.

Wisting sorriu e pegou no envelope. No seu interior encontrava-se um eventual avanço no caso Hummel. Os detetives tinham

diversas teorias sobre o que sucedera ao carro. Alguns acreditavam que Jens Hummel saíra da cidade de sua livre vontade, ao passo que outros acreditavam que o carro estava algures na berma de uma estrada, em resultado de um acidente ou por ter sido abandonado. Wisting pertencia ao grupo dos que achavam que tinham escondido o carro numa garagem ou num local semelhante depois de Jens Hummel ter sido vítima de um crime.

As patrulhas da polícia tinham batido todas as estradas secundárias do distrito. Um helicóptero fizera buscas aéreas numa área muito alargada. Os mergulhadores tinham-no procurado junto às pontes. Havia também feito buscas nos parques de estacionamento e nas garagens de recolha de automóveis. Como não tinham encontrado nada, era possível que o carro estivesse, com efeito, num celeiro.

Suzanne levantou-se.

– Bem, tenho de trabalhar – disse ela. – Como está a Line?

– Está boa – disse Wisting. – Acho que está muito bem.

Suzanne pareceu prestes a acrescentar alguma coisa, mas não disse nada. Wisting ficou-lhe grato. Era difícil falar sobre o que acontecera a Line.

Suzanne deu alguns passos em direção ao balcão.

– Boa sorte – disse ela. – Com tudo. Dá-lhe os meus cumprimentos.

Wisting anuiu.

– Liga-me se o homem voltar a aparecer – pediu-lhe ele, e continuou sentado.

Abriu o envelope e pegou no papelinho. Os números no recibo do terminal de pagamento não lhe diziam nada. Sabia que tinham de pedir informações à companhia que emitira o cartão para identificar a pessoa em causa. Esperara, durante muito tempo, encontrar um modo de avançar no caso Hummel. Via-se agora obrigado a esperar até segunda-feira.



Na segunda-feira de manhã, Wisting entrou na esquadra às sete menos um quarto. Tinha manchas de tinta branca nas mãos porque ajudara Line a pintar alguns rodapés na noite anterior.

A caminho do departamento criminal, cumprimentou alguns agentes cansados que escreviam, ao computador, os últimos relatórios do turno noturno.

Como os outros detetives ainda não tinham chegado, aproveitou para rever o caso Hummel. Enquanto lia os relatórios, tentou raspar com as unhas os restos de tinta branca que tinha nas mãos.

Sabia que dados novos lhe permitiriam ver o caso de uma nova perspectiva. Aquilo que antes lhe parecera irrelevante poderia tornar-se importante à luz de uma nova hipótese. Folheou os relatórios do caso em busca de algo para o qual não tivessem encontrado explicação, casualidades que pudessem conter ligações ocultas.

Um pormenor interessante no caso Hummel era o das viagens longas. Jens Hummel deslocava-se pelo menos uma vez por semana até Kristiansand ou Oslo. *Podia* ser uma mera coincidência. Na verdade, não passava de mais uma estatística se atentassem apenas nos números. O que tornava as viagens de Hummel especiais era o facto de serem pagas em numerário e nunca solicitadas através da central. Segundo os seus colegas, Hummel afirmara que transportava uma idosa rica até à região sul, onde ia visitar parentes. Nunca ninguém a tinha visto, e a polícia não a conseguira identificar.

Wisting não encontrou, uma vez mais, nada de interessante. E uma pesquisa eletrónica das palavras *celeiro* e *o celeiro* nos registos de referências também não lhe proporcionaram nenhum resultado concreto.

A porta do gabinete estava aberta e ele punha-se à escuta sempre que alguém entrava no departamento. Às oito menos dez, ouviu os passos de Nils Hammer a dirigir-se para o seu gabinete no fundo do corredor.

Hammer era muito habilidoso na busca e rastreamento de pistas eletrónicas. Sobre tudo porque tinha uma boa capacidade de adaptação. Certos métodos e possibilidades de investigação que não existiam no início da sua carreira como polícias tinham-se agora tornado fundamentais.

Wisting levantou-se da cadeira e foi ter com ele. O investigador alto e entroncado levava consigo uma caneca de plástico com café e estava a bebericar enquanto fazia *login* no sistema informático.

Wisting pousou o recibo na mesa diante de Nils Hammer.

– Quanto tempo demoras a descobrir quem é que usou este cartão? – perguntou Wisting.

Hammer pousou a caneca de café, pegou no recibo e deu-lhe uma vista de olhos rápida.

– É muito urgente? – perguntou.

– A pessoa que usou o cartão pode saber onde está o Jens Hummel – respondeu Wisting.

Nils Hammer endireitou-se na cadeira.

– Dá-me duas horas – disse ele, e esvaziou a caneca com um só trago.

Wisting virou-lhe costas para regressar ao seu gabinete.

– Já agora, como é que correram as coisas com ela? – perguntou-lhe Hammer.

– Com quem? – perguntou Wisting, que se questionou se ele se estaria a referir a Line.

– Com a nossa promotora – disse Hammer. – Ela apagou-se por completo.

– Correu tudo bem – asseverou-lhe Wisting. – Estava mesmo a precisar de apanhar uma piela.

Dirigiu-se ao seu gabinete e sorriu para consigo ao pensar no café que partilhara, na véspera, com Christine Thiis.

Havia que realizar as tarefas rotineiras. Leu a pilha de relatórios e notificações do fim de semana. A calma do verão parecia ter também afetado as estatísticas do crime. Excetuando algumas escaramuças em restaurantes, algumas pessoas a conduzir sob o efeito do álcool e um incêndio num barco, pouco havia a reportar.

Christine Thiis apareceu no gabinete quando ele se aproximava do fundo da pilha de papéis.

– Mais uma vez, obrigada – sorriu-lhe com um olhar tímido. – Por me teres dado boleia até casa.

Wisting abanou a mão para lhe indicar que não havia nada a agradecer.

– Descobriste mais alguma coisa sobre o caso Hummel? – perguntou ela, e sentou-se.

– É o que falta saber.

Ele falou-lhe do recibo do pagamento com cartão e da reação do dono do cartão, cuja identidade desconheciam, ao ler o artigo no jornal, mas não mencionou Suzanne. Ela não lhe pedira para não mencionar o seu nome, mas ele não havia dito a Christine com quem iria encontrar-se e não viu motivo para o fazer naquele momento.

Christine Thiis levantou-se.

– Tens aí uma mancha branca – disse ela, e apontou para a sua própria face.

Wisting levou a mão à cara.

– Pinturas... – explicou ao mostrar-lhe as mãos. – Provavelmente vou andar assim durante algumas semanas.

Ela sorriu de novo e fechou a porta do gabinete ao sair.

Wisting concentrou-se outra vez nos relatórios. Foram necessárias quase duas horas para que a porta se reabrisse. Hammer entrou com alguns papéis na mão e sentou-se na cadeira de visitante.

– O cartão pertence a um Aron Heisel – disse ele, e apresentou-lhe uma folha impressa que comprovava o que acabara de dizer.

Wisting puxou a folha para si. Além do número da conta bancária, a folha continha também a data de nascimento do sujeito,

mas não a sua morada. Wisting fez as contas e percebeu que Aron Heisel teria 48 anos.

– Quem é este Aron Heisel? – perguntou ele ao olhar para os papéis que Hammer ainda tinha pousados no colo.

Hammer mostrou-lhe duas fotografias dos registos da polícia, uma tirada de frente e outra de lado. Era uma versão mais jovem do homem que Suzanne descrevera. Tinha ombros estreitos, nariz achatado, princípios de olheiras sob os olhos cinzentos e uma fenda entre os dentes da frente.

Wisting fez um gesto com a cabeça e isso foi quanto bastou para que Hammer lhe contasse por que razão o homem das fotografias tinha registo na polícia.

– Em 1997, descobriu-se que era o cabecilha de uma rede que operava uma grande fábrica ilegal de bebidas alcoólicas perto de Drammen. Em 2002, foi outra vez preso e condenado por contrabando de álcool, e há três anos foi suspeito num caso novo na região leste, mas não foi condenado.

– Onde é que ele mora agora?

– A última morada conhecida é em Marbella, Espanha.

Wisting anuiu com a cabeça. Conhecia a cidade. Fora lá uma vez, em serviço, com Torunn Borg.

– Agora está na Noruega – continuou Hammer, que lhe apresentou uma lista de transações.

– O cartão foi usado em diversos sítios de Espanha – disse ele ao passar o indicador sobre a lista. – Foi usado pela última vez no dia 12 de julho, no aeroporto de Málaga. A partir de então, tem estado na Noruega, como podes ver.

Wisting olhou, com esforço, para a folha. O cartão tinha sido usado, na véspera, no supermercado REMA 1000 de Holmejordet. O supermercado situava-se na estrada principal com destino a Stavern. Wisting costumava fazer lá algumas compras depois de sair do trabalho.

Em seguida, procurou os óculos, mas não os encontrou. Assim, continuou a analisar a lista com olhos semicerrados. O cartão tinha sido usado num pagamento numa loja de artigos de construção, para pagar uma refeição num dos restaurantes do porto, e também num pagamento avultado na Elkjøp, uma loja de eletrónica. Deu conta de várias visitas ao A Paz Dourada, a galeria-cafetaria de Suzanne. À exceção da última visita, pagara sempre a conta pouco antes da meia-noite. A transação que se lhe seguia era sempre cobrada pela Vestfold Taxi.

Wisting ergueu de novo o olhar e sentiu-se ansioso.

– Temos como o encontrar – disse ao apontar para a linha que correspondia a uma das viagens de táxi. – Alguém o levou a casa.



Hammer demorou três horas a encontrar um taxista que se lembrasse de ter transportado Aron Heisel. Os dois primeiros com quem falou não se lembravam do passageiro nem do percurso, mas o terceiro reconheceu Aron Heisel pela fotografia e disse-lhe que o transportara duas noites seguidas. Deixara-o, das duas vezes, em Huken.

A deslocação a partir da esquadra demorou dez minutos. Para Wisting, Huken fora sempre o nome de um local no mapa da estrada interior que, entre curvas, se dirigia a Helgeroa.

Hammer abrandou quando se acercaram do local. Wisting inclinou-se em frente no assento e analisou as cercanias. Havia ervas altas de ambos os lados da estrada: eram grelos de batata. Chegaram primeiro a uma construção moderna que parecia ter sido erigida num antigo terreno de cultivo. No jardim, algumas crianças saltavam num trampolim, enquanto dois adolescentes reparavam uma motorizada. Mais adiante na estrada havia uma antiga oficina ou garagem para camiões, e mais atrás alguns anexos pintados de vermelho. Nenhum celeiro, no entanto.

– Continua em frente – pediu-lhe ele.

Passaram por um cercado onde estavam a pastar alguns cavalos. Um homem, de pé num escadote, pintava a parede do estábulo. Num campo aberto encontrava-se estacionado, junto a um monte de lenha, um trator com uma serra de troncos atrelada. Mais ao longe, a luz do Sol refletia-se nos poucos vidros que restavam numa antiga estufa. Viram também um depósito de leite e um sinal azul que indicava haver ali uma paragem de autocarro.

– Ali – disse, de dedo em riste, Hammer. – Ele deixou-o ali.

Atrás de um muro de pedra tinha início uma estrada estreita, quase coberta de ervas, que adentrava na floresta.

Hammer virou para a estrada. Um bando de pássaros levantou voo de uma árvore frondosa, como se fossem insetos. O carro avançou lentamente e aos solavancos sobre os buracos e os tufos de erva. Uma valeta larga com água estagnada estendia-se ao longo do lado esquerdo da estrada. A água estava coberta por uma película de limo esverdeado. Wisting apenas conseguia entrever manchas de água preta aqui ou ali.

A floresta adensou-se em volta deles e, por fim, viram-se de novo em campo aberto. A estrada terminava numa pequena quinta abandonada com um celeiro em ruínas na orla da floresta. Como não tinha metade das telhas, o telhado mais parecia um esqueleto a que os abutres houvessem arrancado a carne.

Hammer parou o carro diante do edifício principal. Entre a casa e o celeiro viam-se dois anexos com telhado de zinco ondulado. Havia roseiras bravas e dedaleiras por todo o lado.

Wisting saiu do carro e bateu com a porta. Hammer deixou a porta do lado do condutor aberta. Entre toda aquela erva alta ouvia-se apenas o zumbido dos insetos. A casa fora, outrora, pintada de branco. Agora parecia cinzenta e em péssimo estado de conservação. As caleiras, partidas, estavam dependuradas nas esquinas, as janelas não tinham cortinas e uma tábuia de madeira substituíra uma vidraça partida.

Wisting acercou-se da casa e bateu à porta. Sem esperar que respondessem, encostou as mãos ao vidro da janela mais próxima e espreitou o interior. Uma cozinha pintada de azul com pratos, canecas e copos empilhados no lava-louça, sacos de plástico, garrafas vazias e caixas de piza na bancada. E uma procissão de formigas de uma das caixas até à parede. Na mesa estava uma caneca de café e, ao seu lado, um jornal aberto.

– Não está ninguém em casa? – perguntou Hammer.

– Parece que não, mas alguém mora cá – respondeu Wisting. Bateu com os nós dos dedos na vidraça e gritou antes de regressar à porta e de abanar o puxador. Depois, virou-se para o celeiro. – A porta está trancada. Mais vale tentarmos entrar no celeiro.

Caminharam pela erva alta até alcançar a porta dupla a meio da parede do celeiro. Uma tábuia de madeira mantinha as portas fechadas. Hammer afastou-a com um pontapé. As portas abriram-se alguns centímetros, mas um aloquete manteve-as presas por dentro.

Uma porta mais adiante também estava trancada. Havia, de ambos os lados, janelas com vidraças pequenas. A maioria estava partida, mas conservava-se ainda no seu lugar à conta de pregos.

– Não nos podemos ir embora sem ver o que está aqui dentro – disse Hammer, que abanou a moldura de uma janela.

Wisting assentiu e esperou em silêncio que Hammer fosse buscar um raspador de gelo ao carro. Enfiou-o entre os pregos, puxou-os e depressa conseguiu levantar uma das vidraças. Enfiou a mão dentro e destravou o ferrolho da janela.

Wisting manteve a janela aberta para que Hammer entrasse. Ouviu-o a praguejar e alguma coisa a raspar na parede antes de cair ao chão. O ferrolho caiu e as portas abriram-se. Wisting escancarou-as e observou o enorme interior do celeiro. Sentiram de imediato o cheiro a palha seca. Alguns feixes de luz irrompiam por entre as fendas na madeira. Pouco depois, os seus olhos habituaram-se à escuridão e discerniram o interior do espaço. Havia duas portas numa das paredes de fundo, e à esquerda deles um atrelado de carga com dois eixos e quatro rodas. Atrás dele viam-se fardos de palha e uma paleta com recipientes de plástico brancos. Nas paredes estavam pendurados foices, pás, ancinhos e outros utensílios. Num canto agrupavam-se várias alfaías agrícolas e bilhas de leite antigas.

No meio do celeiro encontrava-se um veículo tapado por uma lona cinzenta que não chegava ao chão.

Wisting aproximou-se dele e, ao caminhar, deslocou ondas de pó fino que lhe causaram comichão no nariz.

Hammer pegou na lona e puxou-a, pondo assim a descoberto um Volvo V60 preto com um sinal de táxi no tejadilho. Táxi número Z-1086. O carro de Jens Hummel.

Wisting debruçou-se sobre o para-brisas e espreitou o interior do carro sem tocar em nada.

O carro estava vazio.

Deixou o seu olhar vaguear. A chave encontrava-se na ignição. Uma garrafa de Coca-Cola meio vazia pousada na consola central. No lugar do pendura estava um par de luvas de couro e uma baguete parcialmente comida, mirrada e bolorenta, embrulhada em celofane.

Hammer afastou por completo a lona e deslocou-se até à parte traseira do carro, de modo a abrir a bagageira.

– Vazia – disse ao regressar para junto de Wisting. – Completamente vazia.

Pararam a cerca de dois metros do carro e observaram-no. Wisting sentiu algo ferver dentro de si, pois o caso Hummel estava prestes a reabrir-se. Sacou do seu telemóvel e ligou a Mortensen, para que este procedesse à perícia do carro e do celeiro. Teriam, em seguida, de organizar uma busca. Como Jens Hummel não estava dentro do táxi, seria pouco provável encontrá-lo no celeiro, mas a pequena quinta seria apenas o ponto de partida para uma busca alargada. Teriam de dragar os cursos de água circundantes, analisar as fendas rochosas, as saibreiras e os poços secos – em suma, todos os locais onde se pudesse esconder um cadáver.

Antes de conseguir marcar o número, o telemóvel tocou. Era Suzanne.

Atendeu-a com um «Wisting» e logo se apercebeu de como soara lacónico e indiferente.

– Ele está aqui neste preciso momento – murmurou ao telefone. – O homem que disse que o táxi do Jens Hummel estava no celeiro. Está aqui, na cafetaria.



Line deu dois passos atrás e, com uma mão, afastou o cabelo da testa. Depois, observou com atenção o teto da sala de estar. A superfície acabada de pintar de branco brilhava e a sala parecia agora mais espaçosa. Relanceou os painéis de pinho branco-amarelados no corredor: podiam esperar até ao dia seguinte. Merecia uma pausa.

Limpou os pincéis, arrumou o equipamento de pintura e despiu o macacão branco.

O pai prometera-lhe pintar o teto nessa tarde e irritar-se-ia ao ver que ela já o tinha feito. Não ficaria exatamente zangado, mas também não ficaria contente, por causa do seu estado. No entanto, estava ansiosa por terminar e, além disso, a tinta não continha solventes nem vapores perigosos.

Então levou, de modo inconsciente, a mão à barriga volumosa. Não tardaria a fazer oito meses de gravidez. Ainda antes de nascer já o bebé lhe tinha mudado a vida. Perdera todo o interesse em viver numa cidade grande e regressara à sua terra natal, onde se sentia protegida. Abandonara um emprego entusiasmante como jornalista, demasiado intenso e exigente, para ser mãe. A situação talvez fosse diferente se tivesse alguém com quem partilhar as responsabilidades, mas não era esse o caso.

Dirigiu-se ao frigorífico, pegou numa garrafa cheia de água da torneira e parou à porta da sala de estar para a beber. Já que estava com a mão na massa, devia dar outra demão de tinta nas molduras das janelas, mas isso teria de esperar.

Já pouco restava da sala de estar que adquirira com a casa, embora provavelmente nunca viesse a conseguir livrar-se por completo do homem encontrado morto na sua poltrona, nem do homem que se enforcara na cave na década de sessenta, logo após a casa ser construída. Estremeceu ao pensar neles e pousou a mão na barriga, como se para a proteger. Ainda estranhava o facto de ter uma barriga tão grande, mas era uma afortunada. Afinal, não engordara muito e estava em forma. De momento, sentia o peso da gravidez sobretudo nas costas, e em grande medida por ter pintado o teto. Fora isso, tinha agora uma energia que não sentia há imenso tempo.

Guardou a água no frigorífico e foi à casa de banho. Não se arrependia de ter gasto dinheiro em obras de renovação antes de se mudar para aquela casa. A compra da casa fora um bom negócio, e a venda da sua casa em Oslo garantia-lhe, na verdade, um bom fundo de maneoio.

Despiu-se e observou a barriga de vários ângulos. Nunca antes estivera tão tensa quanto agora – tão tensa que sentia o bebé a mudar de posição. Pousou a mão sobre uma pequena protuberância dura que lhe empurrava a pele da barriga para fora. Seria uma mão ou um pé?

Não lhe agradava sobremaneira pensar no parto, que aconteceria daí a quatro semanas. Para ser sincera, temia-o. Lera algumas coisas, mas não sabia até que ponto essas leituras tinham sido úteis. A seu ver, teria simplesmente de aguentar tudo o que sucedesse, e então fitou o seu rosto refletido no espelho. Tinha duas pintas brancas na bochecha direita e outra no pescoço. Tentou removê-las ao esfregá-las, e lavou a tinta que tinha nas mãos antes de tomar um duche.

Meia hora depois, estava no carro, a caminho do centro da cidade. Não era fácil encontrar roupas que lhe servissem, tendo em conta a barriga que não parava de crescer. Em geral, usava calças de fato de treino ou uma túnica, mas nessa ocasião resolvera usar um vestido leve e confortável com cintura subida e saia solta.

O trânsito avançava lento em direção ao centro, onde, no verão, encerravam a maioria das ruas estreitas, criando uma área pedonal. Por norma, encontrava lugar para estacionar numa das ruas laterais menos congestionadas, porém, naquele dia acabou por estacionar na zona gratuita, situada onde antes se encontravam os campos de ténis.

Esperava encontrar uma mesa livre na esplanada do A Paz Dourada ou num dos restantes cafés que tinham, agora, esplanada no passeio, mas primeiro queria ir à lojinha de decoração de interiores na esquina da Skippergata com a Verftsgata, porque tinha muito bom ar. Sempre que lá entrava ocorriam-lhe novas formas de decorar a casa. Além de ter muitas opções de decoração de interiores, na loja vendiam também peças de joalharia e roupa.

As ruas estavam apinhadas de gente, como era habitual. Numa das barraquinhas do mercado, parou para dar uma vista de olhos a joias trabalhadas à mão, mas fez-se ao caminho antes de o vendedor a interpelar.

Quando entrou na loja de decoração tirou os óculos de sol. Também estava à pinha, mas mais fresca do que no exterior, e as prateleiras estavam repletas de objetos maravilhosos: velas perfumadas, espelhos, molduras, relógios, caixas decorativas, frascos, fotografias, almofadas, canecas, pratos, candeieiros, quadros de lousa, cabides, candelabros, caixinhas de madeira, vasos, baldes e pequenas peças de mobília.

Cansada da tendência revivalista segundo a qual todas as peças de mobiliário tinham de parecer antigas e desconjuntadas, procurava um estilo mais limpo e moderno. No entanto, era também importante que o aspeto final tivesse o seu toque pessoal. Penduraria as suas próprias fotografias nas paredes. Tinha jeito com a câmara, tanto como fotógrafa, quanto como jornalista. Estava sobretudo ansiosa por montar um estúdio na cave. Imaginava um estilo tosco, sem polimento, com candeieiros rústicos e armários gastos. Nas paredes de tijolo cinzento poria, em molduras, os artigos de primeira página que publicara enquanto jornalista.

Parou diante de um relógio de parede com números romanos. Alguém foi contra ela quando levantou a etiqueta com o preço.

– Desculpe!

Uma mulher da sua idade, que segurava uma criança num braço e com os óculos de sol na cabeça, pousou levemente uma mão na barriga de Line.

– Está tudo bem?

Line sorriu e anuiu com a cabeça. Estendeu de novo a mão até ao relógio, mas desviou o olhar para a mulher com a criança. O

rosto da mulher tinha algo de familiar.

– És a Line, não és? – perguntou a mulher. – A Line Wisting?

Line confirmou a sua identidade com um sorriso e logo pôs a cabeça de lado e franziu o sobrolho numa tentativa para descobrir quem seria a outra mulher.

– Sou eu, a Sofie. Andámos juntas na escola primária. Não é de estranhar que não te lembres de mim, mas eu li coisas sobre ti nos jornais, claro. Ou, pelo menos, li muitas das coisas que escreveste.

Recordou-se, por fim, do nome e da cara da mulher.

– Ah, a Sofie Mandt – disse Line. – Mudaste-te quando andávamos no sétimo ano, ou algo assim.

– No quinto ano. Agora, o meu apelido é Lund. E esta é a Maja. – Afagou o queixo da filha, que se riu à gargalhada; surgiram-lhe duas covinhas nas faces.

– És casada? – perguntou Line ao afagar a cabeça da menina.

– Não. Lund era o apelido de solteira da minha avó – explicou Sofie. – Sou só eu e a Maja.

Line ponderou dizer-lhe que também morava sozinha, mas não disse nada.

– Estás aqui em férias? – perguntou ela.

Sofie Lund abanou a cabeça.

– Acabei de me mudar para cá.

– Eu também! Morei em Oslo durante cinco anos, mas já chega – disse Line, que pousou a mão na barriga. Continuou: – Comprei uma casa em Varden, na rua onde passei a infância. Estou a morar lá, mas ainda estou nas renovações.

– Quando é que nasce?

– No fim de agosto. – Line concentrou-se na criança em que Sofie segurava. – Que idade é que ela tem?

– Fez um ano em maio. – Sofie pousou a filha no chão, onde esta deu vários passos incertos até, por fim, se agarrar com força à perna da mãe.

– Onde moras?

– No centro. – Sofie apontou o queixo na direção da sua casa.

Line agachou-se e falou com Maja. Depois de se mudar para Oslo, perdera, aos poucos, o contacto com os antigos amigos, mas fizera novas amizades entre os seus colegas de trabalho. Estava mentalmente preparada para demorar algum tempo a construir um novo círculo de amizades, mas aquilo podia ser um começo. E perguntou:

– Queres tomar um café?

Sofie Lund não lhe respondeu de imediato. Estava a observar uma placa onde estava escrito que viver era como andar de bicicleta. Para se manter o equilíbrio há que seguir em frente.

– Sim, claro – disse ela, por fim, e pôs a placa de novo na prateleira.

Line sorriu e viu quanto custava o relógio de parede. Quase 1200 coroas. Se ainda o tivessem à venda no fim do verão, talvez o conseguisse comprar a metade do preço.

Um casal jovem levantou-se de uma das mesas na esplanada do A Paz Dourada, deixando, assim, um lugar livre para elas, e um homem com um chapéu de capitão numa mesa contígua afastou-se para deixar passar o carrinho de Maja.

Line entrou na cafetaria e fez o pré-pagamento. Suzanne estava ao balcão, mas uma das empregadas anotou o seu pedido. Ao regressar à esplanada, serviu-lhes duas fatias de bolo e dois *lattes*.

Fizeram conversa de ocasião, falaram sobre o tempo e o calor, sobre a multidão nas ruas, os turistas e os seus antigos colegas de escola.

– Porque é que voltaste para cá? – perguntou Line.

Sofie tinha o copo de café na mão e susteve-o no ar.

– Herdei uma casa – disse ela –, a casa do meu avô. Calhou bem poder mudar-me para cá. Começar de novo, por assim dizer.

– Quem era o teu avô? – inquiriu Line, e reparou que Sofie não gostara da pergunta.

– O Frank Mandt. Não tinha grande contacto com ele. Morreu no inverno passado.

Line sabia quem era o avô de Sofia. A maioria dos habitantes de Stavern sabia quem era.

– E tu? – perguntou Sofie. – Porque é que voltaste?

– Porque engravidei – respondeu Line. – A vida que levava em Oslo dependia apenas do meu emprego no jornal *VG* e dos meus colegas de trabalho. Sem emprego, perdi todas as ligações à cidade e, de qualquer maneira, preferia criá-la aqui.

Sofie olhou para a barriga de Line.

– Então é uma menina?

Line anuiu com a cabeça e pensou no pequeno ser que transportava dentro de si. A ser verdade o que lera, tinha agora mais de 40 centímetros de comprimento e pesava dois quilos e meio.

– E o pai? – perguntou Sofie.

– É uma longa história – disse, com um sorriso, Line. – Ele desapareceu do mapa antes mesmo de eu saber que estava grávida.

– Bem, tanto faz, a sério – disse Sofie. – O pai da minha não desapareceu, mas arranjou outra mulher. Estou melhor sem ele.

– Comigo não foi bem assim – disse Line. – Conheci-o por causa do meu trabalho. É um polícia americano que veio cá investigar um caso antes do Natal.

Sofie irrompeu em gargalhadas e apontou-lhe para a barriga:

– Então isso é o resultado de uma *one-night stand*?

Line também se riu e sentiu como era agradável descontrair-se.

– Não foi só uma noite – ressaltou. – Ele esteve cá algumas semanas.

– Mas resolveste ficar com ela?

– Tenho vinte e nove anos – disse Line. – E ela não é uma criança indesejada.

– Mas ainda falas com o tal americano? Ele sabe da gravidez?

– Sim, sim, falamos pela Internet. Ele ofereceu-se para se mudar para a Noruega, para estar perto de nós, mas não seria justo. Tem um emprego importante nos Estados Unidos.

Um carro avançou pela rua pedonal e os transeuntes desviaram-se contrafeitos. Line pousou o copo de café meio vazio e viu o carro encostar-se ao passeio no outro lado da rua até, por fim, parar. O homem que saiu do carro fitou-as. Era o pai de Line.



Wisting esperou que Hammer saísse do carro e só então atravessou a rua. Acabara de avistar Line numa das mesas da esplanada do A Paz Dourada quando o homem na mesa ao lado se levantou e puxou o chapéu de capitão mais para baixo. Depois, afastou o carrinho de Maja e avançou a toda a velocidade.

Não conseguiam ver o seu rosto, mas a altura, a idade e os ombros estreitos coadunavam-se com a descrição de Aron Heisel. Ele devia ter percebido que eram polícias só pela postura, porque a atenção que prestavam ao ambiente em seu redor facilmente os traía.

– Ei! – gritou Wisting, que seguiu o homem que, então, lhes virara costas. – Espere aí um pouco!

O homem estugou o passo, e parecia dirigir-se a uma mota estacionada com um capacete pendurado no guiador. Quando Wisting gritou uma segunda vez, o homem mudou de ideias e começou a correr noutra direção.

– Pare! – bradou Wisting. – Polícia!

Os transeuntes mais próximos viraram-se para ver o que se passava. O homem olhou rapidamente para trás, empurrou alguns adolescentes para o lado e correu. Wisting foi atrás dele com a camisa a levantar-se a nível da cintura e a ondular à sua volta.

O homem correu pela Dronningens Gate e virou na primeira rua à direita. Quando Wisting dobrou a esquina, ele já tinha desaparecido na multidão. Ainda entreviu o seu chapéu e a *T-shirt* branca, e tentou abrir caminho para o perseguir. O homem empurrou famílias com crianças pequenas e outros peões. Tropeçou numa bicicleta com rodinhas e caiu, mas pôs-se imediatamente de pé.

No cruzamento seguinte, virou à direita e correu em direção ao cais antes de virar repentinamente para a esquerda e atravessar um parque infantil. Tropeçou de novo enquanto olhava sobre o ombro. Wisting apanhou-o junto a uma carrinha de *waffles*. Agarrou-lhe o braço, mas o homem tentou soltar-se com tamanha violência que Wisting se viu projetado de cabeça contra o poste de um candeeiro público. Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo e sangue a deslizar pela face abaixo. O homem continuou a correr pelo cais.

Wisting não viu de onde surgiu Nils Hammer, mas o seu colega apareceu, de repente, de um lado e lançou-se ao homem, desequilibrando-o e fazendo-o cair do cais à água. Hammer quase caía também, porém, recuperou o equilíbrio e permaneceu em terra firme.

Vários clientes na esplanada do restaurante mais próximo levantaram-se para ver o que se passava. Por um momento, o homem pareceu querer nadar e fugir, contudo, acabou por abanar a cabeça, resignado, e agarrar o seu chapéu, que estava a flutuar na água. Três braçadas bastaram para o levar de volta ao cais, onde Wisting e Hammer o puxaram para fora de água.

– Aron Heisel?

O homem anuiu com a cabeça e inclinou-se em frente com as mãos apoiadas nos joelhos, de maneira a deixar a água escorrer.

– Porque é que fugiu? – perguntou Hammer.

Aron Heisel respirou fundo e suspirou ruidosamente, mas não respondeu.

– Temos de falar sobre o Jens Hummel e o respetivo táxi – disse Wisting.

– Apareceu lá, do nada. – O homem parecia desalentado. – Não sei mais nada. Apareceu lá e pronto, foi isso.

Um carro-patrolha acercou-se deles. Hammer acenou-lhe e os transeuntes curiosos afastaram-se um pouco.

– Levem-no para a esquadra e arranjam-lhe roupas secas – disse Wisting.

– Não fiz nada de mal – gritou Heisel.

– Podemos falar disso mais tarde – disse Wisting, que levou uma mão à cabeça. Sujou os dedos com sangue, sentindo já um inchaço considerável.

Um dos polícias com uniforme abriu as portas traseiras do carro-patrolha e instou Aron Heisel a entrar.

– Ele pode esperar um bocadinho ali sentado – disse Hammer.

Wisting concordou. A espera beneficiaria quem quer que o interrogasse.

– Quero ver outra vez o celeiro – disse ele ao ver os polícias fecharem a porta a Aron Heisel. – Acho que o carro nos pode dar mais respostas do que este tipo.



Line pousou o copo de café vazio.

Maja ficara inquieta. Não se queria sentar no seu carrinho, mas também não serenava ao colo da mãe. Contorceu-se como uma enguia e começou a choramingar.

– Está cansada – disse Sofie. – Tenho de a levar para casa, para que faça uma sesta. Queres vir connosco?

Line perscrutou a zona onde o seu pai e Nils Hammer haviam desaparecido. Parecia que não voltariam tão cedo. Gostaria de saber que cena fora aquela, mas poderia perguntar ao pai ao fim do dia, quando ele passasse por casa dela.

– Teria todo o gosto – respondeu.

Sofie pôs Maja no carrinho e conduziu-o por entre as cadeiras e mesas.

A caminhada não demorou mais do que cinco minutos. A moradia dos Mandt situava-se ao lado daquele que era conhecido como o Parque da Bomba de Água, porque havia uma bomba de água antiga entre as faias de grande porte. As pessoas costumavam ir lá buscar água, lavar a roupa e ouvir as novidades. Naquele momento, encontrava-se lá um fotógrafo a tirar fotos a um casal jovem.

A entrada principal ficava nas traseiras da casa. Sofie abriu a porta antes de tirar Maja do carrinho e Line seguiu-as e entrou na casa. Foram recebidas por um cheiro a sabão verde, e o soalho pintado de branco brilhou. Havia caixas por esvaziar encostadas às paredes.

– Ainda está tudo muito desarrumado – disse Sofie, que se descalçou ao pontapear os sapatos para longe. Conduziu Line à sala de estar e abriu as portas do alpendre de vidro voltado para o parque. E antes de desaparecer na cozinha com Maja nos braços, acrescentou: – Fica à vontade.

Line analisou a casa e sentiu uma ligeira inveja. Aquela casa era maior, mais airosa e tinha mais exposição solar do que a sua. Os tetos eram mais altos e as traves pesadas davam-lhe um toque de elegância. A mobília e apetrechos boémios que Sofie trouxera consigo de Oslo não enchiam a sala e nem sequer pareciam adequar-se à magnificência da casa.

Sofie surgiu à porta da cozinha. Maja tinha um biberão nas mãos.

– A casa é fantástica – disse Line.

– Vem comigo até ao andar de cima – sugeriu Sofie – e das uma olhadela aos quartos enquanto ponho a Maja a dormir.

As escadas estavam gastas e muitos degraus rangeram sob os seus pés. Ali o ar estava mais abafado e quente. Sofie entrou no primeiro quarto à esquerda, abriu uma janela e deitou Maja num berço junto à parede. A bebé esperneou antes de concentrar toda a sua atenção no biberão de leite que a sua mãe lhe aquecera.

Sofie fechou a porta do quarto sem fazer barulho e guiou Line pelo primeiro andar. A maioria dos quartos estava vazia; eram quartos espaçosos com soalho de pinho, papel de parede esbatido e janelas altas.

– Vêm cá fazer obras na próxima semana – explicou Sofie. – Quero pintar os tetos e pôr papel de parede novo, mas, fora isso, não é preciso fazer muito mais.

Line apontou para uma porta entreaberta.

– E também preciso de renovar esta casa de banho – acrescentou Sofie ao abrir a porta de uma divisão com uma sanita, um lavatório rachado cheio de ferrugem em volta do ralo e uma banheira enorme e antiga. A divisão não tinha janela e o papel de parede com um padrão floral descolara com a humidade.

– Tens aí pano para mangas – disse Line.

– Também herdei dinheiro – disse Sofie. – E não tenho pressa. Há uma casa de banho quase nova na cave.

– Então também tens cave?

Sofie dirigiu-se às escadas.

– É enorme e está vazia – disse ela. – Só lá está um cofre antigo, porque não consigo tirá-lo do sítio.

– Porquê?

Sofie baixou o tom de voz ao passarem pelo quarto da menina.

– É demasiado grande. Quase parece que o instalaram na cave antes de construir a casa.

– Mas porque é que o queres tirar de lá? – perguntou Line ao segui-la pelas escadas abaixo. – Um cofre dá sempre jeito.

– Não tenho a chave – disse-lhe Sofie. – E está trancado.

– Trancado? Isso significa que não sabes o que tem dentro?

Sofie, chegada ao fundo das escadas, virou-se para ela:

– Não faço ideia. Vem comigo, eu mostro-to.

Sofie foi até à porta da cave, abriu-a e acendeu a luz. A súbita corrente de ar vinda de baixo fez flutuar os papéis pousados numa cómoda do corredor.

Line seguiu na dianteira. Também ali cheirava levemente a humidade, como se tivessem deixado roupas a secar durante demasiado tempo. Espreitou para dentro de algumas divisões e tiritou de frio. O cofre estava ao fundo do corredor. A luz do Sol entrava de viés por uma janela alta e tombava no chão. Line parou no local onde a luz incidia sobre a parede rugosa e pôs uma mão na barriga.

O cofre era, de facto, gigantesco. Seria difícil fazê-lo transpor a porta, quanto mais carregá-lo pelas escadas. Deu alguns passos em frente e afastou a plaquinha de metal que tapava o buraco da fechadura.

– Já procuraste a chave? – perguntou ela, que analisou a sala à sua volta.

Sofie abanou a cabeça.

– Não, mas paguei a umas pessoas para me limparem a casa e não a encontraram.

– Deve estar algures por aqui.

Line esticou-se nas pontas dos pés e passou a mão ao longo de um cano de água fixo ao teto sem encontrar nada. Havia um ventilador no topo da parede, mas era impossível espreitar para dentro da conduta. Assim, enfiou os dedos no seu interior e tateou em busca da chave, mas recolheu apenas pó e bolas de algodão. Riu-se de si mesma e pediu desculpa por se dar a tamanhas liberdades.

– Sou muito curiosa – disse ela. – Que achas? O que é está dentro do cofre?

Sofie demorou alguns segundos a responder.

– Provavelmente está vazio.

– Claro que podes sempre pedir a alguém que o abra à força. Um serralheiro, por exemplo. Conheço quem faça isso.

– Não sei ao certo se quero mesmo saber o que está lá dentro, se é que está alguma coisa lá dentro. Seja o que for, não pode ser nada de bom. É um segredo que o Velhote levou consigo para a sepultura, e bem pode guardá-lo lá.

– De que é que ele morreu? – perguntou Line.

– Caiu. – Sofie colocou-se ao lado de uma mancha escura no chão de cimento. Depois, apontou para as escadas. – Nestas escadas. Caiu de cabeça e passou alguns dias morto no chão até o encontrarem.

Line fitou as escadas íngremes.

– Achas estranho eu querer viver aqui? – perguntou Sofie.

Line meneou a cabeça.

– Também morreu um homem na minha casa. Dois, para ser mais correta – acrescentou ela ao recordar-se do pai de Viggo Hansen, que se enforcara na cave quase cinquenta anos atrás.

Sofie riu-se. As suas gargalhadas hesitantes ganharam ímpeto quando Line se lhe juntou.

– Para ser sincera, não pensei muito no facto de ele ter morrido aqui – disse ela ao subir as escadas. – Tenho pensado mais em todas as coisas más que ele fez quando era vivo.

Line seguiu-a, a confissão da colega despertara-lhe o interesse. Havia uma história qualquer por trás daquilo. Pedira uma licença ao *VG*, o seu jornal, e na verdade não tinha planos para voltar. Esperava usar o período de licença para terminar de escrever um livro cuja escrita iniciara há alguns anos, e pretendia viver como escritora *freelance* a longo prazo. Aquilo que mais lhe agradava no seu trabalho enquanto escritora era a oportunidade de contar uma história atraente, e agora entrevia os contornos de uma dessas histórias. Conteve a torrente de perguntas.

Sofie fez alguns copos tilintar na cozinha enquanto Line esperava na sala de estar. Sofie já tinha montado uma estante de livros enorme, mas a maioria dos livros ainda estava empacotada em caixas de cartão pousadas no chão e organizadas alfabeticamente. Os autores de A a E já tinham sido dispostos nas prateleiras, mas os outros autores esperavam ainda a sua vez.

– Vamos sentar-nos lá fora – sugeriu Sofie, que reapareceu com dois copos e uma jarra de chá gelado nas mãos. Line seguiu-a até ao pequeno terraço na parte de trás da casa, onde estariam a salvo do barulho e de olhares curiosos. Uma imponente roseira com flores vermelhas trepava pela parede e estendia-se até ao beiral. Sofie encheu os copos.

– O que é que o teu avô fez de mal? – perguntou Line.

– Já ouviste falar dele?

Line anuiu com a cabeça.

– Sei que ele vendia álcool. Álcool contrabandeado.

– Fez mais do que isso – disse Sofie, que ficou séria. – Roubou a vida à minha mãe.

Line rodou o copo na mão e não foi capaz de pedir à colega para prosseguir.

– Eu saí da cidade porque a minha mãe foi presa. Foi castigada por uma coisa que ele fez.

Line pousou o copo e sentiu que, desde o seu encontro fortuito, se tinham tornado próximas muito rapidamente.

– Tens de me contar o que aconteceu – disse ela.

Sofie cruzou os braços e olhou para o chão. Line percebeu que ela tinha uma certa relutância em abordar o assunto, mas sabia também que, depois de passar muito tempo, podia ser difícil resistir à tentação de abrir o coração sobre um episódio negro.

– Chamavam-lhe o Rei do Contrabando – disse Sofie, com raiva no olhar. – Como se aquilo a que se dedicava fosse nobre e honrado.

Meneou a cabeça e continuou.

– Ele começou a fazer contrabando nos anos sessenta, quando trabalhava como estivador no cais. Aí podia comprar, por tuta-meia, garrafas às tripulações dos navios provenientes de Roterdão, Bremerhaven e outros portos europeus. Vendia-as com um bom lucro, mas mais baratas do que nas lojas estatais. As garrafas transformaram-se em caixas. A dado momento, começou a trabalhar com os seus próprios navios e pôs ao serviço os capitães dos barcos de pesca, que transportavam bebidas alcoólicas e cigarros pelo estreito de Skagerrak.

Como tinha casado há pouco tempo, o dinheiro fez-lhe jeito. A minha mãe nasceu em 1964. Pouco tempo depois morreu a minha avó, por isso, a minha mãe acabou por ser criada nesse ambiente.

Por fim, começou a importar bebidas alcoólicas também por via terrestre. Encomendou camiões a fábricas em Espanha, e depois mandou distribuí-los por vários locais da região leste.

– Não o apanharam?

– A ele não. Apanharam alguns dos camiões na fronteira. Às vezes, perdia uma carga, mas saía sempre impune. Depois, começou a contrabandear outras coisas. Primeiro haxixe que era mais fácil de contrabandear do que garrafas e barris de bebidas alcoólicas; ocupava menos espaço e dava mais lucro.

Line ouvira alguns rumores sobre aquilo.

– Que aconteceu à tua mãe? – perguntou ela.

– A minha mãe criou-me sozinha. O meu pai não passa de um nome. Nunca o conheci e não sei onde mora. Não faço ideia de como ele e a minha mãe se conheceram. Nunca chegámos a falar sobre isso. Eu tinha dez anos, ou quase onze, quando ela morreu.

Sofie esticou o braço e arrancou uma rosa da trepadeira da parede.

– Foi num sábado, no final do verão – continuou ela ao arrancar uma pétala à flor. – Íamos a caminho da feira de Handelsstevn, em Skien, como era nosso costume. Havia um recinto de espetáculos e algumas celebridades apareciam no palco.

Line fora lá uma vez, há alguns anos.

– Vivíamos num pequeno apartamento naquela rua. – Sofie apontou o queixo na direção a que se referia. – A minha mãe tinha um Opel velho. O carro dava-lhe muitas chatices, e naquele dia simplesmente não pegava. Viemos cá para pedir ao Velhote que nos emprestasse um carro, como tínhamos feito várias vezes antes. Ele não estava em casa, mas tinha deixado o seu Volvo estacionado do lado de fora. A minha mãe entrou em casa, encontrou as chaves do carro e deixou-lhe um recado.

As costas da cadeira rangeram quando Sofie mudou de posição. O cabelo escuro caiu-lhe sobre o rosto e ela afastou-o com um sorriso hesitante.

– Em Vallermyrene, em Porsgrunn, a polícia mandou-nos parar – disse ela. – Não sei porquê. Talvez tenha sido por mero acaso, ou talvez estivessem a vigiar o Velhote e tivessem uma lista dos carros que usava. De qualquer forma, o carro da polícia seguiu-nos e ligou as luzes azuis. A minha mãe parou na bermã da estrada. Eles fizeram-lhe todo o tipo de perguntas e começaram a examinar o carro. Debaixo do assento onde eu estava sentada, encontraram três quilos de haxixe e um quilo de anfetaminas.

Line ficou boquiaberta.

– Mas ela não sabia nada sobre a droga?

– Passou cinco anos na cadeia. Consideraram como fatores agravantes ter com ela uma filha pequena e recusar-se a cooperar com a polícia.

– Mas ela não lhes contou o que aconteceu? – perguntou Line. – Que ela só tinha ido buscar o carro emprestado?

– O Velhote negou ter alguma coisa que ver com aquilo. Ele sacrificou a própria filha para se safar.

– E o bilhete que ela lhe escreveu? Seria uma prova de que ela estava a dizer a verdade.

– A polícia nunca o encontrou. O Velhote deve tê-lo queimado ou feito em pedacinhos e atirado para a sanita.

– Então ele viu a tua mãe ser condenada sem fazer nada, embora soubesse que era inocente?

– Ele contratou advogados caros para a defender, mas provavelmente fê-lo sobretudo para descobrir o que constava nos documentos do caso e o que é que a polícia sabia. Para ele, ela era um mero peão que podia ser sacrificado. Provavelmente custou-lhe mais perder a droga do que ver a filha na prisão.

Line pousou uma mão, em jeito de proteção, na barriga.

– Disseste que ele lhe roubou a vida?

– A minha mãe não aguentou mais de um ano na prisão. Uma noite, partiu um copo e cortou as artérias do braço. Só a visitei uma vez. Foi uma experiência horrível. Já foi mau entrar na prisão, mas pior ainda foi voltar a sair e deixá-la lá dentro.

Sofie arrancou todas as pétalas à rosa. Amontoou-as na toalha da mesa.

– Que te aconteceu quando prenderam a tua mãe? – perguntou Line.

– Nos primeiros dias, fiquei aqui, com o Velhote. Diziam que talvez cá pudesse ficar para sempre. Achei que ia correr bem. Eu conhecia todas as crianças da zona e a escola ficava muito perto, mas ele não me quis cá. Segundo ele, dava demasiado trabalho. Por isso, enviaram-me para uma família de adoção. Estive em três diferentes. Primeiro em Arendal, depois em Hamar e finalmente em Oslo.

Uma vespa empoleirou-se na borda do jarro de vidro cheio de chá gelado. Line afugentou-a.

– Ela escreveu-me uma longa carta de despedida – disse Sofie. – Só a recebi em adulta. Dizia do lado de fora do envelope que só a devia receber quando fizesse dezoito anos. Ela escreveu sobre o que tinha acontecido, sobre como o pai a traía e como sentiu que me tinha desiludido. E pediu-me para não ter qualquer relação nem nada que ver com o Velhote.

Atirou as pétalas de rosa para longe da mesa com um movimento abrupto e só depois continuou.

– Parece-me um pouco errado estar sentada aqui, nesta casa enorme. É como se a casa me prendesse a ele.

– Não penses assim – disse Line.

Sofie bebeu um gole.

– Que tipo de relação tens com a tua mãe? – perguntou ela.

– Também já morreu – respondeu Line.

– Lamento.

– Obrigada. Faz seis anos neste verão. Teve um acidente de carro em África. Trabalhava num programa de ensino para refugiados. O carro em que seguia como passageira caiu num penhasco. Morreram todos.

– Tens saudades dela?

– Sim, especialmente agora. Ela era daquelas pessoas que dão sempre bons conselhos. Às vezes dou por mim a pensar em telefonar-lhe quando tenho algo de especial para lhe contar.

– Sei como é – disse, com um sorriso, Sofie, que olhou para o primeiro andar, onde a sua filha dormia. – É terrível pensar que ela não irá ver a sua neta, e que Maja não irá conhecer a sua avó. Quase nem tenho fotos dela.

Durante algum tempo, permaneceram em silêncio. O Sol movera-se e já não estavam à sombra.

– O meu pai tem um cofre em casa na cave – disse Line algum tempo depois. – Um cofre à prova de fogo. Usa-o para guardar fotografias e negativos antigos. Fotografias da minha mãe.



Depois de fazer algumas manobras lentas em frente à casa da quinta, Wisting parou o carro e saiu. A luz do Sol refletia-se no teto ondulado e encandeou-o. Os veículos dos técnicos forenses tinham atravessado a erva alta até à porta do celeiro. Chegara também um carro-patrolha com alguns agentes.

Nils Hammer permaneceu no carro enquanto falava ao telefone.

Espen Mortensen saiu do celeiro com o macacão branco obrigatório usado pelos técnicos forenses. As ervas daninhas chegavam-lhe quase aos joelhos.

Wisting ficou contente por vê-lo. Mortensen era um técnico competente e experiente, tinha um olhar atento aos detalhes das cenas de crime. Uma investigação forense não está apenas preocupada em encontrar provas físicas deixadas por um criminoso, mas também em interpretar. A experiência ensinara a Wisting que as impressões deixadas por um criminoso na cena de um crime também se refletiam na vida que ele levava. Uma cena de crime organizada indicava, em regra, que se procurava alguém que tivesse uma vida bem organizada. Uma cena de crime caótica, na qual o criminoso deixara um rasto de pistas óbvias, podia indicar alguém cuja existência era igualmente confusa e espontânea.

Mortensen lia estas informações como ninguém. No entanto, não fazia deduções nem tirava conclusões apressadas; preferia ouvir as opiniões das outras pessoas.

– Que te parece? – perguntou Wisting ao olhar para dentro do celeiro.

Espen Mortensen baixou a máscara e prendeu-a abaixo do queixo.

– É muito cedo para dizer o que quer que seja.

– Qual é a tua primeira impressão?

Mortensen pigarreou.

– Não temos aqui uma cena de crime – afirmou ele com convicção. – O que quer que tenha acontecido ao Jens Hummel não aconteceu aqui. A meu ver, uma outra pessoa trouxe o carro até cá.

Wisting sentiu o calor dos raios solares espalhar-se-lhe pelas costas. Esperou ouvir algo mais.

– Mas há um pormenor interessante – disse ele. – Esconder o carro reforça a teoria do homicídio.

– É um ponto de partida – disse Mortensen. – Um novo ponto de partida.

O ponto de partida para a investigação fora, até então, o último avistamento de Jens Hummel e do seu respetivo táxi quando deixara um passageiro diante do Grand Hotel, na Storgata. Wisting tentou visualizar mentalmente um mapa. A distância do centro da cidade até ao local da descoberta era de apenas oito quilómetros, ou seja, uma distância curta, e o resto do troço era pouco povoado. Uma zona rural com quintas e pequenas propriedades afastadas da estrada, e estradas secundárias que permitiam o acesso a lagos de pesca e a casas de férias. Jens Hummel provavelmente parara pela última vez algures naquele curto troço de estrada.

– E em termos técnicos?

– Vamos rebocar o carro até à nossa garagem, para fazer o exame habitual, ou seja, para procurar impressões digitais e ADN. O taxímetro e os dados móveis talvez nos deem algumas respostas, embora as informações das telecomunicações sugiram que o taxímetro não estava ligado.

Wisting assentiu. Mais um dos pormenores que contribuirá para o mistério. Um taxímetro pode fornecer mais ou menos as mesmas informações que os vestígios eletrónicos de um telemóvel, mas apenas se estiver ligado.

Nils Hammer fechou a porta do carro e aproximou-se deles.

– Vêm aí duas equipas cinotécnicas – disse ele. – Chegam daqui a meia hora.

– Ótimo – respondeu Wisting. – De quem é esta quinta? Quem é o dono?

Hammer acenou com o telemóvel.

– Sabê-lo-emos em breve.

Wisting examinou o terreno densamente arborizado.

– Isto devia estar coberto por meio metro de neve quando o Hummel desapareceu – disse ele. – Não há aqui muitos sítios onde esconder um corpo.

– Bem, ele não está no celeiro, quanto a isso não há dúvida – disse Mortensen, que recolocou a máscara na cara antes de voltar a entrar no edifício.

Wisting dirigiu-se aos anexos por entre a erva alta. Algumas abelhas gordas zumbiam pacificamente em volta das rosas selvagens.

Nenhum dos anexos estava trancado. Wisting abriu a porta do mais próximo e olhou para dentro. Manchas de sol dançavam no chão. Via-se o céu azul através de buracos no telhado. O anexo estava vazio, à exceção de uma pilha de quatro pneus usados afastada para um canto.

– Chamei até cá alguns agentes, para que façam perguntas de porta em porta ao longo da estrada principal – disse Hammer, que seguiu Wisting até ao outro anexo. – Alguém pode ter visto alguma coisa.

Wisting anuiu com a cabeça e olhou por uma janela no alto da parede do segundo anexo. Dezenas de moscas estavam presas numa teia de aranha muito grossa tecida no interior da janela; de resto, pouco se conseguia ver.

Ele caminhou até à porta e empurrou o ferrolho para o lado. As dobradiças rangeram. Três motores de barco estavam no meio do chão do anexo, no local onde embatia a luz do Sol, e havia peças de motor e ferramentas espalhadas numa bancada que corria

ao longo da parede. O telemóvel de Hammer tocou. Ele tirou-o do bolso e permaneceu no exterior quando Wisting entrou.

Havia outra porta na outra ponta da sala. Do local onde se encontrava, Wisting via perfeitamente que estava trancada. Viu o trinco fechado através da fenda entre a porta e a moldura. Assim, tirou uma grande chave de fendas da bancada e enfiou-a na fenda, exercendo pressão sobre a porta. A madeira gemeu, mas ele conseguiu forçar a moldura o suficiente para abrir a porta sem lhe causar muitos danos.

Deparou-se com um quarto na penumbra. Encontrou um interruptor de luz e premiu-o, mas não aconteceu nada.

A única janela da sala estava tapada com um plástico preto. À sua frente estavam amontoadas caixas com garrafas vazias dificultando a aproximação à janela. Esticou-se e arrancou o plástico. Levantou-se uma espessa camada de poeira que ficou a pairar no ar.

Numa das pontas da sala estava uma máquina de aço inoxidável que tinha, de ambos os lados, uma espécie de correia transportadora coberta por imenso pó. Não era, portanto, usada há muito tempo. Ao seu lado, no chão, estava uma caixa com tampas de garrafa. Wisting pegou numa e leu, escrito a azul, Absolut Vodka.

Deixou a tampa cair dentro da caixa e deu um passo atrás. Aquela máquina tinha como função tapar e lacrar garrafas. Nos anos 90, tinham investigado, na região, alguns casos de atividades ilegais relacionadas com o contrabando de álcool. Não tinham sido bem-sucedidos, mas as informações obtidas sugeriam que álcool produzido em fábricas no Sul da Europa era contrabandeado para a Noruega em recipientes e barris de plástico, a que aplicavam tampas e rótulos falsos.

Nils Hammer apareceu na porta atrás dele.

– Já sabes quem é o dono da quinta? – perguntou Wisting.

– Segundo a central de operações, pertence a um tipo chamado Trygve Marsten – disse Hammer. – Mas a propriedade está arrendada com contrato a longo prazo.

– A quem?

– Ao Frank Mandt.

Wisting levou a mão à parte de trás do pescoço.

– O Rei do Contrabando – disse ele, pensativo, ao coçar-se.

Nils Hammer trocara o telemóvel pela sua caixinha de *snus*.

– Esse tipo morreu no inverno passado. Caiu nas escadas da cave.

Wisting lembrava-se do caso. A morte havia originado a abertura de uma investigação, mas concluíra-se que resultara de um acidente.

Hammer levantou o lábio superior e pôs o pacotinho de *snus* na gengiva.

– O tipo morreu precisamente na altura em que o Jens Hummel desapareceu.



Desligavam o ar condicionado do departamento no final das horas de expediente: uma de muitas medidas de poupança. Não valia a pena gastar dinheiro a arrefecer um edifício inteiro quando nem sequer havia orçamento suficiente para pagar aos detetives.

Wisting enrolou as mangas da camisa até aos cotovelos e abriu a janela do gabinete. O céu estava encoberto e branco e as andorinhas mergulhavam e planavam no ar acima dos telhados. Repousou um momento e pressionou a têmpora com dois dedos. A sua fronte inchava bastante após bater com a cabeça no candeeiro de rua. Antes de interrogar Aron Heisel, queria rever o que constava nos arquivos sobre Frank Mandt.

Encontrou a maioria dos dados no registo eletrónico de informação. Wisting reconheceu as informações, pois já tomara conhecimento delas em diversas reuniões e projetos. Frank Mandt era tido como o organizador e cabecilha de uma operação de contrabando de bebidas alcoólicas em grande escala, operação essa que já perdurava há imenso tempo. Os informadores da polícia referiam uma operação que importava mensalmente 21 mil litros de álcool. O álcool era destilado em Espanha e rotulavam-no como tomate para o fazer passar pelos serviços alfandegários. No Norte da Alemanha dividiam-no em carregamentos mais pequenos, que eram depois introduzidos na Suécia e na Noruega. O lucro podia chegar às 150 coroas por cada litro vendido no mercado negro norueguês.

Tinham tentado, por diversas vezes, pôr fim ao contrabando. A polícia e as autoridades aduaneiras tinham realizado várias ofensivas e apreendido alguns carregamentos na fronteira, mas não conseguiram estabelecer uma ligação entre Frank Mandt e o álcool encontrado. Certas anotações mais recentes indicavam que ele estaria a afastar-se do mercado do álcool. Os serviços de informação acreditavam que, face aos preços mais baixos praticados pela máfia de Leste, que agora controlava o mercado, Mandt começara a dedicar-se aos narcóticos.

O ficheiro relativo à investigação da sua morte continha pouca informação. O documento mais detalhado era o relatório a que estavam anexadas as fotografias de Frank Mandt estendido no chão de cimento no fundo das escadas da cave. Tinha passado três dias no chão da cave até alguém chamado Klaus Wahl o encontrar.

Durante um curto interrogatório, Wahl descrevera-se como um conhecido de Mandt. Tinham por hábito tomar um café na confeitaria todas as sextas-feiras, mas Mandt não apareceu na sexta-feira de 13 de janeiro. Tinha então 79 anos, diabetes e propensão a tonturas. Wahl ficou preocupado e foi visitá-lo a casa. Bateu à porta e, como ninguém lhe abriu, deu a volta à casa e espreitou pelas janelas. Não viu nem sinal de Mandt, embora a casa estivesse trancada e os dois carros estacionados no exterior. Klaus Wahl acabou por partir uma das janelas da cave, para onde entrara. Depois, encontrara-o tal qual como nas fotografias.

No relatório da autópsia indicava-se a descoberta de uma fratura atlantoaxial, várias costelas partidas, uma fratura da maçã direita do rosto e contusões no crânio, todas consistentes com uma queda nas escadas. Com a autópsia não se conseguiu determinar ao certo qual a data da morte, mas a caixa de correio estava atafalhada com jornais e correspondência datados de 11, 12 e 13 de janeiro. Fixou-se, por conseguinte, 10 de janeiro, terça-feira, como data do óbito. Wisting lançou uma olhadela ao calendário: a morte dera-se quatro dias após o desaparecimento de Jens Hummel.

O seu telemóvel tocou quando se levantou para ir buscar Aron Heisel e o levar para interrogatório. Era Line, a quem prometera pintar, nessa noite, o teto da sala de estar.

– Hoje, vi-te à frente do A Paz Dourada – disse ela. – Parecias ocupado.

– Sim, queríamos apanhar um tipo.

– E apanharam-no?

Wisting levou novamente a mão à testa.

– O Hammer apanhou-o – respondeu ele ao passar o telemóvel para o outro ouvido.

– Liguei-te porque comprei demasiada carne para o churrasco – disse Line. – Queres passar por cá e comer comigo?

Wisting percorreu o corredor enquanto falava.

– Esta noite tenho muito que fazer – respondeu ele ao abrir a porta das escadas que conduziam às celas de detenção na cave. – Provavelmente também não vou conseguir pintar nada hoje.

– Pinte a sala hoje de manhã – disse Line. – A seguir, quero aplicar o papel de parede. Mas para isso preciso da tua ajuda.

– Não devias ter feito isso, Line – retorquiu, com um suspiro. – Eu disse-te que fazia isso.

Ela ignorou-o.

– O papel de parede que encomendei chega amanhã. Achas que consegues pô-lo antes do fim de semana?

A ligação foi piorando à medida que Wisting ia descendo as escadas.

– Eu arranjo tempo – disse ele. – Guarda alguma da carne grelhada e aqueço-a quando chegar a casa.

– Deixo-a para amanhã – disse Line sem uma evidente alteração no seu tom de voz. – Não tem grande piada fazer um churrasco sozinha.

– Está bem. Eu passo por aí de qualquer maneira, desde que não saia demasiado tarde.

Line terminou a chamada e Wisting, de telemóvel na mão, viu-se diante da porta do corredor das celas. Imaginou a filha, agora num estado avançado de gravidez. Ficava extasiado só de pensar que iria ser avô. Apesar das circunstâncias que rodeavam o pai da criança, sabia que estava ansioso por ser avô. O único entrave à felicidade total era pensar que Ingrid não tivera oportunidade de ver o seu neto nascer e crescer, mas, pela primeira vez há muito tempo, aguardava o futuro com satisfação.

Afastou todos estes pensamentos, abriu a porta e entrou no corredor cinzento. Aron Heisel estava na cela 8, sendo a única

pessoa detida, de momento, na esquadra. As celas de detenção da esquadra raras vezes eram usadas desde que haviam aberto um centro prisional em Tønsberg. Algumas das celas tinham, portanto, sido convertidas em arrumos, onde trancavam material arquivado ou provas.

Aron Heisel levantou-se.

– Desculpe – disse ele ao olhar para o inchaço na testa de Wisting.

– Está tudo bem – disse Wisting. – Vamos para o meu gabinete.

Heisel caminhou, descalço, adiante de Wisting. Tinham-lhe arranjado umas calças de fato de treino e uma camisola demasiado larga, e os seus sapatos encharcados estavam do lado de fora da cela.

Wisting esperou que o homem se sentasse na cadeira de visitante antes de se instalar no outro lado da mesa. Perdeu algum tempo com os detalhes práticos, para assim se certificar de que os dados pessoais que tinham no ficheiro estavam corretos. Heisel olhou para a mesa, pela janela e depois para as suas mãos, que entrelaçou no colo.

– Conte-me tudo acerca do táxi – disse Wisting.

Heisel estremeceu, como se a pergunta, feita de chofre, o aterrorizasse. Wisting passara muitas e muitas horas a ouvir mentirosos. O homem tinha provavelmente muito que esconder, contudo, algo lhe dizia que contara a verdade ao afirmar que «o táxi simplesmente apareceu lá».

– Quando é que descobriu que ele estava lá?

– No dia em que o jornal noticiou o desaparecimento. Deve ter sido na quinta-feira, na passada quinta-feira.

Wisting, ansioso, recostou-se na cadeira.

– Fui ao celeiro procurar um cortador de relva. As ervas da parte da frente da casa estavam demasiado altas. Entrei e lá encontrei o carro. A lona estava cheia de pó, por isso, devia lá estar há bastante tempo.

– Quando é que tinha entrado no celeiro pela última vez?

Aron Heisel mudou de posição.

– No verão passado. Para dizer a verdade, eu moro em Espanha e só passo algumas semanas de verão na Noruega.

– Na quinta?

– Sim.

– Teve visitas?

– Não.

– De quem é a quinta? – perguntou Wisting, embora já soubesse a resposta.

– Não sei como se chama o dono, mas a quinta está à disposição de um conhecido meu. Deixa-me lá ficar durante o verão, e eu, em troca, cuido da propriedade. Pinto uma coisa ou outra, corto as ervas, esse tipo de tarefas.

– O seu conhecido é o Frank Mandt?

Aron Heisel anuiu com a cabeça.

– Morreu no último inverno. Não sei como é o arrendamento, mas, de qualquer maneira, tenho um acordo para poder lá passar o verão.

– Quem é que mora lá no inverno?

– Ninguém, acho. Pelo menos tanto quanto sei.

– Para que é que o Frank Mandt usava a quinta? – perguntou Wisting. – Para além de o deixar lá passar o verão?

Aron Heisel encolheu os ombros.

– Não sei. Acho que a usa para armazenar coisas.

Wisting pegou numa esferográfica e recostou-se de novo na cadeira. Descobrir o táxi Z-1086 no celeiro arruinado tinha certamente tirado o caso Hummel do seu «estado de suspensão», mas elevava-o também a um novo nível de dificuldade. Aron Heisel associava, assim, o desaparecimento de Hummel a uma rede gerida por Frank Mandt. Era, portanto, crucial ter em perspetiva todos os diversos atores em palco, bem como as suas ações e papéis. Pareceu-lhe que enfrentavam um verdadeiro desafio, e rodou a esferográfica entre os dedos. O ficheiro do serviço de informações demonstrava que se tratava de um mundo fechado a que ninguém conseguira aceder.

Aron Heisel puxou as mangas da sua camisola.

– Como é que conheceu o Frank Mandt? – perguntou Wisting.

– Através de conhecidos em comum.

Wisting endireitou-se na cadeira e atirou a esferográfica para cima da mesa.

– Ouça lá, nós sabemos perfeitamente que usaram a quinta para armazenar e distribuir bebidas alcoólicas, mas de momento isso não nos interessa nada. Só queremos saber como é que o táxi do Jens Hummel foi lá parar. Se não sabe responder-me a essa pergunta, vai ter de desembuchar os nomes das pessoas que tiveram acesso ao celeiro.

Uma brisa entrou pela janela e agitou as cortinas.

– Acho melhor falar com um advogado – disse Aron Heisel.

Wisting puxou o telefone fixo para junto de si. O facto de Heisel querer falar com um advogado não significava necessariamente que soubesse alguma coisa ou viesse a fazer qualquer género de confissão acerca do caso Hummel. Era mais provável que apenas não quisesse incriminar terceiros.

O advogado chamava-se Reidar Heitmann e chegou uma hora depois. Falou, por um curto período de tempo e em privado, com o seu cliente e só depois Wisting lhe pôde fazer mais perguntas. Aron Heisel descreveu em detalhe a sua chegada à Noruega e o que tinha feito desde que entrara no país, mas esquivara-se a todas as perguntas sobre Frank Mandt e os seus esquemas. Por fim, Wisting conduziu-o de volta à cela. Continuava sem saber absolutamente nada sobre o que sucedera a Jens Hummel.



Uma das funções de Wisting consistia em manter a promotora da polícia a par de todas as novidades dos principais casos. Depois de deixar Aron Heisel na sua cela e de acompanhar o seu advogado até à saída, Wisting levou o seu bloco de notas e uma chávena de café para o escritório de Christine Thiis.

Um feixe de luz do Sol que entrava pela janela iluminou-lhe o lado direito da cara quando ela ergueu o olhar. Wisting arrastou uma cadeira e sentou-se. O calor que fazia dentro do gabinete colou-lhe a camisa transpirada às costas.

– A imprensa já sabe que encontrámos o táxi – disse ela.

Isto não era de estranhar, pois o táxi desaparecido tinha sido rebocado por meia cidade. Além disso, alguns agentes estavam a fazer perguntas porta a porta nas cercanias da quinta.

– O que é que lhes disseste? – perguntou Wisting.

– Confirmei muito sucintamente que encontrámos o carro e que o Jens Hummel ainda está desaparecido. E que um homem com residência na quinta está a auxiliar a polícia.

Wisting pensou em Line. Rejeitara com demasiada brusquidão o seu convite e nem sequer lhe falara do trabalho que o impediria de jantar com ela. A filha acabaria, agora, por tomar conhecimento das notícias num qualquer jornal *online*.

– Alguém tem de falar com a avó dele – disse Wisting. – Para que ela não fique a saber das novidades pelos jornais.

– Já pedi à Torunn Borg que tratasse disso – retorquiu Christine Thiis.

Wisting anuiu. Tinham nomeado Torunn Borg responsável pelos contactos com os familiares quando do desaparecimento de Jens Hummel. Wisting evitava tanto quanto possível quaisquer relações com parentes em casos de investigação criminal. Manter o delicado equilíbrio entre o desempenho formal de um polícia e a necessidade de dar um rosto humano ao drama era demasiado exigente. Tinha de dar muito de si, o que o levava a não se concentrar tanto na investigação. No fundo, era uma distração.

– Sacaste-lhe alguma informação decente no interrogatório? – perguntou Christine Thiis.

– Não, e acho que o Aron Heisel não sabe nada sobre o desaparecimento.

– Vamos ter de o soltar.

Wisting fitou-a com olhos semicerrados.

– Requisitei transporte para o centro de detenção.

– O advogado dele telefonou-me antes de chegares. Não temos motivo para o manter detido.

– Não podemos mantê-lo aqui até acabarmos de examinar o celeiro e a quinta?

Christine Thiis suspirou e Wisting percebeu, pela sua expressão, que estava a sopesar as justificações legais e as considerações táticas e técnicas, ou seja, que procurava comparar as linhas formais de orientação com as ponderações de Wisting.

– O mais interessante no Aron Heisel é a ligação dele ao Frank Mandt – explicou. – Aponta para um eventual ajuste de contas no mundo do crime.

– Mas o Jens Hummel não é um criminoso. Não tem cadastro.

– O Frank Mandt também tinha o cadastro limpo, mas talvez tenha sido um dos maiores contrabandistas de álcool e traficantes de droga do país.

Christine Thiis afastou-se para o lado, de modo a evitar que o sol a encandeasse.

– Os técnicos forenses já te disseram alguma coisa? – perguntou.

Wisting deu uma olhadela ao relógio de pulso. Espen Mortensen dissera-lhe que ele e os outros técnicos concluiriam os trabalhos dentro e fora do celeiro antes das oito horas. Já eram oito e um quarto mas, contudo, ainda não regressara.

– Não – respondeu. – Eles ligam se encontrarem alguma coisa interessante.

– E as perguntas porta a porta?

Wisting meneou a cabeça.

– A quinta está muito isolada. O Mandt e os seus capangas usaram-na durante anos para armazenar, separar e distribuir álcool sem que ninguém desse por ela. Não se pode esperar que alguém tenha visto um táxi por ali.

O telemóvel dele tocou. No visor apareceu o nome de Nils Hammer. Olhou, surpreso, para os olhos escuros de Christine Thiis e deixou-o tocar.

– Está bem – disse ela. – Vamos deixá-lo descansar na cela até amanhã de manhã.

Wisting sorriu e atendeu a chamada.

– Os cães encontraram alguma coisa atrás do celeiro – disse-lhe Hammer. – Vens até cá?

– O que é que encontraram? – perguntou Wisting, que olhou furtivamente para Christine Thiis.

– Ainda não sei. Os cães parecem estar muito interessados num antigo depósito subterrâneo de batatas que encontraram por ali. O Mortensen e os técnicos vão entrar lá agora mesmo.

Wisting levantou-se da cadeira.

– Já vamos a caminho – disse ele.



O piquete da polícia estava agora na estrada principal, e uma carrinha da NRK, a emissora de televisão e rádio nacional, estacionara atrás de outros dois carros à beira da estrada coberta de erva. Havia muitos jornalistas reunidos no mesmo sítio. Wisting reduziu a velocidade e reconheceu um deles: era o autor do artigo em que se criticara o trabalho da polícia naquele caso. Um fotógrafo levantou a máquina fotográfica e apontou-a a Wisting, mas este desviou o olhar e gesticulou a um agente de braços cruzados. O polícia ergueu a fita plástica branca e vermelha que bloqueava o caminho e impedia o avanço dos jornalistas.

Wisting estacionou e saiu do carro. Christine Thiis fechou a porta do lado do pendura e olhou à sua volta. Hammer acenou-lhe por entre a erva alta que ladeava o celeiro. Wisting fitou-o em jeito de interrogação. Um cão ladrou algures atrás de Hammer.

– Achávamos que ele talvez estivesse ali dentro – disse Hammer, aparentemente desalentado. – Os cães enlouqueceram, mas afinal estávamos enganados.

Christine Thiis olhou para o caminho que, atrás dele, se estendia pelo meio da erva alta.

– Está completamente vazio? – perguntou ela.

– Não – disse, e fez um gesto com a cabeça para lhes indicar que deviam segui-lo.

O Sol desaparecera atrás da floresta a oeste, mas o ar ainda estava quente. Hammer tinha as costas da camisa ensopadas em suor e a mancha de humidade entre os seus ombros mudava de forma à medida que a transpiração lhe escorria pela coluna. O caminho contornava o celeiro. Várias pessoas estavam reunidas num semicírculo a cerca de cem metros dali. Um dos dois cães-polícia levantou-se quando se aproximaram.

O depósito de batatas mais não era do que uma ligeira elevação numa área completamente plana, e quase impossível de detetar. À entrada tinha uma porta podre e oca com dobradiças enferrujadas.

– Isto devia ser um campo de batatas – disse Espen Mortensen, abarcando o campo com um gesto da mão direita. – Antes de inventarem o frigorífico, guardavam as colheitas em caves como esta. A humidade da terra tornava-as frescas no verão e impedia que, no inverno, se formasse gelo no seu interior. Teríamos muita sorte se lá dentro encontrássemos um cadáver escondido. Seria como guardá-lo num frigorífico gigante.

Wisting agachou-se e espreitou para dentro do buraco escuro.

– Mas afinal o que é que encontraram aqui dentro? – perguntou.

Mortensen foi à mala do equipamento buscar uma lanterna potente e apontou o feixe de luz para a abertura.

– Deem uma olhadela – sugeriu ele.

Wisting agachou-se e entrou na cave. Christine Thiis seguiu-o. O ar no interior era agradavelmente fresco, e ele deu-se conta do cheiro intenso a terra enquanto os seus olhos se habituavam, aos poucos, à luz difusa. As paredes estavam recobertas com pedra, e o teto tinha vigas de madeira. Na outra ponta, a parede tombara e as pedras estavam todas amontoadas.

– Ali – disse Mortensen, e apontou o feixe de luz da lanterna. – Tenham cuidado, vejam onde põem os pés.

Wisting olhou para baixo evitando pisar as manchas brancas de gesso que, vertido sobre pegadas, começava a endurecer. Fazia uma ideia do que os cães teriam encontrado. O teto era mais baixo na extremidade mais afastada obrigando-o a caminhar de cabeça curvada. Ali, a parede ruíra por completo, mas as pedras já não estavam amontoadas no preciso local onde haviam caído. Ao invés, haviam sido amontoadas para criar uma gruta tapada por um pedregulho.

– Um dos cães está treinado para ser cão-patrolha e também para farejar drogas – disse Mortensen, que apontou o feixe de luz às pilhas de pacotes castanhos dentro do esconderijo.

– Drogas? – perguntou Christine Thiis.

– O Hammer acha que são anfetaminas – explicou Mortensen.

Wisting apoiou-se numa pedra e agachou-se diante do esconderijo. Os pacotes, que tinham o formato e o tamanho de um maço de cigarros, estavam todos selados com fita adesiva. Se fossem anfetaminas, cada pacote devia pesar um quarto de quilo. Conseguiu contar dezassete, mas provavelmente havia mais ocultos entre as pedras. Em todo o caso, era uma das maiores apreensões de narcóticos que alguma vez tinham feito.

Wisting recuou e semicerrou os olhos ao sair e ver-se envolto em luz. A descoberta das drogas só confirmava uma ideia, uma imagem cujos contornos começara a discernir ao longo do dia. Jens Hummel desaparecera em consequência de uma qualquer ligação a outras atividades criminosas.



O telemóvel tocou assim que abriu a porta da frente da sua casa. Era Suzanne.

– Encontraram o táxi? – perguntou ela.

– Encontrámos o celeiro – respondeu Wisting. – O táxi estava lá, tal como tinha dito o teu cliente.

Ele descalçou os sapatos.

– Ainda bem que me telefonaste – acrescentou, embora não soubesse ao certo se ficara contente por terem encontrado o táxi ou por a ouvir.

– Ainda estás a trabalhar?

– Acabei de chegar a casa.

– Já comeste?

– Sim – disse ele, apesar de ter comido havia já bastante tempo.

Suzanne fez uma curta pausa antes de continuar:

– Será que posso passar por aí para te ver? Ou não te dá jeito?

– Por mim, tudo bem.

A casa, fechada durante todo o dia de verão, estava abafada. Abriu as portas do terraço para deixar o ar entrar antes de a campainha tocar. Era estranho. Vivera com ele mais de um ano e, como tinha a sua própria chave, costumava entrar e sair quando lhe dava na gana. Agora era uma simples visitante.

– Que aconteceu? – perguntou ela ao tocar-lhe na testa.

– Em parte, é culpa tua – respondeu Wisting, e descreveu a detenção de Aron Heisel enquanto a orientava pela casa.

Suzanne usava um vestido verde-escuro que lhe ficava largo no corpo magro. Apoiou-se no gradeamento do terraço e observou a cidade e o fiorde com um olhar inquieto. Um enorme veleiro estava a entrar no porto.

– Tinha doze anos quando vi o mar pela primeira vez – disse ela. – Fomos visitar uns parentes nossos a Karachi que nos levaram à beira-mar. As praias tinham uma areia branca, brilhante, a água era límpida e azul-esverdeada.

Wisting raramente pensava no facto de Suzanne ser originária de outro país e ter crescido num contexto sociocultural muito diferente do seu.

– Para mim, o mar esteve sempre presente – disse. – Um mar grande e azul. Aprendi a nadar num verão, quando tinha cinco anos.

Uma brisa marítima agitou as folhas das velhas árvores de fruto.

– Vou buscar alguma coisa para bebermos – disse, mas apenas conseguiu encontrar um pacote de sumo de maçã. Virou o sumo para um jarro de vidro e encheu-o com cubos de gelo.

Quando regressou, Suzanne já estava sentada.

– Descobriram mais alguma coisa? – perguntou-lhe.

Wisting não respondeu até acabar de encher um copo.

– Acho que ele já está morto.

Suzanne pegou no copo, mas não bebeu.

– Isso não te afeta? – questionou.

– Como assim?

– «Aquele que luta com monstros deve ter cuidado para também não se transformar num monstro.»

– Isso é de Nietzsche – disse ele. – «E se olhares tempo suficiente para um abismo, o abismo olhará para ti.»

– Estar face a face com a morte e a maldade tantas vezes quanto as que tu estás deve afetar-te – disse ela.

Wisting tinha consciência de que era agora uma pessoa diferente da que era quando, ainda um jovem agente da polícia, se deparara com a morte pela primeira vez. Vira alguns dos piores aspetos da natureza humana, mas também alguns dos melhores. O seu trabalho enquanto detetive ensinara-lhe, na verdade, pouquíssimo sobre a morte, mas muito sobre a vida.

– Se me afetou de algum modo foi na capacidade de perceber como a vida é frágil. A morte, a dor e a tristeza fazem-nos ver as coisas de outra perspetiva. Quando ficamos seriamente doentes, nos ferimos num acidente de viação ou, no pior dos casos, somos vítimas de um crime grave. A vida não é só alegria e brincadeiras. A vida é boa e má, e às vezes é dura e brutal.

Pegou-lhe na mão, apertou-a com força e entrelaçou os seus dedos nos dela. A sua mão entristeceu-o por um momento. Ganhou coragem e olhou-a de soslaio e depois abanou as duas mãos unidas – a sua e a dela. Suzanne sorriu, mas libertou-se.

– Acho que uma das minhas funcionárias está a roubar dinheiro da caixa registadora – disse.

Wisting endireitou-se.

– Porque é que achas isso? – perguntou ele.

– As contas não batem certo.

– Falta dinheiro?

Suzanne abanou a cabeça.

– Acho que ela é demasiado esperta para fazer isso. Nas últimas noites tem, pelo contrário, aparecido dinheiro a mais na caixa.

Wisting, pensativo, assentiu. Sabia como era. Os clientes que queriam pagar em numerário normalmente esperavam que lhes preparassem as bebidas já com o dinheiro na mão. Depois, o funcionário apenas tinha de fingir que guardava o dinheiro na

caixa, mas, na verdade, ficava com ele. O funcionário calculava, por hábito, quanto omitira de maneira a que tudo batesse certo, para assim recolher o dinheiro a mais ao fim do dia. Assim sendo, surgia amiúde um saldo excessivo na caixa.

– No sábado, foram registadas quarenta e duas vodcas – acrescentou Suzanne. – Isto totaliza cerca de duas garrafas e meia de vodca, mas desapareceram cinco do *stock*. O que faz mais sentido se comparado com o mesmo sábado no ano passado, no qual se registaram quase cem vodcas.

Wisting fez alguns cálculos mentais.

– São quase cinco mil coroas – disse ele. – Sabes quem é?

– Sei em quem confio e em quem não confio, mas acho que é difícil.

– Suspeitas de alguém?

– Desconfio de uma rapariga chamada Unni. É alegre e inteligente, mas engana-se imenso no fecho das contas e com as devoluções, e isto só acontece quando está de serviço.

Wisting cogitou. Para um patrão, era sempre difícil lidar com um funcionário que roubava. Via-se perante um campo minado, tanto legal quanto emocionalmente.

– Que tipo de contrato tens com ela? – perguntou.

– É uma das funcionárias permanentes. No inverno e no outono, trabalha fim de semana sim, fim de semana não, mas no verão trabalha quase mais horas do que num emprego a tempo inteiro. Não posso pô-la na rua só por causa de uma suspeita.

– Conheço um tipo que tem uma empresa de segurança – disse Wisting. – Tem inspetores que podem fazer uma auditoria. Dão-te um relatório profissional que te pode ajudar em caso de despedimento. Compensas o gasto com duas noites de trabalho.

Suzanne já ponderara uma tal possibilidade.

– Estava à espera que me pudesses ajudar – disse ela. – Talvez não tenhas tempo agora, mas ficar-te-ia muito grata se pudesses passar uma noite ou duas sentado ao lado do balcão e manter um olho nas coisas, para que possa ter a certeza antes de avançar para medidas mais sérias.

– Ela provavelmente sabe quem eu sou. Não vai tentar roubar enquanto eu estiver lá.

– Já tens experiência em serviços de vigilância. Podes sentar-te numa das mesas mais próximas e fingir que estás a ler um jornal, ou algo assim.

Wisting pôs a mão em redor do copo, que estava agora cheio de condensação, e levou-o à boca. Suzanne imitou-o e olhou para ele por cima da borda do copo. As ligeiras rugas de riso haviam-lhe desaparecido dos cantos dos olhos. Não tem mais ninguém, pensou ele. Tem alguns amigos, mas nenhum parente nem ninguém que a conheça tão bem quanto eu. Ninguém a quem se possa dirigir ao enfrentar problemas desta ordem.

– Posso passar por lá amanhã – disse-lhe.

Os olhos castanhos de Suzanne cintilaram.

– Obrigada.

Permaneceram no mesmo sítio até anoitecer e os barcos que estavam na água acenderam as suas lanternas. Acompanhou-a à porta e ficou a observá-la enquanto o seu carro se afastava. Passavam agora três minutos da meia-noite, e uma brisa fria agitou o ar.



Line estava sentada à mesa da cozinha, onde tinha à sua disposição chá, torradas e compota. O rádio tocava música ligeira e o jornal local estava aberto diante dela. A notícia de primeira página era de que, na véspera, a polícia encontrara o táxi de Jens Hummel. O artigo não apresentava nada de novo quando comparado com a notícia *online* que lera na passada noite, mas as fotografias eram diferentes. Numa delas viu um polícia de uniforme a levantar uma fita, para deixar o seu pai passar e entrar na quinta onde tinham encontrado o táxi. De acordo com o jornal, a polícia fizera buscas na área até ser noite.

Apoiou-se na janela e olhou para a casa do pai. Na noite anterior chegara tarde a casa. Só tinha visto o seu carro quando, por volta das duas da manhã, fora à casa de banho. E agora o carro já lá não estava. Abriu o portátil para ver o que é que o *VG* escrevera sobre o caso: um relato breve que citava o jornal local. De resto, tinham falado com a promotora da polícia, Christine Thiis.

O *Dagbladet* tinha publicado um artigo especial ilustrado com uma fotografia, da autoria de um leitor, do táxi desaparecido a ser rebocado. O táxi estava parcialmente coberto com uma lona cinzenta, o que tornava a fotografia ainda mais impactante e permitia ao jornalista especular sobre o que poderiam estar a esconder.

Os instintos jornalísticos de Line fizeram-se sentir. O local onde tinham encontrado o táxi não distava mais do que alguns minutos de carro. Conhecia pessoas na zona e podia encontrar ângulos de abordagem que permitiriam ao seu jornal ganhar a batalha dos tabloides.

De repente, a bebé deu um forte pontapé dentro da barriga, e Line teve de inspirar fundo. Foi a primeira vez que sentiu dor por conta dos movimentos da filha.

Sentou-se, à espera, com uma mão na barriga, mas a bebé não deu mais pontapés. A sua pele fina apenas estremeceu quando a bebé se virou.

Na rádio, estavam a tocar uma canção sueca típica do verão, algo sobre ventos azuis e água. Trauteou a canção até a bebé encontrar uma posição confortável e sossegar. Depois, levantou a mesa, foi para a sala de estar e examinou o teto recém-pintado. Antes de aplicar o papel nas paredes, teria de dar outra demão em redor das janelas e das portas, algo que ela poderia fazer sem ajuda de terceiros.

Abriu as janelas todas e uma brisa quente invadiu a sala. A tinta secaria num piscar de olhos.

Terminara de pintar a moldura em volta da primeira janela quando o seu telemóvel soou algures na sala. Era uma chamada de um número desconhecido. Como já não enviava artigos ao jornal, raramente recebia chamadas de desconhecidos. Limpou os dedos às calças antes de atender o telemóvel.

– Olá, fala a Sofie, a Sofie Lund, de ontem. Descobri o teu número na Internet.

– Olá, olá – disse, com alegria, Line, que afastou o cabelo da testa. – Desde já, obrigada por teres sido tão hospitaleira e simpática. Gostei muito de estar contigo.

– Liguei a um serralheiro e pedi-lhe que viesse abrir o cofre – disse Sofie. – Ele deve chegar por volta do meio-dia.

– Oh, tão excitante.

– Não conheço ninguém cá. Por acaso não podes fazer-me companhia quando ele vier? É que eu não sei o que é que está dentro do cofre.

– Sim, claro que posso – disse Line. – Só tenho de acabar de pintar algumas molduras e vou logo para aí.

– Então até breve, e obrigada.

Line regressou à janela da sala, pegou no pincel e mergulhou-o no balde. A sua atenção voltava-se agora daquilo a que os jornais chamavam o mistério Hummel para o cofre antigo na cave da casa Mandt.



A porta da sala de conferências estava aberta, e todos os olhos o seguiram quando Wisting entrou na sala. Os seus olhares demonstravam o quão concentrados estavam.

Wisting fechou a porta e sentou-se à cabeceira da mesa; ao seu lado estava Christine Thii. Espen Mortensen, Torunn Borg e Nils Hammer também estavam presentes. Wisting teria preferido ver ali mais pessoas, mas o mais importante era ter uma equipa de investigadores dedicados e trabalhadores. Deu início à reunião ao resumir o que sucedera na véspera, e depois pediu a Espen Mortensen que resumisse os trabalhos realizados pelos técnicos forenses.

Mortensen puxou um rato sem fios para junto de si e exibiu uma fotografia da quinta em ruínas no ecrã por cima deles.

– Podemos começar com o celeiro – disse. – Sabemos que o Frank Mandt o usou desde os anos noventa. Pelos vistos, para os seus esquemas com álcool. Encontrámos, entre outras coisas, paletes com recipientes de plástico vazios. A maior parte está cheia de pó, e aparentemente fora de uso há muito tempo.

– Os de Leste apoderaram-se do mercado das bebidas alcoólicas – disse Hammer, e começaram a surgir fotografias do interior do celeiro no ecrã. – Nos últimos anos, os negócios do Mandt viraram-se mais para as drogas.

– Não encontrámos nenhum vestígio do Jens Hummel – disse Mortensen –, mas vamos passar alguns dias na quinta e esperamos encontrar lá ligações a diversas atividades criminosas.

Mostrou-lhes mais fotografias, incluindo a de uma divisão equipada como escritório. Havia diversos números e nomes anotados em folhas de papel soltas pousadas numa secretária. Estava tudo coberto por uma fina camada de pó.

A fotografia seguinte mostrava o carro.

– Descobrimos duas coisas interessantíssimas dentro do carro – disse Mortensen, que arrastou uma caixinha de cartão na mesa à sua frente. – Contudo, quero primeiro falar de alguns detalhes menos relevantes.

Wisting estava cada vez mais curioso, mas recostou-se, com paciência, na cadeira. O trabalho dos técnicos forenses era sempre fascinante. Todos os casos tinham um ponto onde as linhas de ação técnica e tática invariavelmente se cruzavam, e a solução para o problema podia estar nessa interseção.

Mortensen mostrou-lhes uma fotografia do interior do carro. A garrafa de Coca-Cola meio vazia estava pousada na consola central e a bagueira meio comida e bolorenta no assento do passageiro, tal qual Wisting notara quando encontraram o táxi.

– Isto bate certo com as movimentações que mapeámos no inverno – disse Mortensen, que lhes apresentou uma fotografia tirada por uma câmara de vigilância na estação de combustíveis da Shell, que permanecia aberta 24 horas por dia na Storgata. Wisting reconheceu a imagem. Nela, Jens Hummel aparecia diante do balcão com uma garrafa de Coca-Cola e uma bagueira nas mãos cerca de 45 minutos antes de desaparecer. Tinham usado um segmento da foto para mostrar ao público o seu rosto e as roupas que vestia quando do desaparecimento.

Sentiram uma certa satisfação ao ver as fotografias lado a lado, como se o passado se encaixasse no presente e uma das peças do *puzzle* tivesse encontrado o seu sítio.

Mortensen referiu a quilometragem do carro, explicou-lhes qual a posição dos assentos e do retrovisor interior, e mostrou-lhes alguns recibos de estacionamento que os ajudaram a criar uma linha cronológica até ao desaparecimento.

Na fotografia seguinte aparecia a bagageira vazia, à exceção de uma garrafa de plástico com líquido limpa-vidros e um guarda-chuva.

– Acreditamos que havia um tapete de borracha no porta-bagagens – disse Mortensen. – Ou seja, que enfiaram o Jens Hummel na mala, e que levaram o tapete quando o tiraram.

Wisting inclinou-se para a frente. Na fotografia seguinte viram a parte exterior da bagageira, mais precisamente a zona à esquerda da fechadura. Tinham identificado quatro marcas escuras consecutivas, sendo uma delas um pouco maior do que as outras.

– Isto é sangue humano – disse Mortensen. – Encontrámo-lo em dois ou três sítios nas partes laterais da bagageira, mas não no fundo. Portanto, achamos que uma pessoa ferida esteve deitada na bagageira e que o tapete de borracha foi retirado quando a tiraram.

Suspeitavam, desde o primeiro dia, que o desaparecimento tivesse algo mais por trás, e, de súbito, tiveram a certeza: o caso Hummel resumia-se, no fundo, à investigação de um homicídio.

– Quando é que teremos a confirmação de que o sangue é do Hummel? – perguntou Hammer.

– Daqui a alguns dias. Temos amostras da escova de dentes dele para comparação. Basta que tenhamos pronta a análise ao ADN do sangue encontrado no carro.

Wisting anuiu.

– Afirmaste que descobrimos *duas* coisas interessantes, se não estou em erro – disse-lhe.

– Tenho aqui a outra coisa – afirmou Mortensen, que abriu a caixinha de cartão que havia pousado na mesa, e de onde retirou um saco de provas transparente com um telemóvel. – Isto estava escondido debaixo da coluna do volante. O Jens Hummel tinha um telemóvel que desconhecíamos por completo. Está associado a uma conta pré-paga falsa eliminada há mais de dois anos. Registrada em nome de um tal Ola Nordmann, de Oslo.

Nils Hammer praguejou em voz alta ao tirar o saco de plástico das mãos de Mortensen.

– As pessoas só têm dois telemóveis por um motivo – resmungou –, porque andam a fazer alguma coisa que querem manter em segredo.

Wisting passou um dedo pelo nariz. Tornava-se cada vez mais óbvio que Jens Hummel estivera envolvido na operação de narcotráfico de Mandt, e que houvera uma contenda dentro do círculo de criminosos.

– Bate certo – disse Torunn Borg ao folhear um dos cadernos. – Segundo vários testemunhos, ele trabalhava como correio de droga, e também transportava prostitutas. O que justifica aquelas longas viagens que fazia.

– E também explica porque desligou o taxímetro antes de desaparecer – disse Hammer. – Ia encontrar-se com alguém e não queria que o rastreassem.

Wisting escutou-os com as pontas dos dedos sobre os lábios. Tinham gasto tempo e recursos a averiguar a veracidade dos rumores sobre o transporte de drogas e prostitutas por parte de Hummel e, ao constatar que não obtinham resultados imediatos, haviam optado por alargar a área de investigação, ao invés de seguir somente aquela pista.

– O que é que podemos sacar do telemóvel? – perguntou.

Nils Hammer avaliou o telemóvel no saco transparente; virou-o para um lado, depois para o outro.

– Se o tivéssemos há quinze dias, talvez nos desse a solução para o caso. Mas as companhias de telecomunicações apagam os dados com mais de seis meses. Só podemos sacar o que estiver guardado no telemóvel.

– E pode ter bastante informação, não? – perguntou Christine Thiiis.

Hammer assentiu.

– Deem-me algumas horas e logo vemos.

Wisting olhou para as duas fotografias no ecrã.

– E não encontraram impressões digitais e ADN? – perguntou.

– Temos as duas coisas, mas o táxi transportou passageiros durante vários anos. O volante parece ter sido limpo, mas encontrámos uma impressão parcial da palma de uma mão no tejadilho por cima da porta do passageiro. Não dá para a comparar com a base de dados, mas provavelmente pertence à última pessoa a entrar no carro.

Wisting fez mais algumas anotações e olhou para Torunn Borg.

– E as inquirições porta a porta? – perguntou.

– O melhor que conseguimos foi descobrir o nome de um tratorista que tinha concordado em limpar a neve e assim manter o caminho de acesso à quinta desimpedido durante o inverno. O caminho devia estar limpo para conduzirem o táxi até lá. Ele vem à esquadra mais logo, para o interrogarmos.

– Ótimo – disse Wisting antes de se voltar para o depósito de batatas. A apreensão de drogas que lhes tinha sido servida de bandeja constituía uma prova concreta, uma fenda que poderiam explorar e alargar, de modo a permitir a passagem de mais luz.

– Um total de 12,4 quilos de droga – disse Mortensen. – Trouxemos a droga para análise, e também vai ser interessante comparar as solas dos sapatos do Aron Heisel com as pegadas que encontrámos na terra.

Wisting concordou e virou-se para Christine Thiiis.

– Estou a preparar a acusação – disse ela. – Vamos acusá-lo de posse de estupefacientes e pedir um período de detenção de quatro semanas.

A reunião arrastou-se por mais meia hora, enquanto distribuíam tarefas e discutiam teorias e hipóteses. No entanto, regressavam continuamente ao tema central: onde estava Jens Hummel?



Uma mosca pousou no enorme cofre. Line passou a mão pelo aço frio e afugentou-a. A superfície era áspera e a tinta verde-clara tinha o esmalte rachado.

– Não gosto nada desta cave – disse Sofie cruzando os braços como se tivesse arrefecido. – Ontem à noite, ouvi barulho aqui em baixo.

Line olhou para os canos junto ao teto da cave; um deles estava coberto por uma fina camada de condensação.

– Talvez haja ar nos canos, não? – sugeriu. – Aconteceu-nos isso em Oslo. Dava estalidos e fazia todo o tipo de ruídos estranhos.

– Sim, é verdade, as casas antigas fazem imenso barulho – concordou Sofie. – Mas não tem grande piada morarmos aqui sozinhas, a Maja e eu.

Line endireitou-se e pousou uma mão na barriga.

– Acreditas em fantasmas? – perguntou-lhe.

Sofie afastou uma mosca.

– Não me admirava nada que o Velhote andasse a assombrar esta casa. Seria mesmo coisa dele.

– Na minha casa morreram dois homens – disse Line. – Nenhum deles a assombra. Na tua só morreu um.

Riram-se e olharam para a grande caixa metálica no meio da divisão.

– Se o serralheiro o furar, o cofre vai ficar estragado. Tens a certeza de que a chave não está algures na casa? – perguntou Line.

– Até ver não apareceu em lado nenhum – disse Sofie.

Line deu alguns passos atrás e contemplou o cofre.

– Sabes, ao menos, se o teu avô o usava? – perguntou-lhe.

– Nem sequer sabia que havia aqui um cofre até o advogado mo dizer.

– Se ele usava o cofre, a chave tem de estar algures aqui em casa. Afinal, ele morreu cá dentro, e a porta estava trancada. Ele não tinha um molho de chaves?

– Só me deram uma chave, a da porta principal. Tinha dois carros, mas venderam-nos sem que eu os chegasse a ver.

Três moscas zumbiram diante da janela estreita e alta. Sofie abriu-a para as deixar sair e ouviram o som de um corta-relva a funcionar na vizinhança.

– Não seria melhor mudares a fechadura da porta? – sugeriu Line.

– Como assim?

– Pode haver chaves sobressalentes. Deram-me três chaves quando comprei a minha casa.

Sofie atravessou a sala e ficou de costas para a parede.

– Posso falar disso ao serralheiro – disse ela. Nesse momento, tocaram à campainha. – Espero que não tenha acordado a Maja.

Depois, correu pelas escadas acima, e Line seguiu-a.

O serralheiro, que teria vinte e muitos anos, era alto e musculoso, e vestia calças de trabalho com bolsos adicionais e uma *T-shirt* tão preta quanto o seu cabelo. Transportava uma grande caixa de ferramentas. A *T-shirt* mais parecia uma camada extra de pele sobre o seu corpo bronzeado, e não ocultava nada do seu físico possante. Line e Sofie trocaram um olhar.

– É aqui que mora a Sofie Lund? – perguntou ele.

– Sim, sou a própria. – Sofie deu um passo atrás e cedeu-lhe passagem.

– Sou o Atle – disse ele, e também cumprimentou Line.

– Entre, entre – disse Sofie. – Temos de ir à cave.

Atle pousou a caixa de ferramentas diante do cofre.

– É um Kromer dos antigos – disse ele –, produto alemão. Feito nos anos trinta.

Ele agachou-se e pôs uma mão na porta do cofre, para assim se apoiar.

– Vai ser difícil abri-lo? – perguntou Line.

– Não é impossível, mas vai custar um bocadinho. Poucos são os cofres que resistem a profissionais com ferramentas adequadas e tempo suficiente para trabalhar. No fundo, não passa de um cofre antifogo. A parede de aço não é tão grossa quanto parece, é apenas uma fina placa de aço e, por baixo, tem uma camada de material isolante. Mas preciso de equipamento mais forte. – Levantou-se e acrescentou: – Procurou a chave?

Sofie e Line responderam que sim em uníssono.

O serralheiro sorriu.

– Tenho de perguntar sempre – disse ele, e ergueu as mãos no ar ao sair da cave.

Regressou com um berbequim elétrico, um suporte de brocas e um cabo extensível. Prendeu o suporte à porta de aço, montou o berbequim e olhou em volta, em busca de uma tomada.

Sofie tirou-lhe o cabo das mãos e enfiou-o numa tomada na parede.

– Vou fazer um primeiro buraco só para experimentar – explicou Atle, que pôs óculos e protetores de ouvidos. Um ruído profundo e penetrante reverberou pela cave quando a broca furou o aço do cofre. Line tapou os ouvidos com as mãos.

– Tenho de ir ver como está a Maja! – gritou-lhe Sofie.

Line fez-lhe sinal para ir à vontade e continuou a observar o homem ajoelhado no chão. Os pelos nas suas mãos eram mais finos e claros do que o cabelo, e tinha dedos compridos e pulsos estreitos. Estava a sorrir para consigo, como se soubesse alguma coisa que mais ninguém sabia. Ou talvez gostasse do seu trabalho, nada mais.

A broca perfurou o aço milímetro por milímetro até que o som se alterou e ele a retirou. Line torceu o nariz.

– Que cheiro é este? – perguntou.

– O cheiro a metal sobreaquecido – disse ele.

– Já furou a porta até ao fundo?

Atle meneou a cabeça.

– Só abri um burquinho para espreitar a fechadura. – Tirou o suporte da perfuração e remexeu na caixa de ferramentas até encontrar um instrumento parecido com o que os médicos usam para examinar o olho e a retina. – Isto é para ver onde estou.

Depois, murmurou:

– Um pouco abaixo e para a esquerda.

Puxou de um marcador e fez uma marca na porta de aço antes de lhe aplicar novamente o suporte de perfuração.

– Se agora acertar no sítio certo, posso fazer a fechadura girar com uma chave de fendas.

Sofie reapareceu com um intercomunicador de bebés na mão.

– Ela ainda está a dormir – disse. – Se as portas estiverem fechadas, o barulho não passa de um piso ao outro.

Atle olhou para elas.

– Estão prontas? – perguntou.

Ambas assentiram e taparam os ouvidos enquanto ele usava o berbequim.

– Já alguma vez tinha feito isto? – perguntou Line. – Se já abriu cofres, claro.

– Oh, muitas vezes – disse.

– O que é que costuma encontrar quando os abre?

O homem mudou de posição.

– Normalmente estão vazios – disse ao espreitar pelo novo buraco –, mas de vez em quando aparece alguma coisa estranha. Garrafas de conhaque velho, peças de arte... mas sobretudo chaves, papelada de seguros, fotografias e certificados de aforro antigos e sem valor nenhum.

– Podes ficar com tudo – disse Sofie ao olhar para Line.

– Que queres dizer? – perguntou Line.

– Podes ficar com o que está lá dentro. Se é que está alguma coisa lá dentro.

Atle olhou para cima.

– Alguns também têm dinheiro – disse.

Sofie encolheu os ombros e olhou para Line.

– Não estás a fazer obras em casa? – perguntou-lhe.

Line gostaria de ter um orçamento maior para as suas renovações, mas sabia que não era correto aceitar aquele dinheiro.

– Sabes bem o que acho do Velhote e do seu legado. Não quero o dinheiro – disse Sofie.

Line abanou a cabeça.

– Eu também não. Se houver alguma coisa de valor dentro do cofre, mais vale dá-la a instituições de solidariedade.

– Veremos – disse Sofie.

O serralheiro encostou a broca ao outro lado da fechadura e começou a abrir um buraco novo. Depois, muito concentrado e com a língua presa entre os lábios, debruçou-se sobre o equipamento. Começaram a aparecer-lhe gotinhas de suor na testa. Meia hora mais tarde, a porta metálica tinha já sete buracos.

– Ora bem – disse, e limpou a fronte com as costas da mão. – Isto deve chegar.

Enfiou uma chave de parafusos de ponta fina num dos buracos e o instrumento de inspeção num outro.

– O cofre foi usado com regularidade. Não tem sinais de ferrugem, as peças deslizam facilmente.

Uma mosca pousou-lhe na testa. Soprou-a e voltou a pôr a ponta da língua entre os lábios para se concentrar na fechadura.

– Vou só rodar um cilindro que puxa o ferrolho e pronto, está feito – disse.

Ouviu-se um ruído abafado dentro do cofre. Ele puxou a chave de fendas para fora, virou o puxador e abriu a porta.

Line olhou para Sofie.

– Tu primeiro, por favor – suplicou Sofie. Line deu um passo em frente e abriu a porta. Era pesada, mas abriu-a sem dificuldade.

O interior do cofre mais parecia um armário, pois tinha três prateleiras e uma gaveta no fundo. Havia vários envelopes castanhos e grossos e alguns blocos de notas pretos na prateleira mais baixa. Na prateleira do meio estavam cinco pastas de arquivo pretas, e na de cima maços de notas presas com elásticos de borracha. Line pegou num dos maços e mostrou-o a Sofie. Eram notas de 500 coroas e, pelas suas contas, o maço teria umas 50 mil coroas. Havia também notas de 1000 e 2000 coroas. No total, devia estar ali cerca de meio milhão de coroas.

Não conseguiu conter o riso e acabou por contagiar Sofie, embora ambas soubessem que o dinheiro não tinha sido ganho de forma honrada.

O serralheiro preencheu uma ficha com a descrição do trabalho com pouca atenção posta no cofre, como se nada daquilo lhe dissesse respeito. Entregou a ficha a Sofie, pediu-lhe que assinasse para confirmar que terminara o serviço.

– Não o ofereçam todo – sugeriu ele, com um sorriso. – Divirtam-se um pouco.

Line voltou a guardar o dinheiro no cofre e encontrou uma chave que deveria abrir a gaveta. Deixou-a no mesmo sítio para, juntamente com Sofie, acompanhar o homem até à porta. Perceberam que Maja tinha acordado, e Sofie levou-a para a cave.

– Contamos o dinheiro? – sugeriu Line voltando a pegar num dos maços de notas.

Sofie aquiesceu e apoiou Maja sobre a anca.

Line foi empilhando os maços de notas em cima do cofre à medida que os contava, e contabilizou 480 000 coroas.

– Há aqui mais qualquer coisa – disse ela, tirando um envelope do fundo da prateleira de cima.

Sofie esticou o pescoço quando Line o abriu.

– Mais dinheiro – disse, boquiaberta, Line, que pousou as notas soltas junto aos maços.

Eram notas de 1000 coroas, e quiçá perfizessem um total de um milhão. Pareciam estar manchadas com tinta vermelha.

– Estas notas foram roubadas – sussurrou Line.

Tinha escrito um artigo sobre notas marcadas. As malas usadas no transporte de valores e as caixas de levantamento automático tinham tinteiros de cor. Se alguém as tentasse abrir ilegalmente, as bolsas com tinta rasgavam-se e as notas ficavam manchadas e perdiam, por conseguinte, todo o valor.

– Volta a guardá-las – rogou-lhe Sofie. – Tenho de dar de comer à Maja.

Line arrumou o dinheiro e pegou na chavezinha.

– Ainda não vimos o que é que está dentro da gaveta – disse ela.

A chave girou sem dificuldade e ela usou-a como puxador para abrir e puxar a gaveta. Deparou-se com um objeto embrulhado num pano cinzento. Line pegou-lhe, pousou-o no chão e desdobrou o pano.

Era um revólver.

– Eu já sabia que nos íamos meter em alhadas se abrissemos o cofre, é que já estava mesmo a ver – disse Sofie. – Primeiro, dinheiro roubado, e agora uma arma ilegal. E não podemos voltar a trancar tudo, porque a fechadura já não funciona.

Maja começou a choramingar.

Line pegou na arma e rodou-a na mão. O metal estava pintado de preto.

– Tem cuidado – disse Sofie, que apertou Maja contra si. – Pode estar carregada.

– Uma vez, o meu pai levou-me à sala de tiro na cave da esquadra – disse Line, que soltou o travão do cilindro. Duas das seis câmaras do tambor tinham balas.

– Podemos atirá-la à água – disse Sofie.

Line deixou cair as duas balas na palma da mão e encaixou de novo o tambor.

– Posso levá-la comigo. Disseste que podia ficar com o que estivesse dentro do cofre – disse ela.

Sofie franziu o sobrolho.

– Que vais fazer com isso? – perguntou.

– Entregá-la à polícia. O meu pai pode levá-la para a esquadra. Entregam muitas armas antigas nas esquadras, que depois são inutilizadas pela polícia. Ninguém vai saber de onde veio, vou dizer que me foi dado por uma amiga que o encontrou nas coisas do avô.

– Está bem, então – disse Sofie, que tirou algumas notas de um dos maços. – Mas só se me deixares pagar-te o almoço.



Wisting esquecera-se de que a cantina da esquadra estava fechada durante o verão. Entrou na sala de conferências e encontrou um pacote de tostas no armário por cima da bancada da copa, onde se encontrava há séculos. Comeu duas, em seco, à janela. Estavam desenxabidas e sem paladar.

Um carro passou na rua com a música ligada em altos berros. Ele seguiu-o com o olhar até desaparecer, dirigiu-se de novo à bancada, abriu a torneira e deixou a água correr até arrefecer.

Sentia-se inquieto. Havia agora muitos indícios de que Jens Hummel vivera uma vida dupla que não tinham conseguido descobrir na fase inicial da investigação.

Tirou um copo do armário, encheu-o de água e bebeu.

Estavam no caminho certo, mas, em vez de aprofundarem a investigação naquele sentido, tinham ampliado a busca e seguido noutras direções.

Poderia explicar a decisão com o aumento da pressão no trabalho e a falta de recursos, no entanto, tratara-se de um erro de avaliação e ele teria de assumir a sua responsabilidade.

Levou o copo para junto da janela. Tornara-se um detetive experiente e respeitado e longe iam os tempos em que patrulhava as ruas. Agora, perguntava-se se não estaria a ficar velho para aquilo. Tinha 55 anos e em breve seria avô. Além disso, não gostava do que via, do mundo em que vivia. O crime organizado estava a ganhar terreno, ao mesmo tempo que as formalidades legais que restringiam as investigações se tornavam cada vez mais complexas; aumentavam as exigências formais rigorosas, e os métodos de investigação, agora mais avançados, eram demorados. Além disso, havia menos gente para executar as tarefas.

Bebeu um pouco de água.

Não fora só o crime a mudar naqueles 32 anos. Alterara-se também a atitude da sociedade em relação à polícia. Antigamente, os civis tinham prazer em contar tudo o que sabiam ou tinham visto. Agora, a polícia enfrentava amiúde um muro de silêncio, inclusive quando procurava obter informações não diretamente relacionadas com um crime. O medo tinha-se infiltrado na sociedade. As pessoas não queriam envolver-se em nada e receavam dar informações. Ao mesmo tempo, tinham-se distanciado umas das outras, isolando-se, e preocupavam-se menos com o que acontecia em seu redor.

Wisting retornou ao lava-louça e deitou fora o resto da água. As suas explicações para a crescente dificuldade do trabalho policial talvez não passassem de meras desculpas para evitar considerar com seriedade o facto de a sociedade – e, com ela, o crime – estar a mudar.

Nils Hammer surgiu à porta e encostou-se à ombreira.

– Não conseguimos sacar nada do telemóvel – disse, ao acenar com o saco de plástico onde estava guardado o aparelho. – As mensagens e o registo de chamadas devem ter sido apagados continuamente. A memória interna não tem nada.

Wisting olhou para ele. Esperava que o telemóvel escondido no carro de Hummel lhes permitisse dar um passo em frente.

– Não há forma de recuperar as mensagens eliminadas? Como num computador?

– Podemos pedir a alguém que dê uma olhadela – disse Hammer. – Mas vai demorar tempo, e não é certo que nos dê alguma coisa.

Hammer pousou o saco com a prova na mesa de conferências e abanou a garrafa térmica, para ver se ainda tinha algum café dentro, antes de tirar uma caneca do armário.

– Eu pensava que ele ia aparecer quando a neve derretesse – disse.

Nas horas após o desaparecimento de Jens Hummel, mas antes de este ter sido dado como desaparecido, nevara um pouco no Sul da região de Vestfold. As marcas de pneus e pegadas tinham desaparecido por completo sob a neve.

– Achas que o Aron Heisel sabe de alguma coisa? – perguntou Hammer.

– Não, acho que ele não sabe nada sobre o Jens Hummel, mas acho que sabe muita coisa sobre o Frank Mandt e o tráfico de droga nesta região. Pelo menos o suficiente para saber quem tinha acesso ao celeiro e quem poderia ter escondido o táxi lá dentro – disse Wisting.

– Parece-te que ele vai dizer alguma coisa?

Wisting tirou uma caneca para si.

– Desconfio que não lhe vamos sacar mais do que o que sacaste do telemóvel – disse.

– Já te passou pela cabeça que podemos ter um *missing link*? – perguntou Hammer.

– Temos vários – respondeu Wisting.

– Estou a pensar mais concretamente no Frank Mandt. Se ele ainda fosse vivo, podíamos interrogá-lo. Ninguém teria a coragem de guardar um táxi incriminatório no seu celeiro sem ele o ter permitido – explicou Hammer.

– Ele jamais nos diria o que quer que fosse.

– Eu sei – disse Hammer enquanto caminhava em direção à porta. – Mas seria uma boa oportunidade para finalmente apanhar aquele cabrão. Tinha doze quilos de anfetaminas na quinta. Seria também obrigado a responder por isso.

Wisting seguiu-o, com o café na mão, ao longo do corredor, e depois fechou-se no seu gabinete.

Às quatro da tarde, os investigadores reuniram-se de novo na sala de conferências. Christine Thiiis chegou diretamente do tribunal, onde requera que Aron Heisel permanecesse em prisão preventiva.

– Ele não conseguiu explicar a presença das drogas na quinta, disse apenas que não sabia de nada – declarou ela.

– Ninguém vai acreditar nele – retorquiu Espen Mortensen, que empurrou duas fotos sobre a mesa. Numa delas via-se a sola

de um sapato, na outra um molde de gesso. Os padrões eram idênticos em ambas as solas. – O Aron Heisel entrou no depósito de batatas.

Wisting puxou as fotos para junto de si e examinou-as com mais atenção.

– Até que enfim: uma ligação! – disse Nils Hammer.

Mortensen recolheu as fotos e substituiu-as por outras três, que tirou da pasta.

– Já que estamos a falar de sapatos... Encontrámos isto no tapete diante do assento do condutor, e também no pedal do travão do táxi do Jens Hummel.

Pareciam três aparas de papel, cada uma do tamanho de uma unha.

– O que é isto? – perguntou Wisting.

– Serrim – disse Mortensen.

Christine Thiis puxou uma das fotos para si.

– De onde é que isto veio?

– Não sabemos há quanto tempo estava dentro do carro, mas há duas explicações óbvias. Ou o Jens Hummel esteve num sítio qualquer onde calçou serrim, que levou consigo para dentro do carro, ou foi o assassino que o transportou para dentro quando escondeu o carro no celeiro.

– O serrim não teria vindo do próprio celeiro? – perguntou Wisting.

Mortensen abanou a cabeça.

– Não encontrámos nenhum serrim no celeiro. Teve de vir de outro lugar.

Wisting endireitou-se.

– Como é óbvio, fizemos uma lista cronológica dos movimentos do Jens Hummel durante as vinte e quatro horas que antecederam o seu desaparecimento. Não me lembro de ter estado num lugar onde pudesse calcar serrim que depois levasse para dentro do táxi.

– Mas, afinal, onde é que há serrim? – perguntou Christine Thiis.

– Numa serração, numa carpintaria, num estaleiro de construção... – disse Torunn Borg.

– Ou num circo – sugeriu Hammer.

Wisting apontou-lhe a caneta.

– Cria um mapa com possíveis locais – pediu-lhe, e prosseguiu com a reunião.

Torunn Borg tinha falado com o motorista do trator limpa-neves.

– Não contou nada de muito relevante – disse ela. – A estrada de acesso à quinta está dentro da sua área de ação. Assinou um contrato de dez anos com o Frank Mandt, segundo o qual é obrigado a manter o acesso à quinta desimpedido de neve. Na noite em que o Jens Hummel desapareceu, notou que começou a nevar por volta das sete da manhã e ele andou a limpar neve das nove da manhã até às três da tarde. A pequena quinta em Huken fica mais ou menos no centro da sua área de intervenção, por isso, calcula que tenha passado por lá ao meio-dia, mas não se lembra de ter visto nada de especial. É provável que se lembrassem se tivessem visto veículos ou pessoas na quinta. E nunca viu nada.

A conversa mudou novamente de rumo e começaram a falar sobre a droga escondida no depósito de batatas. Isto deixava-os otimistas, porque havia sempre imensas pessoas envolvidas no tráfico de estupefacientes: recetadores, fornecedores, correios e traficantes, ou seja, eram várias as etapas do processo e muitas as ocasiões que poderiam proporcionar à polícia uma abertura no caso, ao contrário do que acontecia na investigação de um homicídio.

Quase uma hora depois, tinham traçado o caminho a seguir e deram a reunião por encerrada. Wisting estava sozinho no gabinete quando recebeu uma mensagem de Line, que voltava a convidá-lo para um churrasco. A carne teria de ser consumida o quanto antes, ou então acabava por estragar-se.

Estavam a atravessar uma fase agitada da investigação que muito dependia de esperar por respostas. Respostas a inquirições de rotina e porta a porta, resultados de exames técnicos, de análises e tudo o que, de resto, uma investigação envolvia. Ele bem poderia esperar pelas ditas respostas noutro lugar, por isso, levantou-se e saiu do gabinete.

No carro, a caminho da casa de Line, pensou no neto que iria crescer sem pai, a menos que Line conhecesse um homem disposto a assumir esse papel. Olhando para trás, para o seu próprio papel como pai, via-se obrigado a admitir que o seu trabalho na polícia prejudicava a sua vida pessoal. Tinha amiúde dado prioridade à profissão, em detrimento da família.

Estacionou diante da sua casa e percorreu a pé os poucos metros até à casa de Line. Atravessou o jardim cheio de ervas daninhas e dobrou a esquina. Line acolheu-o com um abraço.

– Podes dar uma vista de olhos à carne? – perguntou-lhe antes de entrar em casa e desaparecer de vista.

Ele virou os nacos de carne na grelha até a filha reaparecer com uma grande tigela de salada.

– A carne parece estar pronta – disse, e virou novamente a carne.

– Arrisquei e pu-la na grelha antes de chegares – afirmou ela com um prato na mão. – Fico muito contente por teres arranjado tempo para cá vir.

– Eu também – respondeu, e sentou-se à mesa. – Foste levantar o papel de parede?

– Não, mas já chegou. – Ela serviu-se. – Achas que vais ter tempo para me ajudar?

– Eu *arranjo* tempo – prometeu Wisting.

– Já sabes mais alguma coisa sobre o que aconteceu ao Jens Hummel? – perguntou Line.

– Para ser sincero, não.

– Mas para onde é que a coisa se está a orientar? Terá escondido o táxi no celeiro e fugido para as Caraíbas, por exemplo?

– Não acreditamos que ele tenha desaparecido voluntariamente – disse Wisting.

– De quem é o celeiro?

– Olha lá, já não trabalhas como jornalista – lembrou-lhe, e sorriu.

Line respondeu-lhe com um sorriso pouco satisfeito.

– É uma quinta praticamente abandonada, sem nada cultivado e sem residentes – disse Wisting. – Os meus colegas identificaram o dono através do registo de propriedade, mas ele não é suspeito no caso e nem sequer temos nada para lhe perguntar. Arrenda a propriedade há muitos anos.

Enquanto comiam, conversaram um pouco mais sobre o caso. Line não conseguiu arrancar informações ao pai. Percebeu apenas que tinha havido desenvolvimentos no caso. Como sobremesa, havia gelado. Wisting serviu-se duas vezes e, quando terminou, sentou-se.

– Quero mostrar-te uma coisa. Preciso da tua ajuda – disse Line.

– Com o quê?

Line entrou em casa e regressou com um saco que pousou no colo do pai.

Wisting olhou para baixo e levantou um pano cinzento que enrolava um pesado objeto. Dobrou o pano e deparou-se com um revólver com cano octogonal.

– Uma antiga colega da escola primária descobriu-o quando estava a arrumar as coisas do avô – disse Line.

Wisting pegou no revólver, abriu o tambor e confirmou que não estava carregado.

– Já o tens contigo há muito tempo? – perguntou.

– Só há algumas horas. Não deve estar registado. Ela queria atirá-lo ao mar, mas eu sugeri que talvez pudesses levá-lo para a esquadra, para que seja inutilizado como deve ser.

Wisting assentiu. Não era raro encontrarem-se armas entre os objetos legados por um parente falecido. Caçadeiras, espingardas, pistolas e revólveres que os herdeiros não queriam conservar e a que não sabiam o que fazer.

– É um Nagant – disse ele – de 7,5 milímetros. Feito na Bélgica, no final do século dezanove.

Puxou o cão e ouviu um estalido ao premir o gatilho.

– Funciona? – perguntou Line.

Ele anuiu.

– Os revólveres são extremamente fiáveis. Funciona tão bem agora quanto no dia em que foi feito.

– Que fazem às armas descartadas?

– São trituradas numa fundição e transformadas em pregos.

– Isso era capaz de dar uma história interessante – disse ela.

– Como assim?

– Uma arma antiga é, no fundo, um objeto com uma história riquíssima. Esta já passou por duas guerras mundiais. Seria espetacular contar a história de uma arma que acaba transformada em pregos.

Wisting enrolou o pano em volta do revólver.

– Como é que costumam dizer? – perguntou ele ao olhar para os pregos no revestimento exterior da casa da filha. – «Estas paredes poderiam contar muitas histórias.»

Line entusiasmou-se.

– Mas não achas que dava uma bela história? Podia vendê-la à *VG for Men*, ou algo assim.

Ela levantou-se e começou a limpar a mesa.

– Ele era militar? – perguntou Wisting, que voltou a guardar o revólver no saco.

– Quem?

– O antigo dono da arma – disse ele, e ergueu o saco. – Costumavam usar os revólveres Nagant no exército e na marinha.

– Acho que não – respondeu rapidamente Line, que parou à porta do terraço com os pratos vazios nas mãos. Antes de entrar, acrescentou: – Não sei porque é que o tinha nem para que é que o usou.



Wisting guardou o velho revólver no cofre que tinha escondido dentro de um armário na cave. Afastou um álbum de fotografias, para assim arranjar espaço para a arma. O álbum tinha fotografias do seu casamento com Ingrid, que acontecera num dia de verão 30 anos antes. Folheou o álbum. A boda fora no Hotel Wassilioff, em Stavern, e contara com a presença dos parentes mais próximos. Os seus sogros e a sua mãe ainda eram vivos. Até a avó de Ingrid esteve no casamento. No dia seguinte, viajaram até à Dinamarca e acamparam em Løkken. Choveu durante três dias seguidos, mas era uma das suas recordações mais felizes.

Uma das fotografias tinha sido tirada ao lado de uma igreja que, ao longo dos séculos, fora sendo enterrada pela areia arrastada pelo vento. O edifício acabara de ser demolido e deslocado, e dele apenas restava a torre quadrangular, que se projectava da areia. Lembrava-se de tirar a fotografia. Ingrid, com o cabelo encharcado por causa da chuva, ria-se dele. Era vários anos mais nova do que Line era agora, mas a semelhança entre ambas era impressionante. Dois meses depois, Ingrid engravidara.

Tinham regressado àquele mesmo local no verão em que Line e o seu irmão gémeo tinham 12 anos. As dunas de areia estavam então mais baixas, o que permitia ver melhor a torre, mas falaram com um homem que lhes explicou que os alicerces da torre tinham sido gradualmente arrastados pela água da chuva e pelas ondas que embatiam na terra. Com o tempo, o solo abaixo da igreja desapareceria e a torre ruiria e cairia ao mar.

Pôs o álbum no mesmo sítio e perguntou-se se a igreja ainda existiria.

Tinha uma fotografia do casamento, na qual aparecia juntamente com Ingrid, pendurada na parede do quarto. Tirara-a da parede alguns dias depois de Suzanne dormir com ele pela primeira vez. Na parede, um prego vazio e uma mancha retangular mais escura marcavam o local onde estivera pendurada, mas nenhum dos dois fez qualquer comentário. Como a fotografia emoldurada era demasiado grande para caber no cofre, tinha-a guardado virada ao contrário no roupeiro. Nunca mais lhe ocorrera voltar a pendurá-la, e perguntou-se se deveria fazê-lo agora, mas decidiu deixá-la onde estava. Ao invés, talvez pudesse pedir a Line ajuda para pôr papel de parede no quarto.

Trocou de calças e vestiu uma camisa limpa antes de ir para a cidade e ao A Paz Dourada. O café estava meio cheio. A música ambiente não estava muito alta, de maneira a não perturbar a conversa em redor das mesas. Os clientes constituíam uma mistura heterogênea de jovens e velhos, habitantes locais e turistas de verão.

Suzanne estava numa das mesas mais reservadas, onde conversava com um casal jovem. Fez-lhe um aceno rápido para confirmar que o tinha visto e logo desviou o olhar.

Ele encontrou uma mesa, junto à parede, onde estaria a salvo da maioria dos olhares, mas de onde via perfeitamente o balcão e a caixa registadora. Pousou um jornal na mesa e pendurou o casaco nas costas da cadeira antes de se aproximar do balcão.

A rapariga que o serviu tinha um crachá onde estava escrito Unni. Segundo as suspeitas de Suzanne, seria aquela a ladra. Era loura e jovial, e usava o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo.

Wisting pediu um café e uma fatia de bolo de caramelo. Pagou com moedas, que pôs em cima do balcão. A rapariga depressa recolheu as moedas. Antes de as ter todas na mão, Wisting virou-lhe costas. Ouviu-a a abrir a caixa e a pôr o dinheiro na gaveta.

Além de Suzanne e Unni, havia mais duas raparigas de serviço. Todas elas estavam ocupadas, e parecia que se alternavam, sem qualquer ordem definida, ao balcão, a limpar mesas e a lavar copos.

Sentia-se desconfortável no papel de detetive, mas erguia os olhos do jornal sempre que Unni registava um novo pedido ao balcão. Uma vez, pareceu-lhe que ela tinha registado um valor errado na caixa. Um homem grisalho dera-lhe uma nota de duzentas coroas para pagar um copo de cerveja. A gaveta da caixa abriu-se e fechou-se várias vezes antes que ela lhe desse o troco.

Suzanne passou por ele várias vezes sem que olhasse para ela. O café arrefecera. Engoliu o resto e começou a ler um artigo sobre os hábitos de férias dos noruegueses. Uma das outras raparigas recolheu a chávena de café vazia. No seu crachá estava escrito Nina. Parecia ser mais tímida do que as outras duas e sorriu timidamente quando se afastou.

Quando terminou de ler o jornal, Wisting levantou-se e foi até ao balcão. Pediu outro café e permaneceu ao balcão por um ou dois minutos. Suzanne deslocava-se agilmente por entre as mesas e sorria aos clientes. Era linda. Alta e magra, com cabelos sedosos e negros como carvão.

O telemóvel dele tocou. Uma chamada de Christine Thiis.

– Há alguma novidade? – perguntou.

– Estavas à espera de alguma? – retorquiu Wisting.

– Eu estou apenas a transmitir a pergunta – explicou ela. – Estou no jantar de verão, com o chefe da polícia e os outros promotores.

Três homens numa das mesas à janela viraram-se de olhos fitos em Suzanne, que passou por eles carregada de copos vazios.

– Não há nada de novo. Eu aviso-te se houver novidades – disse Wisting.

– Eu sei disso – disse Christine, que hesitou por um momento e logo continuou: – Ele é muito crítico.

– Quem?

– O chefe da polícia. Perguntou-me se eu te achava capaz de liderar a investigação.

Wisting levou o café para a mesa. Ivan Sundt tinha sido recentemente nomeado para o cargo. Fora juiz, e faltava-lhe experiência e compreensão do trabalho prático que envolvia uma investigação policial.

– E porque é que ele te perguntou isso?

– Anda a cismar com o artigo de jornal, aquele sobre a avó do Jens Hummel.

Suzanne passou pela mesa dele. Wisting fitou-a, e ela ofereceu-lhe um sorriso fugaz antes de desaparecer atrás do balcão.

– O que é que lhe disseste? – perguntou ele.

– Que confio plenamente em ti – respondeu Christine. – Que acredito que vais conseguir resolver este caso.

Wisting agradeceu-lhe o apoio. Depois de a chamada terminar, sentiu-se novamente inquieto. Devia estar a analisar pilhas de papéis no seu gabinete, em vez de estar ali a brincar aos detetives particulares.

Permaneceu sentado no mesmo sítio mais duas horas. Quando se levantou para se ir embora, já tinha gasto quase duzentas coroas em cafés sem ver nada que confirmasse as suspeitas de Suzanne. Estava a meio de uma investigação de um provável caso de homicídio e sentiu que havia desperdiçado o seu precioso tempo.

Uma vez no carro, enviou uma mensagem a Suzanne, na qual lhe prometeu regressar ao café noutra ocasião e lhe desejou boa noite. Em resposta, ela enviou-lhe uma mensagem curtíssima: *Okay, obrigada*. Wisting leu-a após estacionar à porta de casa.



A reunião matinal foi informal e curta. Durante a noite não surgira nenhuma novidade. Havia uma certa tensão no ar, e os presentes estavam ansiosos por começar a trabalhar a sério, ao invés de partilhar ideias e teorias.

Wisting passou o resto da manhã a preparar uma nova série de perguntas para Aron Heisel. Se não lhes aparecesse nada de novo por parte de uma outra fonte, só Heisel lhes permitiria fazer o caso avançar.

Wisting não gostava do jogo psicológico envolvido num interrogatório. Tinha-se deparado com toda a espécie de emoções nas salas de interrogatório, e sabia como utilizar todo o seu conhecimento sobre o comportamento humano, bem como a sua experiência profissional. Havia apenas que ser inteligente e usar estratégias de interrogatório adequadas, mantendo sempre uma visão global da situação.

Todos os interrogatórios eram diferentes. Não podia simplesmente sentar-se e começar a falar, nem seguir uma lista de perguntas definidas. O interrogatório devia girar em torno das questões que desejava esclarecer. Para começar, devia reunir informações sobre o homem provisoriamente acusado de posse de anfetaminas. Qual era o seu contexto sociocultural, a sua história? A que tipo de círculo pertencia? Onde tinha estado? O que tinha feito? Com quem se encontrara, quem conhecia? A conversa só poderia direcionar-se a Jens Hummel e ao seu desaparecimento depois de formar esta imagem.

Eles já sabiam que Aron Heisel tinha um número de telefone norueguês e outro espanhol. Demorariam algum tempo a aceder aos registos do número espanhol. O número norueguês não lhes revelou nada de interessante. Solicitaram também à polícia espanhola que revistasse o seu apartamento em Marbella. As autoridades alfandegárias tinham-lhes enviado uma lista das suas viagens, e o departamento financeiro examinara as suas contas e finanças pessoais. Os parentes mais próximos também foram investigados. Nenhum dos pais era ainda vivo. Heisel tinha uma irmã mais velha, casada, que morava em Trondheim. E o último emprego registado era o de motorista de uma empresa de distribuição em Oslo.

Às 11 horas, Wisting pousou a papelada para sair e comer alguma coisa. Assim que se levantou, recebeu uma mensagem de texto lacónica de Suzanne: *Desvio de 8 dl vodca ontem. 2000 coroas.*

O roubo devia ter ocorrido antes de ele chegar, ou assim queria acreditar. Wisting observara todas as transações feitas ao balcão. Todas as vendas tinham sido registadas na caixa. Estava prestes a telefonar-lhe quando recebeu uma chamada de um número desconhecido.

– Estou? Daqui fala Wisting.

– E daqui fala Reidar Heitmann.

Era o advogado de defesa de Aron Heisel.

– Acabei de visitar o Heisel na prisão – disse ele. – Tendo em conta a situação, aconselhei-o a não prestar mais declarações.

– Então porquê?

O advogado pigarreou.

– O Heisel está a ser acusado de um crime do qual não sabe nada. Além disso, você vai interrogá-lo com segundas intenções.

– O que é que você quer dizer com isso?

– Oh, deixe-se disso! – O advogado irritou-se. – Você e eu sabemos muito bem que as drogas são secundárias. Vocês estão interessados no Jens Hummel, e o meu cliente já lhes contou o pouco que sabe.

– Ainda assim, gostaríamos de conversar novamente com ele.

– Enquanto houver uma acusação pendente, isso está fora de questão.

– O que é que me está a dizer em concreto? Que ele nos pode dar informações sobre o caso Hummel se desistirmos de o acusar de posse de estupefacientes? – perguntou Wisting.

– Na verdade, vocês não têm nada de palpável contra ele – disse Heitmann. – O que eu quero dizer é que, tendo em conta a situação atual, ele não quer responder às suas perguntas.

Aron Heisel tinha todos os motivos para não responder às perguntas da polícia. Do seu ponto de vista, era uma decisão inteligente, pois ele rapidamente cairia em inconsistências. Wisting pouco mais podia fazer para alterar a sua decisão.

Desligou o telefone e sentou-se com os cotovelos apoiados na mesa. Um arguido que preferia manter o silêncio e não prestava declarações podia estagnar por completo uma investigação. Tinham um caminho longo e tortuoso a percorrer.



Nos últimos tempos, Line acordava cada vez mais cedo de manhã. Lera algures que era normal passar por perturbações do sono na última fase da gravidez, mas aquela era a primeira vez que acordava às cinco horas.

Era-lhe difícil encontrar uma posição confortável, e uma inquietação crescente nas pernas fez com que se levantasse da cama para caminhar.

Quando a bebé nascesse, acabariam as manhãs passadas na cama, portanto, era melhor habituar-se a dormir menos.

Foi buscar o jornal e começou a ler um artigo sobre o caso Hummel. O táxi fora encontrado dois dias antes, mas não havia novidades. O homem que estava alojado na quinta fora preso por posse de estupefacientes. Tinham-lhe decretado quatro semanas de prisão preventiva, mas ele recusava-se a prestar declarações à polícia.

Às sete horas, viu o pai sair, de carro, para o trabalho.

Passou as horas seguintes a pintar a última moldura na sala de estar. Quando terminou, o sol já irrompera por entre as brumas da manhã.

Tomou banho, bebeu uma chávena de chá e dirigiu-se à loja de decoração de interiores, onde encomendara o papel de parede. Na viagem de regresso a casa, parou para comprar pão fresco.

O pai tinha-lhe prometido ajudá-la naquela semana. Ela já antes havia aplicado papel de parede. Sabia, por conseguinte, que era melhor fazê-lo com a ajuda de outra pessoa, mas, na verdade, era uma tarefa que poderia realizar sozinha.

Estava tão ansiosa por acabar de renovar a sala de estar que decidiu tentar. Tinham arrancado o papel antigo, e as rachadelas e buracos foram tapados e aplanados, para que a superfície ficasse uniforme e lisa. Ela começou no canto atrás da porta, onde qualquer eventual desnível no papel ficaria escondido. A aplicação dos troços de rolo correu bem. Optara por um papel de parede com um tom castanho-claro, para assim não ter de se preocupar com a correspondência do padrão nas junções entre secções de rolo. Quando chegou ao meio da parede, viu que o trabalho estava mal feito. O papel de parede tinha-se enrugado e, em vários lugares, haviam-se formado pequenas bolhas de ar. Ao terminar a primeira parede, teve de admitir que o resultado não era exatamente o melhor.

Irritou-se por ter decidido colar o papel de parede sozinha. O seu pai era mais metódico e tinha mais paciência para aquelas tarefas. Decidiu deixar o resto do trabalho para depois, e estava prestes a pôr a tampa no balde de cola quando tocaram à campainha.

Dirigiu-se, com curiosidade, à porta. Era a primeira vez que lhe batiam à porta, e presumiu que fosse alguém a vender alguma coisa ou um simples engano.

Era Sofie. A sua antiga colega estava com um carrinho de bebé onde Maja dormia profundamente.

– Olá – disse com um sorriso largo. – Saímos para passear e pensei em tentar descobrir onde moravas.

Line afastou o cabelo do rosto.

– Que querida! Estava mesmo a precisar de fazer uma pausa.

Curvou-se e olhou para dentro do carrinho.

– Podemos levá-la para o terraço das traseiras – disse inclinando-se para o carrinho. – Assim é mais fácil ouvi-la, caso acorde.

Ela empurrou o carrinho, atravessou o jardim em mau estado e parou nas traseiras da casa.

– Queres dar uma vista de olhos? – perguntou ao abrir a porta do terraço.

– Claro – respondeu Sofie, que a seguiu.

Line mostrou-lhe toda a casa, tanto os quartos já acabados, quanto aqueles que ainda teriam de ser renovados. Depois, sentaram-se no jardim.

– Eu ia mesmo a caminho dos correios – disse Sofie, que apontou para um objeto embrulhado em papel cinzento pousado no cesto inferior do carrinho de bebé.

Line não percebeu a referência.

– É o dinheiro – explicou Sofie. – Decidi enviá-lo a uma organização que atua na prevenção do consumo de drogas.

Line riu-se e disse:

– Andas por aí com um milhão e meio de coroas no carrinho da bebé? E querias enviar o dinheiro pelo correio?

– Não passa do milhão de coroas – esclareceu Sofie. – Só peguei nas notas marcadas com tinta. Li na Internet que as pessoas que tenham aceitado notas marcadas a tinta podem solicitar uma troca ao Banco da Noruega.

Line continuou a rir.

– Alguém vai ter uma grande surpresa quando abrir a caixa do correio – disse Line. – Viste as outras coisas que estavam no cofre?

A expressão facial de Sofie alterou-se.

– Nem por isso. São sobretudo cartas e documentos de advogados e da polícia. Mas descobri isto.

Ela tirou um envelope da mala, e Line pegou-lhe e abriu-o. Viu, no seu interior, um pequeno maço de fotografias.

– São fotos da minha mãe e de mim – explicou Sofie.

Line deu-lhes uma olhadela. Entre as fotos constavam uma imagem de uma Sofie recém-nascida nos braços da sua mãe, uma da mãe a acariciar o cabelo de Sofie, e outra onde as duas se abraçavam. Havia também fotografias do seu primeiro dia na escola, de festas de aniversários e de Natal.

- Será que, no fim de contas, ele se preocupava mesmo contigo? – sugeriu Line ao devolver-lhe as fotos.
- Talvez – respondeu Sofie. – Ele continua a ser um grande mistério.
- E as pastas, os papéis? Poderíamos descobrir quem ele era e o que fez se os lêssemos.
- Não sei se me quero meter nesses trabalhos, não sei se tenho estofo – disse Sofie.

Line sentiu-se, de qualquer modo, curiosa: afinal, tinha ainda uma jornalista dentro de si. Sofie tinha-lhe dito que podia ficar com tudo o que encontrassem dentro do cofre antigo, mas não teve coragem de lhe pedir os documentos.

- Não deites nada fora – disse Line. – Um dia, podes mudar de opinião.
- Vou pensar nisso. Para já, vou deixar tudo como está.



Às duas e meia de quarta-feira, dia 25 de julho, deram-se por terminados os trabalhos técnicos na quinta em Huken.

Wisting fez-se acompanhar por Nils Hammer quando regressou à quinta. Pretendia fazer uma busca táctica, porque, apesar de os técnicos forenses terem procurado impressões digitais, pegadas, cabelos, fibras e outros vestígios físicos, competia aos detetives procurar anotações, papéis e documentos que contivessem nomes ou outros detalhes que pudessem indiciar quem passara pela quinta e o que lá fizera. Era até possível encontrar algo que poderiam utilizar no próximo interrogatório a Aron Heisel.

A quinta parecia agora diferente: já não aparentava estar abandonada ou desabitada. Tinham calçado e passado com carros sobre a erva alta, e havia fragmentos de fita de proteção policial espalhados diante da porta do celeiro.

Wisting parou o carro e saiu. O local mantinha-se tão silencioso quanto antes, e ouvia-se somente o ligeiro zumbido de insetos que pairavam no ar quente.

Hammer fez um molho de chaves chocalhar e abriu a porta do edifício de habitação.

Os técnicos forenses tinham deixado para trás sinais óbvios da sua passagem: resquícios de pó de recolha de impressões digitais nos puxadores das portas e noutros sítios onde as pessoas punham, habitualmente, as mãos, e havia também papelinhos com letras e números espalhados por todo o lado.

A cozinha continuava tal qual Wisting a vira através da janela. Com paredes pintadas de azul e desarrumada. O lava-louça estava ainda cheio de pratos, talheres e copos sujos. Havia garrafas vazias espalhadas pela bancada. Ouvia-se, em toda a divisão, o zumbido baixo e sonolento das moscas que voavam em círculos.

Wisting abriu as gavetas e as portas dos armários, e também folheou os papéis que estavam em cima do frigorífico, mas não encontrou nada.

A sala de estar estava pouco mobilada e não tinha nenhum toque pessoal. A mobília consistia num sofá roçado, numa mesinha de apoio, num conjunto de mesa e cadeiras de jantar, e num móvel com uma televisão. Não havia quadros nas paredes nem livros nas prateleiras.

Wisting entrou no quarto adjacente enquanto Hammer examinava os armários da sala. O edredão estava emaranhado no fundo da cama, e havia algumas revistas e meias e *T-shirts* sujas no chão. O objeto que parecia ter, potencialmente, mais interesse, era uma mala enfiada debaixo da cama. Wisting puxou-a e abriu-a, mas apenas continha peças de roupa.

Wisting abriu a gaveta da mesa de cabeceira quando Nils Hammer o chamou da sala. A gaveta estava vazia, mas algo no tom de voz de Hammer fê-lo correr até à sala sem a fechar.

Hammer estava à janela.

– Anda alguém naquele campo.

Wisting não viu nada além de ervas com um metro de altura.

– Podia ser um animal – disse Hammer –, mas pareceu-me um homem a caminhar agachado no meio das ervas altas. Já desapareceu.

Perscrutaram o que fora outrora um campo de cultivo e, de repente, viram uma cabeça loura erguer-se acima da elevação que assinalava a localização do depósito de batatas.

Hammer praguejou e deu meia volta. Wisting seguiu-o e depressa saíram da casa.

Percorreram o caminho recentemente aberto pelos investigadores, Hammer dois metros adiante de Wisting. O homem que tinham avistado dirigia-se à orla da floresta. Tropeçou, mas não caiu.

– Pare já aí! – gritou, de acordo com as normas, Nils Hammer. – Polícia!

O homem não fez caso de Hammer e continuou a caminhar em direção às árvores, mas a vegetação era tão densa que ele teve de abrir caminho por entre os arbustos. Alguns pássaros assustaram-se e largaram a voar em todas as direções.

Era a segunda vez em poucos dias que alguém tentava escapar-se-lhes. Wisting, ofegante, sentiu a pulsação subir. Os galhos arranharam-lhe a cara e dificultaram-lhe a visão.

Cinquenta metros depois, surgiu uma clareira entre os pinheiros altos. O homem que estavam a perseguir aumentou o avanço que tinha sobre eles e encontrou um carreiro.

Mais adiante, Wisting entreviu a estrada principal. Um camião abrandou a marcha e dirigiu-se ao centro da estrada para assim ultrapassar um carro estacionado na berma. Hammer começou a correr mais depressa e deixou Wisting para trás até, por fim, este último tropeçar num pinheiro tombado e cair de cabeça. Estendido no chão, Wisting viu o homem entrar para o carro estacionado na berma. O carro arrancou e os seus pneus deslizaram na gravilha e projetaram pedrinhas para a valeta.

Wisting levantou-se e sacudi as roupas. Hammer voltou atrás.

– Viste a matrícula? – perguntou Wisting.

– Só consegui ver que tinha matrícula norueguesa. Um registo PP, acho eu – respondeu Hammer.

– Viste qual era a marca do carro?

Hammer meneou a cabeça.

– Era um carro asiático qualquer, assim a puxar ao cinzento-prateado. Parecem todos iguais.

Ao regressarem à casa, nenhum dos dois abriu a boca. Sabiam ambos o que acabara de lhes fugir por entre os dedos. Os jornais não tinham publicado detalhes sobre a apreensão de droga. Alguém sabia da existência do depósito de batatas e tinha ido à quinta depois de a polícia terminar as suas buscas, para ver se haviam encontrado o esconderijo. Quem quer que soubesse da

existência da quinta e do depósito de batatas poderia também saber alguma coisa acerca de Jens Hummel.



Hammer e Wisting passaram a quinta a pente fino durante o resto do dia. Não sabiam o que estavam a procurar, mas sabiam que o reconheceriam quando o encontrassem. Um papel com um nome, um número de telefone ou um recibo. Uma peça em falta, um detalhe que revelasse algo de que ainda não tinham conhecimento.

Os seus esforços foram em vão.

Quando acabou de trabalhar, Wisting foi visitar Line. Acabaram de aplicar o papel de parede na sala e jantaram juntos. Ele coibiu-se de comentar os resultados da tentativa prévia da filha de colar o papel, mas asseverou-lhe que, depois de colocar a mobília e pendurar alguns quadros nas paredes, a sala ficaria bonita.

À noite, passou algumas horas no A Paz Dourada, mas, uma vez mais, não conseguiu encontrar provas de que uma das funcionárias estava a roubar dinheiro da caixa registadora.

Os dias seguintes decorreram com extrema lentidão. Reviram de novo todos os documentos. Leram e releeram os relatórios. Fizeram uma segunda ronda de interrogatórios e seguiram algumas dicas e informações. Partilharam ideias e teorias e analisaram todas as possibilidades, mas nada sugeriu estarem perante um possível desenvolvimento no caso. A única novidade era a descoberta de duas pegadas no chão do depósito de batatas, aí deixadas pelo homem que havia fugido de carro.

Na segunda-feira, dia 30 de julho, Wisting levantou-se às seis e meia da manhã com a sensação de que alguma coisa mudara, embora pudesse ser uma simples mudança de tempo. Pela primeira vez em muito tempo, a brisa marítima indicava a chegada de outra coisa que não um ar quentíssimo. Não tardaria a chover, mas, enquanto não chovia, a humidade aumentava tornando o calor ainda mais insuportável.

Tinham encontrado o táxi Z-1086 há já uma semana. Jens Hummel havia desaparecido há 206 dias. A grande maioria dos crimes graves era rapidamente solucionada nos primeiros dias, quando o caso fazia ainda as manchetes dos jornais. Noutras ocasiões, demorava um pouco mais. Raros eram os casos nunca resolvidos.

Durante a reunião matinal, Torunn Borg fez um resumo das buscas realizadas, na véspera, na área em redor de Tanumsaga. Sabiam que a probabilidade de encontrar Jens Hummel naquela zona era baixíssima, mas as três aparas de serrim descobertas no tapete de borracha do táxi obrigavam-nos a inspecionar a serração privada. Aquele género de atividade fazia com que a investigação parecesse estar a avançar, quando, na verdade, não passava de mera rotina e provavelmente só faria aumentar as pilhas de papelada por preencher.

Wisting analisou o mapa pendurado na parede. Os pioneses coloridos assinalavam os poucos locais de interesse que conheciam. Também estavam assinaladas as áreas batidas pelas equipas cinotécnicas.

O seu telemóvel tocou. Reconheceu os primeiros dígitos e apercebeu-se de que era um número interno da Kripas, a divisão de investigação judicial da polícia norueguesa. Sentou-se à secretária e pegou num lápis.

O homem que lhe ligou identificou-se como Erik Fossli, da secção técnica.

– Normalmente limitamo-nos a enviar um relatório, mas isto é tão estranho que preferi telefonar – disse-lhe.

Wisting agarrou no telemóvel com mais força.

– Ora diga lá – retorquiu ele.

– Fizemos os habituais testes de balística à arma – disse o polícia da Kripas. – A bala apresenta uma correspondência no registo de provas.

– Que quer dizer? – perguntou Wisting, franzindo a testa.

O polícia no outro lado da linha suspirou, como se estivesse cansado de explicar uma coisa tão óbvia.

– Todas as armas têm marcas únicas e características no interior do cano. Estas marcas criam impressões, também elas únicas, em qualquer bala disparada pela arma. Pode dizer-se que são como impressões digitais.

– Sim, isso já eu sei – retorquiu Wisting –, mas de que arma é que você está a falar?

A resposta ocorreu-lhe assim que fez a pergunta.

– De um revólver Nagant de 7,5 milímetros – respondeu o homem da Kripas. – Entregue por via anónima. Enviou-nos várias armas?

– Não, claro que não. Eu é que estava com a cabeça noutro sítio.

– Testamos todas as armas de fogo, independentemente da origem. É mera rotina.

– E o teste deste revólver teve correspondência com que caso? – perguntou Wisting.

– Com um caso de homicídio.

De repente, a cabeça começou a andar-lhe a mil à hora. Line entregara-lhe o revólver. Segundo ela, uma antiga colega de escola encontrara-o entre os pertences do falecido avô. Ele presumiu que a tal colega morava ali perto, mas não insistira muito em tentar saber quem era nem onde morava. Ao entregar a arma, dissera que havia sido entregue de forma anónima, como era habitual. Devia tratar-se de um caso antigo, ocorrido quando ainda não era polícia, ou de um crime cometido fora da sua área de jurisdição.

– Mas que caso é? – perguntou ele.

– O Homicídio do Ano Novo.

– O Homicídio do Ano Novo? – repetiu Wisting. – O caso que está prestes a ser julgado?

– Nunca encontraram a arma. Tentei falar com um dos detetives de Kristiansand, mas não consegui apanhar ninguém ao telefone. Vou enviar-lhes uma cópia do relatório e provavelmente vão querer saber como é que a arma lhe foi parar às mãos.

Wisting desenhou círculos no bloco à sua frente. Os jornais tinham apelidado o caso de Homicídio do Ano Novo. A vítima, uma mulher de 21 anos chamada Elise Kittelsen, fora assassinada com dois tiros, em pleno centro de Kristiansand, na véspera de Ano Novo. A polícia demorara somente 14 minutos a capturar o assassino. Wisting recordava-se sobretudo da fotografia da vítima. A mulher publicara uma foto sua nas redes sociais antes de sair de casa para ir a uma festa de passagem de ano. Um caso dramático: uma jovem alegre fotografa-se poucos minutos antes de ser assassinada. Um maná para a imprensa.

– E têm a certeza de que é o mesmo revólver? – perguntou Wisting.

– Absoluta – respondeu Erik Fossli. – Além de todas as armas serem únicas, o cano deste revólver apresenta um desgaste característico. Todas as balas, tanto as que mataram a rapariga em Kristiansand, quanto as dos testes, têm marcas idênticas.

– Estou a ver.

– Vou reencaminhar o revólver para os colegas que fazem os testes de ADN e recolhem impressões digitais. O homicídio já ocorreu há mais de seis meses, mas talvez encontrem alguma coisa.

– É provável que encontrem as minhas impressões digitais – avisou Wisting, que, contudo, não mencionou a sua filha.

– Você deve estar registado no sistema, portanto, vão excluí-las. Além disso, como apanharam o assassino, pouca diferença faz. O mais importante é tirar a arma de circulação.

Os círculos no bloco de Wisting tinham aumentado de diâmetro, sinal de que estava ansioso.

– Vou certificar-me de que os nossos relatórios seguem diretamente para o inquérito em Kristiansand – acrescentou Fossli. – Assim, não tem de servir de intermediário. Já deve ter que lhe chegue com o caso do tal Hummel, não?

– Pode crer que tenho – disse Wisting, agradecendo-lhe –, mas também gostaria de receber uma cópia do relatório.

– Sim, claro, eu envio-lhe a papelada.

Acertaram alguns pormenores técnicos e terminaram a conversa.

Wisting recostou-se na cadeira e tentou recordar-se de mais detalhes do Homicídio do Ano Novo. A última coisa que se lembrava de ler era que o julgamento do caso estava iminente. O jovem criminoso fora detido numa das ruas adjacentes logo após o homicídio, mas não tinham encontrado a arma do crime. A arma aparecera agora, e fora Line quem a entregara.



Nos últimos dias, Line encontrara-se, à uma da tarde, com Sofie e Maja para almoçarem juntas. Levantava-se cedo e realizava algumas tarefas domésticas, mas nas horas mais quentes era-lhe agradável sentar-se à sombra no jardim das traseiras na casa de Sofie. Preferia continuar com os trabalhos de renovação ao final da tarde e à noite.

Gostava das suas conversas com Sofie. Percebeu que, com o decorrer do tempo, temia cada vez mais o parto. Não apenas o parto propriamente dito, mas também o que se lhe seguiria quando tivesse de cuidar sozinha de uma bebé. Conversar com Sofie serenava-a um pouco. Sofie respondia a muitas das suas perguntas, mas as suas trocas de ideias revelavam que também ela era uma mãe solteira insegura, e que necessitava de apoio.

Naquele dia, ao chegar, deparou-se com a porta da frente aberta; um vaso segurava-a. Line bateu à porta e gritou para dentro de casa.

Depois, entrou, mas hesitou em chamar novamente por Sofie, pois Maja podia estar a dormir.

Na cozinha, viu metade de um melão e um facalhão numa tábua. Na bancada estavam também um jarro de sumo amarelo e dois copos. Um saco de cubos de gelo começara a pingar e tinha-se formado uma pequena poça de água ao seu lado.

Line prosseguiu até a sala de estar, onde tocava um rádio. As portas que davam para o terraço estavam abertas e cortinas brancas tremulavam ao vento.

– Olá? Está aí alguém? – perguntou Line num sussurro alto, e pôs a cabeça de fora da porta.

A mesa no terraço estava cheia de pratos, mas não encontrou ninguém. Voltou para dentro de casa e ouviu um barulho nas escadas.

– A porta estava aberta – disse, em jeito de desculpa, quando Sofie apareceu. – Entrei há pouco.

– Leste o jornal? – perguntou Sofie, passando por ela e entrando na cozinha.

– Que jornal?

Sofie pegou no iPad, que estava na bancada da cozinha, ativou o ecrã e pôs-lho à frente. Era a primeira página da versão online do jornal *Dagbladet*. A história principal tinha como título *Donativo anónimo de um milhão de coroas pode ter origem criminosa*. O artigo continha uma fotografia, presumivelmente de arquivo, de notas manchadas com tinta.

Line pegou no iPad e leu o artigo. A fonte do jornalista era o gerente da organização Não às Drogas. Três dias atrás, a organização recebera um envelope com mais de um milhão de coroas. Todas as notas estavam marcadas com tinta nos cantos. O embrulho fora enviado sem indicação do remetente e o dinheiro tinha sido entregue à polícia.

Um detetive do distrito policial de Oslo confirmou a receção do dinheiro, e que este era provavelmente proveniente de um assalto. Os bancos, as estações de correios, os veículos blindados e as caixas de levantamento automático eram alvos atraentes para os criminosos, e ainda se desconheciam os paradeiros de pelo menos cem milhões de coroas, desaparecidas após uma série de assaltos feitos na região leste do país no início dos anos 2000. As notas tinham sido reencaminhadas para a Kripas, onde seriam submetidas a testes.

O porta-voz de imprensa do Banco da Noruega afirmara que o donativo monetário poderia ser inútil ao destinatário. A organização poderia solicitar a troca do dinheiro, mas isso estava fora de questão caso as notas tivessem sido obtidas por meios ilícitos. O gerente da Não às Drogas estava desanimado, já que o dinheiro teria sido utilíssimo para combater o uso de drogas por adolescentes. Nem a polícia nem o gerente quiseram fazer qualquer especulação sobre a identidade do remetente. Não tinham anexado nenhuma carta ao presente, e não havia indicação do local de origem.

Line devolveu-lhe o iPad.

– Fiz uma grande burrice, de facto – disse, com um suspiro, Sofie. – Não sei o que me passou pela cabeça. Devia ter queimado o dinheiro. Agora vão encontrar as nossas impressões digitais nas notas.

– Tens registo? – perguntou Line.

– Como assim?

– As tuas impressões digitais estão registadas na polícia?

– Não.

– Então não têm como descobrir que foste tu a enviar as notas.

– Não podes contar a ninguém! – pediu-lhe Sofie.

– Claro que não conto.

– Prometes? Não fales do cofre a ninguém.

– Prometo – garantiu-lhe Line.

Sofie encostou-se à bancada da cozinha.

– Como é que o jornal terá descoberto isto? – perguntou ela.

– Podem ter tomado conhecimento do caso de muitas maneiras – disse Line, que pensou que aquela história era realmente boa, e que teria gostado de a escrever. Era o género de história que despertava a curiosidade dos leitores e gerava imensos cliques no site do jornal.

Line continuou:

– O gerente da organização pode ter contactado diretamente o jornal, mas às vezes o passa-palavra é suficiente. Os detetives conversam com os colegas. Os colegas conversam com as esposas quando chegam a casa, e, por sua vez, as mulheres contam o caso aos amigos, e assim por diante. Ao longo de todo este encadeamento, haverá decerto alguém que conhece alguém que

trabalha para o *Dagbladet*. Muitos dos meus melhores artigos surgiram assim.

Sofie começou a cortar o melão em fatias.

– Eu só queria ajudar, tu sabes. Mas só arranjei problemas.

Line pegou no saco com cubos de gelo, rasgou-o e pôs o que restava do gelo no jarro de sumo.

– E ajudaste muito, mesmo que o Banco da Noruega não troque o dinheiro. A notícia vai espalhar-se e o *Dagbladet* vai acompanhar o caso. A organização vai ter direito a publicidade gratuita. As pessoas vão dar-lhes dinheiro. Se eles forem espertos, não tardam a lançar uma campanha de angariação de fundos, para aproveitar o facto de a história estar a ser partilhada pela imprensa. As pessoas serão mais generosas da próxima vez que alguém lhes pedir moedas para ajudar a Não às Drogas.

Sofie imobilizou-se com a faca na mão.

– Talvez devesse mandar-lhes um pouco do outro dinheiro. As notas ainda estão no cofre – disse ela.

– Não será melhor esperares para ver o que acontece? Também tens de pensar na Maja. O dinheiro pode ser-te útil.

Sofie largou a faca e pegou num prato, onde dispôs as fatias de melão. O telemóvel de Line tocou. Era o pai. Ele não costumava ligar-lhe do trabalho, a menos que fosse algo realmente importante.



Wisting recusou contar o que se passava pelo telefone. Disse-lhe apenas que precisavam de falar, e perguntou-lhe onde estava. Ela sugeriu passar pela esquadra e, já no carro, pôs-se a pensar: qual seria o motivo de tamanha urgência? Só lhe ocorreu que seria alguma coisa relacionada com o seu irmão Thomas, um piloto de helicóptero ao serviço do exército e que estivera, entre outros locais, no Afeganistão. Quando da sua passagem por esse país, estava sempre preocupada com ele e não perdia uma única nota informativa. Ele teria de continuar ao serviço do exército por mais quatro anos, mas, de momento, não estava colocado em nenhum país estrangeiro.

Line encontrou lugar para estacionar diante da esquadra. O agente ao balcão da receção ligou a Wisting, que desceu e a acompanhou até ao seu gabinete. Fechou a porta depois de entrarem. Sentaram-se, um de cada lado, à secretária.

– Que se passa? – perguntou ela.

Ele não falou de imediato, porque não sabia ao certo como abordar a questão.

– Quem é que te deu aquele revólver? – perguntou, por fim.

Line sentiu-se, de repente, tonta e enjoada.

– Já te disse – respondeu ela, e tocou na barriga, onde a ansiedade se parecia ter instalado – que foi uma antiga colega da escola. Era do avô dela.

O pai fitou-a.

– E não me podes dizer quem é? – perguntou.

– Prometi-lhe que não contava a ninguém.

Wisting calou-se. Ela ainda não lhe falara de Sofie Lund, nunca lhe dissera que conviviam. Mantivera tudo em segredo. Não sabia bem porquê, mas tinha algo que ver com o avô de Sofie.

– Mas porque o perguntas? – questionou-o ela.

– Todas as armas entregues à polícia são sujeitas a testes balísticos. As marcas deixadas pelas armas nas balas são comparadas, por mera rotina, com as marcas balísticas registadas em casos solucionados e não solucionados onde tenham sido utilizadas armas – explicou Wisting.

Line suspirou antes de o pai acabar de falar.

– E encontraram uma correspondência? – De repente, Line ficou sem fôlego. – Com um assalto nunca resolvido?

– Algo por aí, sim.

Line pensou no dinheiro guardado no cofre.

– Se soubesse que examinavam as armas com tanto cuidado, não a teria entregado. Provavelmente ia parar ao fundo do mar. Pensava que era uma entrega anónima – disse ela.

– Há quanto tempo é que a tua amiga tinha o revólver?

– Encontrou-o precisamente no dia em que to entreguei.

– E quando é que o avô dela morreu?

– Há meio ano.

Ela reparou que o seu pai cogitava algo.

– Vou tentar outra abordagem – disse ele.

Line esperou. Wisting olhou pela janela.

– Com quem estavas, na semana passada, na esplanada do A Paz Dourada? No dia em que o Nils Hammer e eu perseguimos o homem que estava sentado na mesa ao vosso lado?

Line mordeu o lábio inferior. Se queria conservar a amizade com Sofie, não podia arranjar-lhe problemas. Ao mesmo tempo, não conseguiria ocultar a sua existência e a identidade ao próprio pai.

– Chama-se Sofie, mas não tem nada que ver com o revólver. Encontrou-o quando estava a arrumar as coisas do avô.

Wisting não falou durante algum tempo.

– Bem, isto vai acabar por se saber, mais cedo ou mais tarde – disse ele. – O revólver foi usado num homicídio.

Line sentiu aquelas palavras como murros no estômago e não se conseguiu mexer até a dor lancinante esmorecer. Respirou fundo.

– Em que homicídio?

– No Homicídio do Ano Novo, em Kristiansand. O caso foi resolvido, mas nunca se encontrou a arma do crime. Quanto mais não seja, o advogado de defesa vai fazer um estardalhaço com o revólver. Podem pedir-me que lhes explique como é que a arma veio parar às minhas mãos. E tu podes vir a ser intimada pelo tribunal e obrigada a prestar declarações.

Line gemeu ao pensar que se metera numa nova alhada, e que, ainda por cima, arrastara Sofie consigo. Já não se podia esconder atrás da confidencialidade do jornalista em relação às suas fontes.

– Fala com ela – sugeriu o pai. – Seria melhor convencê-la a falar agora do que acabar por ser intimada.

Line tentou levantar-se, com esforço, da cadeira. Tinha o corpo quente e peganhento, e não se sentia bem.

– Que vais fazer? – perguntou ela.

– Vou ter de falar com os detetives responsáveis pelo caso – explicou Wisting, que se levantou e aproximou dela. – Estás a sentir-te bem?

– Sim, obrigada – respondeu, apoiando-se nas costas da cadeira. – De repente, senti-me muito cansada, só isso.

Concentrou-se na sua respiração: inspirações e expirações lentas.

– Está tudo bem – disse Line ao dirigir-se à porta.

– Acompanho-te até ao carro – disse Wisting, que caminhou à sua frente até ao elevador.

Ela assegurou-lhe repetidas vezes que ficaria bem sozinha.

– Só tenho de descansar um pouco – disse ao sentar-se no carro.

– Conduz com cuidado.

Line anuiu e lançou-lhe um olhar ao fazer marcha-atrás para sair do estacionamento. O pai parecia tão exausto quanto ela. Estava pálido e o seu olhar inquieto. Ela sabia que ele estava a meio de uma investigação complicada e sentiu um peso na consciência por o ter sobrecarregado com mais preocupações.



Wisting sentou-se à secretária. Não se mexeu. A arma estava associada a um caso de homicídio. Tanto quanto se lembrava, a polícia de Kristiansand não poupou esforços para encontrar a arma, mas não obtivera qualquer resultado. Agora, a arma aparecera, de modo inesperado, através de Line.

Tocou na tecla de espaço do teclado para reativar o ecrã do seu computador e fez *login* no Registo Civil. Sem saber ao certo se devia levar a sua ideia avante, hesitou um pouco. Parecia-lhe estar a investigar a própria filha. Não se lembrava de nenhuma amiga ou colega chamada Sofie, mas bastar-lhe-ia premir algumas teclas para encontrar uma resposta.

Escreveu Sofie no campo de busca para o nome próprio, introduziu o ano de nascimento de Line e restringiu a pesquisa a Larvik. Hesitou e, por fim, premiu a tecla *enter*.

Obteve três resultados: *Nina Sofie Lund*, *Sophie Fladen* e *Sofie Hekkensmyr*. Apenas a primeira vivia em Stavern. Clicou na fotografia detalhada e viu que ela comunicara ter-se mudado da Johan Ohlsens Gate, em Oslo, poucos dias atrás. Constatou também que ela tinha uma filha com um ano de idade. Lembrou-se de ver um carrinho de bebé parado entre Line e a sua amiga quando estavam ambas sentadas na esplanada do A Paz Dourada.

Uma nota dava conta de que Sofie Lund alterara o seu apelido, algo comum em mulheres casadas, mas Sofie Lund era solteira. Um outro clique revelou que o seu antigo apelido era Mandt. Wisting aproximou-se do ecrã e sentiu o coração acelerar. Engoliu em seco ao confirmar, através do registo, que a amiga de Line era neta de Frank Mandt.



Line estendeu-se no sofá da sua recém-renovada sala. Estava demasiado preocupada para relaxar. Empoleirou o portátil na barriga e pôs uma almofada atrás das costas.

O último artigo de jornal sobre o Homicídio do Ano Novo dizia que o julgamento do homem de 25 anos acusado do crime estava agendado para o dia 6 de agosto, segunda-feira.

Abriu um resumo do caso. O alegado assassino não confessara o crime, mas três testemunhas tinham-no visto a fugir do local do crime. Além disso, tinham encontrado resíduos de pólvora nas suas mãos, assim como um mapa da área onde ocorrera o ataque no bolso de trás das suas calças.

O seu cadastro criminal também não jogara a seu favor. Tinha sido várias vezes condenado por agressão e crimes relacionados com estupefacientes, e, após passar nove meses na cadeia por assalto à mão armada – ameaçara a vítima com uma faca ao roubar-lhe a mala –, fora-lhe concedida liberdade condicional poucos dias antes do Natal.

A descrição do homicídio propriamente dito era sucinta. Elise Kittelsen, de 21 anos, morava na Kristian IVs Gate e dirigia-se a uma festa em casa de uns amigos. A casa situava-se em Tangen, a dez minutos a pé de casa da vítima. Tinha sido morta a tiro diante da escola abandonada na Kongens Gate.

Uma das testemunhas chamava-se Terje Moseid, que contou como ele e um amigo tinham tentado salvá-la sem, contudo, conseguir estancar a hemorragia. Tinham ouvido dois disparos e visto alguém a correr para fugir do local, e a descrição que deram à polícia levou, logo em seguida, à detenção de um suspeito de 25 anos.

Nas suas comunicações com a imprensa, a polícia fizera questão de realçar a rápida resolução do caso. Segundo a sua teoria, o homicídio resultara de um assalto que corra mal. A detenção poderia ter sido ainda mais célere se o assassino não houvesse tentado fugir do local do crime. Dois agentes da polícia tinham-no perseguido pelas ruas do centro da cidade e, durante algum tempo, ele parecia ter conseguido escapar. Encontraram-no escondido atrás de um contentor do lixo.

Além disso, o artigo pintava o habitual retrato da vítima. Tinham entrevistado dois dos seus amigos, ambos presentes na festa de passagem de ano. Havião usado, para efeito ilustrativo, uma fotografia publicada no Facebook, nessa mesma noite, por Elise Kittelsen.

O advogado do jovem de 25 anos limitara-se a afirmar que o seu cliente negava qualquer envolvimento no crime.

Line sentiu a bebé dar pontapés, como se protestasse com a mãe por esta ter pousado o portátil na barriga. Line fechou o computador e levou-o de volta para a mesa.

Não fazia ideia como a arma acabara dentro do cofre do avô de Sofie, mas estava agora perante um problema sério.

Não gostava de ocultar informações ao pai, mas também não queria desiludir a amiga. Line rebolou para um lado e apoiou-se num braço; depois, sentou-se e enviou uma mensagem a Sofie, na qual lhe perguntou se podia passar por sua casa.

A amiga respondeu com um *smile* e, meia hora depois, estavam as duas sentadas no terraço de Sofie. O tempo estava abafado, fazia calor. Maja estava a gatinhar num tapete estendido na relva.

Line não sabia ao certo como dar início à conversa.

– Acho que afinal não foi assim tão boa ideia entregar o revólver à polícia.

A expressão de Sofie ensombrou-se.

– Porquê?

– Porque a examinaram. Examinam todas as armas que lhes entregam.

Sofie coçou o polegar.

– Falei com o meu pai. Fizeram-lhe testes balísticos – explicou Line.

– Porquê?

– Para ver as marcas nas balas. Comparam-nas com as balas encontradas noutros casos.

– Meu Deus! – Sofie agarrou os braços da sua cadeira. – Foi usada num assalto? Foi daí que veio o dinheiro?

Line engoliu em seco.

– Desculpa por te meter em problemas. Devíamos ter feito o que querias e atirado a arma ao mar.

– O que é que a polícia descobriu, afinal? – perguntou Sofie.

Line chegou-se um pouco à frente na cadeira.

– Que dispararam sobre uma pessoa com aquele revólver – respondeu em voz baixa.

Sofie sobressaltou-se. Algures ali perto, uma gaivota guinchou.

– Lamento imenso – disse Line.

– E a pessoa morreu? – perguntou Sofie.

Line anuiu com a cabeça.

– Quem é que morreu?

Line respirou fundo antes de responder:

– Já ouviste falar do Homicídio do Ano Novo?

– Talvez.

Line contou o que sucedera a Elise Kittelsen. Sofie levantou-se e deu alguns passos em frente.

– Sei que ele fez muitas coisas horríveis – disse ao virar-se para Line –, mas, caramba, também matou pessoas?

– Não, oh, não, não foi ele – retorquiu Line. – Acusaram um tipo de vinte e cinco anos do homicídio. O julgamento começa

daqui a uma semana.

Sofie pegou em Maja e sentou-se com a filha no colo.

– Como podem ter a certeza de que é a mesma arma? – perguntou.

Line encolheu os ombros.

– Não sei como terá ido parar ao cofre – disse Sofie. – Disseste ao teu pai onde a arranjaste?

– Não – respondeu Line. – A entrega foi registada como anónima, mas disse-lhe que a arranjei através de uma antiga colega de escola, que a encontrou quando estava a arrumar os objetos pessoais do avô.

Line fez uma curta pausa.

– Mas falei-lhe de ti, é um facto. Como nos viu juntas na esplanada do A Paz Dourada, vai acabar por juntar as peças.

Podemos ser chamadas a depor.

Sofie deu uma palmada na testa.

– A depor? Mas não há nada a depor! Só encontrámos a arma no cofre, não sabemos mais nada.

Maja começou a choramingar.

– Mas talvez tenhamos de prestar declarações oficiais – disse Line. – Se soubesse que ia dar nisto, nunca teria entregado o revólver ao meu pai.

Sofie deu um molho de chaves, que estava em cima da mesa, à filha. Maja calou-se.

– Deixa lá, não te preocupes com isso – disse ela. – A culpa não é tua. O Velhote é que tem a culpa de tudo.



De acordo com os registos da polícia, Harald Ryttingen era o detetive responsável pela investigação do Homicídio do Ano Novo. Wisting não o conhecia, mas sabia que ele tinha a seu cargo o departamento de investigação criminal do distrito policial de Agder. Ouvira-o palestrar em algumas conferências, e também lera e vira entrevistas que ele concedera à comunicação social. Era um homem de porte atlético, com cabelo preto, e parecia muito confiante e seguro a nível profissional.

Wisting encontrou a sua extensão direta e marcou o número. O colega atendeu-o num tom desinteressado, como se estivesse concentrado noutra coisa, mas começou a prestar atenção assim que Wisting se apresentou.

– Já recebi o relatório sobre a arma – disse ele no dialeto do Sul. – Não muda nada no nosso caso.

– Parece-me que levanta algumas questões – disse Wisting.

– Já respondemos às questões mais importantes. O criminoso foi detido catorze minutos após cometer o crime. O promotor público decidiu avançar com a acusação. O julgamento começa daqui a uma semana.

– Como a arma foi entregue aqui, teremos todo o gosto em ajudar – disse Wisting.

– A arma foi entregue anonimamente, não foi? – perguntou Ryttingen.

– Sim, mas talvez seja possível pesquisar a sua origem.

– Não se chateie com isso. A investigação já terminou.

– Já falou da arma ao promotor público?

Ryttingen evitou a pergunta.

– Ouça – disse ele –, este caso é nosso. Não precisa de se incomodar mais com isto. O relatório que nos enviaram é mais do que suficiente.

– Seria do vosso interesse descobrir como é que o revólver veio cá parar – disse Wisting.

O tom de indiferença de Ryttingen contrastava com o modo como o próprio Wisting teria agido caso estivesse no lugar do seu colega de Kristiansand.

– É irrelevante. As armas ilegais estão sempre a mudar de dono – disse Ryttingen.

– O assassino deve ter-se descartado dela ao fugir, ou então entregou-a a alguém. Já ponderaram a possibilidade de ele não ter agido sozinho? – perguntou Wisting.

– Oh, pá, ouça lá! – O dialeto de Ryttingen tornou-se mais fechado. – Temos três testemunhas oculares e não me apetece mesmo nada deixar que esta pistola nos arranje problemas no julgamento.

– Revólver – corrigiu-o Wisting.

Ryttingen suspirou. Depois, disse:

– Compete-me apresentar a acusação mais sólida e convincente possível. Não preciso de coisas que possam levantar dúvidas ou confundir o júiz.

Wisting pensou em protestar com o colega. Não era aquele o intuito de uma investigação – pelo contrário. À investigação cabia descobrir a verdade.

– Fico-lhe grato por ter entrado em contacto. A partir daqui, tratamos nós do assunto – disse Ryttingen.

A chamada terminou.

Wisting sentiu-se contente e, por outro lado, insatisfeito. Line ficaria feliz ao saber que os detetives responsáveis pelo caso não estavam interessados em rastrear a arma. No entanto, do seu ponto de vista enquanto profissional, considerou que aquela decisão era um erro, e encarou-a com grande ceticismo.

Christine Thiis apareceu à porta com uma mala ao ombro. Queria certamente saber se havia novidades antes de ir para casa. Franzio o sobrolho quando o seu olhar se cruzou com o de Wisting.

– Há algum problema? – perguntou-lhe ao entrar no gabinete.

– Não sei – respondeu ele.

Christine Thiis puxou uma cadeira de debaixo da secretária e sentou-se.

– Não tem que ver diretamente com o nosso caso – acrescentou ao mostrar-lhe o relatório dos testes balísticos.

– Falaste com a polícia de Kristiansand? – perguntou ela depois de folhear o relatório.

– Acabei de falar com eles. Acham que o caso está encerrado. O julgamento começa daqui a uma semana e não querem que façamos mais nada – disse.

– De qualquer maneira, não há muito mais a fazer. A entrega da arma foi anónima – comentou Christine Thiis.

Wisting guardou o relatório na sua respetiva pasta.

– Mas também não é bem como se alguém tivesse abandonado o revólver à entrada da esquadra e se tivesse escapulido. Sabemos mais ou menos de onde veio.

Christine Thiis virou a cabeça para um lado e fitou-o.

– Foi encontrado entre os objetos pessoais de uma pessoa que já morreu – disse Wisting. – Foi encontrado na casa do Frank Mandt.

O sistema de ar condicionado no teto desligou-se e o seu zumbido regular deu lugar ao silêncio.

– Bem, não é de estranhar – disse Christine Thiis. – Sabemos perfeitamente que o Frank Mandt representou um papel crucial no submundo do crime da região leste. Não é de estranhar que uma arma ilegal lhe tenha ido parar às mãos.

Nils Hammer surgiu à porta com uma caneca de café e um bloco de notas.

– O que é que não é de estranhar? – perguntou ele.

Wisting explicou-lhe o que acontecera, mas omitiu, uma vez mais, qualquer referência a Line.

– Há aqui pormenores um bocado estranhos – disse Hammer. – A arma de um crime não é propriamente algo desejável. É algo de que, por hábito, se querem livrar o mais depressa possível.

– O assassino despachou-a bem depressa – disse Wisting. – Prenderam-no catorze minutos depois de o homicídio ser comunicado à polícia.

– Lembro-me disso – afirmou Hammer, que bebeu um gole de café. – O diretor-geral da polícia serviu-se disso para se armar em bom numa entrevista.

– Alguém deve tê-la encontrado e trazido para cá.

– Só por curiosidade – disse Hammer –, onde é que o Jens Hummel passou o fim de ano?

Wisting não se mexeu por alguns segundos, e depois fez a cadeira girar e pegou numa pasta onde estava escrito *Vestígios eletrónicos*.

– O taxímetro estava desligado – disse ele.

– E isso não é um bocadinho estranho? Onde é que já se viu um táxi não estar de serviço no Ano Novo? – perguntou Hammer.

Wisting tirou da pasta as folhas que continham o registo de utilização do telemóvel de Jens Hummel nos seis meses prévios ao seu desaparecimento. Já tinham analisado toda aquela informação e falado com todas as pessoas com quem ele entrara em contacto, mas não chegaram a lado nenhum.

Passou o indicador pelas colunas correspondentes ao dia 31 de dezembro. Durante esse dia, o telemóvel fora registado em várias estações de Larvik. Por volta das quatro da tarde, o sinal de telemóvel começara a deslocar-se para sul. Fora registado em várias povoações ao longo da costa meridional até, por fim, ser usado para enviar, às 18h28, uma mensagem de texto no centro da cidade de Kristiansand.



Nils Hammer ampliou o registo do telemóvel exposto no ecrã. Os investigadores amontoaram-se em volta da mesa de reuniões.

– Sabemos que a Elise Kittelsen foi assassinada no centro de Kristiansand, às 19h21 de 31 de dezembro, com uma arma que pertenceu ao Frank Mandt – disse.

– Não temos a certeza de que era mesmo do Frank Mandt – disse Mortensen. – Foi encontrado entre os objetos pessoais dele já depois de ele morrer.

– Tudo bem – concordou Hammer –, mas também sabemos que o Jens Hummel estava no centro de Kristiansand às 18h28.

Ele apontou para a lista, onde a mensagem estava sublinhada a vermelho.

– E sabemos também que ele recebeu uma mensagem ao passar por Bamble, às 21h34, na sua viagem de regresso – acrescentou Hammer.

– O troço de Kristiansand a Bamble demora cerca de duas horas a percorrer – disse Mortensen. – Isso significa que ele deve ter saído de Kristiansand logo a seguir aos disparos.

– Quem é que lhe enviou a mensagem? – perguntou Christine Thiis.

– Nós chegámos a ver isso há uns meses – respondeu Wisting. – Pelos vistos, foi uma simples mensagem de feliz Ano Novo. Algumas pessoas disseram-nos que nem sabiam que lhe tinham enviado uma mensagem. Tinham o número dele gravado no telemóvel e selecionaram todos os contatos como destinatários. As mensagens enviadas pelo Jens Hummel foram também mensagens de Ano Novo.

– Ele tinha outro telemóvel – lembrou-lhes Espen Mortensen.

Wisting não lhe respondeu.

– Pode haver aqui uma ligação qualquer – disse Wisting. – O Hummel estava em Kristiansand quando do homicídio. Encontrámos o carro dele na quinta do Mandt, e a arma do crime estava entre os objetos pessoais do Mandt. Pode não passar tudo de uma coincidência, mas se não for uma coincidência, é o quê?

Torunn Borg foi a primeira a falar:

– O Jens Hummel trouxe a arma para Larvik – sugeriu ela.

– O Jens Hummel podia ser o assassino – disse Nils Hammer.

– Mas já apanharam o assassino – objetou Christine Thiis.

Hammer defendeu a sua teoria.

– Eles podem ter prendido o tipo errado. Se o Jens Hummel estivesse a agir a mando do Frank Mandt, não lhe seria difícil arranjar um passaporte falso e fugir do país.

– Pretendes insinuar que o Jens Hummel era um assassino a soldo? – perguntou Christine Thiis, incapaz de conter um sorriso.

– E por que raio é que o Frank Mandt havia de querer matar uma miúda de vinte e um anos de Kristiansand? – acrescentou Torunn Borg. – Além disso, estás a esquecer-te do sangue do Hummel encontrado no táxi.

– Pode haver outras explicações para o sangue – disse Hammer ao olhar, em jeito de interrogação, para Mortensen.

– Encontrámos quantidades mínimas de sangue – disse Mortensen. – O Hummel conduziu aquele táxi durante vários anos. Pode ter-se cortado noutra ocasião, e pingado sangue na mala do carro. Mas também não consigo imaginar o Jens Hummel como assassino profissional sob as ordens do Frank Mandt.

Lançaram várias teorias e suposições. Segundo uma das teorias, Jens Hummel seria uma testemunha inconveniente que teve de ser eliminada; segundo outra, ele não tinha nenhuma ligação com a arma nem com o homicídio e, de resto, não fizera nada ilegal, exceto meter ao bolso o dinheiro de uma viagem de táxi muito longa.

Wisting esperou que lhe perguntassem como sabia que o revólver pertencera a Frank Mandt, e como lhe tinha sido entregue, mas ninguém lhe perguntou nada.

– Esquecemo-nos de uma questão pertinente – disse Hammer. – Quem é que o Jens Hummel transportou de táxi até Kristiansand na véspera de Ano Novo? Quem era o cliente? O próprio Frank Mandt?

Terminaram a reunião com uma longa lista de perguntas não respondidas. Quando se levantaram para sair, o céu estava já cinzento.



Começou a chover por volta das sete da tarde. Sentada no chão de cimento, em frente ao cofre, Line olhou para a janela da cave. Não era uma chuva forte o suficiente para acabar com o período de seca, mas sim um aguaceiro de verão, fresco e limpo, que limparia o pó acumulado na relva e nas folhas.

Sofie perguntara-lhe se queria ver o que mais havia no cofre. Tinham concordado que o melhor a fazer seria limpá-lo por completo.

Primeiro, retiraram todo o dinheiro de dentro do cofre, e puseram as notas num saco de plástico que Sofie esconderia algures na casa. Sofie deixou o resto do conteúdo a cargo de Line.

– Mas não vamos entregar nada à polícia – disse ela.

Encontraram cinco arquívadores pretos, várias pastas de plástico, cadernos e envelopes dentro do cofre.

A primeira pasta parecia conter documentos relativos à casa: apólices de seguro, relatórios de avaliação, projetos de arquitetura, manuais de instruções, recibos e certificados de garantia. Alguns documentos poderiam ser úteis a Sofie, mas, em geral, não tinham grande interesse.

Line pôs a pasta de lado e abriu a seguinte. Estava cheio de micas com recortes de jornais. Desdobrou um dos recortes. O papel estava amarelecido e a tinta esbatida.

O artigo era de 17 de agosto de 1972, e a manchete dizia: *Barco com contrabando abordado perto de Jomfruland*. Alguns fiscais da alfândega haviam entrado a bordo de um barco de pesca a sete milhas náuticas de Jomfruland. A bordo, encontraram 720 litros de álcool destilado. O navio havia sido rebocado para Langesund, e o capitão, que estava sozinho a borda, fora preso.

Havia mais dois recortes nessa mesma mica. Um deles era de um artigo mais curto, onde se dava conta de que o capitão de 58 anos detido no mar havia admitido que tentara contrabandear álcool, mas que, fora isso, se recusara a cooperar com a polícia. O último recorte correspondia a uma breve nota sobre um homem de 58 anos, que fora sentenciado a 60 dias de prisão efetiva por contrabandear 720 litros de bebidas alcoólicas.

Na mica seguinte, encontrou uma reportagem de 1976. Um camião carregado de cigarros e várias centenas de litros de álcool envolvera-se num acidente de trânsito na estrada nacional 22, perto da fronteira com a Suécia. O motorista sofrera ferimentos ligeiros e fora acusado de contrabando.

Aproximadamente de três em três anos surgiam artigos de jornal semelhantes, que tinham sido guardados por ordem cronológica na capa.

Era uma coleção estranha, e a única explicação que ocorreu a Line foi que Frank Mandt tinha guardado artigos de jornal sobre casos em que de alguma forma estava envolvido, provavelmente como o homem que puxava os cordelinhos.

Pôs a pasta de lado. Algo caiu ao chão no andar de cima. Maja desatou a chorar e as tábuas no teto rangeram quando Sofie atravessou a sala.

As duas pastas seguintes continham cópias de declarações fiscais e outros documentos financeiros. Line arregalou os olhos. Se Sofie era a única herdeira do seu avô, enriquecera imenso de um dia para o outro. Segundo as declarações fiscais, ele tinha um património no valor de 14 milhões de coroas, dividido por depósitos bancários, ações e propriedades. Outros documentos sugeriram que tinha ainda mais dinheiro. Os extratos do Banco Julius Bär, de Zurique, indicavam uma série de depósitos de várias centenas de milhares de euros. Line ouvira falar das contas bancárias na Suíça, mas nunca tinha visto nada assim. Não havia qualquer indicação do nome nem da morada do titular da conta, apenas um número – *Relationship n.º 0016.2426* – que ocultava, assim, a identidade do cliente. Para aceder ao dinheiro bastava saber o código.

Os documentos seguintes demonstravam que Frank Mandt tinha registado a sua própria empresa unipessoal, que atuava, oficialmente, na compra e venda de imóveis. Encontrou cópias de escrituras e acordos de transferência feitas há muitos anos. Numa das pastas estava um conjunto de recibos pagos pela associação nacional de corridas de cavalos. Ela sabia que os criminosos obtinham, amiúde, o seu capital inicial desta maneira. Podia-se comprar bilhetes premiados nos hipódromos. Ninguém saía a perder: o verdadeiro vencedor da aposta podia lucrar até 25% mais do que os ganhos originais, e o comprador podia assim lavar dinheiro. Os investimentos imobiliários eram uma outra forma de aumentar o capital adquirido ilicitamente. Comprava-se uma propriedade a um preço baixo, porque precisava de ser renovada, e juntava-se alguns criminosos de bolsos cheios ao negócio antes de a vender com lucro.

A ter em conta a arrumação das pastas, Frank Mandt tinha uma necessidade de organização e ordem quase obsessiva.

A última pasta continha documentos da polícia: transcrições de depoimentos de testemunhas e interrogatórios a suspeitos. Num deles referia-se um homem chamado Aron Heisel, que tinha sido interrogado pela polícia de Halden, a 6 de junho de 2002, por ser acusado de importar 2400 litros de álcool em recipientes plásticos. Ele admitira a sua culpa, mas não prestara qualquer depoimento acerca da origem da remessa nem sobre a identidade do destinatário. Outro nome recorrente era o de Per Gregersen. Fizera uma declaração à polícia num caso relacionado com contrabando de haxixe. Segundo o que lera, parecia que os Hells Angels da Dinamarca também estavam envolvidos no caso.

Line voltou à pasta cheia de recortes de jornal e encontrou um artigo do *Halden Arbeiderblad* datado de 7 de junho de 2002, sexta-feira, onde se noticiava que os funcionários da alfândega haviam apreendido um Volkswagen Transporter carregado com mais de 2000 litros de álcool. Um recorte mais antigo do *Fædrelandsvenn* indicava que um homem fora condenado por importar oito quilos de haxixe. Durante a audiência, recusara-se a explicar qual a sua relação com os Hells Angels e o submundo de motoqueiros criminosos na Dinamarca.

Frank Mandt criara um arquivo de operações que haviam fracassado. Era uma loucura, porque a polícia poderia encontrá-lo, mas, como ele atuava desde os anos 60 sem nunca ter sido apanhado, ganhara provavelmente muita confiança. De qualquer forma, os recortes de jornais não passavam de provas circunstanciais.

Os documentos provinham de diversas comarcas. Embora os detetives fossem diferentes, os nomes dos advogados eram, normalmente, sempre os mesmos. Duvidava que Mandt tivesse obtido os documentos por meio de alguém que trabalhasse para a polícia, e presumiu que eram cópias das transcrições usadas pelo advogado de defesa. Com base na sua experiência com o crime organizado, sabia que os sujeitos detidos demonstravam, muitas vezes, a sua lealdade para com os chefes ao apresentar cópias das suas declarações à polícia onde se podia constatar que não tinham mencionado nenhum nome.

A água da chuva escorria pelas caleiras. Era-lhe desconfortável sentar-se no chão duro de cimento. Doíam-lhes as costas e a sua barriga volumosa dificultava-lhe inclinar-se em frente. Mudou de posição e pegou num dos blocos de notas pretos. O bloco estava cheio de números que constituíam, obviamente, algum tipo de anotações contabilísticas, mas as colunas de números não tinham títulos. Nalguns lugares, havia datas escritas, e noutros uma ou duas letras seguidas de um ponto final, como se fossem as iniciais de um nome. Um detetive da Økokrim, a divisão financeira da polícia, conseguiria porventura extrair mais informações daqueles números do que ela.

Mas o que despertava mais a curiosidade de Line eram os envelopes. Sofie havia já recuperado fotografias suas e da sua mãe, mas ainda havia vários envelopes por abrir no fundo do cofre.

O primeiro envelope era volumoso e continha cassetes pequenas. Os seus colegas mais antigos no jornal local usavam cassetes semelhantes num minigravador, em vez de usar caneta e papel; mais recentemente, Line usava a funcionalidade de gravação no seu telemóvel.

As cassetes estavam marcadas com data e ano. Eram no total mais de vinte, mas não havia nenhum gravador.

Afastou o envelope para o lado e abriu o seguinte que continha algo parecido com fotografias de vigilância. Velhas e cheias de grão tinham sido tiradas à distância. Os sujeitos eram dois homens descendo uma calçada. Um gesticulava com os braços como se estivesse a explicar alguma coisa ao outro. Faziam lembrar a conhecida fotografia do encontro entre Gennady Titov, general da KGB, e Arne Treholt, um homem condenado por espionagem nos anos 80.

O envelope seguinte continha fotografias semelhantes; estas tinham, contudo, sido tiradas numa zona industrial. O fotógrafo parecia estar interessado nos prédios e na localização. Havia também um conjunto de fotografias a cores. Tinha sido tiradas no estrangeiro, nalgumas surgiam palmeiras e flores exóticas. As pessoas encontravam-se reunidas em volta de um carro e não parecia aperceberem-se de que estavam a ser fotografadas.

Era óbvio que as fotografias tinham um qualquer significado. A contrainteligência tornara-se essencial ao crime organizado, tanto no que concernia à polícia, quanto no que a bandos rivais dizia respeito. As fotos eram antigas e não havia como saber por que razão Frank Mandt as guardara. Mesmo que, de momento, nada dissessem a Line, eram um testemunho de como Mandt construía o seu império do crime. Levantou-se, com esforço, e guardou tudo aquilo no cofre. Continuava com mais perguntas do que respostas.



Wisting acordou meia hora antes de o despertador tocar. Não parava de pensar na morte de Frank Mandt. Ele fora visto pela última vez na segunda-feira 9 de janeiro. Determinara-se a terça-feira 10 de janeiro como data do óbito, já que o jornal desse dia estava aberto na mesa da cozinha e a correspondência entregue nos dias seguintes continuava na caixa do correio. Wisting não tinha a certeza absoluta, mas parecia-lhe que uma das fotos tiradas na casa do morto continha um detalhe interessante tendo em conta o que haviam descoberto nos últimos dias.

Levantou-se e foi à casa de banho. A roupa suja acumulara-se atrás da porta; teria de se lembrar de ligar a máquina de lavar quando voltasse a casa.

Chegou ao seu gabinete às seis e meia. O céu estava encoberto, mas, de vez em quando, as nuvens cinzentas permitiam a passagem do sol. A chuva da noite anterior já havia desaparecido das ruas. Tinham outro dia quente pela frente.

Os ficheiros do caso Mandt ainda estavam na sua mesa. Pegou na pasta de arquivo e observou as fotos tiradas à mesa da cozinha. Mortensen fizera um *close-up* ao jornal local, edição de terça-feira, 10 de janeiro. No artigo principal dava-se conta de uma contenda por causa de direitos e quotas de pesca de salmão em Lågen. A outra foto era da caixa de correio. Postas lado a lado, as duas fotografias não deixavam margem para grandes dúvidas. No entanto, o subconsciente de Wisting fora atormentado pela foto seguinte. Nessa fotografia via-se toda a mesa da cozinha. Ao lado do jornal local e de uma chávena de café, estava uma tesoura e um exemplar do *VG* aberto num artigo sobre o Homicídio do Ano Novo. Aquilo, por si só, não significava nada, mas podia ser importante.

Até agora, tinham tomado Jens Hummel como ponto de partida e procurado uma possível ligação a Frank Mandt sem, no entanto, encontrarem nada. Agora, deviam procurar uma ligação no sentido contrário e perceber se Frank Mandt teria alguma ligação ao taxista desaparecido. Durante décadas, a polícia tentara convencer diversos sujeitos a falar sobre Mandt e as suas atividades criminosas. Mandt comandara os seus capangas com mão de ferro, mas, depois de morrer, a situação decerto teria mudado. Alguém estaria disposto a falar?

Dividiram as tarefas entre Torunn Borg e Nils Hammer. Depois da reunião matinal, Wisting foi à casa de banho e molhou o rosto com água fria. Os seus olhos clarearam e ele olhou para o rosto refletido no espelho. Ainda apresentava sinais de um ligeiro hematoma no lado direito, mas o inchaço desaparecera.

Às oito e meia, quando todas as esquadras do país já teriam, presumivelmente, terminado as tarefas administrativas de rotina, Wisting marcou o número de Harald Ryttingen, o detetive de Kristiansand. Wisting fez-lhe um breve resumo da possível ligação entre Jens Hummel e o Homicídio do Ano Novo.

- Gostava que me enviasse cópias dos documentos do seu caso, para ver se há alguma ligação ao nosso – pediu.
- Eu já lhe disse que a nossa investigação está encerrada – retorquiu Ryttingen. – O material está todo na posse do Ministério Público, que vai apresentar o caso em tribunal.
- Eu só preciso do acesso eletrónico – retorquiu Wisting. – Para que possamos consultar os documentos do caso.
- Já falámos sobre isso ontem – respondeu, cada vez mais irritado, Ryttingen. – Não precisamos da vossa ajuda.
- Sim, já percebi, mas nós é que precisamos da vossa ajuda – disse Wisting. – Vocês podem ter informações relevantes para o nosso inquérito relativo ao desaparecimento do Hummel.
- Vou ter de esclarecer esse assunto com o promotor público – disse Ryttingen. – Entro em contacto consigo assim que ele me responder.

Wisting encostou o telefone ao outro ouvido. Não havia qualquer necessidade de obter a aprovação do Ministério Público para lhe fornecerem as informações. Só podia ser uma tática para atrasar a entrega de dados.

– Quem é o promotor responsável pelo caso? – perguntou Wisting.

– Eu vou contactá-lo – disse Ryttingen. – Depois falo consigo.

E com isto a chamada terminou.

A falta de vontade de Ryttingen em ajudar na investigação de um outro distrito policial era inexplicável, a menos que ele temesse perturbar um caso que há muito tempo considerava totalmente encerrado. Wisting nada podia fazer a não ser esperar. Assim, passou o tempo diante do quadro branco da sala de conferências, onde tinham mapeado e resumido toda a investigação. A linha cronológica estendia-se de 31 de dezembro até ao dia corrente; os acontecimentos estavam assinalados com palavras-chave escritas em várias cores, complementados por fragmentos de mapas e fotos dos técnicos forenses.

O que é que nos está a escapar?, pensou ele.

Todos os casos tinham uma porta oculta. Uma abertura escondida só visível quando se observava tudo no contexto certo.

Ao meio-dia, Wisting sentiu fome. Esquecera-se de preparar uma marmita para o almoço. Sem desistir das suas reflexões, saiu da esquadra e atravessou a praça. Algumas nuvens dispersas pairavam ainda no céu, mas eram agora brancas e fofas, e não cinzentas.

Comprou um cachorro-quente e uma garrafa de água mineral num quiosque. Depois, sentou-se num banco para comer e, perdido em pensamentos, observou sem grande atenção um bando de gaivotas a lutar por um pedaço de pão. Nunca antes perdera tanto tempo com um caso para se ver ainda tão longe de encontrar uma solução. Trabalhara noutros casos complexos e difíceis, mas nunca se haviam passado seis meses sem que surgissem tão poucos indícios. O problema talvez não fosse o caso. Talvez tivesse envelhecido e perdido capacidades.

As gaivotas levantaram voo quando alguém se sentou ao seu lado. Wisting limpou os dedos a um guardanapo e virou-se para

a esquerda. Era Christine Thiis. Ela sorriu-lhe e ofereceu-lhe um cone de gelado Krone-is.

Embora o gelado não devesse o seu nome ao preço, Wisting lembrava-se ainda da época em que custava, de facto, uma coroa.

– Obrigado – disse, ao pegar no cone.

Ela tirou o papel ao seu gelado.

– Não podes deixar que isto te deite abaixo – disse ela.

– Que queres dizer com isso?

– Pensas noutra coisa que não no caso?

Wisting dobrou o papel do seu gelado sem dizer uma palavra. As perguntas não respondidas corroíam-no continuamente.

– Precisas de fazer uma pausa. É como quando se perdem as chaves, ou algo assim. Encontram-se as chaves quando se para de as procurar. Normalmente, quando se quer resolver um caso, o melhor é fazer uma pausa – disse-lhe Christine.

– Claro, tens toda a razão – anuiu ele.

Christine Thiis levantou-se.

– Aparece em minha casa às sete. Vou dar-te mais em que pensar.

Ele olhou para ela sem compreender nada.

– Uma pausa – acrescentou ela. – Uma pausa para comer. Estou farta de cozinhar só para mim.

Wisting limpou os restos de gelado no lábio superior com as costas da mão. Antes de ter tempo para aceitar o convite, Christine Thiis virou-lhe as costas e foi-se embora.



Sofie estava a seguir uma receita que encontrara na Internet. Pôs os morangos, as fatias de melancia e os cubos de gelo na sua nova misturadora, e depois espremeu uma lima e juntou o seu sumo. Deixou que Line polvilhasse a mistura com açúcar em pó. Por fim, pôs a tampa na misturadora e ligou-a. As lâminas no fundo do jarro de vidro começaram a girar, mas pararam de repente. Line olhou para o candeeiro no teto.

– A luz foi abaixo. Deve ter-se fundido um fusível.

– O quadro está na cave – disse Sofie. – Podes ir lá ver?

Line desceu as escadas da cave e encontrou o quadro da eletricidade no fundo do corredor. Era um quadro relativamente moderno, equipado com circuitos automáticos, mas estava completamente coberto por uma espessa camada de pó.

O circuito número treze tinha disparado. Line puxou a patilha para cima, mas esta tornou a disparar.

– Tenta desligar a máquina de lavar a louça! – gritou.

– Está bem! – respondeu Sofie.

Line voltou a puxar a patilha do circuito. Desta feita, a misturadora começou a funcionar.

Estava prestes a fechar a porta do quadro elétrico quando, no fundo da caixa, viu uma lanterna pequena, alguns parafusos, um disjuntor diferencial e alguns papéis ali deixados pelo eletricista que havia instalado o sistema. Mas viu também uma chave parcialmente escondida sob uma fatura de eletricidade dobrada ao meio.

Line pegou na chave. Era uma chave comprida e tinha diversas reentrâncias.

Lançou uma olhadela à sala do cofre antes de levar as chaves para o andar de cima.

– Sofie? – chamou-a ao dirigir-se à cozinha.

Sofie não a ouviu por causa do barulho da misturadora, mas desligou a máquina assim que Line entrou na divisão.

– Já tinhas visto isto? – perguntou.

Sofie aproximou-se dela e tirou-lhe a chave das mãos.

– Estava no quadro elétrico – explicou Line.

– Achas que é a chave do cofre? – perguntou Sofie.

Line sorriu.

– Só há uma maneira de saber – disse.

Voltaram a descer à cave. Sofie inseriu a chave na fechadura do cofre. Apesar de o serralheiro ter danificado a fechadura quando da abertura forçada do cofre, não havia dúvida de que aquela era a chave certa.

Sofie riu-se.

– O serralheiro mandou-me a conta ontem. Quase quatro mil coroas.

– Oh, santo Deus! – exclamou Line.

– É sempre assim quando se procura alguma coisa. Só a encontramos quando paramos de a procurar – disse Sofie.

Line também rodou a chave na fechadura do cofre.

– Bem, pelo menos *este* mistério está resolvido – disse ela.

Deixaram a chave na fechadura e regressaram à cozinha. Sofie pegou numa taça com salada de camarão e pediu a Line que a levasse para o terraço.

É sempre a Sofie quem paga as favas, pensou Line. Sentiu-se culpada, embora soubesse que a amiga tinha dinheiro suficiente para arcar com as últimas despesas.

Depois de comprar a sua casa, Line sentira o estrago que a compra do imóvel provocara nas suas poupanças. Ainda tinha dinheiro de sobra, mas a renovação fora mais cara do que antevira. Não lhe seria fácil pagar o empréstimo e os impostos com uma filha aos seus cuidados.

Maja mexeu-se no carrinho, que estava à sombra das árvores velhas e frondosas. Na sua próxima visita, traria alguma coisa, pensou Line. Um bolo ou alguma coisa para Maja.

Sofie saiu da sala de estar com o jarro de vidro numa mão e o seu iPad na outra.

– Já descobriram de onde veio o dinheiro – disse ao olhar para o ecrã. – De um assalto em Drammen.

Line levantou-se e Sofie passou-lhe o *tablet*. O *Dagbladet* fora o primeiro jornal a publicar a notícia, cujo título era *Oferta de um milhão de coroas provém de assalto violento*.

Line leu rapidamente o artigo. A polícia descobrira, a partir do registo de muitas das notas enviadas, que o dinheiro provinha de um assalto a uma carrinha de valores realizado, em 2005, junto ao centro comercial de Gullskogen, em Drammen. Tinham ameaçado dois seguranças da Securitas com um revólver e uma caçadeira. Tinham deixado um dos seguranças inconsciente ao dar-lhe uma coronhada na cabeça.

Roubaram quase oito milhões de coroas, entre as quais uma mala com notas prontas para serem inseridas numa caixa automática. Os números de série das notas tinham agora surgido entre as notas oferecidas anonimamente à associação de prevenção de consumo de drogas.

As investigações ao referido assalto à mão armada não haviam conduzido a nenhuma detenção.

– E agora, que fazemos? – perguntou Sofie ao sentar-se numa das cadeiras de jardim.

– Nada – respondeu Line.

– E se o Velhote esteve metido no assalto?

Line abriu um *link* no artigo do *Dagbladet*; o *link* permitiu-lhe aceder a uma notícia, de 2005, sobre o assalto.

– Duvido muito – disse ela sem, no entanto, mencionar a sua sensação de que o avô de Sofie era o cérebro por trás de muitos crimes. – Ele já era velho nessa altura.

O artigo de 2005 permitiu-lhe apenas ficar a saber que o assalto fora, em dois anos, o sétimo ocorrido na área de Drammen.

– Mas porque é que ele guardou o dinheiro no cofre? – perguntou Sofie.

– Pode tê-lo recebido como pagamento de alguma coisa – explicou Line. Depois de descobrirem o dinheiro, fizera algumas pesquisas. As notas marcadas a tinta podiam ser utilizadas como meio de pagamento no submundo do crime, conquanto lhes atribuissem apenas 10% do seu valor. Quem quer que comprasse as notas marcadas tinha de se responsabilizar por só as usar em *slot machines* ou noutras máquinas que aceitassem pagamento em numerário.

– Porque é que não as queimou? – questionou-se Sofie. – Afinal, não valem nada.

Line sentou-se de novo e pousou o iPad na mesa.

– A responsabilidade não é tua – disse ela. – Não te podes sentir culpada por algo que o teu avô fez.

– Eu sei que não, mas sinto que devia fazer alguma coisa para compensar as atrocidades que ele cometeu.

– O melhor que podes fazer é tomar conta de ti e certificar-te de que a Maja tem uma infância mais agradável e uma vida mais estável do que as que tiveste.

Sofie sorriu-lhe e Line debruçou-se sobre a taça da salada.

– Posso comer marisco à vontade? – Line já sabia a resposta, mas queria mudar de assunto.

– Sim, claro, mas debes ter cuidado com os camarões quando estiveres a amamentar, ou a bebé pode ficar alérgica. Aproveita-os enquanto podes!

Line abasteceu-se prodigamente e a conversa mudou de rumo. Começaram a falar de acessórios para bebé, restauros, decoração de interiores. De vez em quando, Line esforçava-se por prestar atenção ao que Sofie lhe dizia. Estava sempre a pensar no que tinham encontrado dentro do cofre. As notas tinham passado anos no cofre, mas o revólver não podia ter estado muito tempo lá dentro, pois fora usado na passagem de ano. Frank Mandt morrera pouco depois do Ano Novo, e o cofre mantivera-se fechado até o arrombarem na semana anterior. Tinham detido o homem que disparara o revólver logo após o homicídio. Nos últimos dias de vida de Frank Mandt, a arma do crime devia ter sido transportada até ali e guardada no cofre. Havia algo de ilógico em toda aquela sequência de acontecimentos.

Na casa ao lado, ligaram o cortador de relva e acordaram Maja. Elas levaram-na para dentro de casa e deixaram-na gatinhar à vontade na sala de estar. Uma hora depois, Line levantou-se para se ir embora. Sofie queria que ela ficasse mais tempo, mas a amiga tinha coisas para fazer em casa.

Acabaram de cortar a relva na casa ao lado. A idosa que ali morava foi até ao portão, onde pagou a um rapaz de tronco nu. Ela olhou para Line.

– Foi você que se mudou para cá? – perguntou.

– Não – disse Line. – Só vim fazer uma visita.

– Você é a filha do Wisting, não é? A que escreve para o jornal, não é?

Era sempre assim. A maior parte das pessoas conhecia o seu pai.

– Agora estou de licença de maternidade – disse ela ao passar os dedos pela barriga.

O rapaz que tinha cortado a relva saltou para cima de uma bicicleta e a mulher deu alguns passos na direção de Line. Pretendia, é claro, satisfazer a sua curiosidade.

– Conhece a mulher que veio morar para cá? – perguntou.

– Fomos colegas na escola primária – respondeu Line, sem saber ao certo quanto do passado de Sofie deveria revelar. – Mas depois ela mudou de cidade. Não nos víamos há anos e, de repente, cruzei-me com ela na rua.

A senhora não disse mais nada. Line sacou a chave do carro.

– É uma bela casa – disse, ao apontar o queixo na direção da casa, para fazer conversa.

– Sim, e estamos contentes por ter novos vizinhos.

Line esteve a ponto de concluir a conversa ao desejar-lhe um bom resto de verão quando lhe ocorreu uma coisa.

– Conhecia o homem que morava aqui antes? – perguntou. – O Frank Mandt?

A mulher abanou a cabeça.

– Não tínhamos contacto nenhum com ele.

Line deu alguns passos rumo ao portão da velhota.

– Passou o Ano Novo em casa?

– Sim. O Ano Novo e a noite de Natal. Porquê?

– O Frank Mandt estava em casa?

– Sim, mas não falávamos com ele.

– Mas tem a certeza de que ele passou o Ano Novo em casa?

– Acho que o vi, sim, mas acho que não teve visitas. Pelo menos nessa noite. Era um tipo reservado. Acho que não tinha família.

– A que horas o viu na noite de passagem de ano? Lembra-se?

– O nosso filho e os nossos netos chegaram por volta das cinco e meia. Tínhamo-los convidado e pedido para chegarem às cinco. Começara a nevar e ele viu-se aflito para estacionar o carro. O Mandt também não ajudou nada. Andava cá fora a varrer a neve e a empurrá-la toda para a rua, mas eu não lhe disse nada.

Line, pensativa, não retorquiu.

– Mas porque é que pergunta?

– Por nenhum motivo em especial – disse Line ao caminhar até ao carro. – Só me passou pela cabeça que ele talvez tivesse passado a noite noutro sítio.



Às 15h15, acederam eletronicamente aos ficheiros relativos ao Homicídio do Ano Novo. Wisting imprimiu todos os documentos, encheu um termo com café e começou a ler a papelada.

O primeiro documento era um relatório onde se explicava que a polícia recebera uma mensagem sobre um tiroteio, e onde também se descrevia o cenário encontrado pela primeira patrulha a chegar ao local do crime. A mensagem fora transmitida através da central telefónica de emergência médica, e tinha sido enviada por uma mulher que residia num apartamento nas proximidades do local. A mulher ouvira dois disparos quando se encontrava nas escadas do prédio, mas, como era Ano Novo, não se surpreendera muito. Ao chegar à rua, ouvira alguém gritar por uma ambulância e vira dois homens agachados ao lado de uma mulher estendida no chão.

A polícia chegou antes da ambulância. Um médico que, por mero acaso, estava a passar por ali, começara a tentar reanimá-la, porém, a mulher já tinha morrido.

Entre os transeuntes que se tinham reunido no local encontravam-se três homens que foram registados como testemunhas. Um deles tinha assistido ao incidente, e os outros dois tinham ouvido os tiros e visto o assassino a fugir. Todos eles fizeram uma descrição incrivelmente coincidente do sujeito, e a referida descrição foi transmitida através da rádio da polícia.

Wisting sublinhou certas frases e escreveu algumas notas na margem. Sabia que iria provavelmente encontrar respostas às suas perguntas mais adiante, quando lesse outros documentos.

O relatório seguinte referia-se à detenção de Dan Roger Brodin, um homem de 25 anos. O carro-patrulha Kilo 2-0 estava a dirigir-se ao local do crime quando emitiram a descrição do criminoso através da rádio. Viram alguém que correspondia à descrição diante do Hotel Ernst; o sujeito mudou de direção e largou a correr assim que viu o carro da polícia. Os agentes perseguiram-no ao longo de vários quintais e pátios, mas perderam-no de vista na central de camionagem. Pouco depois, encontraram-no atrás dos contentores de lixo no terminal de *ferries* da Color-Line e prenderam-no. Tinha o já referido mapa no bolso de trás das calças, e a polícia concluiu que ele planeara antecipadamente o ataque.

Após a detenção, levaram-no de volta ao local do crime, onde as testemunhas o identificaram como o assassino. Wisting desenhou um asterisco na margem da página.

Confrontar de imediato as testemunhas com um suspeito não era, de todo, um método convencional, mas era uma medida eficaz. Mais tarde, os seus testemunhos poderiam perder parte da sua relevância, porque o suspeito não fora selecionado de entre muitos outros possíveis suspeitos. Por outro lado, as testemunhas lembravam-se mais facilmente de mais pormenores logo após um incidente, enquanto a comunicação social ainda não as influenciara, e quando as suas dúvidas e incertezas ainda não se tinham feito sentir.

O relatório sobre o local do crime não acrescentava nada de muito especial. Além da descrição da vítima, continha uma descrição do local e informações sucintas sobre o tempo, tais como a velocidade do vento e a temperatura do ar. Tinham caído quase 30 centímetros de neve no centro de Kristiansand, mas a maior parte já tinha sido limpa. O asfalto na rua onde a vítima se encontrava prostrada estava seco, ou seja, não tinham encontrado quaisquer pegadas.

Wisting observou as fotografias. Não lhe era necessário analisá-las em detalhe, mas deixou à vista um mapa onde tinham assinalado o local do crime.

Segundo o relatório da autópsia, uma das balas perfurara as costas da vítima, causando-lhe grandes lesões no tórax, e a outra bala perfurara-lhe a parte de trás do pescoço. Segundo o relatório, a bala que lhe perfurara o pescoço provocara-lhe morte instantânea, mas os ferimentos causados no tórax seriam, também eles, fatais. Havia resquícios de pólvora em redor do buraco de entrada da bala no pescoço, o que indicava que a bala fora disparada a menos de um metro de distância. Calculava-se que a bala que a atingira nas costas fora disparada de entre um a três metros de distância.

Wisting sublinhou as palavras *costas* e *pescoço*. Depois, encontrou um *post-it*, desenhou um sinal de interrogação no papel e usou-o para marcar a página. Tinham descrito o Homicídio do Ano Novo como um assalto que corra mal. O criminoso roubara o telemóvel da vítima, mas não lhe levava a mala. Os tiros pareciam, no entanto, propositados.

Evitou ver as fotografias do corpo nu na mesa de autópsias, mas analisou em detalhe as duas balas deformadas e com forma de cogumelo que haviam extraído do cadáver.

Num relatório extenso descreviam-se as buscas pela arma do crime. Não tinham encontrado nem a arma nem o telemóvel.

Wisting olhou para o mapa ao ler no relatório quais as ruas que haviam batido com a ajuda de cães-polícia, quais os contentores do lixo que haviam vasculhado, e os locais onde tinham recorrido a mergulhadores. Tinham até feito buscas em telhados, não fosse o assassino ter atirado a arma para o alto de uma casa. Todas as buscas se tinham revelado infrutíferas.

A explicação dada pela testemunha-chave não deixava margem para grandes dúvidas em relação ao sucedido. Einar Gjessing, a testemunha, estava, tal qual a vítima e outras testemunhas, a caminho de uma festa. Contudo, ao contrário de muitas outras pessoas, ainda não tinha ingerido álcool e encontrava-se sóbrio quando testemunhara o homicídio.

Dobrava a esquina da Holbergs Gate com a Dronningens Gate quando deu pela presença do assassino e da vítima. A mulher tinha-se libertado do homem e ele apontara-lhe um revólver e disparara dois tiros seguidos. Ao ser atingida, a mulher tombou no chão. O assassino corra na direção da testemunha passando a poucos metros de distância dele. Depois, a testemunha correu no seu encalço, mas desistiu após percorrer o primeiro quarteirão. Regressara ao local do crime, aonde já tinham ocorrido outras duas testemunhas. Por fim, juntou-se ali uma multidão, incluindo o médico que declarara que a mulher estava morta.

Einar Gjessing fora interrogado duas vezes, e prestara depoimento em ambas as ocasiões. Na segunda vez, fizera uma

descrição mais detalhada. Descrevera com mais pormenores o criminoso e as suas roupas, e também explicara com mais minúcia de que direção ele próprio proviera e quanto tempo perdera a perseguir o assassino. Por outro lado, confessara ser possível que nem tudo o que descrevera correspondesse exatamente à realidade. O relatório tinha mais de oito páginas, mas não lhe tinham feito certas perguntas que Wisting achava essenciais, tais como se a vítima e o assassino tinham dito ou gritado alguma coisa.

As outras duas testemunhas eram da mesma idade, e amigos. Chamavam-se Terje Moseid e Finn Bjelkevik.

Dirigiam-se ambos à mesma festa e tinham visto e ouvido o mesmo: os tiros, a mulher no chão e o homem a fugir do local. Tinham tentado estancar-lhe as hemorragias, mas fora impossível salvar-lhe a vida. Já a davam como morta ainda antes da chegada do médico.

O interrogatório ao arguido fora curto. Dan Roger Brodin, de 25 anos, também conhecido como Danny, negara ter cometido o homicídio e afirmara não ter nada que ver com o crime. Passara a maior parte do interrogatório a falar das suas anteriores condenações. Saíra em liberdade condicional a 22 de dezembro, depois de cumprir pena por agressão e consumo de estupefacientes. Vivía numa casa camarária nos arredores da cidade. Na noite de Ano Novo, deambulara pelo centro de Kristiansand sem nenhum rumo definido.

Algumas perguntas e respostas tinham sido transcritas sob a forma de diálogo:

– *Porque é que fugiu a correr?*

– *Porque vi a polícia a chegar.*

– *E porque é que se escondeu?*

– *Para que não me encontrassem.*

O interrogatório demorara menos de uma hora. Tratava-se do único depoimento de Dan Roger Brodin. No relatório do interrogatório seguinte, o advogado de defesa declarou que o seu cliente nada mais tinha a acrescentar.

Wisting embrenhou-se ainda mais na pilha de documentos e encontrou interrogatórios onde se tentara analisar o passado de Brodin. O seu pai desaparecera ainda antes de ele nascer. A sua mãe casara-se duas vezes, e por duas vezes se divorciara, e ela e Danny tinham mudado muitas vezes de residência. Durante os seus primeiros sete anos de escolaridade, frequentara oito escolas diferentes. Fora preso pela primeira vez aos 13 anos. A mãe perdera a sua custódia e ele ficara a cargo dos serviços sociais, e passara a saltitar de casa em casa. Aos 17 anos, tinham desistido dele; passara já por vários lares de acolhimento e instituições psiquiátricas e de saúde mental. Fugira da maioria dos sítios e de outros fora simplesmente expulso por ter um comportamento intolerável.

O ficheiro seguinte continha declarações sobre a vítima. Elise Kittelsen era a mais nova de três irmãos. Os pais tinham uma sapataria, onde ela trabalhava ao final do dia e aos fins de semana. Estava no segundo ano da faculdade no curso de pedagogia e tinha muitos amigos.

Os interrogatórios realçavam o facto de ser uma rapariga amável e muito querida. Contudo, alguns dos detetives tinham tentado sacar informações menos superficiais. O irmão mais velho dissera-lhe várias vezes que alguns dos seus amigos não eram aconselháveis. Alguns estavam metidos nas drogas, em especial um rapaz mais velho com quem ela mantinha uma relação. Poucas são as pessoas que falam mal de um morto, mas algumas das suas amigas confirmaram que ela tinha amigos de má índole e que se dava com sujeitos duvidosos. Isto em nada contrariava o facto de Elise ser uma vítima inocente, e o seu lado mais brilhante foi o que a imprensa partilhou.

Por fim, Wisting debruçou-se sobre os relatórios laboratoriais. Havia vestígios de pólvora na mão direita e nas mangas do casaco do arguido. As análises sanguíneas demonstravam que a vítima tinha 0,08 g/l de álcool no sangue, o que se coadunava com a garrafa de sidra de pera vazia encontrada no seu quarto. Dan Roger Brodin tinha uma taxa de alcoolemia de 1,79 g/l. Havia também encontrado vestígios de THC, o ingrediente ativo da cannabis, no seu sangue.

Nada do que Wisting lera parecia ter qualquer conexão com o caso Hummel. O mais próximo disso eram os interrogatórios a dois taxistas que tinham testemunhado Brodin a fugir pelas ruas da cidade, mas Wisting não viu nos seus depoimentos nada de relevante para o caso do taxista desaparecido.

O maço de folhas tinha quase 20 centímetros de altura, mas ele estava desejoso de deitar também a mão aos documentos que continham as denúncias, os dados recolhidos pelos serviços de informação e as análises não incluídas nos documentos oficiais do caso. Contudo, duvidava que Ryttingen aceitasse partilhá-los com ele.

Juntou todos os papéis num só molho e pousou-o no colo. Apesar de os documentos serem numerosos e extensos, sentia que faltava ali qualquer coisa. A investigação não descobrira o que fora feito da arma do crime, nem de onde proviera. Onde é que Dan Roger Brodin a tinha arranjado? Nenhum dos seus conhecidos o vira jamais com uma arma, nem tão-pouco o tinham ouvido falar de armas.

Perto das sete horas, sentiu que precisava de comer antes de pôr as ideias em ordem, e lembrou-se então de que aceitara o convite de Christine Thiis para jantar em sua casa. Levantou-se e pôs a pilha de papéis na secretária. Os documentos de cima caíram ao chão, mas ele não os apanhou.



Wisting nunca tinha ido à casa de Christine Thiis, mas sabia que ela morava na Bekkegata, em Langestrand. Era a zona mais antiga da cidade, e as ruas estreitas e tortuosas não seguiam um sistema lógico. Tivera sempre muitas dificuldades para se orientar por ali. A casa branca, com uma porta verde e um jardimzinho à frente, situava-se no sopé da colina.

Ao sair do carro, lembrou-se de que devia ter levado alguma coisa, como uma garrafa de vinho ou um ramo de flores, mas agora era tarde de mais. Tocou à campainha, deu dois passos atrás e, enquanto esperava, observou a casa. Fora recentemente pintada e tinha flores frescas nas janelas. Christine Thiis surgiu, vinda das traseiras, descalça e com um vestido leve que lhe dava pelos tornozelos. O calor do verão parecia ter-lhe aumentado o número de sardas.

– Desculpa, atrasei-me – disse ele.

– Não faz mal, o que importa é que vieste. Fiz demasiada comida para uma só pessoa.

Wisting seguiu-a até às traseiras da casa.

– Estive a ler os documentos do caso de Kristiansand – disse. Como ela não fez nenhum comentário, recordou-se que aquele jantar tinha como suposto intuito esquecer um pouco o trabalho.

A mesa do jardim estava posta para duas pessoas; tinha uma toalha branca e muitas flores. Christine entrou em casa e regressou com pratos onde dispusera diversos petiscos: ovos recheados, carne fumada, espargos com presunto, almôndegas, frango assado.

– Somos só nós os dois? – perguntou ele.

Ela sorriu.

– Não sabia quais os pratos de que gostas – desculpou-se.

– Não precisavas de ter estado com tanto trabalho.

Ela voltou a entrar em casa. Uma brisa colou-lhe o vestido ao corpo quando regressou com uma taça de salada.

– Comprei tudo feito, menos a salada. Essa fi-la eu.

Enquanto comiam, ela falou-lhe de um restaurante de tapas em Espanha, e ele partilhou as suas experiências gastronómicas durante uma viagem de negócios a França. Ela perguntou-lhe como estava Line e como lhe corriam as obras de renovação da casa. Ele respondeu-lhe e perguntou-lhe como estavam os seus filhos. Era 15 anos mais nova do que ele e os filhos ainda moravam com a mãe, mas, durante as férias de verão, passavam um mês em Oslo, com o pai.

Continuaram a conversar sobre diversas experiências e incidentes por que haviam passado, mas, por fim, viram-se sem tema.

– Descobriste alguma coisa com as tuas leituras? – perguntou-lhe ela.

Wisting pousou os talheres.

– Nem por isso.

E fez-lhe um breve apanhado do que lera.

– Acho que quero falar com ele – disse Wisting.

– Com quem?

– Com o Dan Roger Brodin.

– O assassino?

Anuiu com a cabeça.

– Preciso de uma explicação lógica para a arma ter vindo cá parar.

– Mas o caso não é nosso – disse ela. – Não podes pôr-te a fazer perguntas ao arguido de outro caso.

– Porque não?

– Ele já recusou responder às perguntas da polícia.

Wisting pegou na garrafa de sumo de maçã e tirou-lhe a tampa. Havia também uma garrafa de vinho na mesa, mas, como tinha de conduzir até casa, não lhe tocou.

– Pois – afirmou, e encheu o copo de Christine antes de encher o seu. – Mas talvez queira responder às minhas.

– Não te vão deixar falar com ele. O caso é deles.

– Nós também temos um caso para resolver. Em princípio, o Dan Roger Brodin é uma testemunha no caso Hummel. Tanto quanto sabemos, foi a última pessoa a ter tocado no revólver – disse Wisting.

– Daí ao Jens Hummel vai uma grande distância. A única conexão que temos é o facto de a arma ter sido encontrada em casa do Mandt, isso e o táxi do Hummel ter sido encontrado no celeiro dele. Não dá para sustentar o caso.

– Esqueces-te que o Hummel estava em Kristiansand quando do homicídio – retorquiu Wisting.

Anoitecera enquanto conversavam, e Christine levantou-se para acender algumas velas. Passava agora das dez horas, mas ainda havia calor suficiente para se estar no jardim.

– O advogado também não vai deixar que fales com ele – acrescentou. – O cliente dele nega ter algo que ver com o homicídio. Nunca irá falar acerca da arma do crime.

Wisting encolheu os ombros.

– Posso fazer-lhe perguntas sobre outras coisas.

– Sobre o quê, por exemplo?

– Se ele conhecia o Frank Mandt ou o Jens Hummel. Não custa tentar.

– Claro, não custa nada. Só a tua boa relação com os teus colegas de Kristiansand e a minha com o promotor público –

declarou.

– Tens razão – disse-lhe ele, debruçando-se sobre a mesa e afugentando uma traça que esvoaçava perigosamente perto da chama da vela.

Ela abanou a cabeça.

– Não, é claro que tu é que tens razão – acrescentou. – Se achas que o Dan Roger Brodin nos pode dar informações importantes, tens de o visitar na prisão.

– Veremos o que nos traz o dia de amanhã – disse Wisting.

Nesse momento, o seu telemóvel – que estava enterrado no fundo do bolso das calças – tocou e ele mexeu-se e contorceu-se de tal maneira para o encontrar que, por fim, teve de se levantar. Era Suzanne. Pensou em ignorar a chamada, mas acabou por atendê-la.

– Estou – disse, e afastou-se alguns passos da mesa.

– Olá. Espero não te estar a incomodar – disse Suzanne.

– Não há problema.

– Já a apanhámos – contou-lhe Suzanne. – O inspetor da empresa de segurança que me recomendaste apanhou-a em flagrante.

Wisting encostou o telemóvel ao outro ouvido.

– E ela confessou? – perguntou.

– Acabou por confessar. Estivemos a falar até agora. Inventou imensas desculpas, mas acabou por assinar uma carta de demissão e uma promissória de cinquenta mil coroas. Fartou-se de chorar e de pedir desculpa. Fiquei muito abalada e precisava de desabafar com alguém.

– Ainda bem que está resolvido – disse Wisting.

Suzanne, no outro lado da linha, respirou fundo.

– Podes passar por cá, ou já é muito tarde?

– Agora?

– Só se te der jeito.

Ele lançou uma olhadela ao relógio e, em seguida, a Christine, que tinha entrado em casa para ir buscar café e um bolo. Queria continuar a conversar mas faltaram-lhe as palavras certas para recusar o pedido de Suzanne.

– Também podes passar cá amanhã – acrescentou ela.

– Posso passar aí mal saia do trabalho.

Ela agradeceu-lhe e pediu-lhe desculpa por lhe ligar tão tarde.

Wisting sentou-se de novo. Um grilo começou a cantar. Sentiu uma súbita necessidade de explicar quem lhe ligara, e falou a Christine do desvio de dinheiro da caixa no café de Suzanne.

A chamada quebrou o ambiente e, meia hora depois, Wisting regressou a casa.



Às sete da manhã, quando Wisting saiu de carro rumo à esquadra, o ar estava já húmido. À entrada do fiorde, ao longe, o céu estava repleto de nuvens escuras. O dia não acabaria sem que chovesse.

As habituais reuniões matinais tornavam-se mais difíceis a cada dia que passava. Os detetives tinham tarefas a cumprir, mas as suas investigações e interrogatórios não faziam o caso progredir.

– É preciso é pôr alguém a falar – disse Hammer. – O Frank Mandt controlou tudo durante décadas sem que nenhum dos comparsas desse com a língua nos dentes.

– Talvez seja mais fácil agora que ele morreu – disse Christine Thiis.

– Pode ser que sim, mas estes tipos não são conhecidos por ajudar a polícia – disse ele ao levantar-se.

Arrastaram as cadeiras e a sala de conferências ficou vazia. Wisting arrumou os seus papéis e, sendo o último a levantar-se, encontrou Christine Thiis à porta. Estava à sua espera.

– Obrigada pela noite de ontem – disse ela com um sorriso.

– Eu é que agradeço a tua hospitalidade – e tentou lembrar-se de algum comentário agradável sobre a passada noite, mas, antes que lhe ocorresse o que quer que fosse, ela entrou no gabinete.

Wisting dirigiu-se ao seu e chamou Nils Hammer.

– Quero que venhas comigo. Vou falar com o Klaus Wahl – disse-lhe.

Hammer aquiesceu e deslocou um palito de um dos cantos da boca para o outro.

– Fazia parte do círculo de amigos do Frank Mandt – continuou Wisting –, era um dos seus amigos mais chegados. Foi ele quem encontrou o Mandt morto na cave.

– Que mais sabes sobre o tipo?

– Pouca coisa. Tem setenta e quatro anos e costumava trabalhar numa empresa de camionagem especializada no transporte de contentores. Não tem cadastro. É viúvo desde 2002, mora na Blokkhusveien.

Hammer levantou-se.

– Então é para lá que vamos, não é?

* * *

Os edifícios assentes em pilares eram visíveis ao redor de Stavern. Construídos no fim do século XVIII enquanto postos de vigia e de artilharia, faziam parte das fortificações que rodeavam a vila. A estrada que devia o nome a estas pequenas torres situava-se em Ausrød, fora do centro da vila. Klaus Wahl vivia numa moradia isolada escondida na colina.

Assim que chegaram, viram um velhote baixo com cabelo grisalho e uma chave-inglesa na mão junto a um cortador de relva desmontado. Os calções demasiado largos deixavam à mostra umas pernas brancas, e tinha um cigarro no canto da boca.

Quando saíram do carro, cumprimentou-os com um aceno da cabeça.

– Klaus Wahl?

– Quem pergunta?

Wisting e Hammer apresentaram-se.

– Queremos fazer-lhe umas perguntas sobre o Frank Mandt – explicou Wisting.

O velhote contraiu o rosto num ligeiro esgar.

– Deviam deixá-lo descansar em paz.

– E há de descansar – disse Wisting –, mas deixou alguns assuntos pendentes.

Wahl não disse nada.

– Foi o senhor que o encontrou? – perguntou Hammer.

– Ele já lá estava estendido há alguns dias. Já vos contei tudo.

– Tinham por hábito encontrar-se na confeitaria? – perguntou Wisting.

– Ele tinha diabetes, e às vezes davam-lhe tonturas – disse Wahl. – Como não apareceu, fui a casa dele. Tinha caído pelas escadas da cave abaixo. E pronto, foi isso.

Wisting apontou para algumas cadeiras e uma mesa à sombra de um guarda-sol.

– Podemos sentar-nos?

Klaus Wahl acedeu com alguma relutância.

– Ele já tinha desistido daquela história do álcool – disse quando se sentaram. – Desistido por completo. Tinha quase oitenta anos.

– Ainda tinha uma quintinha em Huken – acrescentou Wisting.

Klaus Wahl pareceu procurar uma resposta adequada.

– Não ia lá há anos – disse pegando num isqueiro que estava em cima da mesa.

Wisting viu-o acender o cigarro que tinha ainda no canto da boca.

– Foi lá que encontrámos o táxi do Jens Hummel – disse Wisting.

– Eu leio os jornais.

– Sabe se eles se conheciam?

Wahl afastou um pouco de cinza do seu lábio inferior.

- Às vezes, ele apanhava um táxi.
- E o Aron Heisel? – perguntou Wisting. – Morava na quinta quando não estava em Espanha.

Klaus Wahl deixou que o fumo do tabaco lhe saísse lentamente pelas narinas.

- Nunca estive metido nessas coisas – disse. – Não foi assim que conheci o Frank Mandt. Fizemos das nossas há quase cinquenta anos, quando trabalhávamos juntos no cais. Éramos novos. Para mim foi só uma coisa passageira, mas o Frank era mais destemido. Correu riscos que eu não estava disposto a correr.
- Mas mantiveram-se em contacto?
- É uma vila pequena. As nossas mulheres eram amigas uma da outra. Conheciam-se desde a escola primária. Nós íamos atrás delas e continuámos a conviver mesmo depois de elas terem desaparecido.

Wisting tentou de novo.

- Que sabe sobre o Aron Heisel?
- Era uma espécie de assistente, um moço de recados. Mas não me apetece falar disto convosco. Ele que fale, se quiser.

Wisting e Hammer tinham combinado previamente manter a conversa com Wahl num tom informal. Recostaram-se ambos às cadeiras e cruzaram as pernas. Em círculos como o de Frank Mandt, era mais fácil convencer as pessoas a falar fora de uma sala de interrogatório, onde os agentes não escreviam nem gravavam o que diziam.

- Quem é que passou a controlar as operações? – perguntou Hammer.

Klaus Wahl fitou-o em silêncio, como se não tivesse compreendido a pergunta, ou como se a pergunta de Hammer lhe parecesse despropositada.

- Você disse que o Frank Mandt tinha desistido – acrescentou Hammer. – Que tinha abandonado o contrabando. Quem é que passou a gerir os negócios?

O velhote tirou o que restava do cigarro da boca e apertou-o entre o polegar e o indicador.

- Não tenho conhecimento que alguém tenha passado a gerir o que quer que seja – disse, e atirou a beata do cigarro para debaixo de um arbusto com flores lilases. – Depois de lhe aparecer a diabetes, o Frank foi-se retirando aos poucos.
- Encontrámos doze quilos de anfetaminas em Huken – disse Hammer.
- O Aron Heisel deve ter como explicar isso – retorquiu Wahl.

Em seguida, pegou na chave-inglesa. Wisting leu neste gesto um sinal de que a conversa estava prestes a terminar. Era óbvio que o homem não queria dizer nada que pudesse conspurcar a imagem do seu falecido amigo.

- Para mim, ele era um porreirão. – Klaus Wahl levantou-se. – Não sei o que é vos contaram, mas eu não era o único que pensava assim. Talvez não tenham aparecido muitas pessoas no funeral dele, mas não faltavam flores.

Cuspiu quando se dirigiu de novo para junto do cortador de relva. Agachou-se sobre as peças do motor ao mesmo tempo que fitava Wisting.

O seu olhar tinha algo de evasivo, como se o usasse para lhe dizer que sabia mais do que pretendia confessar.

Hammer conduziu na viagem de regresso. Wisting sentou-se ao seu lado e rememorou a conversa. Parecia-lhe que a conversa tivera um sentido oculto, e tentou analisar as respostas do homem num esforço para encontrar uma solução, uma saída.

De repente, apercebeu-se de uma coisa. Não sabia se Klaus Wahl queria, de facto, enviar-lhe uma mensagem com o seu olhar, mas valia a pena tentar.

- Vira aqui! – disse a Hammer, apontando para uma rua transversal.

Hammer fez o que o colega lhe pediu e estacionou diante de uma florista, Stavern Blomstermarkeri. A casa de Frank Mandt situava-se no outro lado do Parque da Bomba de Água. Embora a casa estivesse rodeada de uma sebe alta que a ocultava, conseguiram ver duas janelas abertas no andar de cima.

- Que vamos fazer? – perguntou Hammer, que seguiu Wisting depois de saírem do carro.
- Vamos à florista – respondeu Wisting, que entrou na loja sem lhe dar mais explicações.

Wisting não entrava naquela florista há imenso tempo, mas a mulher ao balcão pareceu reconhecê-lo. Estava a fazer um arranjo floral com uma garrafa de vinho, e pô-lo de lado assim que eles entraram.

- É por causa de flores para um funeral – disse Wisting.
- Estou a ver – disse a florista consternada.
- Do funeral do Frank Mandt, para ser mais preciso – explicou Wisting, e acrescentou que aquilo estava relacionado com uma investigação. – Ele morreu em janeiro. Encomendaram-lhe flores para o funeral?

A mulher atrás do balcão tirou uma pasta de argolas azul da prateleira.

- Sim, levei algumas flores para o velório – confirmou ela –, mas poucas. Não tinha parentes próximos, mas acho que tratei dos arranjos florais e das decorações.

Ela folheou a pasta até encontrar os documentos certos.

- O gestor da herança pagou os ornamentos do caixão e uma coroa de flores, e também pediram alguns ramos simples e cartões de condolências... e, sim, é claro, também encomendaram um arranjo central enorme através do Floragram. Flores no valor de cinco mil coroas. Bem, decorar um caixão custa, normalmente, metade desse valor. Foi um bocadinho excessivo.
- Quem fez a encomenda? – perguntou Wisting.

A florista pôs um par de óculos que tinha pendurado ao pescoço.

- Vejamos. Foi alguém da zona sul. A encomenda foi feita na Floriss, com morada na Markens Gate, em Kristiansand. O cartão de condolências devia estar assinado como *PG*, mas tenho o nome completo e o endereço do cliente algures por aqui.

Passou o dedo ao longo da página enquanto procurava o nome, e depois disse:

- Phillip Goldheim.

O nome não dizia nada a Wisting.

- Pode arranjar-me uma cópia desses papéis? – perguntou.

A mulher tirou-os da pasta de arquivo e copiou-os numa máquina antiga. As cópias estavam mais esbatidas do que os documentos originais, mas eram, ainda assim, legíveis. Wisting dobrou-as e levou-as para o carro. O vento estava agora mais forte, e as nuvens escuras tinham-se dirigido mais para o interior.

Quando Hammer arrancou, Wisting olhou uma segunda vez para a casa de Frank Mandt. Era natural que as pessoas que conviviam com ele em vida também aparecessem quando da sua morte, pensou ele ao folhear com satisfação as encomendas de flores. Klaus Wahl pagara 395 coroas por um ramo de flores e um cartão onde estava escrito *Obrigado por tudo*, e a firma de advogados Krogh & Companhia gastara 750 coroas num arranjo floral.

– O que é que estava escrito no cartão do arranjo floral gigantesco? – perguntou Hammer ao virar para a Larviksveien.

Wisting consultou a fotocópia do recibo de Phillip Goldheim.

– *Com o meu respeito* – leu.



Phillip Goldheim, um homem nos seus quarenta e tal anos, parecia muito confiante. Tinha olhos acinzentados e cabelo comprido, que usava apanhado num rabo-de-cavalo.

O seu rosto preencheu por completo o ecrã do computador de Wisting. Tinha no olhar algo de penetrante, como se pretendesse ler a mente do polícia que lhe tirara a fotografia. Wisting estremeceu um pouco e reclinou-se na cadeira, para que Hammer e Christine Thiis também pudessem, assim, analisar o homem que enviara a Frank Mandt um arranjo floral deveras impressionante.

A cópia do seu registo criminal dava conta de duas condenações leves por agressão e uma condenação mais pesada por introduzir no país oito quilos de haxixe. Um conhecido líder dos Hells Angels da Dinamarca também estivera envolvido no tráfico de droga.

Segundo o registo da polícia, costumava chamar-se Per Gregersen, mas mudara o nome para Phillip Goldheim depois de sair da prisão em 2002. Começara a importar carros, obtivera bons resultados e investira em ações. A sua desenvoltura e o seu jeito para negociar empréstimos e contas por intermédio de investidores já bem inseridos no mercado tinham feito dele um financeiro bem-sucedido. Torrava o dinheiro que ganhava como se nada fosse. Gastava-o em carros de luxo e em novos negócios. Criara, entre outras coisas, uma companhia de importação de *snus* que rapidamente falira. Nas suas muitas viagens de férias, alojava-se nos melhores hotéis europeus: em Barcelona no Arts, em Paris no Ritz, em Marbella no Don Pepe. Tinha um vasto guarda-roupa repleto de peças personalizadas da autoria de estilistas italianos, e abastecia-se copiosamente de relógios caríssimos e anéis de ouro.

A polícia de Kristiansand suspeitava que os seus sucessos empresariais tinham por base lucros provenientes de atividades criminosas, e que lavava dinheiro da droga.

A polícia local iniciara uma investigação com o nome de código Mister NiceGuy. Não se tinham poupado a esforços para rastrear o património de Phillip Goldheim, mas não haviam conseguido esmiuçar e compreender a sua intrincada rede de contas e créditos. Muitos dos seus investimentos eram feitos em países como Espanha e Brasil, onde eram geridos por firmas de aplicação de fundos. O velho *slogan* «*follow the money*» parecia não ter compensado, e os detetives optaram por seguir outra pista. Era óbvio que tinham um informador muito próximo de Phillip Goldheim – alguém capaz de avisar a polícia quando ele estivesse prestes a receber novo carregamento de droga.

No outono anterior, as informações transmitidas por esta fonte tinham começado a tornar-se mais específicas, mas parecia que, de repente, haviam cessado por completo. O facto de isto ter acontecido quando da morte de Frank Mandt seria uma mera coincidência?

– Com o meu respeito – leu em voz alta Christine Thiis. – Que devemos retirar daqui? O que é que isto significa?

– Boa pergunta – disse Hammer. – Eram sócios? Ou o Mandt era um concorrente que ele respeitava?

Wisting não sabia ao certo como abordar as novas informações. Segundo o que lera nos registos da polícia, Goldheim parecia ter sido tão influente no mundo do crime organizado da região sul quanto Mandt fora na região leste. As flores davam conta da ligação entre os dois.

As primeiras gotas de chuva embateram na janela quando Torunn Borg e Espen Mortensen, cada um com a sua caneca de café, entraram no gabinete. Wisting não viu qualquer motivo para se deslocarem até à sala de conferências.

– Ora bem – disse. – Que sabemos agora sobre o Frank Mandt que não sabíamos hoje de manhã?

– A única família que lhe resta é uma neta e uma bisneta – respondeu Torunn Borg. – A neta chama-se Sofie Lund.

Wisting pegou numa esferográfica e rodou-a entre os dedos.

– Não descobri o número de telefone dela, por isso, fui até à casa do Mandt. Ela mora na casa do avô, mas não estava lá ninguém – acrescentou Torunn Borg.

– Viste se tem cadastro? – perguntou Hammer.

– Só temos registo de dois incidentes domésticos em Oslo, quando morava com o pai da filha. Chamaram a polícia. Parece que ele não era muito bom para ela.

Wisting anuiu e estava ansioso por mudar de tema, mas Torunn Borg continuou.

– Falei com os vizinhos. Disseram-me que o Frank Mandt passou o Ano Novo em casa. Pelo menos, andou a limpar a neve nos passeios na tarde da véspera.

– Assim sendo, não estava no táxi do Jens Hummel quando ele foi a Kristiansand – comentou Hammer.

A chuva tornou-se mais ruidosa e os detetives apresentaram os resultados do seu dia de trabalho. Nada do que haviam descoberto indicava uma ligação entre Frank Mandt e Jens Hummel. No entanto, parecia que lhes faltava um elemento, uma peça essencial.

Torunn Borg continuou sentada depois de os outros abandonarem o gabinete.

– Não fomos os únicos a perguntar aos vizinhos se o Frank Mandt passou o Ano Novo em casa – disse.

– Não?

– A Line perguntou-lhes a mesma coisa.

Wisting pegou novamente na esferográfica. Ouviu, ao longe, um trovão.

– Ela e a neta do Mandt andaram juntas na escola primária – disse, e pigarreou. – Encontraram-se por acaso este verão, depois de quase vinte anos sem se verem.

– Então o revólver não foi entregue de forma completamente anónima?

– Foi a Line quem mo entregou – admitiu Wisting. – A Sofie Lund encontrou-o no meio das coisas do avô e queria deitá-lo ao mar. Vou garantir que vêm cá as duas amanhã. E assim já temos uma explicação oficial.

Torunn Borg deixou-se ficar alguns minutos sentada antes de se levantar e sair do gabinete. Wisting apoiou os braços na secretária e escutou a chuva a embater nas janelas. O telefone tocou.

O homem ao telefone apresentou-se como Ragnvald Hagen, da secção de impressões digitais da Kripas.

Wisting apertou o telefone com mais força. Receber uma chamada direta da secção de impressões digitais significava, normalmente, que tinham encontrado uma correspondência.

– Está a par da história do dinheiro roubado que doaram a uma instituição? – perguntou Hagen.

Wisting não estava a par da história.

– Que dinheiro?

– A história que tem aparecido nos jornais – explicou Hagen. – Na semana passada, a organização Não às Drogas recebeu um donativo anónimo de um milhão de coroas, mas o dinheiro estava manchado de tinta. Analisaram os números de série e rastream o dinheiro. Descobriu-se que as notas vieram de um assalto a uma carrinha de valores em 2005. Em Drammen.

Ao ouvir um trovão, Wisting olhou pela janela. Chovia torrencialmente.

– Também examinámos as notas na nossa secção. Encontrámos várias impressões digitais, mas há uma que se repete várias vezes. É por isso que lhe telefonei. É a impressão digital do Aron Heisel, o homem que está à vossa guarda.

Wisting conseguiu finalmente dar uso à caneta.

– Disse que o dinheiro tem origem num assalto feito em 2005?

– Sim, atacaram dois seguranças junto a um centro comercial de Drammen. O Heisel tocou no dinheiro depois de o roubarem.

– E o dinheiro apareceu recentemente? Foi um donativo anónimo?

– Sim, enviaram-no por correio.

– Sabem de onde o remeteram?

– Não, não conseguiram descobrir de onde veio. Os correios deixaram de usar o nome das localidades postais nos selos carimbados.

Um relâmpago iluminou o teto do gabinete.

– Vamos enviar-vos cópias dos nossos relatórios pelo método habitual – informou Ragnvald Hagen. – Mas, como o caso é bizarro, quis avisá-lo o quanto antes.

Wisting agradeceu-lhe a atenção e desligou. Não sabia se o que acabara de ouvir poderia fazer a investigação progredir, ou se seria apenas mais um pormenor misterioso que só os confundiria ainda mais, mas tinha uma ideia de quem poderia ter enviado o dinheiro.



Line abriu a torneira da banheira e despejou uma boa quantidade de sais de banho na água. Ainda não tinha experimentado a nova banheira. Contentara-se, até então, com o chuveiro, mas a tempestade encorajara-a a experimentar um relaxante banho de imersão.

Despiu-se e ligou a máquina de lavar enquanto a banheira lentamente se enchia. Reduziu as luzes e acendeu uma vela perfumada antes de entrar na água. Recostou-se na banheira com um grande suspiro de alívio. Na próxima hora apenas teria de relaxar. A espuma cheirava a canela e baunilha. A bebé deu alguns pontapés para lhe recordar que o parto se estava a aproximar, e Line soprou para longe as bolhas que lhe recobriam a barriga proeminente.

Sentia-se mais receosa a cada dia que passava. Era um medo que lhe era desconhecido. Receava a dor, a duração do trabalho de parto, receava não aguentar, não chegar a tempo ao hospital, receava ser cortada, aberta, e que a bebé tivesse algo de errado. Não controlava nada daquilo, e tinha de o enfrentar a sós. E era isto o que mais a assustava.

Deixou-se afundar um pouco na água e fechou os olhos. Tentou não pensar em nada, e depois submergiu a cabeça e susteve a respiração o máximo de tempo que conseguiu.

A casa estava imersa em silêncio. Apenas se ouvia a chuva a cair e o ruído monótono e baixo da máquina de lavar, e arrependeu-se de não ter posto música a tocar. Esticou-se para pegar na esponja, mas um barulho fê-la parar. Pareceu-lhe o som da porta da frente a abrir-se. Ocorrera-lhe trancá-la quando estava nos arrumos, mas voltara a esquecer-se de o fazer.

Pôs-se à escuta com toda a atenção, certa que estava de ter ouvido passos, de que alguém entrara na sua casa.

Então, ouviu uma voz conhecida:

– Olá! Está aí alguém? – gritou, do corredor, o seu pai.

– Olá! Estou a tomar banho.

– A tua campainha não está a funcionar.

– Eu sei.

– Demoras muito a sair? – perguntou ele do outro lado da porta.

– Porquê?

– Temos de falar. Enquanto espero, vou ver se consigo pôr a tua máquina de café a funcionar.

Line esticou-se em frente e começou a esvaziar a banheira.

– Espera um bocadinho, eu saio daqui a uns minutos.

Devia certamente querer falar-lhe de algo importante, pois não se oferecera para se ir embora e regressar mais tarde. Ela passou o cabelo por água, esfregou-o com champô, voltou a passá-lo por água e repetiu o processo com o condicionador antes de sair, sem grande elegância, da banheira. Pegou numa toalha e enxaguou-se antes de vestir uma camisa de noite e sair da casa de banho.

O pai estava na sala, de pé. Tinha uma chávena de café na mão e dava uma vista de olhos às molduras das janelas recém-pintadas. Tinha os ombros encharcados com água da chuva.

– Devias trancar a porta da frente – disse-lhe, e bebeu um gole de café.

Ela anuiu. O cabelo molhado caía-lhe sobre os ombros.

– Está tudo bem contigo? – perguntou ele.

– Está tudo bem, tanto comigo quanto com a barriguinha – respondeu Line. – Só estou com algum receio do parto.

O rosto de Wisting contraiu-se num esgar de preocupação, que logo cedeu lugar a um sorriso.

– Vai correr tudo bem – assegurou-lhe.

Line percebeu que também ele estava a pensar na mãe dela, e em como seria mais fácil se ela ainda fosse viva.

– Promete-me que vais estar ao meu lado quando chegar a hora – pediu-lhe ela, e sentiu um nó no estômago só de pensar. – Promete que me acompanhas ao hospital.

– Prometo – e mudou de assunto. – Fizeste aqui um belo serviço.

Enquanto tratava de decorar a sala, Line deixara as coisas que trouxera de Oslo em caixotas amontoadas no fundo da divisão. Agora, os objetos estavam expostos, mas ela não se sentia satisfeita com o resultado.

– Esta sala é maior do que a de Oslo. Vou acabar por precisar de mais coisas.

– Mas já é um bom começo.

Line passou os dedos pelo cabelo molhado.

– Que vieste cá fazer?

– Temos de falar sobre o caso Hummel – disse ele, e deu alguns passos na sua direção. – Sabias que encontrámos o táxi dele num celeiro em Huken?

– Sim, e que encontraram lá um grande carregamento de droga.

O pai pousou a chávena na mesa.

– O celeiro era do Frank Mandt.

Line franziu o sobrolho e da cabeça caíram-lhe algumas gotas de água.

– Achava que pertencia a um agricultor da zona.

– Sim, é verdade que o proprietário é um agricultor da zona. O Mandt tinha um contrato de arrendamento de longa duração mas não punha lá os pés há muito tempo – disse Wisting.

– Achas que ele teve alguma coisa que ver com o caso do táxi?
– Ele desempenhou algum papel no caso, sim, mas agiu sempre nos bastidores. Duvido que tenha tido alguma relação direta com o desaparecimento.

Line dobrou os braços e esforçou-se por reconciliar o que acabara de saber com o que já sabia sobre Frank Mandt.

– Ele passou a noite de Ano Novo em casa.

– Sim, e o Jens Hummel estava em Kristiansand – acrescentou o pai.

Line sentou-se.

– E qual é a ligação entre isso tudo?

Wisting sentou-se à frente dela e admitiu que não sabia.

– Mas tu e a Sofie vão ter de ir à esquadra amanhã, têm de prestar declarações sobre o revólver. Desculpa, mas já vos mantive demasiado tempo fora desta história.

– Claro – disse ela. – A Sofie está preparada para ir à esquadra.

– Como é que vocês encontraram o revólver?

– Estava dentro de um cofre. O cofre foi a única coisa que ficou na casa quando a Sofie se mudou para lá. Como não sabia da chave, pediu a um serralheiro que o abrisse. Eu estava presente, vi tudo.

– O revólver esteve fechado desde que o Frank Mandt morreu até à semana passada, quando abriram o cofre?

– É muito provável que sim. Ontem, encontrei por acaso a chave no quadro elétrico.

O pai pousou a chávena de café.

– Que mais encontraram no cofre?

Line recusou responder, pois prometera a Sofie não o contar a ninguém.

– Havia dinheiro lá dentro?

Line sentiu-se corar perante as perguntas do pai.

– Notas manchadas com tinta?

– Prometi à Sofie que não ia dizer nada. O revólver já nos trouxe problemas que chegue.

– Havia mais alguma coisa lá dentro? Algo que possa ter alguma relevância para o caso que estou a investigar? – insistiu Wisting.

– Apenas fotografias e documentos pessoais.

Não se tratava de uma completa mentira, mas ela sabia pouco sobre o caso Hummel para poder determinar se o cofre continha algo que pudesse ser de interesse para a investigação.

– Têm algo concreto? – perguntou, numa tentativa de escapar a mais perguntas. – Descobriram alguma pista no táxi?

– Ele tinha um telemóvel com um cartão associado a uma conta falsa escondido debaixo do painel.

Line tentou encontrar uma posição confortável. Pôs uma almofada atrás das costas.

– Mas apagou todos os números de contacto e mensagens – acrescentou Wisting.

– E a lista detalhada das comunicações?

– Essa informação também desapareceu – disse, e ergueu os braços num gesto de desespero. – Apagam todos os dados telefónicos com mais de seis meses.

– Então qual é a ligação entre o Frank Mandt e o Jens Hummel?

– Ainda não descobrimos nenhuma, exceto o táxi ter sido encontrado no celeiro do Frank Mandt.

– E o tipo que está preso que tem a dizer sobre isso?

– Nada. Recusa prestar declarações.

– E pistas técnicas? – continuou Line. – Os jornais têm razão? Vocês não têm quase nada de palpável?

O pai admitiu que era verdade.

– Não quero que tornes nada disto público – disse-lhe.

– Estou de baixa – lembrou Line.

Wisting sabia que ela não transmitiria informações que a polícia não queria divulgar.

– Encontrámos vestígios de sangue do Jens Hummel na mala do táxi – disse-lhe ele.

– Então ele foi assassinado? – concluiu Line.

– Pelo menos é essa a teoria que nos tem servido de base à investigação.

– E o assassino não deixou vestígios?

O pai levantou-se e parou no meio da sala com uma expressão de ansiedade.

– Só temos umas aparas de madeira. Serrim.

– E de onde é que veio o tal serrim?

– É o que estamos a tentar saber. Temos andado a analisar serrações e carpintarias, mas até ver não chegámos a lado nenhum.

Line apoiou-se nos braços da poltrona e levantou-se.

– Posso cozinhar qualquer coisa mais logo – disse, apertando o cinto do roupão. – Podes passar por cá e jantar comigo.

– Vou visitar a Suzanne – disse Wisting. – Uma das empregadas dela andou a roubar a caixa registadora. Apanharam-na em flagrante ontem e a Suzanne quer contar-me o que aconteceu.

Line acompanhou-o até à porta da frente e viu-o caminhar, cabisbaixo e sob a chuva, até ao carro. Gostava de Suzanne e ficou triste quando a relação acabou. Wisting precisava de pensar noutra coisa que não apenas em trabalho, por isso, fazia-lhe bem manter o contacto com ela.



Wisting nunca tinha entrado no apartamento de Suzanne. Situava-se por cima da cafetaria. Uma escada íngreme nas traseiras do A Paz Dourada conduziu-o a uma porta que rangia e a um bonito apartamento com soalho pintado e papel de parede com florinhas.

Wisting afastou algumas almofadas de uma poltrona de couro e sentou-se. As claraboias e janelas de mansardas permitiam, usualmente, a entrada de mais luz, mas o céu estava coberto de nuvens cinzentas que ameaçavam mais tempestades. Para compensar a falta de luz, Suzanne tinha posto velas acesas na mesa.

Da pequena cozinha trouxe café e um bolo de caramelo que Wisting costumava pedir quando ia à cafetaria.

– Não foi ela – disse Suzanne ao sentar-se.

– Hã?

Suzanne encheu-lhe a chávena de café.

– Não foi a rapariga que eu achava que era. A Unni. Não foi ela quem me andou a roubar. Foi outra das raparigas.

– Qual?

– A Nina. Esteve de serviço das duas vezes que estiveste lá.

Uma rapariga loura e de cabelo curto que parecia mais reservada do que as outras.

– Tinha a certeza de que era a Unni – disse Suzanne. – Ela enganava-se tanto a fechar as contas... mas agora percebo que apenas se confundia um bocadinho com a caixa registadora.

Wisting provou o café. Sabia melhor do que o café servido na cafetaria.

– E como é que ela fazia? Observei-as todas com atenção e não vi nada de anormal.

– Muito simples: a caixa registadora tem uma função que permite pesquisar o preço de um produto. Em vez de registar uma bebida como uma venda, selecionava a pesquisa de preço. Assim a quantia aparece no visor e o cliente não repara na diferença.

– Mas ela punha o dinheiro na caixa?

– Ela acabou por explicar tudo bem explicado. Sempre que começava o turno, guardava um punhado de amendoins no bolso direito das calças. Sempre que fingia registar a venda de uma bebida em concreto, punha um dos amendoins no bolso esquerdo. Já perto da hora de encerramento, contava os amendoins, e então bastava-lhe calcular quanto podia sacar da caixa sem dar muito nas vistas.

– Engenhosa – disse ele.

– Confessou tudo, assinou a carta de demissão e diz que me vai devolver o dinheiro.

– Bem, pelo menos assim evitas mais problemas.

Um relâmpago iluminou o céu escuro. Seguiram-se-lhe alguns trovões. Suzanne levantou-se e desligou as fichas da televisão e do computador. Ainda de pé, levou uma mão à cabeça e alisou o cabelo, que estava apanhado no alto. Wisting lembrou-se que ela costumava soltar o cabelo antes de fazerem amor e do seu sorriso provocante quando o cabelo lhe dançava nos ombros.

– Como está a correr o caso Hummel? – perguntou ela, e sentou-se de novo.

– Não sei ao certo.

– Ainda bem que tiveste tempo para me ajudar.

Wisting sorriu.

– Talvez esteja um bocadinho enferrujado em operações de vigilância.

– Não interessa – e retribuiu-lhe o sorriso. – Fico contente por teres arranjado tempo para me ajudar.

Continuaram a conversar, tal qual quando viviam juntos. Sobre pessoas que conheciam, livros que entretanto tinham lido, e filmes que não conseguiam ir ver.

Estavam nisto quando houve uma falha elétrica. Nenhum deles disse o que quer que fosse sobre a escuridão; continuaram sentados e em silêncio. As chamas das velas refletiram-se nos olhos dela e criaram sombras por toda a sala. Àquela luz difusa, o seu rosto parecia ligeiramente diferente. De repente, ela pareceu-lhe triste e pensativa, quase como se estivesse a chorar.

Estendeu uma mão e apertou a dele. Wisting lembrou-se de como era acordar ao seu lado todas as manhãs, e apercebeu-se de que a deixara partir sem dar luta. Durante muito tempo, Ingrid fora a única mulher na sua vida, e Wisting não conseguira conceber a possibilidade de alguém ocupar o lugar deixado vago pela sua morte. Suzanne entrara na sua vida de modo inesperado e levava parte dessa mesma vida quando se fora embora.

Suzanne pigarreou e estava prestes a dizer alguma coisa quando o telemóvel de Wisting tocou algures nas profundezas do bolso das suas calças.

Era Christine Thiis.

– Estás na esquadra? – perguntou ela.

Wisting pigarreou.

– Porque queres saber?

– Ainda não te contaram? Encontraram o Jens Hummel.



A chuva oblíqua fustigava o capô do carro. Os limpa-para-brisas chiavam e espalhavam água e insetos mortos pelo vidro.

Tinham encontrado o cadáver na quinta de Brunla, uma propriedade de dimensões consideráveis a noroeste de Stavern, e cuja origem datava do período anterior aos viquingues. A quinta e as terras em seu redor tinham passado de uma família importante para outra, até que as terras acabaram por ser divididas em lotes e a quinta abandonada. Em meados dos anos 70, tinham-na usado para criar um grande centro hípico. Wisting tinha levado Line lá algumas vezes até ela descobrir que montar a cavalo não era para ela.

Saiu da estrada principal. Parte da água da chuva evaporara-se ao entrar em contacto com o calor do chão envolvendo a propriedade numa névoa cinzenta.

O terreiro diante do edifício principal estava tão enlameado que o carro balançou de um lado para o outro. Wisting seguiu os trilhos dos veículos maiores e mais pesados em volta do celeiro onde estavam os cavalos.

Três carros da polícia e um trator enorme estavam estacionados nas traseiras do estábulo. Espen Mortensen chegara ao local na carrinha dos técnicos forenses.

Wisting saiu do carro e começou a percorrer o terreno lodoso.

O celeiro estava a precisar de uma pintura, e não faltavam ervas nas paredes. Havia telhas soltas e uma caleira estava pendurada; a água escorria pela parede abaixo. Os polícias formavam um semicírculo em volta do que restava de um monte de estrume de cavalo.

O trator tinha o motor a trabalhar e a pá levantada. À luz dos faróis a chuva caía em fios brilhantes. Wisting inspirou o ar húmido e limpou o rosto molhado pela chuva.

O corpo estava estendido ao lado do muro de pedra e ainda parcialmente coberto de serrim e estrume.

Um cavalo relinchou algures dentro do estábulo. Um pouco mais longe, um segundo cavalo respondeu-lhe com outro relincho.

A chuva lavava o cadáver em decomposição. Grande parte do corpo tinha já desaparecido. Não faltavam vestígios da passagem de ratos pelo monte de estrume, e o pescoço e a cabeça pareciam já não ter carne nenhuma. Noutras partes do cadáver restavam apenas alguns ossos.

Wisting acercou-se do polícia mais próximo e fez-lhe um aceno com a cabeça sem dizer nada de especial. Tentou imaginar o que acontecera.

O condutor do táxi, em cuja bagageira se encontrava Jens Hummel, tinha contornado o celeiro, parado junto ao monte de estrume, e possivelmente feito marcha-atrás até parar no sítio adequado. Depois, tinha tirado Hummel da mala do carro e atirado pazadas de estrume de cavalo para cima do corpo. Um trabalho que podia ser feito por um só homem.

– Quem é que o encontrou? – perguntou.

– O responsável pelas cavalariças – disse um dos polícias, que apontou para um homem que, com um impermeável vestido, se abrigava da chuva no cimo da rampa de acesso ao estábulo.

Wisting subiu a rampa e pôs-se ao seu lado, abrigado no vão da porta. Os cavalos dentro do estábulo viraram-se para o ver e espetaram as orelhas.

O responsável pelas cavalariças era um homem alto e magro com cerca de 50 anos.

– Está ali há muito tempo – disse ele sem que Wisting tivesse de entabular conversa. – Desde o início do inverno.

– Provavelmente sim, tem razão – disse Wisting.

– Nem sempre usamos o estrume todo nos campos. Pouco antes do Natal, usei-o quase todo. Tirei uns baldes em março, quando a neve começou a derreter, mas nunca fui tão fundo quanto hoje. Não desde dezembro.

Abaixo deles, os polícias de uniforme tratavam de delimitar a área, e Mortensen estava a montar uma tenda para assistência aos técnicos forenses. Era um trabalho árduo. Uma coisa era desenterrar o corpo, outra coisa muito diferente era examinar com minúcia a área em seu redor.

– Como é que é isto por aqui no inverno? – perguntou Wisting.

– Limpo a neve em volta dos estábulos e a rampa do celeiro, ou seja, corro tudo até à estrumeira. Pode-se cá chegar de carro – disse o homem.

– Quem poderia tê-lo deixado ali?

O responsável pelas cavalariças encolheu os ombros.

– Qualquer pessoa. Depois das dez da noite não fica cá ninguém, a menos que uma das raparigas decida passar cá a noite.

Wisting espreitou para dentro do estábulo, onde o ar estava quente e abafado. Viu alguns pombos sujos aninhados debaixo das vigas.

– Não seria preciso conhecer bem o local para se esconder um cadáver aqui? – perguntou Wisting.

O homem olhou Wisting nos olhos.

– Não faço ideia do que aconteceu, mas tenho a certeza de uma coisa: não foi ninguém daqui que fez isto.

Os cavalos estavam inquietos. Juntara-se uma pequena multidão diante das barreiras policiais; os curiosos – três raparigas com botas de hipismo, um homem com um cão e dois rapazes de bicicleta – observavam os trabalhos da polícia. Recuaram quando um carro avançou até às barreiras. Nils Hammer seguia ao volante e Christine Thiis no lugar do pendura.

De regresso ao local do crime, Wisting e os dois colegas entraram na tenda dos técnicos forenses. Sentiram de imediato o

cheiro quente a estrume e urina, mas também o odor do cadáver.

– Já consegues adiantar-nos alguma coisa? – perguntou Christina Thiis.

– É o Jens Hummel, claro – disse Mortensen. – Bate tudo certo. Tanto em termos de tempo, quanto do que resta das roupas.

– E o serrim – disse Hammer, que deu um pontapé no chão.

– Espalham o estrume pelos campos – disse Wisting apontando com a cabeça para o trator. – Esvaziaram a estrumeira pela última vez em dezembro, antes de começar a nevar.

– A que distância estamos da quinta onde encontrámos o táxi? – quis saber Christine Thiis.

– A pouco menos de dois quilómetros.

– Devíamos ter pensado nisto – disse Hammer. – Onde é que se pode esconder um cadáver em pleno inverno e, ao mesmo tempo, trazer serrim colado aos pés e para dentro do carro?

Wisting achava que não se podiam culpar por não terem encontrado o corpo mais cedo.

– Não pensámos nisso – disse –, mas o assassino pensou. O que é que isso nos diz? Conhece esta quinta? Já cá tinha estado? Mora aqui perto? Tem um cavalo nos estábulos? Ou só cá veio ter por acaso?

Eram muitas perguntas. Só obteriam respostas após alguns dias de trabalho de rotina.

Mortensen preparou a máquina fotográfica. Passaria ali a noite. Iriam esquadrihar todo a área delimitada para ter a certeza de que não lhes escapava nada.

Wisting apertou o casaco junto ao pescoço.

– Bem, já não tenho nada que fazer aqui – disse.

– Vou-me embora contigo – declarou Christine Thiis.

Dirigiram-se ao carro, acenaram aos polícias que iriam vigiar a área durante a noite. A terra húmida colou-se-lhes às solas dos sapatos.



Na manhã seguinte, Wisting utilizou a estrada mais interior para se deslocar de Stavern à esquadra em Larvik. Pelo caminho, parou na quinta de Brunla para dar uma nova vista de olhos ao local.

Parara de chover durante a noite. As nuvens tinham desaparecido e o sol matinal já secara grande parte da lama.

Entrou na área reservada à polícia e encontrou Espen Mortensen sentado na abertura da porta de correr da carrinha dos técnicos forenses. Tinha uma garrafa térmica diante dele e estava a comer uma baguete. Os pássaros cantavam nas árvores e uma das raparigas que trabalhavam nos estábulos estava a subir a rampa.

– Foi uma noite complicada? – perguntou.

– Já está quase a acabar – respondeu Mortensen, puxando de um copo de papel. Encheu-o de café e entregou-o a Wisting.

– Descobriram alguma coisa? – perguntou Wisting.

– Foi baleado – disse Mortensen.

O café estava quente. Wisting esperou que arrefecesse e mordiscou a borda do copo.

– A agência funerária levou o corpo por volta das cinco da manhã. Devem fazer-lhe a autópsia daqui a uma hora, ou assim, mas, pelo que pude ver, deram-lhe dois tiros pelas costas – acrescentou Mortensen.

O técnico forense esticou-se para tirar a máquina fotográfica de um saco atrás de si.

– O corpo não estava num estado assim tão mau, tendo em conta as circunstâncias. Antigamente, costumavam usar serrim como meio de isolamento e conservação – disse Mortensen.

Correu as imagens no visor da máquina fotográfica e encontrou uma fotografia que logo mostrou a Wisting. Na foto via-se a parte de trás de um crânio com um buraco do tamanho de uma moeda de uma coroa. Havia fragmentos de ossos em volta da ferida, que tinha no seu interior uma qualquer substância viscosa.

Mortensen continuou a ver as imagens até encontrar uma foto onde se via um rasgão no casaco descorado, mais ou menos entre as omoplatas.

– Quase como se tivesse sido uma execução – disse.

Wisting bebeu o café. Algumas moscas voavam em redor.

– Mais alguma coisa?

Mortensen contornou a carrinha e Wisting seguiu no seu encalço.

– Encontrámos uma carteira no bolso de trás – disse Mortensen, que pegou num saco que estava no chão da carrinha.

A carteira de couro preto estava inchada nos cantos. Tinham-na esvaziado e posto o conteúdo noutros sacos. Wisting pegou no saco onde haviam guardado a carta de condução. O plástico da licença de taxista estava danificado, mas o nome do taxista era ainda perfeitamente legível: Jens Hummel.

– Há mais alguma coisa que possa ser do nosso interesse? – perguntou Wisting. Um dos sacos continha algumas notas.

– O costume – disse Mortensen. – O cartão bancário, a carta de condução, recibos antigos. Nada de especial.

Um cavalo relinchou no estábulo.

– Não tinha nada nos outros bolsos? – perguntou Wisting.

– Só lhe fiz um exame superficial. Vão examiná-lo com mais atenção durante a autópsia.

Wisting apontou para uma caixa com pequenos envelopes castanhos marcados, cada um deles, com números.

– O que é isto?

Mortensen pegou na caixa.

– Pastilha elástica – disse ele. – O mais provável é não terem nada que ver com o caso. Encontrámos mais de vinte bocadinhos. As miúdas que trabalham aqui devem tê-las cuspidas para o serrim e depois varrido juntamente com o estrume dos cavalos.

Duas raparigas com botas de cano alto, cada uma com um cavalo, desceram a rampa, pararam, sussurraram entre elas e saltaram para cima da sela. Trotaram até a um dos cercados.

Wisting afugentou uma mosca, amassou o copo de papel e atirou-o para um saco de lixo já cheio de luvas descartáveis e outros equipamentos de proteção.

– Vai para casa e dorme um bocado – disse a Mortensen, e lançou um último olhar ao material encontrado no local. – Tendo em conta o que se encontrou, não é preciso escrever um relatório urgente.



A imprensa deu um grande destaque à descoberta do cadáver. Christine Thiis transmitiu à comunicação social factos relacionados com o corpo e o local onde fora encontrado, e explicou que teriam de esperar pela autópsia para determinar a causa de morte e a identidade da vítima. Perguntaram-lhe se a polícia estava certa de se tratar do cadáver de Jens Hummel, mas ela esgueirara-se à questão dizendo apenas que Hummel era o único homem dado como desaparecido no distrito policial de Larvik.

Wisting pegou no jornal que publicara a entrevista à avó de Jens Hummel. Nessa entrevista, a senhora pedira respostas à polícia. O seu neto jamais desapareceria de sua livre vontade. Era atencioso e cuidava dela, e custava-lhe acreditar que alguém lhe quisesse fazer mal. Era um rapaz amável e generoso, e tinha um grande sentido de justiça.

Era sempre difícil transmitir informações novas aos familiares das vítimas antes de os jornais lhes deitarem as mãos. A única parente viva de Jens Hummel era a sua avó de 83 anos que, felizmente, não tinha acesso à Internet, mas em breve acabaria por tomar conhecimento do sucedido. Havia que informá-la o quanto antes.

Erna Hummel prestara um depoimento no início da investigação, ainda antes de saberem que Jens Hummel se tinha deslocado até Kristiansand na noite de Ano Novo. Teriam de lhe pedir que lhes desse o máximo possível de informações sobre essa noite. Por outro lado, tinha mencionado certas coisas na entrevista que não mencionara no depoimento à polícia. O modo como caracterizara Jens Hummel apoiava uma teoria vaga que Wisting não queria ainda partilhar com os colegas. Pediu a Torunn Borg que o acompanhasse na visita ao lar de terceira idade onde morava a avó de Hummel.

Não há um procedimento padrão quando se trata de comunicar um falecimento. Depende da situação.

Wisting recostou-se na poltrona de veludo verde e escutou Torunn Borg. Uma das auxiliares do lar também estava presente.

Torunn Borg usou palavras simples, mas partilhou a informação com honestidade e tato. Erna Hummel já se preparara para o pior e ouviu-a com aparente calma, no entanto, pareceu ficar sem ar.

A velhota perdera muitos amigos e parentes ao longo da vida, pensou Wisting. Primeiro perdera os filhos, e agora sobrevivia também ao único neto. Não lhe restava ninguém.

Ela olhou para as suas mãos, pousadas no regaço, para as rugas e manchas e veias escuras que lhe marcavam a pele. Os dedos tremeram-lhe quando mexeu num lenço de pano.

Wisting tomou a palavra.

– Descobrimos mais algumas coisas desde a última vez que nos vimos. Achamos que o Jens podia estar de algum modo ligado a um homem chamado Frank Mandt, e que essa ligação pode ter alguma coisa que ver com o caso.

Erna Hummel franziu o sobrolho, como se se concentrasse. Os óculos escorregaram-lhe pelo nariz.

– Esse nome não me diz nada – disse ela, e pegou num copo de água que estava na mesa.

– E um tal Phillip Goldheim? – perguntou Wisting.

Erna Hummel levou o copo à boca enquanto fazia um esforço por se recordar do nome. A mão tremeu-lhe e entornou alguma água, que lhe escorreu pelo pulso e o braço, chegando-lhe à blusa.

– Não – disse depois de engolir um gole de água. – Também não o conheço.

A auxiliar ajudou-a a pousar o copo na mesa.

– É um homem que vive em Kristiansand – disse Wisting. – Sabe se o Jens conhecia alguém em Kristiansand?

Erna Hummel franziu de novo a testa.

– Não – respondeu, e abanou a cabeça.

– Ele esteve lá pela última vez na passagem de ano – afirmou Wisting.

– Ah, ele esteve de serviço nessa noite – disse Erna Hummel. – Ele trabalhava sempre nos dias em que os outros não queriam trabalhar. Trabalhava nos feriados. No Natal, e assim. E na noite de Ano Novo também. Ele visitou-me no dia a seguir.

– No dia de Ano Novo?

Erna Hummel anuiu com a cabeça.

– Trouxe-me bolo. Comemo-lo aqui.

– De que é que ele falou?

– Não me lembro ao certo. Talvez tenhamos falado do ano que tinha acabado. Não sei. Ouvimos o discurso do primeiro-ministro à nação, mas ele passou a maior do tempo a mexer no telemóvel.

Wisting inclinou-se e acercou-se dela.

– Isso pode ser importante. Sabe com quem é que ele esteve a falar?

– Não falou com ninguém – respondeu Erna Hummel. – Esteve a ler as notícias e essas coisas. Conseguia fazer isso com o telemóvel.

Torunn Borg interpelou-a:

– Ele mostrou-se interessado por alguma notícia em particular?

Erna Hummel enlaçou as mãos sobre o colo.

– Não, mas a injustiça do mundo deixava-o possesso – respondeu. – O primeiro-ministro também falou sobre isso.

Wisting ponderou abordar o Homicídio do Ano Novo, mas poderia influenciá-la e provavelmente perturbá-la.

– Pelo que entendo, ele era assim – disse ele, ao invés: – Amável e preocupado. Tinha um grande sentido de justiça.

– Saía ao pai – disse ela, e Wisting percebeu, pelo seu olhar, que a mulher estava a recordar o passado. – Não o deixaram fazer parte da equipa de futebol por causa disso. Jogava bem, mas, se o árbitro se enganasse e desse a bola à equipa dele, ele

recusava e dava a bola aos adversários.

Wisting tentou recordar-se do termo que Erna Hummel usara na entrevista dada ao jornal.

– Ele era generoso, não era?

– Era um bom rapaz. Uma vez, a mãe levou-o à loja de brinquedos. Ele queria um carro dos bombeiros com luzes que piscavam e uma escada. Eu tinha-lhe dado algum dinheiro, mas a maior parte era dinheiro que ele tinha poupado. Quando foram à loja, já só havia um carro dos bombeiros. Quando estavam a pagar, entrou um rapaz que também queria o carro. O Jens teve tanta pena dele que o deixou comprar o carro.

Erna Hummel pegou novamente no copo de água.

– O pai dele também era assim: demasiado ingénuo e amável. Não conseguia dizer não a ninguém. Isso nem sempre é uma qualidade – disse, e bebeu um gole de água.

A auxiliar tirou-lhe o copo das mãos. Erna Hummel cerrou as pálpebras e deu um grande suspiro.

– Talvez já chegue por agora, não? – perguntou a auxiliar. – A Erna costuma dormir uma sesta mais ou menos a esta hora.

Wisting anuiu e levantou-se.

– Têm de cá voltar – disse Erna Hummel, cuja voz começava a fraquejar. – Têm de cá voltar e contar-me o que aconteceu. Têm de me dizer a verdade.

– Assim faremos – prometeu Wisting.



O relatório provisório da autópsia deu entrada no sistema às 14h30. Embora o cadáver ainda não tivesse sido identificado, concluiu-se que se tratava de um homem entre os 30 e os 40 anos de idade. A causa de morte ia ao encontro das impressões de Espen Mortensen. Primeiro, tinham-no atingido nas costas; a bala perfurara a coluna e, por conseguinte, nervos e músculos, mas era provável que esse disparo não tivesse sido fatal. A segunda bala penetrara a secção inferior do osso parietal, e saíra pelo céu da boca. Destruíra grande parte do tronco cerebral e provocara-lhe morte instantânea. Estimava-se que a morte teria ocorrido num período que ia dos oito aos quatro meses antes. Determinar-se-ia uma data mais precisa quando o morto fosse identificado por análise de ADN. Ou seja, na prática, isto significava que a data de óbito oficial de Jens Hummel seria 6 de janeiro, o dia que havia desaparecido.

No entanto, o pormenor mais interessante encontrava-se no fim do relatório. Tinha encontrado uma bala na cavidade torácica. Não a haviam descrito de modo detalhado, mas tinham-na entregado ao representante da Kripos presente na autópsia.

Wisting vasculhou as suas notas e encontrou o nome de Erik Fossli, o especialista em balística da Kripos que lhe telefonara para lhe comunicar que a arma que ele tinha entregado fora usada num homicídio.

Fossli mostrou-se logo interessado assim que Wisting se apresentou.

– Há novidades sobre o revólver usado em Kristiansand? – perguntou Fossli.

– Não sei – respondeu Wisting –, mas hoje fizemos uma autópsia.

Fossli tinha, obviamente, lido os jornais.

– É o taxista?

– Muito provavelmente – confirmou Wisting. – Ainda não foi identificado, mas encontraram uma bala no cadáver.

– Que tipo de bala?

– Só sei que encontraram uma bala, nada mais, mas está a caminho da sua secção. Só lhe telefonei para saber quanto tempo demora a dar-lhe uma vista de olhos.

– Ah, estou a ver. Aqui perdem muito tempo com as burocracias, têm de dar entrada aos papéis... É preciso preencher a papelada em triplicado. Mas vou já saber quem é que esteve na autópsia e eu próprio lhe peço a bala, para não ter de esperar que corra as capelinhas todas. Devo ligar-lhe amanhã de manhã – disse Fossli.

Wisting agradeceu-lhe, concluiu a conversa e continuou com o telemóvel na mão. O caso Hummel tornara-se agora, oficialmente, a investigação de um homicídio. Ponderou telefonar a Ryttingen, da polícia de Kristiansand, para lhe rebater a arrogância, mas conteve-se. O julgamento teria início na segunda-feira.



Line estava sentada, ao sol, diante da esquadra. O interrogatório a Sofie estava a demorar mais tempo do que o seu. Tinham combinado de antemão o que dizer à polícia. Não se tratava exatamente de mentir ou de ocultar informações, mas de omitir certos detalhes. O cofre de Frank Mandt continha documentos que davam conta das suas atividades criminosas e da sua rede de contactos. Apesar de já terem decorrido seis meses desde a sua morte, a polícia teria decerto todo o interesse em analisar aquelas informações, mas Sofie receava entregar os documentos à polícia. Não se dava o caso de não querer manchar o nome do avô, mas de temer o que se lhe poderia seguir. O seu avô causara-lhe sofrimento suficiente durante a vida, e ela não permitiria que continuasse a fazê-lo após a morte.

Embora compreendesse a situação da amiga, Line sentia-se, ainda assim, um pouco desleal para com o pai.

Tinham combinado mencionar o revólver e as notas manchadas, de que, aliás, Wisting já tomara conhecimento. Se a polícia pedisse para examinar o restante conteúdo do cofre, Line diria que isso dependia apenas de Sofie, ao passo que Sofie lhes diria que se desfizera de tudo. O que era mentira. Os documentos ainda estavam no cofre.

Porém, não tinham perguntado nada disso a Line. O detetive preocupara-se sobretudo em registar em papel tudo aquilo que já sabiam.

Ela olhou para o alto edifício de tijolo. O seu pai estava algures lá dentro, tentando descobrir quem matara Jens Hummel. Pelos vistos, ele acreditava que havia uma ligação entre os dois casos. Ela não tinha falado com ele desde que o corpo fora descoberto, e não queria visitá-lo no gabinete depois de ter prestado depoimento.

Enquanto jornalista, cobrira muitos inquéritos e noticiara que alguns suspeitos haviam coordenado as suas declarações. Em geral, isso significava que tinham algo a esconder. Pelo menos era assim que se interpretava, que eles tinham mentido à polícia. A cumplicidade entre testemunhas prejudicava a investigação, mas, em última instância, era também prejudicial a quem era apanhado a mentir.

A porta automática da esquadra abriu-se e Sofie saiu com Maja no carrinho.

Line levantou-se.

– Como correu? – perguntou.

– Bem, mas não foi nada agradável – disse Sofie. – Perguntaram-me imensas coisas sobre o Velhote como se eu o conhecesse. Não soube responder a nenhuma pergunta.

– Vamos a um café? – sugeriu Line.

– Boa ideia.

Caminharam em direção à praça. Sofie recebeu uma chamada e Line começou a empurrar o carrinho da bebé. Apercebeu-se de que estava ansiosa por empurrar o seu próprio carrinho. Talvez devesse pedir ajuda a Sofie para comprar um.

Line levou o carrinho até ao pátio do que fora outrora uma vidraria, e Sofie, sem deixar de falar ao telemóvel, seguiu-a a poucos metros de distância. Line escolheu uma mesa onde podiam pôr o carrinho ao seu lado e à sombra. Sofie terminou a chamada e sentou-se à frente dela.

– Era o meu advogado.

– Contrataste um advogado?

– Não por causa disto – disse Sofie ao apontar para a esquadra. – Na próxima semana, tenho de ir a Oslo para falarmos de direitos parentais e da guarda da Maja. Podes tomar conta dela por mim? Não a quero levar para o meio de uma conversa dessas.

– Claro – disse Line com um sorriso, debruçando-se sobre o carrinho.

Um empregado de mesa aproximou-se. Sofie pegou na ementa que ele lhe estendeu.

– Disseram-te mais alguma coisa sobre este assunto? – perguntou. – Quer dizer, és jornalista, já lidaste com casos destes e sabes mais ou menos o que vai na cabeça dos polícias.

Line esperou que o empregado se afastasse.

– Acho que eles pensam que há uma ligação entre o Homicídio do Ano Novo e o caso Hummel – respondeu.

– Como assim?

– A arma do crime de Kristiansand estava no cofre do teu avô, e o táxi do Jens Hummel no celeiro dele.

– Terá algo que ver com o Phillip Goldheim? – comentou Sofie ao analisar a ementa.

– Quem?

Sofie olhou para cima.

– Não te perguntaram nada sobre ele?

– Não. Quem é?

– Um tipo de Kristiansand. Queriam saber se o Velhote o conhecia, mas eu não faço ideia. Nunca ouvi o nome.

Ela voltou a olhar para a ementa.

– E tu?

Line abanou a cabeça.

– Acho que vou pedir a salada de frango.

Line pousou a ementa.

– Eu também – disse ela com um sorriso. – Quando é que precisas que tome conta da Maja?

– Na terça-feira.



Wisting pegou na cafeteira antes de a máquina de café ter terminado. Um bocado de água caiu no disco quente enquanto ele enchia a caneca com café. Tinha uma ligeira dor de cabeça, como era seu costume quando dormia pouco.

Christine Thiis entrou na sala de conferências. Ele ergueu a cafeteira e perguntou-lhe se queria um café.

Ela abanou a cabeça.

– Tenho o comissário no meu gabinete. Quer falar contigo – disse.

Wisting seguiu-a até ao gabinete no fundo do corredor.

Ivan Sundt, o comissário, não se levantou e cumprimentou-o com um simples aceno de cabeça. Ele trabalhava em Tønsberg, tal qual o resto da administração e da gestão do distrito policial. Raras vezes fizera a viagem de meia hora até à esquadra de Larvik.

Sundt era o sétimo comissário da polícia com quem Wisting trabalhara. Sundt fora apresentado como um líder capaz de enfrentar os desafios e mudanças sociais do futuro, e uma das suas primeiras medidas consistira em reorganizar os recursos, transferindo agentes da secção de investigação criminal para a de policiamento de proximidade. Wisting compreendia a necessidade de as forças policiais se mostrarem mais visíveis e acessíveis aos cidadãos, mas tinha dificuldades em apresentar números satisfatórios quando todos os casos, fossem eles sérios ou não, acarretavam o preenchimento de um mar de papéis e burocracias várias.

– Vim cá para saber em que ponto está o tal caso Hummel – disse o comissário. – Estava por resolver quando aceitei este cargo, e continua por resolver seis meses depois.

Wisting sentou-se, com a caneca numa mão, na única cadeira livre.

– É um dos casos mais complicados que já nos apareceu.

– Mas já encontraram o corpo. Não era disso que estavam à espera?

– Isso trouxe-nos algumas respostas, mas também mais algumas perguntas.

– Têm um suspeito?

– Nas atuais circunstâncias, não.

– Há muito quem esteja a perder a paciência – disse ele. – Eu incluído.

– Estamos à espera dos resultados das análises laboratoriais pós-autópsia, e também das do exame ao local do crime – explicou Wisting. – Conto ter algum avanço nos próximos dias.

O comissário levantou-se como se para indicar que já dissera tudo o que queria dizer.

– O julgamento do Dan Roger Brodin em Kristiansand começa na segunda-feira – disse ele. – Constou-me que andou a bisbilhotar os documentos do caso. Faça lá o que fizer na sua investigação, tenha cuidado para não lhes lixar o caso. A investigação está encerrada e é um belo exemplo de um trabalho policial rápido, eficiente e bem feito. Não mexa naquele caso desnecessariamente.

Wisting, ainda com a caneca na mão, também se levantou.

– Há algumas questões ainda sem resposta...

– Há sempre perguntas para as quais não encontramos respostas – afirmou o comissário. – Trabalhei quase vinte anos como juiz. Deve evitar-se a todo o custo a dúvida hipotética num julgamento. Não faça nada que possa dar uma vantagem ao advogado de defesa.

Wisting continuou de pé e viu-o sair do gabinete. O seu café ainda nem tivera tempo de arrefecer.



O técnico de balística da Kripas ligou-lhe logo após as onze horas e foi o mais sucinto possível. Jens Hummel fora morto com a arma usada no Homicídio do Ano Novo.

Wisting reuniu os detetives na sala de conferências sem lhes dizer previamente de que se tratava. Fechou a porta depois de entrarem todos e premiu o interruptor que ligava a luz vermelha do lado de fora.

Sentaram-se, mas Wisting manteve-se de pé e de pernas abertas atrás da sua cadeira na ponta da mesa, tal qual um capitão naval pronto a mudar de rumo.

– Agora estamos perante uma nova situação – disse, agarrando as costas da cadeira. – Encontrámos a arma com que mataram o Jens Hummel.

Olharam-no surpreendidos. Wisting fez-lhes um breve resumo do resultado do novo teste balístico, que não deixava qualquer dúvida de que Jens Hummel e Elise Kittelsen haviam sido assassinados com a mesma arma.

Quando começaram a discutir em redor da mesa, Wisting sentou-se. Elise Kittelsen fora vítima de um assalto aleatório, e o criminoso já tinha sido apanhado. O caso Hummel parecia ter uma qualquer ligação ao crime organizado. A vítima do caso que estavam a investigar estava em Kristiansand quando do homicídio de Elise Kittelsen.

– O Jens Hummel pode muito simplesmente ter encontrado a arma do crime depois de o assassino se ter descartado dela – disse Torunn Borg. – Se assim foi, não seria a primeira pessoa a ser assassinada com a sua própria arma.

Wisting suspirou. Christine Thiis lançou um olhar a Wisting, como se para lhe lembrar que não devia intrometer-se no caso de Kristiansand. Wisting não ficou nada convencido, mas teve de admitir que o sistema legal consideraria a teoria de Borg aceitável.

– O possível facto de ter sido morto com a sua própria arma não nos aproxima um único passo do assassino – disse, e fez o relatório de balística deslizar pela mesa. – A pergunta a que falta responder é: o que foi fazer Jens Hummel a Kristiansand na véspera de Ano Novo?

Nils Hammer folheou o seu bloco de notas.

– Acho que pode ter algo que ver com o Phillip Goldheim. A polícia de Kristiansand recolheu imenso material sobre ele – disse Hammer. – Estou a tentar organizá-lo.

– Ótimo – disse Wisting. – Devíamos concentrar-nos nele, sim.

Depois, folheou o bloco até encontrar uma folha em branco.

– De resto, há mais novidades sobre a quinta de Brunla? – perguntou ao olhar para Torunn Borg.

– Estamos a reunir informações sobre todas as pessoas que tiveram um cavalo nos estábulos da quinta desde janeiro, ou que tiveram qualquer outra ligação à quinta durante esse período – respondeu ela. – Falámos com algumas delas, mas duvido que isso nos dê grande coisa.

A reunião prolongou-se por mais meia hora; sobretudo abordaram as possíveis ligações entre os casos e as vítimas, e distribuíram novas tarefas antes de se separarem.

Wisting regressou ao seu gabinete e logo fechou a porta. Sabia que a polícia de Kristiansand tinha recebido o relatório sobre a comparação das balas encontradas nos dois casos. Tinha antecipado uma chamada de Harald Ryttingen. No entanto, foi Wisting quem voltou a telefonar-lhe.

Usou o telefone fixo. Tocou imenso tempo. Por fim, Ryttingen atendeu a chamada com um tom de voz agressivo.

– Suponho que tenha recebido o relatório da balística – disse Wisting.

– Sim – disse Ryttingen.

– Vocês fazem ideia de como é que tudo isto pode estar interligado? – perguntou Wisting.

– Já falámos sobre isto. Não há ligação nenhuma.

– Usaram a mesma arma nos dois crimes.

– São apenas circunstâncias irrelevantes. Não significa que haja ligação entre os casos.

– Bem, eu da minha parte tenho dificuldades em compreender o que é que de facto aconteceu – disse Wisting. – Há uma janela de oportunidades de catorze minutos entre a hora em que o homicídio foi cometido e a detenção do criminoso. Durante esse tempo, a arma mudou de mãos, e pouco depois foi usada noutro homicídio, esse cometido a quase duzentos quilómetros de distância.

– A janela de oportunidades foi muito maior – corrigiu-o Ryttingen. – Podem ter encontrado e apanhado a arma no decorrer dos dias seguintes.

A polícia de Kristiansand havia procurado a arma do crime durante toda a noite e dias seguintes. Wisting tinha na mesa à sua frente o mapa anexo ao relatório, mapa esse onde as áreas de busca estavam assinaladas a cores diferentes. Não tinham deixado nenhum ponto por examinar.

– Mas onde é que ele deixou a arma? – perguntou Wisting.

– No mesmo sítio onde deixou o telemóvel dela – disse Ryttingen.

Wisting puxou o mapa para junto de si.

– Há muitas perguntas sem resposta. Já pensaram em adiar o julgamento?

O colega respondeu-lhe com um grunhido.

– Temos provas irrefutáveis neste caso – disse, num tom exaltado, Ryttingen. – O assassino foi apanhado perto do local do

crime e poucos minutos depois do homicídio. Foi identificado por três testemunhas, e tinha resíduos de pólvora da arma do crime na mão direita. Além disso, trazia consigo um mapa da zona. Este caso correu às mil maravilhas desde o início. E agora vai correr igualmente bem em tribunal. Com sorte, pode atenuar a impressão geral de que a polícia é incompetente.

Wisting percebeu que o colega pretendia criticá-lo pelo modo como geria o caso Hummel.

– Mas, afinal, o que é que você quer? – perguntou Ryttingen.

– Quero ter acesso aos documentos que não inseriram no caso – respondeu Wisting. – As denúncias e o material recolhido pelos serviços de informação.

– E o que vai fazer com isso? Acha que estamos a esconder alguma coisa?

– Quero ver as informações do nosso ponto de vista e com os meus próprios olhos.

– Acha que nos escapou alguma coisa? Que vai encontrar alguma coisa que não vimos? É isso que está a dizer? Que é melhor do que nós?

– Só não quero deixar nada por analisar.

Ryttingen suspirou.

– Os dados que me está a pedir não estão guardados em meios eletrónicos. Estão em pastas de arquivo – disse ele. – Posso pedir a alguém que os fotocopie e vo-los envie na próxima semana.

– Posso ir aí dar-lhes uma vista de olhos – sugeriu Wisting.

Fez-se silêncio no outro lado da linha.

– De qualquer maneira, quero ir aí para falar com ele – disse, e pegou na fotografia do jovem arguido.

– Com quem?

– Com o Dan Roger Brodin.

– Nem pensar nisso – disse, de imediato, Ryttingen. – É o nosso homem.

– Mas é também minha testemunha – disse, com paciência, Wisting. – Tanto quanto sabemos, foi a última pessoa a ter em sua posse a arma com que mataram o Jens Hummel.

Harald Ryttingen estava claramente irritado.

– Wisting, eu bem sei que estão com problemas, mas eu estou pelos cabelos. Não lhe disseram já para não fazer nada que possa lixar o caso?

Wisting recostou-se na cadeira. A mesma expressão usada pelo comissário. Alguém anda, sem dúvida, a trocar informações pela calada.

– Acha mesmo que ele lhe vai dizer alguma coisa? – perguntou Ryttingen. – Ele nega ter alguma coisa que ver com o homicídio. Sendo assim, como é que lhe pode dizer o que é que fez ao revólver? Isso seria o mesmo que admitir que o usou. Acha que ele vai confessar o homicídio só por ser você a perguntar-lho? – Grunhiu de novo. – Está a perder o seu tempo. O Dan Roger Brodin recusa-se a colaborar com a polícia desde o primeiro dia. Mas como queira. Boa sorte!



Line abriu a porta do terraço e deixou a luz do Sol entrar na sala. Virou costas ao jardim e cruzou os braços. Demorara mais do que antevira, mas a sala estava finalmente pronta. Doíam-lhe as costas, e apercebeu-se de que talvez se tivesse esforçado demasiado. Na verdade, embora não esperasse grande ajuda dele, o pai aparecera sempre que lhe fora possível.

Pôs uma mão na barriga. Agora, os movimentos da bebé eram diferentes. Ela estava mais sossegada, como se não tivesse muito espaço para se mexer.

As restantes obras e decorações teriam de esperar para depois do parto. A hora decisiva aproximava-se rapidamente e o nervosismo que sentira no início da gravidez estava de volta. A parteira dissera-lhe que não havia nada a recear. Em todo o mundo, nascem bebés a cada minuto que passa. Contudo, para Line e todas as mães pela primeira vez, era uma experiência nova. Na verdade, ela sabia o que mais a assustava. O parto não seria pera doce, mas a responsabilidade de ser mãe solteira era ainda mais assustadora.

– Olá! – gritou, da porta da frente, o pai.

– Olá – disse Line, e foi ao seu encontro para o cumprimentar. – Arranjaste tempo para cá vir?

– Trouxe-te pilhas para a campainha – respondeu Wisting tirando o dispositivo da parede por cima da porta da frente, onde deixou uma marca.

Line agradeceu-lhe.

– Também tens tempo para um café?

– Sim, obrigado.

As pilhas tinham vertido ácido e estavam cobertas por uma película esverdeada. Wisting pegou numa chave de fendas e começou a limpar o aparelho.

– Ninguém te visita há muito tempo, é? – perguntou ao soprar o verdete para longe.

– Estás com sorte – disse Line –, acho que ainda tenho gelado.

Ela tirou o gelado do congelador e ligou a máquina de café. O café ainda não estava pronto quando ouviu umas campainhadas no corredor.

Sentaram-se na cozinha e conversaram sobre as obras na casa até Wisting mudar, por fim, de assunto.

– Falaste com a Sofie hoje? – perguntou.

Line meneou a cabeça.

– Vou estar com ela ao fim do dia. Porquê?

– Li os vossos depoimentos.

Line já estava a contar com isso.

– Ficaram muito bem – comentou ele. – Obrigado por a convenceres a ir contigo.

– Ela afasta-se por completo do avô e daquilo em que ele estava envolvido – disse Line, que tratou de lhe contar como a mãe de Sofie fora presa com a droga do avô dentro do carro. – Ele deixou-a pagar as favas. E a mãe acabou por se suicidar na prisão.

De colher na mão, o pai perdeu-se em cogitações.

– O teu gelado está a derreter – comentou Line. – Em que estás a pensar?

– No Dan Roger Brodin.

– Quem é esse?

– O homem acusado de cometer o Homicídio do Ano Novo. O julgamento começa na segunda-feira.

Os jornais não tinham publicado o nome do suposto assassino, mas ela ouvira-o na redação antes de pedir a licença de maternidade.

O pai pousou a colher e agarrou na caneca de café.

– O teu jornal tem alguém a cobrir este caso?

– Acho que sim – respondeu Line. – Noticiámo-lo imenso na altura.

Wisting tirou um papel dobrado do bolso de trás das calças.

– Tenho uma coisa que pode ser do interesse deles – disse Wisting.

Line reconheceu o logótipo da Kripós no papel que ele pousou na mesa. Apoiou uma mão aberta no papel quando se levantou.

– Não tens de dizer onde arranjaste a informação – afirmou ele.

– O que é?

Ele não lhe respondeu e, ao invés, dirigiu-se bruscamente à porta.

– Obrigado pelo café e pelo gelado.

– Já te vais embora?

Line continuou à mesa. Estupefacta, viu-o sair. Em seguida, pegou no documento. Tratava-se de um relatório de um especialista da secção técnica da Kripós, e tinha que ver com a comparação de duas balas. Os detalhes técnicos confundiram-na, mas o conteúdo não lhe era estranho. A bala da arma usada no Homicídio do Ano Novo fora disparada pelo revólver que tinha entregado ao pai. Essa parte já a sabia, mas havia mais. A bala do teste à arma que havia sido entregue era também idêntica a uma bala do caso 10899421, ou seja, do homicídio de Jens Hummel.

Line pestanejou e, de repente, sentiu frio. Passaram-lhe inúmeras perguntas pela cabeça. Quem lhe dera que o pai não se

tivesse ido embora tão depressa. Releu o relatório, para ter a certeza de que o compreendera. Mas não havia que enganar. A arma que estava no cofre na cave da Sofie tinha sido usada em dois homicídios.

Levantou-se e começou a arrumar a mesa. O pai nunca antes lhe dera informações deste modo, mas é provável que a tivesse visitado com esse intuito. Não a visitara para arranjar a campainha, mas para lhe dar informações.

E certamente fora esse o motivo para se ir embora tão depressa.



Wisting levou um termo cheio de café para o gabinete e voltou a concentrar-se nos documentos relativos ao homicídio ocorrido em Kristiansand. Confirmou de novo se os nomes das testemunhas e de outros intervenientes surgiam nos registos criminais da polícia. Muitos dos amigos de Elise Kittelsen estavam ligados ao mundo das drogas de Kristiansand, e um desses amigos, chamado Julian Broch, prestara declarações à polícia. Algumas pessoas haviam-no descrito como namorado de Elise, mas ele, pela sua parte, dissera que eram «apenas bons amigos». Já havia sido condenado por fraude e venda de estupefacientes. Aos poucos, tornou-se óbvio que Elise Kittelsen se movia na periferia do mundo do crime, mas não havia sinal de qualquer ligação a figuras centrais desse submundo, tais como Phillip Goldheim. Nada sugeria que fosse mais do que uma vítima inocente.

Às quatro menos cinco, ou seja, precisamente uma hora e quarenta minutos depois de Wisting se despedir de Line, Christine Thiis entrou-lhe no gabinete.

– Ligaram do *VG* – disse ela, e sentou-se na cadeira livre. – Já sabem do revólver. Que foi usado nos dois homicídios.

Wisting recostou-se na sua cadeira e olhou fixamente para a sua caneca meio vazia.

– Estas coisas têm a tendência a escapar e a ir parar à imprensa.

– Mas parece que tiveram acesso ao relatório.

– É o tipo de informação que não conseguiríamos reter. O julgamento em Kristiansand começa na segunda-feira. Os nossos colegas de lá devem certamente ter passado o relatório ao advogado de defesa – disse Wisting.

Christine Thiis abanou a cabeça com tristeza.

– O que é que lhes disseste? – perguntou Wisting.

– O menos possível. Confirmei que usaram a mesma arma nos dois crimes, e que a tinham entregado à polícia após a morte do dono.

– Presumo que não se tenham contentado com isso.

– Tive de lhes dizer que o revólver esteve fechado num cofre desde janeiro, quando o dono morreu, e que só foi encontrado agora.

– Falaste-lhes do dinheiro do assalto encontrado no cofre?

– Queriam saber se se tinha encontrado mais alguma coisa no cofre. Disse-lhes que só nos entregaram o revólver.

Wisting virou-se para o ecrã do computador e consultou a edição *online* do *VG*. A notícia ainda não fora publicada. Se tivessem a certeza de ser os únicos na posse da referida notícia, talvez optassem por publicá-la na edição em papel do dia seguinte.

Christine Thiis relanceou as notas dele.

– E agora, que vais fazer?

– Vou a Kristiansand amanhã de manhã bem cedo.

Ela torceu o nariz e surgiu-lhe uma ruga entre os olhos, como era hábito quando se mostrava cética.

– E o que é que lá vais fazer? – perguntou.

– O Harald Ryttingen autorizou-nos a consultar os documentos não incluídos no processo – disse ele, sem lhe explicar como convenceria o colega. – Vou analisar a lista de denúncias e dicas.

Ela não disse mais nada, mas um movimento da sua cabeça sugeriu que esperava ouvir algo mais.

– E também vou interrogar uma testemunha – disse Wisting.

– Que testemunha?

– O Dan Roger Brodin.

A ruga acima do nariz desapareceu quando ela arregalou os olhos.

– O assassino? – perguntou ela.

– Só ele sabe o que aconteceu à arma do crime. Só ele sabe qual é a ligação entre os dois casos.

– Se é que há uma ligação.

– Não podemos descartar essa hipótese sem antes a esmiuçar.

– E achas que te vai dizer alguma coisa? – perguntou ela, e a ruga regressou. – Achas que vai sequer querer falar contigo?

Wisting puxou o termo com café para junto de si.

– Deixei uma mensagem de voz ao advogado dele – respondeu. – Acho que me vai ligar assim que ler o *VG*.

Christine Thiis levantou-se.

– Vou contigo – disse-lhe ela.



Era sexta-feira à tarde, e o habitual som de telefones a tocar e de portas a abrir-se e a fechar-se foi, aos poucos, esmorecendo. A esquadra esvaziou-se lenta, mas inexoravelmente. Wisting continuou debruçado sobre os documentos do seu caso durante algumas horas, mas não encontrou mais respostas.

Às sete horas, meteu-se no carro e saiu do parque de estacionamento nas traseiras. No assento ao seu lado tinha um mapa com as ruas do centro de Kristiansand e uma cópia do depoimento feito por Finn Bjelkevik, uma das três testemunhas principais do Homicídio do Ano Novo. Bjelkevik morava em Sandefjord e passara o fim de ano em Kristiansand. Wisting inseriu a sua morada no aparelho de GPS e descobriu que demoraria 22 minutos a lá chegar.

De acordo com os documentos, a testemunha morava com os pais. Não era certo que estivesse, naquele exato momento, em casa, mas um encontro cara a cara era sempre melhor do que uma conversa telefónica.

Wisting seguiu pela Prinsegata e virou à esquerda nos semáforos da Storgata. Ainda fazia calor, e abriu a janela do carro. Ouviu música vinda de um dos restaurantes no cais.

Finn Bjelkevik e o amigo tinham chegado ao local do crime logo após os disparos na Dronningens Gate, e tinham visto Dan Roger Brodin fugir. O depoimento de Bjelkevik ocupava menos de duas páginas.

A longa experiência de Wisting ensinara-lhe que os comentários e observações das testemunhas tinham sempre detalhes que não eram transcritos para papel: palavras ditas e não anotadas, uma ordenação muito específica dos acontecimentos, certas reações e divagações. Embora nem todos os acontecimentos aparecessem preto no branco num relatório, Wisting não esperava, na verdade, que a sua conversa com Bjelkevik acrescentasse nada de novo ao que já sabiam. O seu depoimento era mais do que suficiente para condenar Dan Roger Brodin pelo homicídio. Era praticamente uma testemunha ocular. Tinha ouvido os tiros e visto Brodin fugir do local com um revólver na mão. Wisting queria sobretudo questioná-lo acerca do revólver.

O GPS guiou Wisting até a uma área residencial cuidada no lado ocidental do fiorde. A casa – uma moradia de dois pisos com roseiras à frente – situava-se no fundo de uma rua sem saída na orla da água. Ele virou para o pátio. Antes de sair do carro, pegou no telemóvel e consultou a página *online* do *VG*. A história constituía agora o artigo principal, que haviam ilustrado com uma foto de Elise Kittelsen. Wisting reparou que o artigo fora publicado há menos de sete minutos. Começou a lê-lo quando uma mulher com cerca de 50 e poucos anos apareceu nas escadas.

Ele voltou a guardar o telemóvel no bolso e acercou-se dela. Era a mãe de Finn Bjelkevik. Wisting explicou-lhe que queria falar com o seu filho por causa do homicídio que ele testemunhara.

– Oh, mas que história horrível – disse ela. – Quem me dera que o julgamento já tivesse acabado.

– Ele está em casa?

– Está no jardim das traseiras – disse ela, e instou Wisting a acompanhá-la até ao interior da casa.

Finn Bjelkevik encontrava-se junto ao *barbecue*. Como lera a papelada do caso, Wisting sabia que ele tinha 22 anos. Era alto e magro, tinha cabelo curto e louro e usava óculos.

Uma rapariga mais ou menos da sua idade estava sentada à cabeceira de uma mesa. Um homem mais velho aproximou-se, vindo de um pequeno atracadouro, e um cão de pelo comprido seguiu-o.

A mãe explicou-lhes quem era Wisting e este último deu a todos um aperto de mão. A rapariga era a namorada de Finn Bjelkevik. O homem do cão era o pai. Wisting presumiu que nenhum deles tivesse lido as últimas notícias, e também não viu motivo para lhas mencionar.

– Janta connosco? – perguntou o pai, que lançou um olhar ao *barbecue*. – Há que chegue e sobre para todos.

O cheiro a carne grelhada pairava no ar quente da noite.

– Não, obrigado – respondeu Wisting. – Não demoro muito. Só quero rever uma vez mais o que aconteceu na passagem de ano.

Finn Bjelkevik entregou o garfo comprido do grelhador ao pai.

– Hoje de manhã cedo, falei ao telefone com o detetive Ryttingen. Já revimos tudo.

A mãe deu a Wisting um copo de água mineral com cubos de gelo.

– Obrigado – disse ele, e sorriu.

– Já falámos sobre ser importante que pareça que eu tenho a certeza absoluta – prosseguiu Finn Bjelkevik. – Que eu não deixe margem para dúvidas durante o julgamento.

Wisting preparara muitas testemunhas. A maioria nunca tinha entrado sequer num tribunal. No fundo, tratava-se de lhes dar a conhecer os pormenores práticos, dizer-lhes onde se deviam sentar, onde estaria o promotor público, onde se encontraria o arguido e o que é que o juiz lhes perguntaria. Jamais orientara as testemunhas em relação ao que deviam dizer. Lembrava-lhe que era importante expressarem-se de forma clara, mas, ao contrário de Ryttingen, pedia-lhes normalmente que deixassem margem para dúvidas se não tivessem a certeza absoluta do que afirmavam.

Afastaram-se um pouco dos outros e aproximaram-se da água.

– Tem dúvidas sobre o que aconteceu? – perguntou-lhe Wisting.

– Nem por isso.

Wisting parou e bebeu um gole de água.

– Que quer dizer com *nem por isso*?

– Aconteceu tudo tão depressa – explicou Finn Bjelkevik, que prosseguiu rumo ao pequeno atracadouro privado. – Não

consegui ver grande coisa, mas apareceram com o assassino no carro logo a seguir.

– Reconheceu-o?

O jovem pegou numa pedra e atirou-a ao mar.

– Imediatamente.

Uma gaivota levantou voo de uma boia no fiorde.

– Não está na sala de audiências – disse Wisting. – Não tem de parecer tão seguro.

– Eu já tinha bebido bastante. O Terje viu-o melhor do que eu.

– Quanto é que já tinha bebido? – Wisting fez-lhe uma das perguntas em falta no interrogatório oficial.

Finn Bjelkevik encolheu os ombros.

– Não sei – respondeu. – Seis ou sete cervejas, talvez, mas fiquei logo sóbrio, sabe. Quer dizer, tive tipo um choque. Mataram uma mulher mesmo à nossa frente.

– Podemos rever o que aconteceu? – perguntou Wisting. – O que é que aconteceu, afinal?

O jovem suspirou e lançou um olhar à namorada.

– Bem – afirmou, recompondo-se. – Vínhamos da casa do Terje. Ele mora em Lund, mas íamos a casa de um amigo dele, que mora no centro da cidade. Demos umas voltas, bebemos e fizemos umas palhaçadas. O Terje tinha algumas cervejas e vinho na mochila. Parámos para eu tirar algumas garrafas de lá de dentro. Foi então que ouvimos os estrondos. Dois tiros. Ao início, pensei que fossem foguetes, porque era fim de ano, mas não foi bem a mesma coisa. Virei-me para o sítio de onde o barulho tinha vindo. A rapariga já estava estendida no chão. Não tinha reparado nela antes, mas estava a caminhar na nossa direção. O tipo que disparou sobre ela deu dois passos atrás e enfiou a arma na cintura das calças. Depois, deu meia volta e pôs-se na alheta.

Finn Bjelkevik ergueu os braços, como se para realçar que não havia mais nada a contar.

– E que aconteceu depois disso? – perguntou Wisting.

– Não nos mexemos durante alguns segundos. Depois, olhámos um para o outro e corremos até junto dela, mas já estava morta. Levantei-lhe a cabeça para tentar falar com ela, mas era como se já não existisse ninguém naquele corpo. Tinha os olhos vazios, e saíram-lhe golfadas de sangue pela boca. Não o conseguimos estancar.

Wisting anuiu com a cabeça, mas não disse nada.

– Apareceram mais pessoas – disse Finn Bjelkevik. – Primeiro apareceu o gajo que correu atrás do tipo que tinha disparado a arma. Não sei se ele queria fazer respiração boca a boca à mulher, ou aquela massagem cardíaca, ou lá o que é, porque a virou de barriga para cima, mas não adiantou de nada. Logo a seguir, chegou um médico. Disse que não havia nada a fazer.

A voz foi-se-lhe enfraquecendo à medida que falava, e Wisting apercebeu-se de que, para ele, recontar a história equivalia a abrir uma ferida antiga.

– A polícia chegou quase de imediato. Foi um caos. O Terje e eu esperámos sentados no assento traseiro de um carro da polícia – contou. – Ouvimos tudo o que estava a acontecer através do rádio da polícia. Como perseguiram o assassino e o apanharam.

Wisting perdeu-se em divagações. Ele já tinha lido a maior parte do que Bjelkevik lhe contara nos documentos do caso. Não sabia ao certo o que esperava daquela conversa.

– O homem que disparou a arma... – disse, e tentou arranjar forma de continuar a conversa.

– Sim?

– Pode descrevê-lo outra vez?

– Estava a usar uma camisola preta de gola alta com alguma coisa escrita, um casaco cinzento, calças escuras e sapatilhas azuis.

Wisting anuiu. Na camisola de Dan Roger Brodin estava escrito *Magic* e a camisola tinha também o desenho de um pássaro.

– Já o tinha visto?

– Não, mas não sou de Kristiansand.

– A que distância estavam um do outro?

O jovem encolheu os ombros.

– Estávamos parados à frente de um ginásio, ou coisa assim. Ela estava estendida no chão, perto da entrada para o pátio da escola.

Wisting não conhecia a rua.

– E isso equivale a quê? – perguntou ele ao apontar para o atracadouro. – A uma distância como daqui ao barco?

– Sim, mais ou menos isso.

Cerca de trinta metros, portanto.

– E em termos de iluminação? – perguntou Wisting.

– Estava bastante escuro.

– Onde estavam os candeeiros de rua?

– Havia um candeeiro quase em frente ao sítio onde ela estava estendida, mas estava apagado. A luz vinha das janelas no outro lado da rua.

– Ele levava alguma coisa com ele? – perguntou Wisting. – Alguma coisa além do revólver?

Finn Bjelkevik abanou a cabeça.

– Ele disse alguma coisa? – perguntou Wisting.

– Nem uma palavra.

Wisting fez-lhe mais algumas perguntas de rotina para as quais não encontrara resposta no relatório do inquérito. A maioria das perguntas já tinha, é claro, sido feita, mas haviam considerado as respostas pouco relevantes e nem sequer as tinham registado.

Wisting também não tomou notas. Apreendera pouco de novo, mas, ainda assim, sentia que, durante a conversa, Finn Bjelkevik dissera algo de estranho. Algo o incomodava, mas não sabia dizer ao certo o quê.



Line tinha o portátil ao colo; pusera uma almofada debaixo do computador, de maneira a mantê-lo equilibrado. Há já muito tempo que não fazia *login* no sistema de informações do jornal. Através do painel, podia ver-se quantas pessoas estavam a ler as páginas da edição *online* do *VG*, e o artigo sobre a arma usada nos homicídios era, de longe, o mais popular. Tinha sido publicado há pouco mais de duas horas e já tinha mais de 250 mil visualizações – mais do que a maioria dos seus artigos.

Tinham associado a arma ao Homicídio do Ano Novo. Haviām escrito o título *Misteriosa arma de homicídio usada segunda vez por cima de uma fotografia de Elise Kittelsen*.

Teria de fingir com Sofie. Não lhe podia dizer que Wisting lhe passara a informação, mas telefonara-lhe assim que o artigo surgira publicado. Receava que Sofie se zangasse, pois fora Line quem a convencera a não se livrar do revólver, e, ao invés, a entregá-lo à polícia.

Sofie não reagiu como havia esperado. Suspirou, como se vivesse permanentemente à espera de receber más notícias, ou então não percebia todo o impacto daquela história. Talvez estivesse apenas cansada.

Line não gostava de ver palavras como *misteriosa*, *enigmática* e *inexplicável* nos títulos dos artigos, pois eram usados para atrair a atenção dos leitores, mas qualquer um destes três termos podia aplicar-se ao revólver.

A curiosidade levava-a a examinar as pastas e os blocos encontrados no cofre, e confirmara o que Sofie já sabia: que o seu avô era um criminoso, conquanto as suas atividades tivessem dimensões muito superiores às que a neta jamais teria imaginado. Escreveu *Frank Mandt* no campo de pesquisa, para ver se algum jornalista guardara o nome no material de apoio.

Obteve um resultado. O nome apareceu num ficheiro com notas que se referiam a uma série de artigos sobre o crime organizado publicada há alguns anos. O autor do artigo chamava-se Geir Hansen. Só o conhecia de vista. Ele acabara por se demitir do jornal para trabalhar no departamento de informação de uma qualquer instituição governamental.

Ela encontrou o parágrafo onde Mandt era mencionado.

Frank Mandt, da região oeste, pode desempenhar um papel crucial. É um idoso mais conhecido pelo contrabando de bebidas alcoólicas. Está provavelmente a sair de cena.

A nota sucinta com os tópicos mais importantes não lhe deram a conhecer nada de novo. Era óbvio que o jornalista tinha uma fonte no submundo do crime, mas a nota não referia quaisquer fontes.

Tentou lembrar-se de alguns dos nomes que vira nas pastas de arquivo guardadas no cofre. Um dos nomes era invulgar: Aron Heisel.

Inseriu-o no motor de busca do sistema. Surgiram-lhe várias referências, e uma das entradas associadas ao nome tinha apenas alguns dias. Franziu o sobrolho ao aperceber-se de que estava associado às drogas apreendidas na quinta onde haviam encontrado o táxi de Jens Hummel. O seu pai não mencionara o nome do sujeito, mas Aron Heisel devia ser o homem que, ainda detido, recusava responder às perguntas da polícia.

O registo da história não continha muito mais informações do que as já resumidas no artigo impresso; excetuava-se o nome do arguido. Aron Heisel fora mencionado pela última vez há três anos. O seu nome surgia associado à investigação de uma grande operação de contrabando na região leste. Tinham-no investigado como possível suspeito, mas não fora condenado pelo crime.

Outro dos nomes que se lembrava de ter visto era o de Per Gregersen. Surgia associado ao material de base para uma série de artigos sobre o crime organizado. Aparecia associado ao nome de Frank Mandt, e era referido quase por acaso num outro parágrafo: *Phillip Goldheim chamou-se, outrora, Per Gregersen*.

Procurou a secção onde se resumia a informação dada pela fonte:

Phillip Goldheim. Libertado após cumprir uma pena longa por crimes associados ao tráfico de estupefacientes e cometidos em 2002. Já tinha trabalhado de perto com os Hells Angels. É discreto. Lavagem de dinheiro da droga. Criou uma imagem, diz-se um investidor. Compra e venda de imóveis. Importação de veículos. Ações. Redirecionamento para os crimes fiscais. Fraude, recurso a empresas de fachada, contas falsas. Ainda trabalha em grande com anfetaminas. Um dos principais nomes do crime na região sul. Ambiciona tornar-se ainda mais poderoso. Rede de contactos e trabalho pouco conhecida.

Com mais alguns cliques, chegou à fotografia do sujeito. A foto tinha sido tirada durante o seu último julgamento. Estava muito apumado, vestia uma camisa e um *blazer*, mas um grande rabo-de-cavalo e um brinco na orelha sugeriam que não se vestia assim diariamente.

A campainha tocou antes de conseguir verificar se o jornal tinha mais informações sobre Phillip Goldheim. Ainda não se levantara e já o seu pai a chamava do corredor. Ela respondeu-lhe, fechou o portátil e pousou-o na mesa. Esforçou-se por ir ao seu encontro.

Wisting, encontrava-se no vão da porta entre o corredor e a cozinha.

– Só te queria dizer que não vou estar cá este fim de semana – disse-lhe.

– Onde vais?

– A Kristiansand. Saio bem cedo de manhã.

Ele lançou uma olhadela à barriga da filha.

– Ficas bem?

Line anuiu com a cabeça.

– Vais passar muito tempo fora? – perguntou ela.

– Volto no domingo.

Line deu um passo ao lado e apoiou-se na mesa da cozinha.

– E qual é a ligação entre isto tudo? – perguntou ela. – Isto da arma?

– Não sei – admitiu o pai. – É por isso que vou até lá.

– O artigo meteu-te em sarilhos?

Ele sorriu e abanou a cabeça.

– O que me mete em sarilhos são as pessoas que tentam esconder coisas. Como é que a Sofie reagiu à história?

– Bem.

– E tu? Que achas?

Sentiu-se tonta só de pensar que tivera na mão uma arma com que haviam assassinado duas pessoas.

– Vais sozinho? – perguntou ela, para assim mudar de assunto.

– A Christine Thiis vai comigo. – Lançou novo olhar à barriga da filha. – Liga-me se precisares de alguma coisa.

– Cuida de ti – disse ela.

Ele assentiu com a cabeça.

– Tu também – disse, e abraçou-a.



Wisting acordou ainda o despertador não tocara e, antes de se levantar, pôs-se à escuta dos guinchos distantes das gaiivotas.

Segundo combinara com Harald Ryttingen, um dos detetives da equipa de Kristiansand recebê-los-ia na esquadra às dez da manhã. Larvik distava duas horas e meia de Kristiansand. Ou seja, tinha tempo de sobra.

Barrou compota numa fatia de pão e sentou-se à mesa da cozinha. Enquanto comia, viu o céu clarear e adquirir a bela tonalidade azul típica do verão.

Ele não acordara por causa dos guinchos das gaiivotas, mas por não parar de pensar no Homicídio do Ano Novo. Se se excluísse o mistério da arma do crime desaparecida, parecia um crime muito simples de resolver, e cuja resolução fora célere. Quase célere de mais. O criminoso fora capturado antes de Ryttingen ou outro dos detetives ser chamado. Quando se apresentaram ao serviço, tiveram apenas de seguir as linhas de orientação já determinadas pelo inquérito em curso.

Wisting pôs a caneca e o prato vazios na máquina de lavar e foi à casa de banho, onde se barbeou e tomou um duche. Depois, fez a mala com o necessário para passar uma noite fora. Pouco depois das sete, apanhou Christine Thiis, que já o esperava diante da sua casa.

A estrada estava deserta. Nenhum dos dois falou muito. Durante a madrugada, Wisting tentara abordar o caso de uma perspetiva diferente da dos investigadores de Kristiansand, e chegara a uma possível explicação lógica para o aparecimento do revólver em Larvik. Contudo, pareceu-lhe demasiado prematuro partilhar o que lhe ia na mente.

Na estrada, as placas de sinalização com os nomes das pequenas povoações situadas ao longo da costa meridional seguiam-se umas às outras: Risør, Tvedestrand, Arendal, Grimstad, Lillesand.

Pouco passava das nove e meia quando viraram em direção a Kristiansand. Wisting queria ver o sítio onde Elise Kittelsen fora morta antes de se dirigirem à esquadra. Atravessou a grelha de ruas tortuosas do centro até chegar à Dronningens Gate. Apesar de ter lido todos os documentos do processo, Wisting não havia percebido ao certo que a tinham assassinado diante da escola abandonada situada na Kongens Gate, porque a rua registada como local do crime era a Dronningens Gate. Agora, no local, percebeu a situação. A entrada principal da escola situava-se na Kongens Gate, mas o recreio estava voltado para a Dronningens Gate. Elise Kittelsen fora abatida a tiro diante de uma abertura no muro que rodeava o recreio. Os papéis do caso sugeriam que o criminoso devia ter-se escondido na dita entrada enquanto esperava uma eventual vítima.

Wisting abrandou e passou lentamente pelo local. Depois, estacionou o carro à frente do ginásio onde Finn Bjelkevik e o seu amigo estavam parados quando o criminoso disparou os dois tiros. Saiu do carro e observou o local; reconheceu-o por conta das fotografias anexas ao processo. A diferença é que as fotos tinham sido tiradas à noite, com a iluminação artificial de alguns holofotes, e também com alguma neve no passeio, ao passo que agora havia sol e os ramos das árvores que pendiam acima do muro da escola estavam cheios de folhas verdes.

Christine Thiis parou ao lado dele. Um rapaz passou por eles num *skate* riscado, e as rodas rangeram no asfalto.

O sítio onde se encontravam distava, tal como Finn Bjelkevik dissera, aproximadamente trinta metros do local onde Elise Kittelsen tombara. Caminharam em direção ao local do crime e alguns pássaros levantaram voo das árvores. Os edifícios da antiga escola pareciam vazios, e viram no recreio os contornos de um campo de andebol. O imenso espaço vazio era agora usado como parque de estacionamento.

Wisting estacou no sítio onde Elise Kittelsen tombara morta. Aí, identificou os locais onde as três testemunhas e o assassino se encontravam. Terje Moseid e Finn Bjelkevik caminhavam em direção à vítima. Dan Roger Brodin tinha saído do recreio escuro de revólver em punho. Einar Gjessing dobrara a esquina da rua a vinte metros dali poucos segundos antes de os tiros serem disparados.

Wisting deu um passo ao lado e mudou de papel. Levantou o braço direito e esticou o polegar e o indicador como se segurasse numa arma. Adotou a postura do assassino, mas, ao invés de correr, caminhou com passos decididos na direção em que Brodin largara a correr. Na esquina da Holbergs Gate, Brodin cruzara-se com Einar Gjessing, que começara a persegui-lo. Durante a fuga, Brodin passara por uma loja de música e atravessara, na diagonal, uma pracinha a que, nos documentos do caso, se referiam como Olav Vs Plass, e continuara até à Østre Strandgate onde Einar Gjessing desistira da perseguição.

Esta reconstituição simplíssima foi-lhe útil, mas não lhe permitiu criar uma imagem diferente da que já tinha adquirido através da leitura dos relatórios.

Às dez horas em ponto, estacionaram diante da grande esquadra, situada na Tollbodgata. Wisting saiu do carro e olhou para cima, de modo a contemplar o edifício de betão com nove andares de altura. Os dois pisos superiores pertenciam aos serviços prisionais e continham 44 celas. Dan Roger Brodin estava preso numa delas.

Apresentaram-se a um jovem agente que se encontrava atrás de um guiché e, cinco minutos depois, um homem saiu do elevador e conduziu-os até ao departamento de investigação criminal.

O detetive chamava-se Ivar Horne. Wisting lembrava-se de ver o nome nos documentos do caso. O aspeto descuidado do homem – que vestia umas calças de ganga e uma *T-shirt* branca, e tinha o cabelo desgrehado e a barba por aparar – contrastava com a organização e minúcia dos seus relatórios.

– Os documentos estão à vossa espera – disse Horne, que os guiou ao longo de um corredor cinzento. Num dos gabinetes por que passaram, um investigador atrás de um computador não levantou o olhar para os ver. Um pouco adiante, ouviram um rádio a tocar. De resto, o departamento estava imerso num silêncio absoluto.

– Estão aqui – disse Horne ao abrir a porta de uma sala de reuniões.

Deparam-se com três caixas de cartão em cima da mesa. Estavam apinhadas de pastas de arquivo.

– Eu próprio trabalhei no caso – disse ao dirigir-se à copa na outra ponta da sala. – De que é que estão à procura, em concreto?

– De uma ligação ao homicídio do Jens Hummel – disse Wisting, que pegou num dossiê azul onde estava escrito *Interrogatórios – meio da droga*.

Ivar Horne abriu um armário acima do lava-louça e pegou em três canecas de café.

– Que tipo de ligação? – perguntou.

Wisting pousou a pasta, puxou uma cadeira e sentou-se. Christine Thiiis sentou-se numa cadeira à sua frente.

– Há uma ligação qualquer entre os dois casos – disse Wisting –, porque usaram a mesma arma nos dois homicídios.

Ivar Horne tirou a cafeteira da máquina de café e fitou-os surpreendido. Wisting anuiu com a cabeça.

– Além disso, há outras ligações mais ténues – acrescentou.

O detetive local serviu-se de café.

– Tais como? – perguntou.

– Para começar, sabemos que o Jens Hummel esteve em Kristiansand na noite de Ano Novo. Depois, apareceu-nos um nome interessante durante a investigação. Um sujeito de Kristiansand.

Ivar Horne voltou a pôr a cafeteira na máquina de café.

– Quem? – perguntou ele ao sentar-se à cabeceira da mesa.

– O Phillip Goldheim.

– O PG? – retorquiu Horne, franzindo a testa.

Wisting anuiu.

– Bem, bem, é mesmo um nome interessante – disse Horne. – Mas acho que não o vai encontrar em nenhum desses ficheiros.

– Que sabe sobre ele? – perguntou Christine Thiiis.

– Dedica-se sobretudo à importação e venda de narcóticos a coberto de diversas atividades legais. Está há vários anos no ativo. Tentámos apanhá-lo algumas vezes, e estivemos quase a caçá-lo há seis meses.

– Que aconteceu?

– Não sei – disse Horne. – Tínhamos um informador, mas ele retraiu-se e nunca mais disse nada. O caso tinha sido quase todo criado com base nele. Podia avisar-nos sobre o carregamento seguinte, e também como o associar ao Goldheim.

– Era o projeto Mister NiceGuy? – perguntou Wisting ao lembrar-se das informações que lera nos relatórios.

– *No more* Mister NiceGuy – disse Horne.

Wisting levou a caneca de café à boca.

– E diz que isso aconteceu há seis meses? – perguntou. – Quando é que o tal carregamento devia, supostamente, chegar?

– Em meados de janeiro – disse Horne. – Deixámos o projeto em suspenso quando perdemos o informador, mas já o reabrimos. Estamos a vigiá-lo, temos toda uma operação montada.

Wisting bebeu o seu café. A informação que a polícia obtinha através de pessoas que pertenciam ao submundo do crime era importante. Os informadores desempenhavam amiúde um papel crucial na resolução de casos graves de tráfico de drogas. Era um método oculto de que nem os advogados nem os tribunais tinham consciência, e que poderia revelar-se perigosíssimo. Os informadores tinham de quebrar a confiança das pessoas sobre quem tinham informações, e ninguém gosta de traidores. O mero rumor de que alguém falara com a polícia poderia conduzir a represálias sérias. Era essencial garantir a segurança dos informadores e, por conseguinte, os polícias seguiam a regra não escrita de nunca revelar a sua identidade a ninguém, nem sequer aos colegas.

Ivar Horne levantou-se ainda com a caneca de café na mão.

– Não vos retenho mais – disse. – Se precisarem de alguma coisa, estou no gabinete no outro lado do corredor.



Wisting dirigiu-se à copa e voltou a encher a caneca. Sentira-se desconfortável durante as suas conversas telefónicas com Harald Ryttingen. Chegara até a sentir-se alvo de troça e ridicularizado. O detetive com quem haviam acabado de falar era, por outro lado, muito solícito e simpático.

– Por onde começamos? – perguntou Christine Thiis, que se debruçou sobre uma caixa de cartão.

– Por onde quiseres.

Wisting pegou na pasta com os interrogatórios às pessoas do submundo das drogas. Continha formulários, nos quais estavam registadas as declarações feitas pelas referidas pessoas com ligações aos narcóticos. Eram declarações curtas e informais sobre Dan Roger Brodin e o que sabiam acerca dele. Os detetives tinham feito as perguntas nas ruas e preenchido os formulários à mão.

Wisting folheou rapidamente os primeiros formulários. A polícia tentara, sem dúvida, saber se alguém vira Brodin na posse de uma arma. A arma era a ponta solta do caso, e, se alguém testemunhasse que ele tinha uma arma, a acusação contra ele consolidar-se-ia.

Muitas das pessoas questionadas nem sequer sabiam quem era Dan Roger Brodin. Outras não o viam há imenso tempo. As que o conheciam descreveram-no como um rapaz simpático, e disseram que não compreendiam como fora capaz de fazer aquilo.

O telemóvel de Wisting tocou quando estava a meio dos formulários. Era um número desconhecido.

– Daqui fala o advogado estagiário Olav Müller – disse o homem que lhe telefonou. – Represento o Dan Roger Brodin.

Wisting pegou numa caneta e anotou o nome. O advogado que aparecia nos documentos do caso e nos artigos de imprensa era um nome famoso na advocacia.

– Pensava que era o Kvammen que o estava a defender.

– Eu estou a trabalhar com o Kvammen – disse o estagiário. – Ele não pôde continuar. Estou agora a tomar conta do caso e vou representar o Brodin em tribunal.

– Estou a ver – disse Wisting.

Aquilo significava que o advogado famoso passara a considerar o homicida do Ano Novo um caso perdido, e que deixara o destino de Brodin nas mãos de um subalterno.

– Obrigado por me devolver a chamada – disse Wisting.

– Queria falar comigo?

– Sim. Ou melhor, com o Brodin.

Fez-se silêncio no outro lado. Wisting esperou que o advogado lhe dissesse que Brodin não desejava prestar declarações à polícia.

– Foi você que encontrou a arma do crime? – perguntou, por fim, o advogado.

– A arma foi-nos entregue. Os testes balísticos comprovaram que também foi usada no nosso homicídio.

– E suspeitam que o Dan Roger Brodin também cometeu esse homicídio? – Müller sabia que Brodin estava detido quando Jens Hummel fora assassinado, e o seu tom era ligeiramente sarcástico.

– Eu suspeito que o caso montado contra o Brodin não é tão forte quanto a polícia de Kristiansand gostaria que fosse – disse Wisting.

– O que é que isso significa?

Wisting olhou para Christine Thiis, que o escutava com uma esferográfica na boca.

– É muito cedo para entrar em pormenores – disse ele. – Mas a investigação tem claramente muitas falhas e pontas soltas.

– Mas o Brodin só sabe o que já disse – insistiu o advogado. – Não foi ele quem matou a Elise Kittelsen.

Wisting mudou de posição na cadeira. Teria de se esforçar mais para convencer Olav Müller a permitir-lhe falar com o seu cliente.

– Estou a investigar um homicídio, mas não sabemos quem é o assassino. Se o seu cliente estiver a dizer a verdade, talvez haja uma ligação mais próxima do que o simples facto de ter sido usada a mesma arma.

– Está a dizer-me que os homicídios podem ter sido cometidos pela mesma pessoa?

– Estou a dizer-lhe que é importante que eu fale com o Dan Roger Brodin.

Ouviu um estalido no outro lado da mesa. Christine Thiis mordera a caneta de plástico com demasiada força.

– Vou visitá-lo à prisão às três da tarde – disse Müller. – Pode acompanhar-me.

Wisting adquiriu uma expressão de alívio. Agradeceu ao advogado e desligou.

Christine Thiis tirou a caneta da boca.

– Acreditas mesmo nisso? – perguntou ela. – Que há uma ligação mais próxima entre os dois casos do que a mera coincidência de ter sido usada a mesma arma?

Wisting fitou-a e avaliou contar-lhe tudo o que pensava acerca da ligação entre os dois casos, mas decidiu refrear-se.

– Não acredito em coincidências – declarou.



A luz do Sol entrava por entre os estores e criava faixas de sombra que espalhava sobre a mesa de reuniões. Wisting e Christine Thiiis estavam sentados frente a frente. Tratavam de ler os documentos guardados nas pastas de arquivo, e interrompiam o silêncio entre eles apenas quando um deles virava uma página.

Os papéis estavam macios e hirtos, como se ninguém os tivesse folheado antes nem mostrado qualquer interesse pela informação que continham. Wisting viu-a, pelo canto do olho, fazer uma anotação e encostar a caneta ao lábio inferior.

– Encontraste alguma coisa? – perguntou ele.

– É uma dica de um funcionário do McDonald's na Markens Gate. O tipo que trabalha lá conhece o Dan Roger Brodin desde os tempos da escola. Foram da mesma turma até o Brodin se mudar.

– E então?

– O tipo estava a trabalhar na manhã do dia 31 e lembra-se de o Brodin entrar no restaurante para comprar um hambúrguer. Fixou o episódio, porque ao início o Brodin quis pagar a conta com uma nota de mil coroas. Não tinham troco. – Ela deu outra vista de olhos à anotação. – E tinha mais notas de mil no maço que enfiou no bolso das calças.

Wisting recostou-se na cadeira.

– Parece uma coisa pouco provável – disse.

– Não parece bater certo com um assalto feito horas depois. O funcionário ter-se-á enganado e feito confusão com as datas? – sugeriu ela.

– Como é que ele se chama?

– Mathias Gaukestad.

Wisting pegou na pasta com os documentos oficiais do caso. Não se lembrava de ter visto o nome, e também não o encontrou na lista de testemunhas.

– Não o interrogaram – disse.

– Não o deviam ter feito?

Wisting não lhe respondeu. Ao invés, procurou o relatório da detenção de Dan Roger Brodin, onde se indicava a hora e o local da sua captura, assim como as roupas que estava a usar e os objetos em sua posse ao ser revistado. Escapara-lhe um detalhe na última vez que lera o relatório.

– Ele tinha um total de 643 coroas com ele quando o prenderam – disse Wisting. – Há aqui alguma coisa que não bate certo.

– O que aconteceu ao resto do dinheiro? – perguntou Christine.

– Sim, mas o problema não é só esse – prosseguiu. – A acusação tem por base a teoria de que o homicídio resultou de um assalto que correu mal.

– Já tinha sido condenado por roubo por esticção e por ameaçar as vítimas com armas brancas – disse ela.

– Ou seja, quando estava desesperado para arranjar dinheiro para a droga, ou porque precisava de arranjar dinheiro depressa para pagar dívidas a pessoas que ameaçavam matá-lo – disse Wisting. – Mas não foi isso que aconteceu na noite de passagem de ano. 643 coroas bastariam para comprar uma dose para aquele dia e ainda para o seguinte.

Wisting apontou para a pasta aberta à frente dela.

– E mais cedo nesse dia, tinha ainda mais dinheiro – acrescentou.

– Então porque é que eles não seguiram esta pista, estas informações?

Wisting fechou a pasta com os documentos relativos ao caso.

– Porque não se coaduna com a teoria deles – disse.

Christine Thiiis fitou-o.

– Tens uma teoria diferente? – perguntou.

– A testemunha de que falaste pode ter-se enganado.

– E agora, que fazemos?

Wisting pegou num *post-it* amarelo, esticou-se sobre a mesa e colou-o no registo de informações confidenciais à frente dela.

– Continuamos – declarou, e retomou a leitura dos relatórios onde se descreviam os interrogatórios individuais.

Cinco minutos depois, Wisting encontrou algo que corroborava o testemunho do funcionário do McDonald's. Uma rapariga da mesma idade que pertencia ao círculo de drogas local disse o mesmo que os outros, ou seja, que nunca vira Dan Roger Brodin com uma arma. Quando lhe perguntaram quando o vira pela última vez, disse que tinha sido no centro comercial Amfiserter, em Vågsbygd, fora do centro da cidade, dois dias antes da véspera de Ano Novo. Ela referira que ele a levava a tomar alguma coisa ao Kafé Seblis, no primeiro andar do centro comercial.

Wisting transmitiu estas informações a Christine Thiiis.

– Parece que ele tinha mesmo dinheiro – disse, e pegou noutro *post-it*. Colou-o à folha e continuou a folhear os documentos. Uma outra rapariga metida nas drogas, de seu nome Leni Dyste, confirmara-o. Tinham anotado as suas respostas como tópicos. Wisting leu-as em voz alta: – *Conhece Danny há anos. Nunca viu/ ouviu nada sobre uma arma. Viu-o pela última vez no dia 30 de dezembro, à frente da biblioteca. Tinha imenso dinheiro ganho num «trabalho». Ia arranjar mais no sítio de onde aquele tinha vindo.*

– Que tipo de trabalho? – perguntou Christine Thiiis.

– Não diz mais nada – disse Wisting, que procurou o nome de Leni Dyste na lista de testemunhas. – E também não foi

oficialmente interrogada.

Ivar Horne entrou na sala com uma caneca vazia na mão.

– Encontraram alguma coisa interessante? – perguntou ele ao dirigir-se à máquina de café.

Wisting respondeu-lhe com um «hmm» evasivo. O que haviam descoberto até então era ténue e não tinha qualquer relevância direta para a sua própria investigação.

– Acho que não vão encontrar grande coisa – disse Horne, que encheu a caneca de café. – É um caso sólido.

Ele encostou-se à bancada e fixou o olhar nas caixas.

– O mais irónico é que a testemunha principal nem devia lá estar – acrescentou.

– O que quer dizer? – perguntou Christine Thiis.

– O Einar Gjessing, o tipo que perseguiu o assassino, devia estar na cadeia.

Wisting recostou-se na cadeira, queria ouvir aquela história com atenção.

– O departamento de crimes financeiros anda em cima dele há quase um ano – continuou Horne. – Não percebo muito do assunto, mas ele fundou uma empresa de microcrédito. Uma espécie de empresa de empréstimo com base na Internet. Chamava-se PPP, sigla de «de pessoas para pessoas». Supostamente, ele acertava empréstimos diretos entre entidades singulares. Em vez de se meter o dinheiro num banco normal, tornava-o acessível, através das suas páginas de Internet, a pessoas que não conseguissem obter empréstimos pelo método tradicional. Tudo isto implicava taxas de juros e custos ocultos para a pessoa que precisava de dinheiro, e um enorme risco de perda para a pessoa que o emprestava. A única pessoa que lucrou com o negócio foi, claro, o próprio Gjessing.

Wisting anuiu. Já ouvira falar de novos operadores que ofereciam empréstimos de dinheiro rápidos e sem medidas de segurança.

– Foi denunciado pela Autoridade de Supervisão Financeira, porque ele não tinha licença para exercer atividade na área do crédito. Foi acusado de evasão fiscal, insuficiente organização contabilística, fraude, lavagem de dinheiro e mais alguns crimes fiscais. Uma acusação muito abrangente e com condenações pesadas.

– Fraude e lavagem de dinheiro? – perguntou Wisting.

– Sim, ou participação em lavagem de dinheiro. O dinheiro que entrava no negócio dele não provinha todo de atividades ilícitas.

– Então a vossa testemunha principal foi condenada por fraude?

Ivar Horne deu um passo em frente e abanou a caneca de café sobre a mesa.

– Não, não foi. É aí que quero chegar. Ele nunca chegou a ser condenado. Retiraram a maioria das acusações.

– O que aconteceu?

– O que aconteceu foi o Harald Ryttingen.

– O Ryttingen?

Ivar Horne ofereceu-lhe um sorriso rasgado.

– Já o conhece – disse ele ao mudar a caneca de mão. – Pelo menos, já falou com ele. Não gosta de perder. Não gosta de ir a tribunal se não tiver o caso bem fechado. O caso da PPP era complicado, as testemunhas hesitavam muito, em especial na parte da lavagem de dinheiro. Tinham-se gasto muitos recursos, mas o desfecho era muito incerto, por isso, fizeram um acordo. Einar Gjessing confessou os crimes menores e foi condenado a uma pena reduzida. E assim também poupámos meses de trabalho aos tribunais.

– E acabou por ser condenado por que crime? – perguntou Christine Thiis.

– Por não ter licença de serviços financeiros, e por evasão fiscal. Apanhou seis meses, metade deles suspensos, e saiu antes do Natal.

Ouviram a sirene de um carro da polícia. Ivar Horne aproximou-se da janela para ver o que se passava lá fora.

– Aqui na esquadra, muitos de nós acharam que foi uma borrada – disse, e virou-se de novo para eles. – Mas, claro, o mais importante era acabar com a empresa do Einar Gjessing. Ironicamente, se tivesse feito o que lhe competia daquela vez, o Ryttingen não teria agora uma testemunha crucial.

– Mas há três testemunhas oculares – recordou-lhe Christine Thiis.

– Sim, é verdade – disse Horne. – Mas só o Gjessing estava sóbrio, e foi ele quem viu melhor o assassino. O Brodin passou-lhe mesmo à frente.

Wisting absteve-se de comentar as capacidades profissionais do líder do departamento onde se encontrava de visita, e mudou de assunto.

– Sabe como podemos entrar em contacto com Leni Dyste? – perguntou.

– Receio que não o possam fazer – respondeu de imediato Horne. – Morreu. Sucumbiu a uma *overdose* em maio. Mas porque queriam falar com ela?

Wisting mencionou-lhe a conversa que um dos detetives tivera com ela um dia depois do homicídio.

– Não me tinha apercebido disso – admitiu Horne, que se pôs a ler o relatório do interrogatório.

– Porque é que ele havia de tentar fazer um assalto se tinha acabado de ganhar bastante dinheiro com um trabalho qualquer e podia ir buscar mais dinheiro ao sítio onde tinha arranjado aquele? – perguntou Christine Thiis. – E o que foi feito do dinheiro?

– O dinheiro dura pouco nestes meios – disse Horne. – Mas neste caso em específico há uma explicação lógica.

– Qual?

Horne dirigiu-se à porta.

– Usou-o para comprar um revólver – disse ele, com um sorriso, e foi-se embora.



Às duas da tarde, Wisting levantou-se da mesa.

– Temos de fazer uma pausa – afirmou esfregando os olhos, que estavam secos e vermelhos. – Vou tentar trocar umas impressões com o Einar Gjessing antes de visitar o Brodin na prisão.

Christine Thiis recostou-se na cadeira.

– Temos de comer – disse ela ao levantar-se. – Vou contigo.

Ivar Horne reapareceu à porta.

– Então, já acabaram? – perguntou.

– Só estamos a fazer uma pequena pausa – disse Wisting. – Quanto tempo vai cá ficar?

– Oh, séculos – disse Horne, que lhe ofereceu o seu cartão de visita. – Liguem-me quando estiverem de volta, e eu vou buscar-vos lá abaixo.

O carro sobreaquecera, pois ficara estacionado ao sol. Wisting ligou o ar condicionado no máximo e ajustou as saídas de ar, para que não levassem com o ar frio diretamente na cara. Folheou o bloco de notas, encontrou a morada da testemunha principal e inseriu-a no GPS.

Gjessing morava a poucos minutos da esquadra da polícia. A sua casa situava-se na freguesia de Lund, na outra margem do rio Otra. A meio do caminho, pararam num quiosque e compraram um cachorro-quente para cada um. Comeram-no sentados num banco diante da loja.

– Vou sozinho à prisão – disse Wisting. – Ele pode assustar-se se vir duas pessoas da polícia.

Christine Thiis concordou.

– Posso continuar a dar uma vista de olhos às pastas – disse ela.

Acabaram de comer e voltaram para o carro. Seguiram as indicações do GPS e passaram por velhas casas de madeira e chegaram a um bloco de apartamentos enorme à beira-rio. Estacionaram no parque de visitantes e procuraram a entrada correta.

Viram de imediato o nome de Einar Gjessing no topo do painel de campainhas. Wisting olhou para o apartamento no topo, nesse momento envolto numa luz solar radiante.

– Deve ter ganho bom dinheiro a brincar aos banqueiros – disse Christine Thiis ao tocar à campainha.

Esperaram. Um homem passou, com um cão, pelo carreiro. Ela tocou de novo à campainha, e Wisting olhou para o relógio de pulso.

– Vamos fazer o *check-in* no hotel – sugeriu. – Podemos tentar falar com ele amanhã.

Um homem com óculos de sol e uma camisa branca de manga curta acercou-se deles quando davam meia volta de regresso ao carro. Sacou de um molho de chaves e dirigiu-se à porta do prédio.

– Einar Gjessing? – perguntou Wisting.

O homem tirou os óculos.

– Quem pergunta? – respondeu, com um sorriso.

Wisting apresentou-se e explicou quem era Christine Thiis.

– É sobre o julgamento que começa na próxima semana – disse ele.

– Qual é o problema? – perguntou Gjessing no dialeto do Sul. Franziu o sobrolho com irritação.

– Sei que já falou disto muitas vezes, mas tem tempo para responder a algumas das nossas perguntas?

Gjessing suspirou e enfiou a chave na fechadura.

– Subam comigo.

Dois minutos depois, estavam todos sentados a uma mesa no terraço de Gjessing, de onde se avistava a cidade e a antiga fortaleza na ilha de Odderøya.

– Disseram-me que são da polícia da região oeste? – perguntou Gjessing, que pousou copos e latas de bebidas frescas na mesa.

Wisting anuiu.

– Estamos a investigar outro crime – disse Wisting, que tratou de lhe explicar qual a ligação entre o Homicídio do Ano Novo e o de Jens Hummel.

– Pois, já li qualquer coisa sobre isso, sim – disse Gjessing, que abriu um guarda-sol antes de se sentar. Acolheram a sombra com alívio.

Christine Thiis chegou-se um pouco à frente na cadeira.

– Pode contar-nos o que aconteceu na passagem de ano? – perguntou ela.

– Leram a declaração que fiz à polícia, não? Não há muito mais a acrescentar. Eu ia a caminho do Strandpromenade. Uns amigos meus tinham reservado uma barraquinha lá, e eu estava a caminhar pela Holbergs Gate e tinha acabado de virar a esquina junto à antiga escola.

Fez uma pausa para pegar numa lata de refrigerante.

– E já sabem o que aconteceu depois.

Christine Thiis aceitou a lata que ele lhe ofereceu e agradeceu-lhe. Wisting pegou noutra lata e abriu-a.

– Ao início, pensei que era um casal a discutir – disse Gjessing. – Há muito disso no Ano Novo. As pessoas bebem muito, discutem. O homem estava a prender-lhe o braço, o mesmo braço com que ela estava a segurar na mala. Ela soltou-se, e foi

então que vi o revólver. Ela já lhe tinha virado costas e começado a correr quando ele lho apontou. Vi uma chama a sair do cano da arma quando ele disparou.

Einar Gjessing pousou o copo e simulou ter uma arma ao esticar o polegar para cima e o indicador em frente.

– Dois tiros – disse imitando o som ao mexer a mão. – Ela caiu ao chão. O homem virou-se e começou a correr na minha direção. Fiquei tão chocada que nem me mexi. Ele passou por mim a correr. Não sabia o que fazer, por isso, corri atrás dele, mas estava a usar uns sapatos com solas escorregadias. Escorreguei e caí algumas vezes, e ele escapou-se-me. Acabei por correr de volta ao sítio onde a cena tinha acontecido, mas já era tarde de mais. Também não poderia fazer nada mesmo que corresse logo para junto dela. Além disso, apareceram outras pessoas.

Wisting anuiu, mas não disse nada, como se pretendesse criar uma certa distância entre as explicações que Gjessing lhes dera e as perguntas que estava prestes a fazer-lhe.

– Quando ele disparou – perguntou Wisting –, já tinha a arma de fora, ou sacou-a depois de ela se soltar?

Einar Gjessing não ocultou a mesma incerteza que já demonstrara no interrogatório.

– Aconteceu tudo muito depressa – declarou –, mas acho que já a tinha de fora. Que a ameaçou com a arma. Mas não sei se é a impressão que tenho, ou se foi mesmo assim que aconteceu.

– Viu o que é que ele fez ao revólver?

O homem no outro lado da mesa sorriu.

– Acha que não o teria dito à polícia de Kristiansand se tivesse visto? Foi uma das primeiras coisas que me perguntaram. Passaram semanas à procura dela – disse ele.

– Claro – disse Wisting, e retribuiu-lhe o sorriso. – Estava mais a pensar se ele fugiu com ela na mão ou se a enfiou nas calças, ou algo assim.

Einar Gjessing recostou-se e refletiu.

– Ele tinha-a na mão quando passou por mim a correr – afirmou. – Disso lembro-me bem, mas depois deve tê-la enfiado nas calças, porque me lembro de o ver a correr com as duas mãos livres.

– Onde é que ele estava quando se apercebeu de que ele já ia a correr com as duas mãos livres?

– Ainda não se tinha afastado muito. Estava junto à fonte, acho.

Wisting arrependeu-se de não ter levado um mapa consigo, mas lembrou-se da fonte na primeira rua transversal.

– Depois, desceu as escadas até à Kongens Gate – continuou Gjessing. – Não o segui muito mais.

– A que distância fica a fonte do sítio onde ele passou por si?

– Não fica muito longe. A não mais de cem metros.

– É possível que ele se tenha descartado da arma algures nesse troço?

– A polícia procurou-a por lá.

– Estou a pensar se alguém não a terá encontrado ou apanhado antes de a polícia começar a procurá-la – disse Wisting. – Ele poderia tê-la deitado fora sem que você o visse?

– Duvido muito.

– Disse que escorregou e caiu duas vezes – lembrou-lhe Christine Thiis. – Onde é que caiu?

– Caí pela primeira vez logo que comecei a correr – disse Gjessing. – A segunda foi no fundo das escadas da praça.

Wisting esperou que o homem chegasse à sua própria conclusão.

– Bem, bate certo – disse, um pouco pensativo, Gjessing. – Ele podia ter-se descartado do revólver quando caí a primeira vez.

E quando me levantei, olhei para a Dronningens Gate e vi que as outras duas testemunhas estavam a correr em direção à rapariga.

– Onde é que ele estava quando conseguiu levantar-se?

– Acho que levava um avanço de cinquenta metros, ou assim.

– Viu alguém nas proximidades?

Einar Gjessing abanou a cabeça.

– E carros? – perguntou Wisting.

– Costuma haver carros estacionados atrás da fonte, mas não me lembro de ver nenhum. A Holgerbs Gate é uma rua pedonal.

– E táxis?

Gjessing abanou a cabeça.

– Eu teria dado por ela. Eu andava à procura de um táxi livre.

Christine Thiis endireitou-se na cadeira.

– Não viu táxis por ali? – perguntou ela.

– Não. Eu tinha ido a Posebyen visitar a minha mãe e queria apanhar um táxi até à Strandpromenade. Vi um táxi na rua, muito perto da casa da minha mãe. Tinha as luzes desligadas, mas, como não tinha ninguém dentro, tentei entrar. Era uma viagem de um quilómetro, ou assim. Como o táxi não era de cá, o taxista não podia recolher passageiros.

Wisting lançou um olhar a Christine Thiis.

– De onde é que era o táxi? – perguntou ele.

Gjessing encolheu os ombros.

– Onde é que você estava quando isso aconteceu?

– Não me lembro, mas a minha mãe mora na Tordenskjolds Gate. Deve ter sido dois quarteirões abaixo. Talvez na Skippergata, ou por aí.

– Que tipo de carro era? Lembra-se? – perguntou Christine Thiis.

– Só sei que era um táxi.

– De que cor?

– Escuro.

– E lembra-se do taxista?

Gjessing abanou a cabeça.

– Bem, ele só se virou de lado quando abri a porta de trás e me sentei. Não faço ideia de como se parecia – respondeu.

- Tinha óculos, barba, bigode? – perguntou Wisting.
- Gjessing meneou novamente a cabeça.
- Mas era um homem?
- Sim.

- E estava sozinho no carro?
- Sim, mas parecia estar à espera de alguém.

Wisting teve a certeza de que o taxista era Jens Hummel. Estava ansioso por obter mais pormenores, mas não lhe ocorria nenhuma pergunta que pudesse levá-los a compreender melhor o que é que Hummel fizera naquela noite. Assim, optou por regressar ao local do crime e perguntar aquilo para o qual não encontrara respostas na leitura dos documentos.

- Alguém gritou ou disse alguma coisa? – perguntou.
- A Elise gritou alguma coisa – disse Gjessing. – *Não*, ou *pare*, ou algo assim.
- Christine virou a cabeça para um lado.
- Conhecias a vítima? – perguntou ela.
- Einar Gjessing pigarreou e levou o copo à boca.
- A Elise Kittelsen?

- Sim.
- Não a conhecia muito bem, mas sabia quem ela era. Não vi quem era a vítima. Só o soube no dia seguinte.
- De onde é que a conhecia?

Os raios de sol incidiam agora diretamente no rosto de Einar Gjessing. Ele levantou-se e mudou o guarda-sol de sítio, para que continuassem sentados à sombra.

– Tínhamos conhecimentos em comum – disse. – Ela namorou com um programador informático que trabalhou para mim há algum tempo, e foi ele que me apresentou uma vez. Mas ela era muito mais nova do que eu, claro.

Wisting não queria falar sobre a empresa de Gjessing e o que levava a que fosse acusado e condenado por crimes financeiros.

- Diga-me o que aconteceu quando regressou ao local do crime – pediu ele.

Gjessing tossiu.

– Quando lá cheguei, só lá estavam os dois rapazes, mas não demorou muito a chegar gente de todo o lado e a ficar um caos – contou. – Apareceu um médico que tentou cuidar da rapariga. A polícia chegou antes da ambulância, mas pouco podiam fazer. Indiquei-lhes a direção em que o atirador tinha fugido, e descrevi-o. Comunicaram as informações e não demoraram muito a apanhá-lo.

- Levaram-no de volta ao local do crime?

Einar Gjessing anuiu.

- Sim, queriam saber se o reconhecia.

- E reconheceu?

– Sim. Estava sentado no assento traseiro de um carro-patrolha. Pediram-me para olhar para ele antes de o levarem para a esquadra. Para terem a certeza.

- E você teve a certeza de que era ele?

Einar Gjessing pegou novamente no copo.

- Claro – respondeu ele. – Quem mais havia de ser?



O elevador tremeu e fez barulho ao subir. Uma jovem com um uniforme azul-acinzentado de guarda prisional cumprimentou-o. Ele mostrou-lhe a identificação policial e ela deu-lhe um cartão de visitante, que Wisting prendeu ao bolso da frente da camisa antes de ela o instar a entrar. Ao caminhar, o molho de chaves que levava preso ao cinto chocou. Parou diante de uma porta com rede metálica, pegou na chave certa e deixou-o entrar. As dobradiças chiaram antes de a porta se fechar de novo.

Uma luz vermelha no meio da parede indicava a porta de acesso a uma sala de visitas. Ela bateu à porta antes de a abrir.

Deparam-se com dois homens sentados na sala. O advogado estagiário Olav Müller estava sentado numa poltrona de couro preto colocada por baixo da janela; vestia umas calças cinzentas e uma camisa branca de mangas curtas. Tinha ao seu lado uma pasta de documentos.

Dan Roger Brodin estava de costas para a porta. Tinha a cabeça rapada e ombros estreitos.

Levantaram-se ao mesmo tempo. O advogado estendeu a mão e apresentou-se. Brodin saudou-o sem abrir a boca. A guarda prisional saiu e trancou a porta. Wisting olhou em volta e reparou que havia caixas com brinquedos no chão, e que o tapete tinha desenhos de ruas e estradas. Os detidos também tinham filhos.

– Já comuniquei ao Dan Roger o que me disse ao telefone – revelou Müller. – Que está a investigar outro crime, noutro distrito policial, e que nesse caso usaram a mesma arma que foi usada no homicídio por que o vão julgar.

Wisting puxou uma cadeira, mas esperou que os outros se sentassem de novo antes de ele o fazer.

– É isso mesmo – disse, que logo se apresentou e lhes resumiu o caso.

Brodin fitou-o. O seu rosto magro estava tenso. Sério.

– O revólver foi, de uma maneira ou de outra, transportado de Kristiansand para Larvik – sintetizou o advogado assim que Wisting parou de falar.

Brodin encolheu os ombros e começou a coçar uma crosta no antebraço.

– Não sei – disse em voz baixa.

– Qual é a sua teoria? – perguntou Müller a Wisting.

– Há várias hipóteses – respondeu Wisting. – Mas a nossa vítima de homicídio esteve em Kristiansand na véspera de Ano Novo. É possível que tenha apanhado a arma.

O advogado tomou notas.

– Terá sido ele quem a matou? – perguntou Brodin.

– Não temos motivos para acreditar que tenha sido ele – disse Wisting. – Mas, independentemente de quem o fez, você estava por perto quando se deu o crime. A polícia prendeu-o a poucos quarteirões de distância.

– Ouvi os tiros – disse Brodin. – Mas não tenho a certeza, podem ter sido foguetes. Soltaram foguetes toda a noite. Mas pareceram-me dois tiros limpinhos.

Wisting sacou do seu bloco de notas e dos poucos documentos relativos ao caso que levava consigo. Aquilo que Dan Roger Brodin acabara de lhe dizer não constava de nenhum dos interrogatórios.

– Onde estava quando ouviu os tiros? – perguntou Wisting.

– Na Tollbodgata, acho – respondeu Brodin.

Wisting tentou visualizar mentalmente o mapa do centro da cidade. A Tollbodgata era uma rua paralela à Dronningens Gate, onde tinham disparado os tiros.

– Que estava lá a fazer? – perguntou Wisting.

O homem taciturno fitou-o e encolheu os ombros.

– Nada.

– E que é que fez depois?

– Depois do quê?

– Depois de ouvir os tiros.

– Continuei a caminhar.

O advogado interpelou-o:

– Alguém o viu?

– Provavelmente. Andavam por ali algumas pessoas.

– Alguma pessoa sua conhecida?

Brodin abanou a cabeça e continuou a mexer nas feridas que tinha nos braços. Wisting lançou um olhar ao advogado. Agia demasiado tarde, pensou. Se acreditava realmente que o seu cliente era inocente, já lhe devia ter perguntado aquilo há imenso tempo. Agora, os rastros já teriam desaparecido, as pessoas já se teriam esquecido, ninguém se recordaria o suficiente daquela noite para lhe dar um álibi.

– Reparou se andava algum táxi por ali? – perguntou Wisting.

– O homem que foi assassinado em Larvik era taxista – disse Müller.

– Só reparei no carro da polícia – disse Brodin. – Devia estar a ir para o sítio onde dispararam sobre a mulher, mas os polícias pararam quando me viram.

– E foi então que largou a correr?

– Sim.

Wisting não se queria intrometer na vida do sujeito, mas teve de lhe fazer uma pergunta:

- Porquê?
- Porque começaram a perseguir-me.

Dera exatamente a mesma resposta no primeiro interrogatório; nessa ocasião, dissera que se tinha escondido para que a polícia não o encontrasse.

O advogado pigarreou.

- Já falámos sobre o assunto com os detetives responsáveis pelo caso. Não era de crer que iria perguntar-lhe isto.

Wisting ignorou-o. Começava a formar-se-lhe uma ideia, e debruçou-se sobre a mesa.

- Mas porquê? – insistiu na pergunta.
- Não queria ser preso outra vez – disse Brodin, que olhou para as paredes.

Wisting puxou a cadeira ainda mais para a frente. O jovem diante dele claramente não compreendia a essência da questão.

- Mas porque é que a polícia havia de o prender? – perguntou Wisting.

Dan Roger Brodin olhou, confuso, para o advogado e para o maço de documentos defronte de si.

- Eu encaixava na descrição.

Wisting anuiu pacientemente.

- Sim, mas você ainda não sabia disso. Assim sendo, porque é que fugiu? Porque fugiu da polícia se não tinha feito nada de errado?
- Eu estava em liberdade condicional. Não queria voltar para a cadeia.

Wisting folheou os documentos.

- Saiu em liberdade condicional a 22 de dezembro?

Brodin aquiesceu. A crosta no antebraço soltou-se e ele limpou uma gotícula de sangue com a palma da mão.

- Uma das condições para se manter em liberdade era abster-se de consumir substâncias intoxicantes? – perguntou Wisting.

Brodin anuiu de novo com a cabeça. Wisting encontrou os resultados das análises sanguíneas, segundo as quais Brodin tinha vestígios de cânabis e 1,79 g/l de álcool no sangue quando foi detido.

- Então, quando disse, na sua declaração, que fugiu da polícia porque tinha medo de ser preso, foi porque tinha desrespeitado os termos da liberdade condicional? – perguntou Wisting.

Brodin anuiu de novo, como se aquilo devesse ter sido, desde o início, óbvio para toda a gente.

- Eu tinha acabado de sair.

O advogado olhou de soslaio para os papéis de Wisting e tirou os mesmos documentos do seu maço. Abriu a boca para falar, mas não disse nada.

O ar na salinha tornara-se quente e abafado. Wisting olhou para as janelas que, claro, não se podiam abrir.

- Tenho de lhe perguntar mais uma coisa.

Dan Roger Brodin olhou para o advogado, como se lhe pedisse autorização. Olav Müller aquiesceu com um gesto da cabeça.

Wisting recostou-se na cadeira com as anotações no colo. Tinha de dar um passo de cada vez, manter a calma.

- Conhece um sujeito chamado Mathias Gaukestad? – perguntou.

O homem acusado de homicídio pareceu ficar confuso.

- Sim.
- De onde? Como?
- Andámos juntos na escola.

Wisting anuiu.

- Sabe onde é que ele trabalha agora?
- No McDonald's.
- Lembra-se de ter estado no McDonald's no dia 31 de dezembro?

Brodin hesitou.

- Talvez – disse.
- O Mathias Gaukestad lembra-se de si – disse Wisting. – Diz que tentou pagar a conta com uma nota de mil.

O jovem pareceu, então, recordar-se de alguma coisa. O advogado consultou a lista de testemunhas.

- Onde é que está a ver isso? – perguntou Müller.
- Está num registo de informações confidenciais – explicou Wisting. – Não o tem nas suas cópias do processo.

Virou-se de novo para Brodin.

- A Leni Dyste disse a mesma coisa. Que a encontrou no Amfiserter, em Vågsbygd, alguns dias antes. Que tinha imenso dinheiro consigo e que a levou a comer ao Kafé Seblis.
- A Leni morreu – informou-o Brodin.
- Eu sei – retorquiu Wisting. – Mas ela disse que você foi bem pago por um trabalho.

O advogado agitou-se na cadeira. Wisting percebeu que não lhe interessava arrastar o cliente para uma situação que envolvesse dinheiro.

- Isto tem alguma coisa que ver com o caso? – perguntou o advogado.

Wisting compreendia a relutância do advogado em abordar um assunto que poderia lançar suspeitas sobre o caráter do cliente, mas Müller claramente não compreendia todas as ligações em causa.

- Já foi condenado por assalto à mão armada – disse Wisting. – Este caso também parece indicar um assalto, mas você não tinha nenhum motivo óbvio para assaltar a Elise Kittelsen se já tinha ganho bom dinheiro com um trabalho.

Nem o advogado nem o cliente disseram nada.

- Podemos fazer uma pausa? – perguntou Olav Müller, que se levantou. – Tenho de falar com o Dan Roger em privado.

Wisting aquiesceu. Era óbvio que o advogado pensara no mesmo que ele. Poderiam perfeitamente ter pago a Dan Roger Brodin para que ele assassinasse Elise Kittelsen.



O advogado premiu o botão do intercomunicador junto à porta. Seguiu-se de imediato um zumbido no altifalante.

– Fala a guarda.

Müller explicou a situação e a necessidade de abrir a porta, para que Wisting abandonasse a sala. Demorou algum tempo até ouvirem chaves a tilintar do lado de fora. Um outro guarda prisional abriu a porta e Wisting seguiu-o até a uma sala de estar onde lhe ofereceram uma chávena de café. Já bebera demasiado, mas aceitou-o sobretudo para passar o tempo.

– Ele disse mais alguma coisa? – perguntou o guarda quando entregou um copo de cartão a Wisting.

– Foi um bocadinho mais explícito.

– Não confessou, pois não?

Wisting sorriu e, ao invés de lhe responder, bebeu o seu café.

– A maioria deles está inocente, é claro – disse o guarda com um aceno em direção ao quadro onde estavam listados os nomes dos reclusos. – Mesmo quando já se provou o contrário.

Wisting aproximou-se da janela. Aquela cidade tinha mais do dobro da população da sua vila. Ali, era um forasteiro. Todas as vilas e cidades têm a sua própria pulsação, a sua própria personalidade, e demorava algum tempo a habituar-se-lhes. Kristiansand parecia ser uma cidade sossegada, quase sonolenta, mas também ali havia correntes abaixo da superfície. O crime desenvolvia-se, tornava-se mais complexo e organizado, transpunha todas as fronteiras.

– É a primeira vez que alguém o visita desde que marcaram a data do julgamento – disse o guarda, que se sentou numa poltrona.

– Quem é que costumava visitá-lo? – perguntou Wisting.

– Sobretudo advogados, ou alguém do serviço de visitas prisionais.

– Não teve visitas de amigos e parentes?

O guarda abanou a cabeça.

– Acho que não tem muitos amigos, nem família. A mãe esteve cá dentro há alguns anos. Acho que nunca mais cá volta de livre vontade.

O guarda debruçou-se sobre a mesa e bebeu o café.

– Mas, agora que fala nisso – disse ele –, ele visitava-a. Uma hora todas as quartas-feiras. Quase se podia acertar o relógio à conta dele.

O *walkie-talkie* que tinha preso ao cinto emitiu um ruído. O guarda esforçou-se por soltar o aparelho e respondeu à chamada antes de olhar novamente para Wisting.

– Acho que é o quarto ou quinto advogado que cá vem – disse ele. – Este ainda nem sequer é advogado, só estagiário. Claro que não é invulgar mudar-se de advogado, mas normalmente acontece a pedido do cliente.

Wisting anuiu. O chamado *rapto de clientes* era um problema conhecido. Todas as firmas de advocacia queriam casos que lhes proporcionassem publicidade. E os advogados por conta própria usavam os seus próprios clientes para passar a palavra e promovê-los entre os detidos, para assim obter um maior círculo de clientes.

– Quando são presos, normalmente querem o Kvammen, o Elden, o Meling ou outro desses advogados famosos – acrescentou o guarda. – Mas quando o caso já não desperta a atenção do público, aparecem os lacaios.

Wisting virou-se novamente para a janela. Se a mesma firma tinha enviado quatro advogados diferentes, significava que já não estavam minimamente interessados em Dan Roger Brodin. O Homicídio do Ano Novo era uma causa perdida, e a simpatia geral ia toda para a vítima. O rádio voltou a emitir um ruído. Os dois homens na sala de visitas tinham terminado a sua conversa privada.

Wisting despejou o resto do café no ralo do lava-louça e pôs o copo de cartão no caixote do lixo antes de seguir o guarda ao longo dos corredores cinzentos.

Dan Roger Brodin e o seu advogado continuavam sentados nos mesmos sítios. Era impossível concluir o que quer que fosse das suas expressões faciais.

Wisting agradeceu ao guarda que o acompanhara, entrou na sala e sentou-se. Trancaram a porta. Olav Müller fez um sinal ao cliente.

– Fale-lhe do dinheiro.

Brodin engoliu em seco.

– Assaltei um contentor – admitiu ele de olhos postos na mesa.

Wisting não disse nada e esperou que Brodin prosseguisse.

– Foi um roubo de encomenda – explicou Müller, ao ver que o cliente não dizia mais nada. – Um contentor com fogos de artifício. Pagaram-lhe dez mil coroas pelo trabalho.

– Até apareceu no jornal – disse-lhes Brodin, que tornou a mexer nas crostas que tinha nos braços.

Wisting olhou para o advogado, e depois novamente para Brodin.

– Tem consciência de que, para que isto tenha valor de prova em tribunal, terá de nos dizer quem lhe pagou pelo trabalho, não tem? – perguntou Wisting.

Brodin agitou-se na cadeira.

– Não sei o nome do tipo. Foi outra pessoa que me passou o trabalho – disse ele.

– Quem?

– Um tipo chamado Stikkan. Pelo menos é assim que é conhecido.

Wisting recostou-se na cadeira. O roubo nada tinha que ver com o seu caso. Brodin e o seu advogado teriam de pedir à polícia de Kristiansand que investigasse a referida circunstância se a queriam usar em tribunal.

– De onde é que o conhece? – perguntou, ainda assim, Wisting.

– Ele é de Arendal. Estivemos juntos na cadeia.

Um raio de sol entrou pela janela e atingiu o rosto de Brodin.

– Apareceu com uma furgoneta na noite de Natal, já era tarde – continuou ele depois de se afastar da luz do Sol. – Trazia um mapa com ele, e disse-me o que eu tinha de fazer e onde devia ir com a furgoneta.

– Alguém vos viu? – perguntou Müller. – Esteve com alguém na noite de Natal?

– Estava na Shalam.

– Na Shalam? Que é isso?

– É uma organização cristã. Oferecem uma consoada a pessoas como eu.

Wisting recordou a sua própria consoada. Ele, Line e o seu pai tinham jantado juntos. Um convívio de familiares próximos que, contudo, lhe parecera vazio e solitário.

– Não foi à casa da sua mãe? – perguntou.

Dan Roger Brodin abanou a cabeça.

– Não deu jeito.

– Alguém o viu a levar a furgoneta? Alguém pode confirmar que está a dizer a verdade?

– Não, já aconteceu depois da consoada. Era muito tarde. Na noite de Natal não anda ninguém na rua a essa hora.

– Que fez ao dinheiro?

– Gastei-o.

– Em quê?

– Em muitas coisas. Paguei algumas dívidas, e coisas assim. Torrei a maior parte em poucos dias.

– Tinha 643 coroas consigo quando foi preso.

– Também fiquei com parte do fogo de artifício e dos foguetes para mim. Vendi-os por baixo da mesa.

Wisting perdeu-se em cogitações, tentou determinar qual a importância do que acabara de descobrir. Algumas testemunhas poderiam confirmar que Brodin tinha dinheiro durante o período de Natal, mas, mesmo que o seu advogado encontrasse Stikkan e o levasse a confirmar a história, aquilo apenas desviava ligeiramente a questão da culpa. Havia ainda três testemunhas oculares do homicídio.

– É por isso que fugi, para ser sincero – acrescentou Brodin.

– Como assim?

– Não fugi só por estar em liberdade condicional e ter usado drogas. Acendi um foguete e atirei-o para um contentor do lixo. Deu um grande estrondo ao explodir, e pintou tudo à volta de verde e vermelho.

Müller chegou-se um pouco à frente e perguntou:

– Onde é que estava esse contentor do lixo?

– Na paragem de autocarro junto ao supermercado Kiwi – disse Brodin. – Como pegou fogo, fugi a correr.

– Causou muitos estragos?

O seu cliente encolheu os ombros, pois não compreendeu onde é que o advogado queria chegar com a pergunta. Se alguém tivesse chamado os bombeiros ou a polícia, o contentor do lixo poderia servir-lhe de álibi. Ou ser, pelo menos, um entrave à sequência cronológica apresentada pela polícia.

– Quanto tempo depois é que ouviu os tiros? – perguntou Müller.

Brodin respondeu, como era seu hábito, com um encolher de ombros.

– Cinco minutos depois? – sugeriu o advogado.

– Um pouco mais, acho – respondeu o cliente.

Wisting recostou-se de novo na cadeira e observou-os. Dan Roger Brodin coçava, abstraído, as costas nos braços, e o advogado estagiário tentava extrair-lhe o máximo de informação possível. Contudo, a menos que existisse algures um relatório a dar conta de um contentor do lixo queimado, aquela informação teria pouco valor no julgamento. O advogado de defesa realçaria o quão ilógico era o facto de Dan Roger Brodin ter andado a brincar com foguetes poucos minutos antes de realizar um assalto violento, ao passo que o promotor público afirmaria que a história sobre o contentor do lixo podia não passar de algo que Brodin vira a caminho do local do crime, e que só agora se lembrara de acrescentar às suas declarações.

– Tinha mais foguetes? – perguntou o advogado.

– Mais alguns. Ainda me restavam uns poucos.

– Onde é que os tinha guardado?

– Numa subestação elétrica junto ao Otra. Há uma grade solta numa conduta de ar nas traseiras.

O advogado sorriu ligeiramente.

– Será que os foguetes ainda lá estão? – perguntou.

Brodin encolheu os ombros.

– Acho que sim, desde que ninguém lá tenha ido.

O advogado ficou extasiado.

– Se ainda lá estiverem, os foguetes corroboram a sua explicação – afirmou. – Não foi ao centro da cidade para fazer um assalto. Tinha dinheiro e ia ganhar mais ao vender os foguetes roubados.

Dan Roger Brodin soltou outra das suas costas. Dissera-se, pela primeira vez, algo que lhe despertava o interesse.

– E vão acreditar nisso? – perguntou. – Vão acreditar em mim?

– Se encontrarmos os foguetes, sim – disse o advogado.

Müller pegou numa folha de papel e pediu ao cliente para desenhar um mapa onde estivesse assinalado o sítio onde os foguetes estavam escondidos. A caneta começou rapidamente a deslizar pelo papel.

Wisting não partilhava o otimismo de Müller. A história dos foguetes constituía apenas um contrapeso minúsculo face à lista de provas da acusação. Poderia, na melhor das hipóteses, perturbar a linha muito direta da acusação do ministério público. No entanto, estas informações poderiam ser também usadas no sentido inverso. Dan Roger Brodin conhecia bem a cidade, sabia onde podia esconder alguns foguetes. Devia também saber onde esconder um revólver de maneira a não ser encontrado pela polícia, mas a ser recolhido por outros criminosos.

O advogado pegou na pasta de documentos como se lhe tivessem comunicado que o seu tempo terminara.

– Também vem? – perguntou virando-se para Wisting.

– Onde?

– Ver se os foguetes ainda lá estão. Não posso ir sozinho. Preciso de uma testemunha credível, e duvido que algum dos seus colegas daqui queira colaborar.

Wisting olhou para o relógio. A conversa com Brodin não o fizera aproximar-se nem mais um centímetro da arma, e ainda tinha de examinar centenas de documentos.

– Demora só alguns minutos – disse o advogado, que abriu a sua pasta.

– Está bem – anuiu Wisting.

Olav Müller tirou um papel da pasta e deu-o a Wisting antes de enfiar a sua papelada lá dentro.

– O que é isto? – perguntou Wisting, que, contudo, percebeu de repente do que se tratava.

– Só um pré-aviso – respondeu o advogado.

Tratava-se de uma cópia de uma carta ao promotor público, na qual a firma de advocacia requeria que o inspetor-chefe William Wisting fosse convocado como testemunha no caso do Estado contra Dan Roger Brodin.

– Mas o julgamento começa na segunda-feira – queixou-se Wisting. – Acha mesmo que o promotor vai nesta cantiga? Está muito em cima da hora.

– A arma do crime só apareceu recentemente – respondeu Müller. – Além disso, não vai permitir que o julgamento seja adiado. É um caso de prestígio para a polícia, que quer dar mostras da sua eficácia. Na verdade, até teriam preferido ver o caso julgado antes do verão.

Wisting dobrou a carta. O advogado acercou-se do intercomunicador na parede e anunciou que a visita a Dan Roger Brodin tinha acabado.



Olav Müller acendeu um cigarro assim que se viram na rua. Prendeu-o entre os lábios e analisou o mapa desenhado por Dan Roger Brodin.

– Mais vale irmos a pé – disse ele ao apontar na direção do rio. – Fica aqui perto.

Wisting concordou. Um vento quente varreu o asfalto e desbotou os contornos da cidade.

– Já trabalhou em muitos casos como este? – perguntou Wisting.

Müller soltou alguma cinza do cigarro.

– Como assim? – perguntou.

– Homicídios.

– Não sozinho. Ainda me faltam uns meses para ter a minha própria licença de advocacia. Este caso vai dar-me muita experiência a nível processual.

– Podia ter escolhido um caso mais simples.

– Seria mais fácil se ele tivesse confessado – concordou Müller. – Ou se eu pudesse apelar com base nalguma coisa. Mas já passámos por isso. Ele nega ter tido algo que ver com o homicídio.

Prosseguiram em silêncio. As fachadas dos edifícios de ambos os lados da rua estavam sujas e manchadas por causa dos fumos de escape e do pó da estrada. Wisting perguntou-se se o advogado teria alguma estratégia planeada. Uma coisa era apontar as deficiências da investigação policial e demonstrar que as provas eram fracas; outra coisa era apresentar uma explicação alternativa ao tribunal. Na prática, não bastava levantar dúvidas. Se queria que acreditassem na inocência do seu cliente, teria de apresentar uma explicação que atribuísse um significado lógico a todas as provas encontradas e, ao mesmo tempo, permitisse uma interpretação alternativa dos factos. Teria, acima de tudo, de poder indiciar um outro possível assassino.

– Vamos chegar ao ponto de negociar a sentença – disse o advogado, como se lhe tivesse lido a mente. – E é então que terei algo para dar em troca. Ele não teve a vida facilitada, sabe.

O resto do que ele disse perdeu-se na poeira levantada por um autocarro que parou para largar passageiros, mas Wisting percebeu que a estratégia do advogado era puramente psicológica e passava por gerar alguma empatia com o arguido. Dir-lhes-ia que Dan Roger Brodin era uma vítima, que tivera uma infância difícil, e que nunca lhe tinham dado a ajuda ou o tratamento necessários.

A rua terminava num parque infantil com uma cerca em redor, um jardimzinho e um ancoradouro à beira-rio. Algumas crianças estavam a brincar nos baloiços. Müller deitou o cigarro fora e olhou para o mapa desenhado por Brodin.

– É ali – disse ele ao apontar para uma estrutura de tijolo cinzento debaixo de uma faia. As paredes estavam cobertas de *graffiti*.

Wisting deixou que o advogado tomasse a dianteira. Este afastou alguns ramos e contornou a subestação até chegar às traseiras.

– Estão aqui as grades!

– É melhor tirar uma fotografia antes de pegarmos nos foguetes – disse Wisting.

– Sim, claro.

Müller sacou do telemóvel e ergueu-o. Tinham enfiado uma lata de cerveja amassada entre as barras de metal do gradeamento. Havia lixo espalhado pelo chão. Wisting afastou uma seringa usada com a ponta do pé.

O advogado estagiário enfiou os dedos entre as barras e abanou a grade. Soltou-se algum gesso nos cantos.

– Está solta – gritou ele, em triunfo, ao puxá-la para fora.

Wisting aproximou-se dele.

Müller pôs a grade de lado e acendeu a lanterna do telemóvel para iluminar o interior. O espaço não tinha mais de trinta centímetros de profundidade, mas tinha sido esburacado dos dois lados. Apontou para um lado e depois para o outro. Não estava ali nada.



Aparecera uma caixa de piza na mesa da sala de reuniões na esquadra. Christine Thiis pôs de lado uma pasta quando Wisting entrou.

– Como é que correu? – perguntou-lhe.

Wisting serviu-se de uma fatia de piza.

– Ele não sabe nada sobre o revólver. Pelo menos, nada que me queira contar.

Sentou-se e falou-lhe do roubo dos foguetes.

– Um álibi criminoso – resumiu ela.

Wisting concordou. Não era inédito, já outros arguidos haviam sido absolvidos de um crime por terem cometido outro crime no mesmo momento.

– Mas não é um álibi – disse ele. – Teve tempo e possibilidades de fazer as duas coisas.

– Mas acreditas nele?

– Se tivéssemos encontrado os foguetes onde ele disse que os escondeu, teríamos algo de palpável que poderia comprovar a história.

Wisting encolheu os ombros tal qual Dan Roger Brodin fizera durante toda a conversa entre ambos.

– Encontraram-nos, ou a história dele não bate certo – afirmou.

– Mas bate certo o roubo ter sido cometido como ele contou que foi?

– Ele disse que o roubo apareceu nos jornais. Pode ter ido buscar a ideia a um jornal, mas não vejo por que motivo havia de inventar uma historieta que não o afasta do local do crime.

Christine Thiis virou-se para o seu portátil e procurou a versão *online* do jornal local. Wisting continuou a comer e espreitou sobre o ombro dela. Tinham roubado mais de cem mil coroas em fogo de artifício e foguetes de um contentor em Lund. Como o contentor não estava identificado nem tinha acesso direto, a polícia assumira que os criminosos sabiam de antemão onde estava e o que continha.

– Viste o mapa? – perguntou-lhe Wisting.

– Que mapa?

Wisting limpou os dedos e folheou os documentos.

– O Ryttingen disse, numa entrevista num jornal, que o ataque à Elise Kittelsen tinha sido provavelmente planeado com todo o cuidado. O Brodin tinha um mapa do local do crime no bolso das calças.

Encontrou o que procurava: um relatório com uma lista dos artigos que o arguido tinha consigo quando da sua detenção.

O *mapa do local do crime* fora inserido na lista como item A-3, encontrado no bolso traseiro direito das calças do arguido.

– Este mapa.

Ela abanou a cabeça.

– Deve estar nesta pasta – afirmou ela, e pegou numa pasta verde e fina onde estava escrito *Provas – cópias*.

A pasta funcionava como uma obra de referência útil para todos os que trabalhavam no caso. Todos os documentos eram fotocopiados, para que os investigadores não precisassem de assinar uma declaração de cada vez que precisassem de os consultar. Aplicava-se o mesmo a recibos, anotações e chaves e outros objetos pequenos que pudessem ser colocados no vidro de uma fotocopadora.

Christine Thiis folheou a pasta até chegar ao mapa, que era um daqueles mapas que estão disponíveis nas receções dos hotéis e se podem arrancar de um bloco. A cópia tinha vincos e manchas que assinalavam os pontos onde fora dobrado.

– Tem alguma coisa assinalada? – quis saber Wisting.

Analisou o traçado das ruas juntamente com ela. O mapa original teria, provavelmente, formato A3 e cores. O mapa diante deles estava impresso a preto e branco e tinha sido reduzido a A4 para caber na pasta.

– Não parece – respondeu Christine Thiis.

Wisting tirou o mapa da pasta.

– No relatório diz que é um mapa do local do crime, mas isto é um mapa da cidade inteira – observou.

Dobrou a folha tal qual o original devia estar dobrado. Na parte virada para fora, as ruas estavam dispostas paralelamente umas às outras, e a escola abandonada diante da qual Elise Kittelsen fora assassinada encontrava-se mais ou menos a meio. Ao virar o mapa ao contrário, a freguesia de Lund, onde tinham roubado os foguetes, ficava mais ou menos a meio.

– Pode ser o tal mapa que o Stikkan lhe deu – declarou.

– O Stikkan?

– O tipo que arranjou o trabalhinho ao Dan Roger. Marcou num mapa o sítio onde estava o contentor.

– O que é ele disse sobre o mapa no interrogatório?

Wisting pegou na pasta com os documentos do processo judicial e procurou o depoimento de Brodin.

– *Mostrou-se ao acusado o mapa encontrado no seu bolso traseiro direito, prova item A-3 – leu em voz alta. – Explica que já o tinha há algum tempo, mas que se esquecera dele. Não sabe onde o arranjou.*

– Para ser sincera, parece-me mais lógico que lhe tenham assinalado no mapa o sítio onde devia ir assaltar o contentor do que este ter sido usado para planejar um ataque – comentou Christine Thiis.

Wisting fechou a pasta e pôs-se a pensar.

– E tu, que achas?

Hesitou antes de lhe responder. Pensava há já algum tempo numa coisa, mas tivera medo de a partilhar com outras pessoas. Era agora chegado o momento de o fazer.

– Acho que o Dan Roger Brodin está inocente – disse em voz baixa, e a olhar para o gabinete de Ivar Horne no outro lado do corredor. – Acho que querem condenar um inocente.

Christine Thiis pareceu hesitar entre acreditar que ele estava a ser sincero ou a troçar dela.

– O mapa pode não provar nada – disse. – Mas há três testemunhas oculares, e ele tinha resíduos de pólvora da arma do crime nas mãos.

– Tinha mesmo?

Ela revirou os olhos.

– Bem, é o que diz nos relatórios – respondeu-lhe.

– Não diz que é da arma do crime.

– Não, claro que não. Mas resíduos de pólvora são resíduos de pólvora.

– Exato – disse Wisting. – Acho que a pólvora que o Brodin tinha nas mãos podia ser dos foguetes, e não da arma do crime.

Ela ficou boquiaberta. Ao aperceber-se de como esta explicação alternativa tinha lógica, afundou-se na cadeira e suspirou.

– Os resíduos de uma arma não têm compostos químicos diferentes dos da pólvora usada em foguetes?

– Provavelmente, sim – retorquiu Wisting. – Mas não a analisaram. De qualquer maneira, não tinham a arma e não podiam recolher amostras de referência. Mas agora já podem.

E levantou-se.

– Já ouviste falar em prova de fogo?

– Sim – respondeu-lhe, embora não percebesse onde ele queria chegar. – É uma provação, uma dificuldade a enfrentar.

– Mas sabes de onde vem a expressão?

Ela abanou a cabeça.

– Vem de um antigo sistema legal babilónico. A prova de fogo era um método usado para determinar a culpa. O acusado tinha de lamber uma colher em brasa acabada de tirar do fogo, e o sacerdote examinava-lhe a língua em busca de sinais dos deuses. As feridas na língua determinavam se era inocente ou culpado, ou seja, se continuava vivo ou era executado.

Pegou no mapa e desdobrou-o.

– Gostaríamos de acreditar que o sistema judicial mudou desde então, mas ainda tem por base interpretar sinais e atribuir um significado ao que vemos. Não é apenas uma questão de trabalho policial. Julgamos e avaliamos constantemente, ajuizamos sobre as pessoas de acordo com as roupas que usam, o carro que conduzem, onde vivem, o seu nível de escolaridade e o seu emprego. Por vezes, acertamos, mas em certas ocasiões erramos. Talvez estejamos errados no que diz respeito ao Dan Roger Brodin.

Christine Thiis levantou-se e tirou a pasta com o registo de informações confidenciais de uma das caixas pousadas na mesa.

– Então isto talvez tenha algum interesse – disse procurando a página certa antes de a mostrar a Wisting.

Tratava-se de um registo de denúncias telefónicas datado de 2 de janeiro. Na coluna correspondente ao nome estava escrito *Anónimo*, mas havia um número de telefone na coluna ao lado. No campo onde se anotava a denúncia ou informação estava escrita apenas uma frase: *Prenderam o homem errado*.

Era uma afirmação irrelevante, vazia, e a maioria dos investigadores nem sequer se teria dado ao trabalho de a anotar, quanto mais de registar e guardar. A chamada fora provavelmente atendida por um funcionário administrativo zeloso ou por um polícia estagiário inexperiente.

– A chamada foi feita de Larvik – referiu ao apontar para a coluna com o número de telefone fixo.

– Já o pesquisaste? – perguntou Wisting.

Ela virou-se de novo para o portátil e teclou os oito dígitos.

– É um número privado, não está na lista.

– Diz ao Hammer que trate disso.

– Mas ainda temos as três testemunhas oculares – referiu ela.

Wisting puxou uma cadeira e sentou-se diante das caixas cheias de papelada.

– Eu sei – confirmou com um suspiro. – Mas, se queremos resolver o nosso caso, temos de resolver este primeiro.



Wisting estava com dores de cabeça e pousou os papéis. Levantou-se e dirigiu-se à copa. Tirou um copo do armário e abriu a torneira.

Havia sempre testemunhos falsos, não havia caso que não os tivesse, pensou ao deixar a água correr. Não porque quisessem conscientemente mentir à polícia, mas porque, às vezes, pensavam ter visto algo que não tinham visto. As testemunhas confundiam acontecimentos imaginados com acontecimentos reais. As experiências prévias afetavam a memória, assim como o que as outras pessoas diziam ou o modo como lhes faziam perguntas. Um sujeito podia estar presente no local de um acontecimento e, ainda assim, não prestar atenção a pormenores importantes. Era normal. O cérebro humano não foi feito para armazenar recordações pormenorizadas, e num interrogatório a testemunha enfrentava, normalmente, expectativas irrealistas no que se referia à informação que havia memorizado.

Um detetive tinha amiúde dificuldade em saber no que acreditar. As testemunhas mais credíveis eram, usualmente, as que falavam de modo coerente e pareciam ter a certeza do que diziam. Um vocabulário pobre e uma organização incoerente dos pensamentos criavam um certo efeito de incredibilidade, mas isso não significava que a testemunha fosse, nessas circunstâncias, menos fiável.

Wisting encheu o copo, bebeu, e sentiu a água fria aclarar-lhe as ideias.

Christine Thiis espreitou por cima do maço de papéis à sua frente.

– Já viste aquele filme com o gorila? – perguntou Wisting.

– O *King Kong*?

Ele riu-se.

– Não, estou a pensar em psicologia de testemunhas. Há um filme de um campo de basquetebol onde estão duas equipas, cada uma com cinco jogadores – e continuou. – Passaram o filme num cursinho que eu fiz uma vez. Antes de nos mostrarem o filme, disseram-nos para contar quantas vezes os jogadores com equipamento branco passam a bola entre si. A meio do jogo, um homem com um fato de gorila entra em campo. Quando o filme acabou, não nos perguntaram quantos passes os jogadores de branco fizeram, mas se nos apercebemos de ter acontecido alguma coisa invulgar. Pouquíssimas pessoas deram pelo gorila.

Christine Thiis não sabia ao certo onde é que ele queria chegar com aquela história.

– Isto demonstra que temos pouca capacidade de observação. Que uma coisa essencial nos pode passar ao lado, porque estamos concentrados noutra coisa qualquer – declarou Wisting e sentou-se de novo à mesa. – E é precisamente isso que acontece quando estamos preocupados.

Ela mordiscou a ponta da caneta.

– As pessoas memorizam situações dramáticas – acrescentou ela. – Acho que as testemunhas deste caso não estavam concentradas noutra coisa, mas só no que estava a acontecer mesmo à sua frente.

Wisting não lhe respondeu.

– Em que é que estás a pensar? – Christine Thiis perguntou-lhe.

– Num assalto a uma malaposta em França, no fim do século XVIII. Houve dúzias de testemunhas, e identificaram sete pessoas, que foram condenadas pelo assalto e, todas elas, enforcadas, embora nenhuma das testemunhas tivesse visto mais do que cinco assaltantes.

Christine Thiis pôs a caneta no outro canto da boca.

– Queres dizer que todas as três testemunhas deste caso podem estar erradas?

Wisting pôs os depoimentos das três testemunhas lado a lado na mesa diante de si.

– São demasiado semelhantes – afirmou ao pegar na fotografia tirada a Dan Roger Brodin quando da sua detenção. Um jovem magro, descomposto e com um olhar assustado.

– As três testemunhas descreveram-no quase da mesma maneira – prosseguiu Wisting. – Se o mesmo inspetor falar com todas as testemunhas uma após outra, pode transferir traços e descrições de uma testemunha à outra, mas estas três testemunhas foram interrogadas por três inspetores diferentes. No entanto, as descrições são idênticas.

– Do meu ponto de vista enquanto jurista, essa é uma situação de sonho num julgamento.

– Mas os sonhos raramente correspondem à verdade – disse ele. – Três pessoas diferentes vão ter sempre três experiências diferentes, ainda que tenham visto o mesmo incidente.

Ela levantou-se, contornou a mesa e pôs-se ao seu lado para ler as descrições feitas pelas três testemunhas oculares. Wisting já as sabia de cor. O criminoso aparentava ser nórdico, tinha cerca de 25 anos, aproximadamente 1,80 m de altura, era magro e tinha cabelo louro curto, levava vestida uma camisola preta de gola alta com letras à frente, um casaco cinzento, calças escuras e ainda sapatilhas azuis.

– Estou a ver aonde queres chegar – notou ela. – Os dois amigos tiveram tempo para conversar antes de serem interrogados. Estiveram sentados no banco traseiro de um carro da polícia e podiam ter-se influenciado mutuamente.

Wisting olhou de novo para o depoimento feito por Terje Moseid, o único dos dois amigos com quem ainda não entrara em contacto.

– Acho que também quero falar com ele antes de darmos os trabalhos por encerrados – disse, e levantou-se.

– Vou contigo?

– Sim, por favor.

Wisting pegou noutra fatia de piza ao sair da sala. Ivar Horne, sentado à secretária no outro lado do corredor, ergueu o olhar.

– Já voltamos – disse-lhe Wisting. – Vai ficar aqui até tarde?

Horne esticou-se na cadeira.

– Liguem-me quando quiserem entrar – respondeu. – Como montámos uma operação de vigilância a um conhecimento mútuo nosso, vou ficar cá até ele se deitar.

– Estão a vigiar o Phillip Goldheim?

– Esse mesmo. O Mister NiceGuy.

Wisting esteve a ponto de perguntar por que motivo estavam a vigiá-lo, mas o toque do telemóvel de Christine Thiis interrompeu-o.

– É o Hammer – comunicou ao olhar para o ecrã.

Dirigiram-se ao elevador. Ela respondeu a Hammer em monossílabos e desligou assim que a porta do elevador se abriu.

– Ele já rastreou o tal número de Larvik – anunciou. – É o número da cabina telefónica da estação de comboios.

Wisting olhou para o teto quando o elevador começou a descer.

– Então alguém telefonou de uma cabina pública em Larvik aos detetives de Kristiansand para lhes dizer que tinham prendido o homem errado – disse ele, sem saber ao certo qual a importância daquele facto.

– Pensava que já nem havia cabinas telefónicas – replicou Christine Thiis.

O elevador parou e a porta abriu-se. No corredor, dois polícias de uniforme conversavam com um homem em tronco nu. Passaram por eles em silêncio e caminharam até ao carro. Quando já estavam sentados no seu interior, Christine Thiis deu voz ao que ambos pensavam.

– Se o Brodin está inocente, quem é o culpado?

Wisting lançou um olhar à esquadra gigantesca.

– Não sei. Mas não temos muito tempo para o descobrir.



Desta vez, Wisting teve o cuidado de telefonar para marcar um encontro com a terceira testemunha. Achou o número nos dados pessoais anotados no relatório do interrogatório.

Terje Moseid atendeu-o após o terceiro toque, e ouviu-se de imediato vento e o barulho de motores em fundo.

Wisting apresentou-se e explicou que queria falar com ele por conta do julgamento que teria início na segunda-feira seguinte.

– Tem disponibilidade para se encontrar comigo e falarmos um pouco? – perguntou ele.

– Neste momento, estou no meu barco – respondeu o homem no outro lado da linha.

– Onde é que vai atracar?

– Em Tresse.

Wisting sabia onde ficava Tresse; era o local onde se celebravam as festas da cidade, situado a meio da Strandpromenade.

– Estamos lá daqui a dez minutos – afirmou Wisting.

– Na verdade, isso não dá lá muito jeito – comentou Moseid.

– Eu demoro pouco, vou-me logo embora. Encontro-me consigo no cais.

Antes que Moseid tivesse oportunidade de reclamar, Wisting cortou a chamada, ligou o carro e arrancou.

O Sol estava já baixo no céu, e as sombras dos mastros dos barcos prolongavam-se terra adentro. Wisting estacionou junto ao cais. Quatro ou cinco jovens estavam a desembarcar de um barco em forma de V com um motor enorme.

Christine Thiis pôs os óculos de sol. Wisting também saiu do carro e foi ao encontro do grupo.

– Terje Moseid? – perguntou ao olhar para um jovem com dentes branqueados e pele bronzeada.

– Sim, sou eu – anuiu, com um aceno. Depois, segurou na mochila com a mão esquerda, para poder dar um aperto de mão ao detetive.

Wisting apresentou-se e explicou quem era Christine Thiis. Moseid pediu aos amigos que o esperassem no carro.

– A arma do crime apareceu – disse Wisting –, o que levanta toda uma série de questões.

– Li uma notícia sobre isso da arma – comentou Moseid, e pousou a mochila.

– Não se importa de rever a situação mais uma vez? Pode dizer-me o que viu e fez naquela noite?

Moseid olhou para ambos.

– Não sei nada acerca da arma – disse. – Só vi que o tipo a levou quando fugiu.

– Pode contar-nos tudo desde o início?

Moseid suspirou e começou a debitar uma história já bem decorada. Parecia que a repetira não só à polícia de Kristiansand, mas também à sua família e amigos. Wisting escutou-o sem o interromper. Moseid entrava em detalhes abundantes no que respeitava ao sangue da vítima, e também à tentativa – sua e do amigo – de salvar a vida da mulher baleada, mas era vago no que dizia respeito ao criminoso e à direção em que este havia fugido.

– Eu concentrei-me sobretudo nela.

– Pode descrever-nos o assassino? – perguntou Christine Thiis.

Um dos jovens à espera no carro gritou alguma coisa. Terje Moseid acenou-lhe, de forma a indicar que o ouvira. Em seguida, fez-lhes a mesma descrição que constava no relatório do interrogatório.

– Depois, levaram-no de carro até ao sítio onde estávamos – concluiu.

– Reconheceu-o? – perguntou Christine Thiis.

– Era ele, sim senhora. Aconteceu tudo muito depressa, mas era ele. A polícia apanhou-o logo. Já estava algemado e tudo. Era alto e magro, tinha as mesmas roupas.

– Falou com o seu amigo enquanto estavam à espera no carro da polícia? – continuou ela. – Falaram sobre o que tinham visto?

– Sim, claro, mas sobretudo ouvimos o que disseram na rádio da polícia. Andavam a persegui-lo pelas ruas da cidade.

Uma ligeira brisa marítima criou ondas na água e fez restolhar as folhas dos carvalhos altos. Wisting apercebeu-se de uma coisa: a descrição do assassino feita por Terje Moseid seguia as linhas de orientações e os termos usados pela polícia em casos de pessoas desaparecidas. Descrevera-o segundo género, etnia, idade, altura, tipo corporal, cabelo e roupas que estava a usar. As roupas tinham sido descritas das mais interiores para as mais exteriores, de cima para baixo, de acordo com os parâmetros usados pelas autoridades.

– Não respondeu à pergunta – disse Wisting.

– Que pergunta?

– Reconheceu-o quando a polícia o levou até ao local do crime?

– Nem por isso – admitiu Moseid. – Mas ele batia certo com a descrição.

Wisting deu um passo em frente.

– Que descrição?

– A descrição que transmitiram pelo rádio da polícia. Repetiram-na duas vezes.

Wisting sentiu uma veia pulsar-lhe na testa. Sacou da cópia do interrogatório da polícia e mostrou-a ao jovem à sua frente. Apontou-lhe o parágrafo que continha a descrição.

– Não disse que o assassino parecia nórdico, tinha vinte e cinco anos e estava a usar uma camisola preta de gola de alta com alguma coisa escrita à frente porque tinha visto isso tudo, mas porque ouviu a descrição no rádio da polícia, foi isso?

Terje Moseid levantou os braços.

– Era assim que ele parecia. Vi isso tudo quando o levaram até ao local do crime. Apanharam-no ali perto.

Wisting baixou o papel.

– Mas era assim que se parecia o homem que disparou sobre a Elise Kittelsen? – perguntou-lhe.

Terje Moseid pegou na mochila e começou a encaminhar-se para o carro.

– É o que vos tenho estado a dizer – afirmou ele, e abanou a cabeça com irritação.

– Não, não é – contestou Wisting, barrando-lhe o caminho. – Você diz que o homem que a polícia prendeu se adequava à descrição que ouviu no rádio da polícia, mas era este o mesmo homem que tinha visto?

Moseid olhou para o dedo que Wisting lhe apontara ao peito. Wisting amassara a folha onde estava impresso o relatório do interrogatório.

– Já disse que não o vi muito bem. O outro tipo viu-o muito melhor que nós. O assassino passou por ele a correr. O tipo até o perseguiu. Foi com ele que os polícias falaram antes de transmitir a descrição.

Algumas gaivotas guincharam no cais.

– Então está bem – e Wisting deixou a mão descair. – Obrigado pela ajuda.

Terje Moseid, confuso, olhou para ele e pôs a mochila às costas.

– A polícia só prende a pessoa errada em filmes – afirmou, e de imediato se dirigiu para junto dos amigos.

– Isto muda completamente o caso – declarou Christine Thiis tirando os óculos de sol.

Wisting olhou-a nos olhos.

– Não há três testemunhas oculares – concluiu. – Só há uma.

– Temos de falar com os responsáveis por este caso – continuou ela. – Sobre isto, e também por causa dos foguetes.

– Ainda não – contestou Wisting, pois não queria, de todo, falar com Harald Ryttingen. – Primeiro, precisamos de encontrar uma resposta alternativa. Temos de conseguir apontar um outro culpado.



A quente noite de verão caiu sobre a cidade como um cobertor fofo. As pessoas caminhavam lentamente pelas ruas do centro. Wisting travou a fundo num cruzamento, de maneira a não atropelar um cão que saltou para o meio da rua com a língua de fora e o rabo entre as pernas.

Quando arrancou de novo, avistou um supermercado Kiwi mais adiante. Havia dois contentores do lixo junto à entrada, um de cada lado. Eram verdes e feitos de plástico rijo, do género habitualmente usado em espaços públicos. Um deles parecia um pouco mais limpo e novo do que o outro.

O supermercado ainda estava aberto. Wisting estacionou em cima do passeio.

– Vou só lá dentro ver se é verdade – declarou ao apontar para um dos contentores. – Se um deles explodiu mesmo na noite de Ano Novo.

– Eu espero aqui – respondeu Christine Thiiis.

Deixou a chave na ignição. Cheirava a asfalto quente. Só uma das caixas estava aberta. Uma jovem com madeixas lilases comprava uma piza congelada, Coca-Cola e batatas fritas. Wisting esperou que ela pagasse para interpelar o rapaz de serviço na caixa e mostrar-lhe o cartão da polícia.

– Tenho uma pergunta curta, mas estranha, a fazer-lhe. Sabe se um dos contentores do lixo que estão aqui à entrada foi danificado com um foguete na passagem de ano?

O rapaz olhou-o confuso.

– Supostamente fizeram explodir um foguete dentro de um dos contentores.

O rapaz abanou a cabeça.

– Eu só trabalho aqui nas férias de verão – explicou.

Wisting olhou para o interior da loja.

– Não haverá aqui ninguém que me possa ajudar?

– O Karsten, talvez. É o gerente. Quer que o chame?

– Sim, por favor.

O rapaz premiu um botão três vezes seguidas. Ouviu-se uma campainha tocar no interior do supermercado. Wisting deu um passo ao lado e deixou passar uma mulher com um carrinho cheio de compras.

Um homem de óculos e barba e com o uniforme verde do Kiwi apareceu entre as prateleiras de produtos. Olhou em volta e avistou Wisting, que o fitou.

– Sou da polícia – disse-lhe, e mostrou novamente o cartão de identificação. – Gostaria de saber se um dos contentores do lixo que estão lá fora foi vandalizado na passagem de ano.

O gerente desviou o olhar e fitou o passeio diante do supermercado.

– Porque é que quer saber disso agora?

– É uma situação que surgiu associada a outro caso – explicou Wisting. – Um pormenor associado a um homicídio que tenho agora de confirmar.

O gerente aquiesceu embora parecesse não compreender a associação entre os dois casos.

– O julgamento começa na próxima semana – acrescentou.

– Sim, é verdade – confirmou o gerente, arrumando algumas barras de chocolate na prateleira mais próxima. – Um idiota qualquer acendeu um foguete e atirou-o para dentro do contentor. Podia ter dado asneira.

– Chamaram os bombeiros?

– Não, o fogo apagou-se por si, mas ainda ardeu durante algum tempo. O contentor ficou completamente estragado, rachou e ficou estorricado. Tive de comprar um novo. Custam quase oito mil coroas.

– Apresentou queixa à polícia?

– Preenchi um formulário, mas não deu em nada – respondeu. – A cobertura do seguro é de dez mil, superior à despesa causada pelos danos.

E olhou para a câmara de vigilância no teto.

– Tenho imagens do tipo que rebentou com o contentor, se tiver interesse.

Wisting tinha mais do que interesse.

– Tem fotografias?

– Sim, no meu escritório.

Guiou Wisting ao longo de um corredor com prateleiras cheias de latas e pacotes de sopa até chegarem a um escritório acanhado no fundo da loja. Havia alimentos fora do prazo empilhados no chão, assim como jornais e revistas antigos. As paredes estavam cobertas de notas relativas a encomendas, *emails* de fornecedores e fotografias não emolduradas dos funcionários. O vento gerado por uma ventoinha levantava um pouco os papéis.

O gerente sentou-se a uma secretária e afastou um par de chávenas sujas. O ecrã do computador estava dividido em oito quadrados, cada um correspondente a uma das câmaras instaladas no supermercado. Uma delas permitia ver os clientes a entrar na loja. Wisting viu os dois contentores do lixo verdes no passeio.

– Já apagámos o vídeo – explicou e abriu uma gaveta –, mas imprimir algumas imagens.

Pegou num envelope cinzento, de onde retirou um maço de impressões a cores. Na primeira foto do maço via-se uma luz

fortíssima com que a lente da câmara tinha dificuldade em lidar. As duas imagens seguintes mostravam a mesma luz ofuscante.

– Eu próprio tirei esta fotografia já de dia – disse, e mostrou uma imagem do contentor do lixo danificado.

Na fotografia seguinte viam-se os restos de um pequeno foguete queimado. Conseguia ler-se, no fundo, o nome do fabricante. Svea. Segundo o artigo publicado no jornal local, era esse o fabricante dos foguetes roubados no Natal.

– Tem fotografias da pessoa que atirou o foguete lá para dentro?

O gerente folheou as folhas impressas e entregou-lhe um maço onde se via um homem ao lado do contentor do lixo. As impressões eram de fraca qualidade. Além disso, as fotografias tinham sido captadas do interior do supermercado, cujas portas de vidro estavam fechadas. A luz acima da entrada ajudava, mas a resolução da imagem não permitia identificar a pessoa.

Wisting folheou o maço até parar numa imagem onde se via o meliante a chegar com uma caixa debaixo do braço. Não passava de um vulto cinzento, mas lembrou-lhe Dan Roger Brodin. Na imagem seguinte o homem estava ainda mais próximo da câmara, e parecia estar a caminhar com o casaco aberto. A camisola que usava por baixo tinha um desenho branco cujos contornos era impossível discernir. Dan Roger usara, naquela noite, uma camisola preta com o desenho de um pássaro e a palavra *Magic*.

– Anexou estas imagens à sua queixa?

– Foi um bocadinho difícil carregar os ficheiros certos, mas escrevi no formulário que tínhamos câmaras de vigilância.

Wisting refletiu um pouco.

– O relógio da câmara estava certo? – perguntou.

Segundo a hora indicada no canto superior direito, a imagem fora captada às 20:09:09 de 31/12. Quase uma hora após o assassinato de Elise Kittelsen, ou seja, o relógio não podia estar certo.

– Nem por isso – disse o gerente. – Estava uma hora adiantado. Não acertamos a hora das câmaras quando se entra no horário de inverno.

– Mas no verão está certo? Como, por exemplo, agora?

O gerente anuiu.

– Sim. Pelo menos aproximadamente certo.

Wisting pegou no telemóvel. Como tinha ligação à Internet, o relógio estava sempre certo. Eram agora 20h33. Esperou pelas 20h34. No ecrã das câmaras de vigilância aparecia 20:36:11.

– Está dois minutos e onze segundos adiantado – disse, e calculou que, tendo em conta a diferença horária de inverno, o foguete devia ter explodido dentro do contentor do lixo às 19h07. Elise Kittelsen fora assassinada às 19h21. A margem de tempo era minúscula. Era ainda possível a Brodin ter estado nos dois sítios, mas tornava-se mais provável que tivesse fugido da polícia por causa do seu ato de vandalismo do que por causa do homicídio.

– Posso ficar com isto? – perguntou Wisting agitando os papéis.

O gerente recostou-se na cadeira.

– Isto tem que ver com o quê, em concreto?

Wisting não queria entrar em detalhes.

– Estamos a determinar a sequência dos acontecimentos ocorridos nessa noite. Tudo o que possamos adicionar à lista cronológica tem interesse.

O gerente pareceu ficar satisfeito com a explicação.

– Fique lá com as imagens – declarou pegando num cartão de visita. – Ligue-me se precisar de mais alguma coisa.



A sala de reuniões da esquadra arrefecera durante a sua ausência. Wisting pegou na pasta com as fotografias tiradas a Dan Roger Brodin quando da sua detenção, e comparou-as com a imagem da câmara do supermercado.

– Percebo porque é que ele não se deu ao trabalho de anexar estas fotos à queixa – disse Christine Thiis. – São inúteis.

– É impossível ver quem é – acrescentou Wisting –, mas não se pode excluir a possibilidade de ser o Brodin. A altura e a estrutura corporal batem certo, e as roupas também.

Apontou para as letras brancas estampadas na camisola de Brodin e depois para a foto pouco nítida da câmara de vigilância.

– Esta camisola também tem alguma coisa branca – comentou.

Ela pegou na foto esbatida.

– Não há como melhorar a definição da imagem?

Wisting abanou a cabeça.

– Já eliminaram o ficheiro digital original, e, mesmo que tivéssemos a versão eletrónica, nunca conseguiríamos chegar a uma imagem adequada a uma identificação legal.

– E agora, que fazemos?

Wisting sentou-se.

– Temos de olhar para tudo isto de uma nova perspetiva – declarou.

– Achava que nós já o estávamos a fazer – disse Christine, com alguma tensão.

– Sim, pois, mas, até há poucas horas, pensávamos também que o Brodin era o assassino. Tem-se assumido que a Elise Kittelsen foi a vítima aleatória de um assalto que correu mal. Se não foi o Brodin quem a matou, ela bem podia ser um alvo específico.

– Porque é que haviam de a querer matar?

– Não sei – admitiu ele. – Mas é esse o busílis da questão. Os detetives investigaram a fundo o Brodin e traçaram o retrato do habitual criminoso de pendor violento, mas sabemos muito pouco acerca da Elise Kittelsen. Andava na universidade e queria ser professora, trabalhava na sapataria dos pais, era bonita e popular entre os amigos. E pronto, é isso.

Olhou para o gabinete no outro lado do corredor, onde Ivar Horne estava sentado à frente de um computador.

– É essa a imagem da vítima que o Ryttingen quer apresentar em tribunal na segunda-feira – continuou. – Se passarmos do nível superficial, podemos perder parte da nossa simpatia e compaixão pela vítima, mas podemos também descobrir um motivo.

Ele deu uma vista de olhos ao material da investigação. Uma das questões cruciais em todas as investigações de homicídio era saber se a vítima fora assassinada por ser aquela pessoa em específico ou se a vítima poderia ser qualquer outra pessoa que se encontrasse no local errado à hora errada. Assumira-se que, no caso do Homicídio do Ano Novo, Elise Kittelsen fora uma vítima aleatória. E isso influenciara toda a investigação.

– O irmão dela achava que ela andava com más companhias – lembrou Christine Thiis, que começou a folhear a pasta com as inquirições a familiares e amigos. – Ele não gostava do namorado dela, por exemplo.

– Esse tem álibi – comentou Wisting. – Já estava na festa a que a Elise também queria ir.

Levantou-se, deu a volta à mesa e pôs-se atrás dela.

– Aqui está ele – disse ela. – Julian Broch.

Leram o relatório juntos. Julian Broch tinha afirmado que ele e Elise não eram namorados, mas sim bons amigos, e que se conheciam há pouco mais de um ano. Era quase seis anos mais velho que Elise e trabalhava no escritório de uma transportadora. Relatou todos os seus movimentos e os planos que ele e Elise tinham para a passagem de ano. A festa a que deviam ter ido juntos fora dada em casa de um dos amigos de Broch, e os convidados eram sobretudo antigos amigos seus.

– As tais pessoas de que o irmão dela não gostava – explicou Christine Thiis. – Muitas delas metidas nas drogas.

– Temos o registo das chamadas dela? – perguntou Wisting.

Christine Thiis levantou-se e debruçou-se sobre uma das caixas pousadas na mesa.

– Vi um relatório qualquer onde dizia que tinham procurado o telemóvel dela – disse Christine, encontrando o documento que acabara de referir.

Wisting já o tinha lido. Fora anexado aos documentos do processo judicial a que ele acedera eletronicamente no gabinete. O assassino roubara o telemóvel de Elise Kittelsen, mas livrara-se dele algures, provavelmente quando se apercebera de que o podiam rastrear. De acordo com o relatório, o telemóvel já não estava ligado à rede.

O relatório continha também uma lista das pessoas com quem Elise Kittelsen entrara em contacto por via telefónica no dia do seu homicídio. Havia mensagens de texto e chamadas curtas de e para as suas amigas, e uma conversa mais longa com o seu primo, que estava em Lyngdal, assim como alguns dados móveis por utilização da Internet. Pouco depois das sete, enviara uma mensagem a Julian Broch e recebera uma resposta. A polícia tinha abordado o conteúdo das mensagens quando interrogara o namorado. Ele mostrara as mensagens de texto que ela lhe enviara, e nas quais escrevera *A sair de casa agora. Até já*, a que ele respondera *Está bem. Ansioso por te ver*. Ambas as mensagens tinham *smiles*.

– Se calhar, devíamos falar com ele, não? – sugeriu Christine Thiis.

– Amanhã. Acho melhor terminarmos os trabalhos por hoje – respondeu.

Wisting pegou numa pasta a que ainda não prestara atenção, para assim ter algo com que se entreter no hotel.

Christine Thiis arrumou os papéis em cima da mesa antes de guardar o seu portátil na mala e seguir no encalço de Wisting.

Ivar Horne arrastou a sua cadeira de rodinhas até à porta e espreguiçou-se.

– Já descobriram mais alguma coisa? – perguntou ele com um sorriso.

Wisting não lhe respondeu e, ao invés, fitou a fotografia que ocupava o ecrã do computador diante de Horne. Nela, um homem com um fato completo estava a entrar num carro. Tinha o cabelo curto e parecia em forma. Tinha algo de familiar.

– Quem é esse? – perguntou Wisting.

Ivar Horne seguiu-lhe o olhar até ao ecrã.

– Este? É o Mister NiceGuy em pessoa.

– O Phillip Goldheim?

– Sim.

Wisting vira apenas a foto de Goldheim que constava no seu cadastro criminal, e que fora tirada quando da sua prisão mais de 15 anos antes. Nessa época, era mais gordo e usava rabo-de-cavalo.

– Tem mais fotos dele? – perguntou.

– Centenas – disse Horne, que abriu uma pasta de imagens.

Wisting aproximou-se do ecrã e analisou as imagens. Tinham sido tiradas em diversas situações e de diferentes ângulos.

– Pode aumentar aquela foto? – pediu-lhe Wisting ao apontar para uma foto onde, de costas para a câmara, Goldheim falava com dois homens mais novos.

Horne assim fez.

– Conhece-os?

Wisting não lhe respondeu.

– Há quanto tempo o têm sob vigia? – perguntou Wisting.

– Andámos a monitorizá-lo há três semanas, mas na fase atual só o seguimos de vez em quando.

– Quando diz monitorizar, refere-se a monitorizar-lhe as comunicações?

– As escutas e os rastreamentos telefónicos, sim – disse Horne.

– Tem o registo eletrónico do Goldheim da passada quarta-feira?

Ivar Horne virou-se para outro computador e agarrou no rato.

– Posso perguntar qual o interesse disto? – questionou pesquisando os ficheiros.

– Já vi aquelas costas algures – disse Wisting, que apontou para a fotografia de vigilância. – Num campo em Larvik.

Ivar Horne virou-se para trás e fitou-o com um olhar confuso. Wisting falou-lhe do depósito de batatas no campo atrás do celeiro onde haviam encontrado o táxi de Jens Hummel, e dos doze quilos de anfetaminas que lá estavam escondidos.

– Alguém foi lá ver se tínhamos encontrado a carga de droga depois de prendermos o Aron Heisel. O tipo que nos fugiu bem podia ser o Phillip Goldheim – acrescentou.

Horne encontrou o ficheiro certo.

– Até pode ter razão – referiu, percorrendo o ficheiro Excel no ecrã.

Nas colunas estavam registadas as datas e as horas das mensagens e chamadas, a quem enviara mensagem ou ligara, quem o contactara e onde estava ao usar o telemóvel. Constataram que tinha saído de Kristiansand pouco depois do meio-dia, e que se deslocara para norte ao longo da estrada E18, que passara por Grimstad ao meio-dia e meia, por Gjerstad uma hora depois, e que chegara a Larvik às 15h37.

– Com quem é que ele falou quando esteve em Larvik? – perguntou Wisting.

– Com a namorada – respondeu Horne. – Ela telefona-lhe ou envia-lhe mensagens aí umas vinte vezes por dia. Dá-nos um jeitoço, porque assim sabemos onde é que ele anda.

– E que é que ele fez depois disso? – perguntou Christine Thiis.

– É difícil saber ao certo. Parece que desligou o telemóvel. Só voltou a usá-lo ao regressar a Kristiansand às oito da noite. Não lhe tínhamos posto a caixa; se tivéssemos, sabíamos onde esteve.

– A caixa? – perguntou ela.

Wisting deixou as explicações a cargo de Ivar Horne. Caixa era um termo de gíria usado pelos polícias infiltrados para designar um aparelho de rastreamento eletrónico de veículos. O nome era um atavismo do tempo em que tinham de prender ao carro, com ímanes fortes, uma caixa volumosa e pesada. Era um aparelho caro e não era fácil aplicá-lo sem que o descobrissem, além de ter uma bateria muito limitada. Hoje em dia, o dispositivo não era maior do que uma unha, necessitava de pouca bateria e tinha uma precisão incrível.

Horne mostrou-lhes um mapa eletrónico, para verem do que estava a falar. Um ponto vermelho estava fixo numa morada em Andøya, a pouco mais de um quilómetro do centro da cidade.

– Ele está em casa.

– Que tipo de carro é que ele conduz? – perguntou Wisting.

– Um Range Rover.

– Então não foram no carro dele. Fugiram num carro de uma marca japonesa, ou algo assim.

Christine Thiis virou-se para Wisting e declarou:

– Temos algumas pegadas recolhidas no chão do depósito de batatas, não temos?

Wisting anuiu com a cabeça.

– Faz parte do material anexo ao processo a que podemos aceder? – perguntou Horne.

– Claro – confirmou Wisting. – Temos um sujeito detido que se recusa a colaborar connosco. Talvez queira pesquisar o nome dele no vosso sistema. Chama-se Aron Heisel.

Horne inseriu o nome no campo de pesquisa.

– Cá está ele – disse Horne.

Tratava-se de uma nota dos serviços de informação datada de outubro do ano anterior. No campo relativo ao assunto da nota constava *Phillip Goldheim – contacto em Espanha*. Wisting aproximou-se do ecrã. A nota não tinha, na sua totalidade, mais do que meia dúzia de linhas: *A fonte diz que o Phillip Goldheim regressou à Noruega depois de passar um fim de semana em Marbella. Reuniu-se com um norueguês que vive lá há vários anos, um sujeito chamado Aron Heisel. Desconhece-se o objetivo*

do encontro. O Heisel já foi condenado por contrabando de bebidas alcoólicas.

Segundo a classificação da nota, a informação era altamente fiável, ou seja, o informador tinha sido testado e comprovado ser de confiança, pois já lhes havia dado informações precisas.

– De onde veio a informação? – perguntou Wisting. – O vosso informador pode saber alguma coisa sobre o nosso caso.

Ivar Horne abriu a janela com informação adicional acerca da fonte. Deparam-se com um texto formatado segundo o qual se poderia contactar a fonte através da pessoa que inserira a informação no sistema.

– Foi o Robert Hansson que a inseriu – disse Horne. – Costumava trabalhar no nosso departamento. Pode ser aquele informador principal que deixou de nos contactar. Era o Robert que comunicava com ele.

– E onde está o Robert Hansson agora?

– No Haiti. Está lá a trabalhar num projeto qualquer das Nações Unidas.

– Pode entrar em contacto com ele?

– Posso enviar-lhe um *email*.

Nesse instante, surgiu um sinal no ecrã do computador onde estava aberto o mapa de vigilância. O ponto vermelho que indicava o carro de Phillip Golhdeim piscou. Em simultâneo, alguém falou através do *walkie-talkie* que estava em cima da mesa.

– *O suspeito está em movimento.*

– *Recebido* – respondeu Horne.

Ivar Horne pegou no *walkie-talkie* e levantou-se.

– Vamos segui-lo toda a noite. Querem vir connosco?



Wisting juntou-se a Horne na viatura de vigilância, ao passo que Christine Thiis regressou ao hotel. Wisting queria ver Goldheim com os seus próprios olhos e verificar se o reconhecia da perseguição no campo em Huken.

Os agentes à paisana comunicaram que Goldheim parara, a caminho do centro, numa estação de combustíveis.

Horne abriu um mapa no iPad, que logo passou a Wisting.

– A droga que encontraram no depósito de batatas bate certo com as nossas informações – referiu Horne. – O Goldheim teve uma perda considerável e precisa de fazer algumas jogadas para cobrir o prejuízo. Vai ser interessante ver com quem se quer encontrar hoje à noite.

Wisting concordou. A vigilância eletrónica era eficaz e barata, mas a investigação ainda dependia de alguém no terreno.

– Algum contacto? – perguntou, pelo *walkie-talkie*, Horne.

– *Negativo. Está a comer um hambúrguer.*

– O encontro não é no posto de gasolina – disse Wisting. – Tem câmaras de vigilância.

– Tem razão – disse Horne. – Se ele está a dirigir-se para a cidade, podemos segui-lo a partir daqui.

Virou, passou por baixo de um viaduto e parou na berma.

Wisting deu uma vista de olhos ao ecrã. O ponto vermelho estava ainda parado junto à estrada 456, mais precisamente num sítio chamado Auglandsbukta. Um ponto verde marcava a localização do carro de vigilância, e três pontos azuis as outras viaturas da polícia.

– Qual lhe parece ser a ligação entre o vosso caso e o nosso homem? – perguntou Horne.

– O ponto em comum é o Frank Mandt; gira tudo à volta dele – declarou Wisting. – A arma usada nos dois casos estava trancada no cofre do Mandt quando ele morreu, e o táxi da nossa vítima foi encontrado numa pequena quinta que estava arrendada ao mesmo Mandt. O Aron Heisel estava a morar na dita quinta, e o Heisel está ligado às anfetaminas escondidas no depósito de batatas. O Goldheim visitou o Heisel em Espanha em outubro passado, e mandou flores para o funeral do Mandt.

Horne desligou o motor do carro e abriu a janela. Uma brisa ligeira levou-lhes um travo a maresia. Na autoestrada por cima deles o trânsito não cessava.

– Mandt e Goldheim – disse Horne, como se saboreasse a combinação de nomes. – Trabalhavam juntos ou eram concorrentes?

– Podiam até fazer as duas coisas – disse Wisting. – Nesta área, os intervenientes ora colaboram, ora competem conforme lhes for financeiramente vantajoso.

– *Está em movimento* – disse um dos detetives. – *Vai para a cidade.*

Wisting olhou para o ecrã. O ponto vermelho piscou e moveu-se, e um ponto azul seguiu-o a algumas centenas de metros.

Ivar Horne agarrou no microfone:

– Kilo 4-2, estás à frente?

– *Vou apanhá-lo na rotunda junto do Centro Vågbygd.*

– Mantém-te à distância – aconselhou Horne. – Temo-lo localizado no mapa.

Wisting viu o ponto vermelho deslocar-se rumo a norte e virar menos de um quilómetro depois.

– *Vai para Slettheia* – comunicou o detetive do carro que lhe estava mais próximo. – *Temos alguém que o possa seguir?*

Horne orientou um carro na direção correta e o ponto vermelho continuou a mover-se.

– Løvsangerveien – leu, no mapa, Wisting. – Ele tem algum contacto lá?

– Provavelmente quer ver se o estão a seguir – disse Horne, que pegou de novo no iPad. Falou no *walkie-talkie*: – Mantenham a distância. Ele anda às voltas nas ruas residenciais.

– *O Kilo 4-2 perdeu-o* – comunicaram.

Ivar Horne reorganizou a posição dos veículos enquanto o ponto vermelho se movia pelas ruas; por fim, o ponto estacou num beco sem saída. Horne orientou um dos detetives e um ponto azul avançou pela estrada paralela ao beco onde Goldheim tinha estacionado. De repente, o ponto vermelho começou a piscar.

– Ele está em movimento – disse Horne, que deu instruções às outras unidades.

Goldheim passou pela fábrica de gelados Hennig-Olsen, pela fundição, deu várias voltas numa rotunda e voltou atrás, dirigindo-se à cidade.

– Ele não se comportaria assim se não estivesse a caminho de uma reunião importante – concluiu Horne. – Quer ter a certeza absoluta de que ninguém o está a seguir.

– Está a vir na nossa direção – informou Wisting, apontando para o ecrã. O ponto vermelho aumentara de velocidade e seguia rumo à autoestrada.

Horne ligou o motor. Goldheim não tardou a sair da autoestrada e a passar por baixo do viaduto.

– Aí vem ele – disse Horne quando um Range Rover branco passou a tal velocidade na estrada que Wisting nem sequer conseguiu ver o condutor.

– Vamos segui-lo – declarou Horne.

Como deixaram que o carro lhes ganhasse um grande avanço, passaram a depender por completo da unidade de localização por GPS. O carro acabou por virar para a Dronningens Gate. O ponto vermelho passou pelo local onde Elise Kittelsen fora morta a tiro. Quando parou num cruzamento, provavelmente à espera de sinal verde nos semáforos, eles aproximaram-se dele, e

quando o ponto começou a piscar, estavam a apenas quatro carros de distância.

Goldheim continuou em frente e atravessou a ponte sobre o rio Otra antes de virar à direita.

– Estive aqui hoje de tarde – disse Wisting, que reconheceu o local onde ele e Christine Thiis tinham comprado os seus cachorros-quentes. – Viemos aqui falar com uma das testemunhas do Homicídio do Ano Novo. O tipo mora num dos apartamentos junto ao rio.

– No cais de Høivold? É uma zona cara.

O ponto vermelho virou em direção ao prédio moderno à beira-rio. Ivar Horne pegou no *walkie-talkie*.

– Ele está a ir para o cais. Vamos abandoná-lo.

Parou na berma. O ponto vermelho no mapa parou à beira-rio.

– Há um par de binóculos no porta-luvas – disse Horne. – Saia e tente avistá-lo enquanto dou a volta.

Wisting pegou nos binóculos e pôs-se atrás de uma árvore, para daí observar a estrada abaixo dele.

Goldheim tinha já saído do carro e caminhava no cais. Os edifícios altos taparam a visão a Wisting, que teve de mudar de posição para não o perder de vista. Quando reergueu os binóculos, Goldheim tinha já desaparecido. Wisting procurou-o. Goldheim não podia ter entrado num dos prédios, mas podia ter entrado noutro carro.

Wisting baixou os binóculos. Um barco a motor afastou-se do cais. Levou novamente os binóculos aos olhos e viu Goldheim sentar-se na proa do barco. Um homem mais novo encontrava-se ao leme.

Ivar Horne aproximou-se por trás.

– Consegue vê-lo? – perguntou.

Wisting passou-lhe os binóculos.

– Está ali, naquele barco.

Horne apontou os binóculos à embarcação e ficou boquiaberto. Em seguida, falou novamente no *walkie-talkie*:

– Suspeito a bordo de um barco de turismo em movimento no Otra. Temos uma lente capaz de o fotografar?

– *Kilo 4-1*.

Viram o barco desaparecer na foz do rio. O Sol pusera-se atrás das colinas a oeste da cidade, e viram-se envoltos por um crepúsculo quente e aveludado.

– Reconheceu o homem ao leme? – perguntou Wisting.

Horne baixou os binóculos e abanou a cabeça.

– Não, mas já é um bocado tarde para irem dar umas voltinhas no rio.

– Que andarão a tramar?

– Querem falar sobre alguma coisa onde ninguém os possa ouvir – disse Horne ao olhar para o mar cintilante.

O *walkie-talkie* emitiu um ruído.

– *Tirei algumas fotos* – comunicou Kilo 4-1. – *A matrícula do barco parece ser KAR247. Estamos a verificar os registos das pequenas embarcações.*

Horne sorriu e fez sinal a Wisting, indicando-lhe que deviam regressar ao carro. Assim que entraram na viatura, o *walkie-talkie* voltou a emitir um ruído.

– *O barco está registado em nome de um tal Gerhard Broch, que mora na Prestvikveien.*

Horne encolheu os ombros, pois o nome não lhe dizia nada.

– O homem ao leme devia ter vinte e poucos anos – disse Wisting.

Horne pegou no *walkie-talkie* e perguntou:

– Idade?

A resposta não tardou a chegar:

– *Cinquenta e um.*

– Verifiquem a família.

Enquanto esperavam pela resposta, viram passar uma mulher numa bicicleta elétrica.

– *Tem um filho* – respondeu um agente. – *Um tal Julian Broch.*

Wisting sentiu os músculos do rosto contraírem-se-lhe.

– Caramba – disse entre dentes.

– Sabe quem é? – perguntou-lhe Ivar Horne.

– É um tipo ligado ao Homicídio do Ano Novo. O Julian Broch era o namorado da Elise Kittelsen.



Já passava da meia-noite quando Wisting entrou no quarto de hotel. Era um quarto espaçoso, com alcatifa e uma pequena varanda voltada para a rua. Pousou a pasta e o dossiê com os documentos, descalçou-se e sentou-se na borda da cama. Tinha a mente demasiado ativa para conseguir adormecer. Todo o seu corpo fora tomado de uma inquietação que advinha da sensação de estarem prestes a descobrir algo de muito importante. Os acontecimentos e as pessoas misturavam-se e ele não descansaria enquanto não organizasse um pouco as suas impressões.

Deitou-se e fechou os olhos. Aquele caso era diferente de todos os outros em que já havia trabalhado. Para o resolver, teria primeiro de solucionar um caso já tido como resolvido. Wisting estava convencidíssimo de que Harald Ryttingen e a sua equipa tinham seguido na direção errada. Tinham-se concentrado em comprovar as acusações contra Dan Roger Brodin e estavam agora prontos a cometer uma injustiça. As objeções de Wisting eram sérias, mas não sérias o suficiente para travar o julgamento. O julgamento teria início na manhã de segunda-feira, e um inocente seria julgado se não conseguissem indicar um outro culpado.

Abriu os olhos e fitou o teto. Uma mosca levantou voo da conduta de ar, zumbiu pelo quarto e pousou na cortina.

Tinham, num só dia, obtido muitas informações novas, mas as peças ainda não estavam encaixadas. Se Brodin era inocente, quem era o assassino?

Segundo a sua vasta experiência, o motivo para um homicídio encontrava-se amiúde muito próximo da vítima. Havia, normalmente, uma relação qualquer entre a vítima e o assassino, mas no Homicídio do Ano Novo não fora necessário investigar o círculo familiar e de amizades de Elise Kittelsen, porque tinham detido o criminoso catorze minutos depois.

Se se comesse a investigar o referido círculo, Julian Broch seria, sem dúvida, a pessoa de maior interesse. Não tinham verificado se o seu álibi era verdadeiro. Ninguém confirmara se ele tinha estado sempre na festa. Wisting pretendia visitá-lo na manhã seguinte, mas como Broch aparecera na operação de vigilância a Goldheim, teriam de esperar pelo momento oportuno, para assim não perturbar a operação em curso.

A mosca levantou voo da cortina e afastou-se a zumbir. Wisting tentou lembrar-se se havia lido algo que pudesse ser interpretado como um conflito na vida de Elise Kittelsen. E sim, havia uma coisa.

Levantou-se e procurou a sua cópia dos documentos.

Uma das amigas de Elise mencionara que Julian Broch era ciumento. Wisting passou quase dez minutos à procura do parágrafo certo. Guro Fjellborg conhecia Elise Kittelsen desde o infantário. Tinham andado juntas desde a escola primária, e ambas queriam ser professoras.

Elise conheceu Julian Broch em Hovden, durante as férias de inverno, leu ele. Começaram a namorar, mas era uma relação pouco séria. Julian era ciumento, e Elise teve de adicionar um código pin ao telemóvel, para que Julian não lhe lesse as mensagens.

Porque seria tão importante que o namorado não lesse as mensagens? Ele tinha motivos para ser ciumento? Ela tinha alguma coisa no telemóvel que queria manter escondida? E porque é que o assassino lhe roubara o telemóvel?

As perguntas começaram a multiplicar-se, e ele anotou o nome da sua amiga de infância. Havia outra possibilidade: Jens Hummel tinha algo que ver com o homicídio?

Dirigiu-se à mesa e tirou um saco de amendoins de um prato. Algures no hotel uma criança chorava e soluçava amarguradamente.

Pôs alguns amendoins na mão e atirou-os para dentro da boca. A criança parecia inconsolável. Os soluços terminaram num gemido longo e depressa recomeçaram.

Os pais tinham-na deixada sozinha no quarto e ido até ao bar? A criança tinha acordado assustada?

Mastigou outro punhado de amendoins e contou os dias que faltavam até Line dar à luz. Dezassete dias. Ingrid tinha dado à luz Line e o irmão onze após o estimado. Ele tinha esperado no corredor, e só entrara depois de o parto estar concluído. Gostaria de saber se Line tinha em mente tê-lo ao seu lado durante todo o trabalho de parto, ou se ele poderia esperar, uma vez mais, no corredor.

Não duvidava que Line viria a ser uma boa mãe, mas não seria fácil cuidar da criança sozinha.

Um facto comum a muitos assassinos era o de algo na sua infância ter corrido mal: a falta de intimidade, de amor, de carinho e empenho afetara-os. Transportavam consigo histórias dolorosas que nunca tinham ousado partilhar, e que os outros não haviam visto ou tido coragem de ver. Histórias de desilusão e dor e relações falhadas. As prisões estavam cheias de jovens com um passado de carências afetivas. Homens que tinham crescido sem pai, tal qual Dan Roger Brodin. Aconteceria o mesmo à sua neta.

Olhou para a porta, e perguntou-se se deveria pôr-se à escuta de mais soluços e gritos quando se apercebeu de que teria de representar um papel paternal e dar à sua neta a segurança necessária.

Alguém bateu numa parede e isso, de algum modo, pôs fim à choradeira.

Wisting sentou-se à mesa, afastou a brochura do hotel e pousou a pasta que levava consigo. Nem ele nem Christine Thiis tinham folheado aquela pasta. Continha material e informações retiradas dos relatórios especiais dos detetives, assim como documentos sem relevância direta para o inquérito. Continha, portanto, listas de funcionários, pedidos de reembolso, folhas de ponto e cópias de comunicados de imprensa. Wisting presumira que aqueles documentos seriam os menos interessantes, e só decidiu dar-lhes uma vista de olhos por uma questão de brio profissional.

Mais ou menos a meio da pasta, encontrou o anexo a um *email* enviado à polícia pela companhia telefónica de Elise

Kittelsen, e que se referia ao rastreamento do telemóvel roubado. O documento em anexo consistia numa lista dos números com que entrara em contacto no dia do seu homicídio. Servia de apoio ao relatório da polícia e, na verdade, devia ter sido incluído no processo.

Wisting confirmou que o número de Julian Broch recebera uma mensagem a dizer que Elise já estava a caminho. Fora essa a única mensagem do género. Broch decerto não teria problemas em determinar qual o percurso que a namorada pretendia seguir. Exceto os seus familiares, Broch era a única pessoa que sabia onde ela estaria quando, às 19h21, dispararam os dois tiros.

Pegou no mapa da cidade e calculou a distância entre o local do crime e o apartamento onde a festa tinha decorrido. Separavam-nos quatro quarteirões, que demorariam apenas cinco minutos a percorrer a pé. Duvidava que, apesar de ainda ser cedo, alguém tivesse dado conta de que Julian Broch saíra alguns minutos. O problema é que a polícia não o tinha perguntado a ninguém, e agora poucos se lembrariam de o ver ou não sair da festa. O material recolhido durante a investigação não incluía sequer uma lista abrangente das pessoas presentes na festa.

Tratava-se de um buraco na investigação, que, contudo, não era suficientemente grande para permitir que nele se entrasse.

La continuar quando, ao invés, se deteve na lista enviada pela companhia telefónica. A lista pareceu-lhe maior do que a que vira no relatório da polícia.

Reabriu a pasta com os documentos oficiais da investigação. Os papéis começavam a dobrar-se nas pontas. A lista cronológica de pessoas com quem Elise Kittelsen entrara em contacto no dia da sua morte continha um total de dezassete entradas. O detetive tinha corrigido a lista e, portanto, além da hora e do número de telefone do contacto, estavam também incluídos os nomes em que os diversos números de telefone estavam registados. Guro Fjellborg, a amiga que dissera à polícia que Julian Broch era ciumento, era um deles.

Wisting contou todas as entradas referentes a contactos na lista da companhia telefónica e contabilizou um total de 19 contactos. Depois, recontou a lista aperfeiçoada: 17. Ao início, pensou que o detetive tinha delimitado a lista, para que esta se referisse a um período de tempo específico, como se fosse, por exemplo, uma lista de contactos feitos após o meio-dia, mas as duas listas tinham como primeira entrada uma chamada realizada às 10h32, cuja destinatária fora Runa Kittelsen, uma prima da mesma idade que vivia em Lyngdal.

Wisting comparou, número por número, as duas listas. Uma chamada feita, às 14h42, por um número de telemóvel tinha sido excluída do relatório policial. Tratava-se de uma chamada recebida por Elise e feita a partir de um número que começava com 45. Tanto quanto Wisting sabia, 45 era o número de série usado nos cartões recarregáveis da NetCom.

A conversa durara quase cinco minutos. O mesmo número surgia mais abaixo na página, dessa feita numa chamada, feita por Elise, que durara oito minutos e meio. Essa chamada também não constava do relatório da polícia.

Puxou o seu telemóvel para pesquisar o número. Tinha duas mensagens não lidas de Christine Thiis. Duas horas atrás perguntava-lhe se estava a dormir. Um quarto de hora depois, enviara-lhe uma nova mensagem na qual o convidava a tomar o pequeno-almoço com ela às nove da manhã. Não dera pela entrada das mensagens. Era demasiado tarde para lhe responder, mas enviou-lhe uma mensagem para confirmar o pequeno-almoço às nove horas, antes de abrir a aplicação com o diretório de números de telefone. Pesquisou o número começado por 45. Embora não estivesse à espera disso, obteve um resultado: *Jan Larsen, Caixa Postal 502, 4605 Kristiansand*.

O nome não lhe dizia nada, pois tanto o nome próprio quanto o apelido eram vulgaríssimos, mas tinha a certeza de que nunca o vira mencionado nos documentos do caso.

O relatório onde o número tinha sido omitido fora escrito pelo agente Robert Hansson, ou seja, tratava-se do suposto contacto do denunciante que transmitia informações sobre Phillip Goldheim. Haveria ali alguma ligação? Jan Larsen era o informador da polícia, e, por esse motivo, o detetive removera os seus nomes e número de telefone da lista?

Wisting precisava de uma data de nascimento para pesquisar Jan Larsen nos registos civis e da polícia. Embora o cartão fosse pré-pago, a companhia telefónica podia ter registado os seus dados pessoais. Nils Hammer poderia tratar disso.

Pouco preocupado com a hora tardia, enviou uma mensagem a Hammer. Depois, pegou no telemóvel e tirou uma fotografia à lista das chamadas telefónicas, garantindo assim que guardava uma cópia para si antes de devolver os papéis. O relatório tinha sido falsificado. Tinham fingido copiar toda a informação enviada pela companhia telefónica quando, na verdade, haviam ocultado um dos números. Tratava-se de um erro grave que poderia ter consequências não só para o polícia que escrevera o relatório, mas também no julgamento. Com aquela informação nova, Dan Roger Brodin e o seu advogado podiam ganhar o caso.

Aproximou-se da janela. No outro lado da rua, um homem encavalitava-se num escadote, de maneira a colar um *poster* num *placard*. Um carrinho-vassoura passou pela rua com as suas escovas rotativas e deixou no asfalto atrás de si um par de linhas húmidas. A cidade preparava-se para acolher um novo dia.



Wisting acordou com o zumbido de uma mosca que esvoaçava pelo quarto. A mosca pousou na almofada livre ao seu lado, mas levantou voo de imediato. Como se estivesse atrasada.

Segundo o relógio da televisão, eram 8h43. Ele demorara algum tempo a adormecer, mas, pelos vistos, tinha dormido como uma pedra.

Entrou no polibã e deixou a água correr por um minuto ou dois enquanto refletia. Em todos os casos havia sempre alguém com alguma coisa a esconder, porém, neste caso em específico, era a polícia que omitia e ocultava informações.

Ao descer para tomar o pequeno-almoço, encontrou Christine Thiis sentada atrás de uma pilha de jornais. Serviu-se de uma chávena de café antes de se sentar.

– Não vais comer nada? – perguntou ela.

– Mais daqui a bocado – respondeu e contou-lhe como tinham seguido Goldheim pelas ruas de Kristiansand, e que este se tinha encontrado com Julian Broch.

– O namorado da Elise Kittelsen?

– Sim, mas ainda não podemos falar com ele – disse Wisting. – O nome Guro Fjellborg diz-te alguma coisa?

Ele apercebeu-se de que sim, que dizia, mas que ela não sabia de onde o conhecia.

– Era uma das amigas da Elise Kittelsen – esclareceu-a. – No meio dos documentos do caso há um relatório muito breve de um interrogatório que lhe fizeram. Mencionou a relação entre a Elise e o Julian Broch, e disse que o Julian era ciumento. A Elise teve de bloquear o telemóvel com um código, para que ele não lhe lesse as mensagens.

Ela lançou-lhe um olhar de dúvida.

– Um namorado ciumento? – questionou-o.

– Resta saber se ele tinha motivos para ser ciumento. Se a Elise tinha segredos que não foram revelados durante a investigação.

– Temos de falar com a amiga dela.

– E há mais uma coisa – acrescentou Wisting, e mencionou-lhe a discrepância entre o relatório da polícia e a lista da companhia telefónica.

– Queres dizer que eles manipularam as provas?

Ele esperou que um idoso passasse pela mesa.

– Em termos rigorosos, não estamos a falar de provas, mas sim, omitiram informações cruciais.

– Quem é esse tal Jan Larsen?

– Já pus o Hammer a tratar disso – anunciou Wisting. Depois, dirigiu-se ao bufete do pequeno-almoço e serviu-se de *bacon*, ovos e duas fatias de pão integral. – Vou telefonar à amiga depois do pequeno-almoço.

– Vamos ter de nos despachar com isto – disse Christine Thiis.

– Sim, seja lá como for – concordou ele. – Mas acho que o Ryttingen não nos quer ouvir. Já tanto lhe faz se há justiça ou não, só quer ganhar o caso em tribunal.

– Tem de haver com quem possamos falar. Alguém acima dele. Com o promotor público ou o comissário?

– Ainda não temos nada de concreto a apresentar. Temos de ir mais fundo para avançar.

– O julgamento começa amanhã – lembrou ela, e empurrou a edição de domingo do *VG* sobre a mesa. A fotografia de Elise Kittelsen regressara à primeira página, tal como Line previra. Wisting procurou fotos da vítima de homicídio e do local do crime. Harald Ryttingen comentara, enquanto líder da investigação, o julgamento iminente; dizia que a polícia esperava que o arguido repensasse a sua posição e se explicasse em tribunal. A família de Elise Kittelsen precisava de respostas.

Wisting abanou a cabeça. Isto era um modo indireto de dizer ao público em geral que a culpa já estava atribuída, o que só reforçava a onda de opinião pública que esbarraria no tribunal.

– Falam também do revólver – disse Christine Thiis.

Ryttingen pusera de lado a ideia de que a descoberta da arma do crime e a ligação a outro homicídio tivessem alguma relevância para o caso.

Já esperávamos que a arma aparecesse, mais cedo ou mais tarde, num sítio qualquer. Tem pouco interesse para o nosso inquérito. Já sabemos quem disparou a arma.

– Este parvalhão está a coagir o julgamento – declarou Wisting.

Olav Müller respondera sucintamente às perguntas acerca da posição do seu cliente, que continuava a dizer-se inocente. O advogado estava já na defensiva e parecia, portanto, não acreditar no cliente. Era claramente demasiado inexperiente, não só com a imprensa, mas também por pedir um julgamento por homicídio. O mero conhecimento da lei não bastava, convinha ter também alguma capacidade retórica. Um caso daqueles dependia tanto de convencer quanto de provar, e de como se apresentava as provas. O vencedor não era necessariamente quem dizia a verdade, mas quem conseguia apresentar o melhor argumento.

Wisting foi de novo ao bufete e só depois regressou ao seu quarto. Christine Thiis acompanhou-o, para assim dar uma olhadela ao documento onde tinham omitido as duas chamadas telefónicas.

– Talvez haja uma explicação para isto – disse. – O Jan Larsen pode ser um informador. Se assim for, podem ter eliminado o seu nome do processo para o proteger.

– Isso não parece ter lógica nenhuma – disse Christine Thiis. – Porque é que o contacto entre a Elise Kittelsen e um informdor

da polícia seria perigoso para o informador?

Wisting encolheu os ombros. Se o nome de Jan Larsen aparecesse nos documentos da investigação, teriam provavelmente de seguir a pista. O que não seria problemático para a fonte, caso esta não tivesse nenhuma ligação ao caso. Contudo, Wisting procurava um assassino alternativo a Dan Roger Brodin, e se o assassino tivesse sido Jan Larsen, algum polícia o encobria, de maneira a protegê-lo e à operação de vigilância em curso. Uma possibilidade aterradora.

– Seja como for, é um segredo interno inaceitável, vai contra todas as regras – disse Christine Thiis.

Wisting concordou. Procurou os dados pessoais de Guro Fjellborg nas suas anotações. Ela e Elise Kittelsen eram da mesma idade, mas, nos seis meses que haviam decorrido desde o homicídio, Guro fizera 22 anos.

Marcou o número dela e sentou-se na borda da cama. O telefone tocou imenso tempo e Wisting receou ser ainda demasiado cedo. Estava prestes a desligar quando ela atendeu. Estava animadíssima.

Ele apresentou-se e disse-lhe por que motivo a estava a contactar.

– Dá-lhe jeito falar agora?

– Sim, sim – garantiu-lhe a jovem, embora a alegria tivesse desaparecido do seu tom de voz. – Estava quase a fazer o *check-in*.

– Está em viagem?

– De volta a casa. Estou em Londres.

Wisting pôs a chamada em alta voz, para que Christine Thiis ouvisse a conversa.

– Tem tempo para responder a algumas questões? – perguntou-lhe.

– Sobre o quê?

– Sobre a Elise Kittelsen. Só quero confirmar alguns detalhes.

– Sim?

– Na sua declaração, disse que o Julian Broch, o namorado dela, era ciumento. É verdade?

– Sim, ele não gostava que ela andasse com outros homens.

– E andava?

– Não dessa maneira. Irritava-se se ela conversasse demasiado tempo com outro tipo.

– Você disse que a Elise teve de bloquear o telemóvel com um código para que ele não lhe lesse as mensagens.

– Sim, ela descobriu que algumas mensagens que não tinha lido já tinham sido abertas e percebeu que ele andava a bisbilhotar.

– Ela não queria que ele visse alguma coisa em particular?

– Acho que não, mas não é coisa que se faça. Não se lê as mensagens dos outros à socapa.

– Ela contava-lhe tudo? Pelo que entendo, eram boas amigas.

Guro Fjellborg hesitou.

– Nem tudo – disse ela. – Às vezes, afastava-se e saía da sala ou do quarto para atender chamadas. Outras vezes, estava a falar connosco e começava a enviar mensagens sem dizer com quem estava a falar.

– Com quem é que ela falava nessas situações?

– Não sei.

Wisting mudou o telemóvel para o outro ouvido.

– Conhece alguém chamado Jan Larsen?

– Jan Larsen? Não. Quem é esse?

– É só um nome que nos apareceu – disse Wisting. Ouviu um aviso de embarque. – Não a faço perder mais tempo. Boa viagem.

Desligou e pôs-se de pé.

– Vamos lá despachar isto – disse reunindo os documentos do caso.



Fizeram *check-out* no hotel, guardaram a bagagem no carro e regressaram à esquadra. À entrada do edifício, enquanto esperavam que Ivar Horne descesse e os recolhesse, um autocarro turístico mudou de velocidade e originou um turbilhão de ar quente com pó e areia. Horne parecia exausto.

– Ficaram a trabalhar até muito tarde? – perguntou Wisting.

– Nem por isso. Conseguimos colar uma caixa ao carro do Goldheim enquanto esperávamos por eles. Regressaram ao cais já era noite cerrada. Seguimos o Broch. Ele passou por casa antes de deixar a cidade – disse Horne.

– E o Goldheim?

– Esse foi direto para casa. – Ivar Horne susteve a porta do elevador para que eles entrassem. – Receio que já não tenham muito que fazer por aqui.

– Ainda nos falta ver algumas pastas – disse Wisting, com um sorriso.

Horne abanou a cabeça.

– Já não. Quando cheguei há cerca de uma hora, já tinham arrumado a sala de reuniões. Dois dos colegas de serviço no turno da noite recolheram os documentos todos.

– Porquê?

– Ordens do Ryttingen. Pediram para analisar todo o material da investigação, e já puderam analisar. Ele agora precisa dos papéis. O julgamento começa amanhã.

– Nunca nos disseram que tínhamos um limite de tempo.

O elevador parou. Horne abriu os braços em desespero.

– Lamento – afirmou.

– E onde é que estão os documentos agora? – perguntou Christine Thiis.

– Trancados dentro do gabinete do Ryttingen.

Horne guiou-os, ao longo do corredor, até à sala que tinham usado na véspera. À exceção de uma esferográfica e de um bloco de notas não usado, a mesa estava vazia.

Horne tirou algumas canecas do armário da copa e encheu-as de café. Wisting abriu a pasta e pegou nos documentos que levava para o hotel.

– Certifique-se de que também lhe entregam estes – disse ele.

Horne anuiu e deu uma caneca a cada um.

– Já consegui entrar em contacto com o Robert Hansson? – quis saber Wisting.

– Enviei-lhe um *email*, mas ele ainda não me respondeu.

– Mais alguém conhece a identidade do tal informador?

Horne sorriu.

– O Ryttingen.

Wisting suspirou.

– Ele é bom chefe – continuou Horne, ainda a sorrir. – Sei que vocês tiveram um desentendimento a nível profissional, mas ele é eficiente e obtém resultados. Não enrola, diz logo o que quer. Isso dá bons resultados. Temos uma taxa de resolução elevada e um tempo de processamento reduzido, o que cria um ambiente de confiança para os nossos cidadãos. E é tudo graças a ele.

O telemóvel de Wisting tocou dentro do bolso. Era Nils Hammer. Wisting foi até junto da janela para atender.

– Querias saber tudo sobre o Jan Larsen? – perguntou Hammer.

– Descobriste alguma coisa?

– O número de caixa postal que me deste é o da repartição local do centro de emprego.

– Ele trabalha lá?

– Duvido muito, mas deve sentir-se em casa por lá.

Wisting olhou pela janela sem se fixar em nada em particular.

– Descobriste o número de identificação pessoal dele? – perguntou Wisting.

– Sim, mas fui por um caminho mais simples. Procurei o número de telefone nos nossos registos. É mencionado em documentos processuais.

– À conta de quê?

– Agressão e tráfico de droga. De momento, está a cumprir uma pena de onze anos por posse de heroína – esclareceu Hammer.

– Onze anos?

– É o que diz aqui, tenho-o no ecrã. Ainda lhe falta cumprir nove anos.

Wisting olhou para Christine Thiis e Ivar Horne.

– Ele está na cadeia há dois anos? – perguntou.

Hammer leu em voz alta os detalhes do processo e confirmou a informação. Wisting voltou-se de novo para a janela.

– Onde é que ele está agora?

– Na cadeia de Skien.

Wisting agradeceu-lhe a informação e refletiu no que acabara de descobrir. O céu estava encoberto. Alguns pássaros esvoaçavam como se fossem linhas finas, ténues. Tal como as armas, também os telemóveis mudavam rapidamente de mãos no submundo do crime. O número de telemóvel podia ocultar qualquer nome.

Manteve-se algum tempo diante da janela. Depois, virou-se para Christine Thiis.

– E então, que me dizes? – Esforçou-se por sorrir. – Vamos para casa?

– Antes de se irem embora, quero mostrar-vos uma coisa – disse Horne, sem dar a Christine Thiis oportunidade de responder. Atravessou o corredor até ao gabinete e regressou com dois embrulhos de plástico compridos. – Ontem à noite, entrámos a bordo do barco do Broch. Os rapazes encontraram as impressões das solas de dois tipos de sapato diferente no convés.

Entregou-as a Wisting, que as observou à luz.

– Já verifiquei – disse-lhe Horne. – Nenhuma corresponde às marcas que encontraram no depósito de batatas. Se foi o Goldheim que fugiu pelo campo, então usou outros sapatos.



Sabia bem acordar naquela casa. Line abriu lentamente os olhos, fechou-os e abriu-os de novo. Em certos locais, a cortina de enrolar permitia a entrada de luz, que se projetava em feixes compridos que se detinham na borda da cama. Havia também reflexos de luz no teto. Ela deixou-se ficar deitada e, por entre tanto silêncio, escutou apenas alguns guinchos distantes de gaivotas.

Quando da compra da casa, tinha receado que as duas mortes ali ocorridas criassem um ambiente pesado, que enchessem a casa de uma má energia. Que fosse difícil viver ali. Agora, parecia-lhe que a tornara muito sua, e era uma alegria acordar na sua própria casa.

Pôs os pés fora da cama, reuniu todas as suas forças e levantou-se. Vestiu um roupão. Foi até à cozinha, onde pôs a chaleira ao lume para fazer chá. Desde que engravidara, começara a beber chá de frutos pela manhã, em vez de café; era um dos muitos conselhos a grávidas que lera algures. A cafeína poderia levar a uma diminuição do peso da criança à nascença.

Abriu o frigorífico e observou as prateleiras. Comer já não se resumia a aplacar a fome, mas, sobretudo, a garantir que obtinha nutrientes e energia suficientes.

Pegou numa latinha de pasta de fígado, para ingerir ferro, e num iogurte, por causa do cálcio. Depois, barrou o paté numa fatia de pão. Pegou no iPad e sentou-se à mesa.

O *VG* tinha publicado um artigo sobre o Homicídio do Ano Novo, mas o artigo principal não trazia nada de novo, era um resumo dos factos conhecidos. Que a arma do crime tivesse sido encontrada e associada a outro homicídio parecia não preocupar, de todo, os investigadores.

Bebeu o chá e perguntou-se se o pai teria descoberto alguma coisa, e se lhe devia ter mencionado o resto das coisas que estavam no cofre: os blocos de notas, as contas, as fotografias, os recortes de jornal e as cassetes. Ela não tinha encontrado nada que explicasse a proveniência do revólver, e duvidava que Wisting encontrasse o que quer que fosse. Os papéis eram, na sua maioria, antigos.

O telemóvel tocou. Falava com Sofie todos os dias. Habitualmente, não lhe agradava muito ter uma amiga que lhe ligasse todos os dias e várias vezes por dia, mas agora gostava de ter uma amizade tão íntima. Não tinha mais ninguém com quem falar.

– Podes vir cá a casa? – perguntou Sofie, de chofre.

Line nunca antes a ouvira tão perturbada. A voz tremia-lhe.

– Que se passa?

– Acho que.... – começou Sofie, mas logo se interrompeu. – Tens de ver isto com os teus próprios olhos. Podes passar por cá?

Line olhou para a fatia de pão meio comida.

– Daqui a uma hora.

Line comeu o resto do pão, arrumou o prato e pôs o iogurte de novo no frigorífico. Tomou um duche rápido e não se deu ao trabalho de se maquilhar. Chegou à casa de Sofie menos de meia hora depois.

– Que se passa? – Line voltou a perguntar quando Sofie lhe abriu a porta.

– Anda ali ver – disse Sofie indicando-lhe que a acompanhasse.

Entraram na cozinha. Sofie pôs-se de costas para a bancada e apontou para a mesa, onde se encontravam inúmeros papéis e uma caixa com lâmpadas.

– O candeeiro – disse Sofie.

O grande candeeiro suspenso do teto parecia ligeiramente deslocado por cima da pequena mesa de cozinha que Sofie trouxera na sua carrinha cheia de peças de mobília. Provavelmente parecia muito mais adequado ao local quando a casa era ainda habitada pelo seu avô.

– Olha para dentro do candeeiro – pediu.

Line aproximou-se do candeeiro, agarrou no abajur metálico e virou-o para um lado. Percebeu de imediato porque é que Sofie estava tão agitada. Um microfone minúsculo estava pendurado junto à lâmpada.

– Um aparelho de escuta – esclareceu Sofie.

Line observou o microfone preto de mais perto. Era mais ou menos do tamanho de uma unha e parecia antigo. Embora devesse ter sido, outrora, avançado, era agora um aparelho muito tosco.

– Acho que está aqui há imenso tempo – avançou Line.

Sofie cruzou os braços e não respondeu. O microfone estava suspenso de um cabo preto que desaparecia atrás do suporte fixo ao teto.

Line subiu a uma cadeira que arrastou até à bancada.

– Tem cuidado! – recomendou-lhe Sofie.

A cadeira abanou. Line esticou os braços para os lados e só abriu o armário depois de se equilibrar. O armário estava quase vazio. Sofie apenas guardara na prateleira de baixo algumas taças e jarros de plástico. Line esticou-se, apoiou-se na porta do armário e espreitou a prateleira de cima. Viu um cabo preto a entrar na parede.

– O cabo sai do outro lado – afirmou, e desceu da cadeira.

Sofie estava já no corredor.

– O armário dos casacos – lembrou.

Na parede contígua à cozinha havia um armário embutido. Line abriu-lhe as portas. Parte do armário tinha prateleiras, a outra tinha espaço para se pendurar casacos. Sofie ainda não lhe dera uso, e o armário estava vazio, à exceção de um par de galochas.

Line reencontrou o cabo preto, que não era mais do que um fio com um centímetro e um conector, na zona mais interior de uma prateleira.

– Acho que foi o teu avô que o instalou. Provavelmente, tinha um gravador escondido neste armário.

– E porque é que ele havia de fazer isso?

– Não sei, mas parece que gravou secretamente algumas con-versas que teve à mesa da cozinha.

– As cassetes – disse Sofie –, as cassetes pequenas que estavam no cofre...

Line chegara à mesma conclusão.

– Posso tirá-lo dali, se quiseres – propôs Line ao dirigir-se de novo ao candeeiro. – Basta cortar o cabo.

Maja começou a gritar na sala de estar. Foram para a sala e Sofie tirou-a do parque.

– Mais vale deixá-lo lá ficar – concluiu. – Não tarda muito para que comece a fazer obras na cozinha.

Sentaram-se no sofá, Sofie com a filha ao colo.

– Contaste mais alguma coisa ao teu pai? – perguntou a Line. – Sobre o revólver?

– Ele está em Kristiansand este fim de semana. Está à procura de uma ligação entre os dois homicídios.

– Descobriu alguma coisa?

Line encolheu os ombros.

– Ainda não falei com ele.

Chegou-se um pouco para a frente e fez cócegas na barriga de Maja, que se contorceu em gargalhadas.

– Estás pronta para tomar conta dela na terça-feira? – perguntou Sofie.

– Só tens de me mostrar melhor como é que se lhe dá de comer e coisas assim.

– Ela vai comer daqui a pouco. Podemos fazê-lo juntas.

Line concordou e decidiu arranjar um gravador, para ter como poder ouvir as cassetes enquanto Sophie estivesse em Oslo.

– A reunião com o advogado está marcada para as nove horas, por isso, tenho de sair, no máximo, às sete, se não for cedo de mais para ti – disse Sofie.

– Por mim, tudo bem.

– Como não deve demorar mais de duas horas, chego a casa lá para as duas da tarde.

– Sem problema – disse Line, provocando mais umas gargalhadas a Maja.

Sofie pousou a filha no colo de Line.

– E então, como te tens dado a viver sozinha? Gostas? – perguntou, de repente.

Line pensou um pouco antes de responder. Gostava de morar sozinha, mas sentia que, em diversas ocasiões, queria partilhar algumas ideias com outrem e não o podia fazer.

– Não é mau – respondeu. – E tu gostas?

– Achava que já estava farta de homens e que não os queria ver nem pintados durante algum tempo, mas a casa é demasiado grande – disse Sofie.

– Conheceste alguém?

Sofie meneou a cabeça.

– Não, mas percebi que não vou conseguir viver sozinha para sempre. Preciso de alguém.

Line anuiu. Percebia a situação da amiga, mas, pelo seu lado, estava preparada para viver muito tempo sozinha.

Maja começou a agitar-se no colo de Line, e a enorme barriga de grávida só atrapalhava a interação entre as duas.

Sofie olhou para o relógio.

– Acho que ela está a ficar com fome – declarou, e levantou-se. – Vamos preparar-lhe a comida?

Line levou Maja ao colo até à cozinha e pousou-a na cadeirinha de bebé junto à mesa.

– Come papa ao almoço e ao jantar – explicou Sofie, e abriu uma porta do armário para pegar num pacote de papa instantânea. – Só tens de lhe juntar água morna e mexer.

Line leu a lista de ingredientes no pacote.

– Há diferenças no conteúdo nutricional das papas?

– Compro papa sem óleo de palma – esclareceu-a. – Que também sabe melhor, já agora.

Line seguiu as instruções no pacote, pôs o prato diante de Maja e sentou-se à mesa. Maja abriu ansiosamente a boca, mas, quando Line estava prestes a dar-lhe a primeira colher, a bebé deu uma palmada no prato e espalhou papa pela mesa. Ficou muito contente e deu-lhe outra palmada.

Line puxou o prato para si, de maneira a que Maja não o alcançasse.

– Um erro comum para quem não tem prática – disse Sofie, que se acerçou delas com um pano. Limpou os dedos de Maja e a mesa. Mais tarde, carregou Maja até ao primeiro andar, onde faria a sesta. Levaram o alarme de bebé para o jardim. Um zângão gordo zumbia sobre a relva.

– Desculpa por te ter telefonado – disse Sofie. – Fiquei fora de mim quando vi o microfone. Foi sinistro.

– Não faz mal.

– Tens uma família grande? – quis saber Sofie.

Line abanou a cabeça e bebeu um gole do copo que Sofie pousara na mesa.

– Quase não tenho família. Só o meu pai, o meu avô e o meu irmão.

– O teu pai vai estar ao teu lado sempre que precisares.

– Vai fazer-me companhia durante o parto.

– Ah, vai?

– Não vai querer entrar na sala de partos – disse Line, com um sorriso –, mas vou sentir-me mais segura só por saber que ele está no corredor.

Continuaram a conversar até Maja acordar. Line mudou-lhe a fralda antes de entrar no carro e regressar a casa.

O carro de Wisting estava estacionado na rampa de acesso ao pátio e ela parou diante da casa do pai.

Estava sentado à mesa da cozinha e tinha papéis espalhados à sua frente.

– Já estás em casa? – perguntou ela com um sorriso.

O pai levantou-se, acercou-se dela e abraçou-a.

– Sim, mas tenho de voltar a Kristiansand na terça-feira.

– Então porquê?

– Fui intimado a comparecer ao julgamento como testemunha.

– Por causa do revólver?

Ele anuiu.

Line sentou-se e deu uma olhadela às anotações do pai. Vislumbrou uma linha cronológica e uma lista com números.

– Descobriste alguma coisa?

– Só desenterrei mais perguntas. Muitas perguntas.

– Que tipo de perguntas?

O pai cogitou um pouco.

– Talvez possas responder a algumas das questões – sugeriu.

– Talvez.

– Tens o teu telemóvel contigo? – perguntou-lhe.

Ela tirou o telemóvel.

– Usas *pin* no telemóvel?

– Sim.

– Porquê?

– Caso mo roubem.

– Mas tens alguma coisa no telemóvel que não queres que os outros vejam?

– Sim.

– Que género de coisa?

Line pensou um pouco antes de responder. Durante a gravidez, tinha tirado fotos nua diante do espelho. Não gostaria que mais ninguém as visse e, na verdade, nem sequer as queria mencionar a quem quer que fosse.

– Porque perguntas? – contestou ela, em vez de lhe responder.

– Nunca encontraram o telemóvel da mulher que foi assassinada em Kristiansand. Falei com uma amiga dela quando estava na cidade. Ela disse-me que, às vezes, a Elise se afastava ou saía da divisão quando lhe ligavam, e que tinha medo de que o namorado visse o que tinha no telemóvel.

Line não compreendeu onde é que o pai queria, ao certo, chegar com aquilo. O que ele acabara de descrever parecia-lhe normalíssimo.

– E isso terá mesmo que ver com o caso?

Ele não respondeu e ela percebeu, pela expressão do pai, que havia ali mais qualquer coisa. Alguma coisa que poderia dar origem a manchetes nos jornais e que, portanto, ele ainda não lhe queria contar.

– Não penses mais nisso – disse ele.

Contudo, ele espicacava a curiosidade de Line.

– Ela tinha um amante, é? – perguntou ela.

– Não sei. É coisa que os detetives responsáveis pelo caso nunca investigaram.

Relanceou de novo as anotações do pai, viu algumas datas e nomes, e percebeu onde é que ele queria chegar.

– Já não estás a trabalhar no caso Hummel. Estás a investigar o Homicídio do Ano Novo.

– Há uma ligação entre os dois, só resta saber qual.

Observou-o. Os músculos em redor dos seus olhos contraíram-se quando começou a brincar com uma esferográfica.

– Achas que não foi ele quem a matou? Achas que a Elise Kittelsen foi morta por outra pessoa? Pela mesma pessoa que matou o Jens Hummel?

– Não sei em que acreditar – admitiu.



Wisting pegou na esferográfica que estava na mesa. Olhou para o relógio na parede da cozinha. Dentro de dezoito horas, começariam a julgar Dan Roger Brodin. Os pontos que indiciavam que Brodin estava inocente encontravam-se listados à sua frente. Wisting tentaria travar o julgamento.

Pegou no telemóvel e marcou o número de Harald Ryttingen. Atendeu-o com voz de enfado.

– Está satisfeito? Conseguiu o que queria? – perguntou.

– Nem tudo – afirmou Wisting, que não fez qualquer menção ao facto de Ryttingen lhes ter impossibilitado obter todas as informações desejadas. – Mas foi útil. É por isso que lhe estou a ligar.

– E então?

Wisting lançou-se a ele com todo o ímpeto.

– Tenho de lhe pedir que adie o julgamento. Não tenho a certeza de que o Dan Roger Brodin seja o culpado.

Ouviu Ryttingen grunhir no outro lado.

– Acabei de me encontrar com o promotor público – disse. – Já lhe transmiti as suas opiniões. Sabe o que é que ele fez?

Wisting não respondeu.

– Riu-se da sua cara, e é o que também me apetece fazer agora. Não sei que porra se passa consigo. Já não sabe ler? Não leu os documentos do processo? Poucas vezes tivemos um caso mais sólido do que este. Temos três testemunhas oculares!

– As testemunhas podem errar.

– Temos provas técnicas, e o gajo ainda por cima tem cadastro. Esta palhaçada tem de acabar, e é agora.

– Visitei o Dan Roger Brodin...

– Eu sei, e agora também ficámos a saber que foi chamado como testemunha.

– Ele contou-me uma coisa interessante – continuou Wisting.

– E amanhã vai poder contá-la de novo à frente do juiz – atalhou Ryttingen. – Já chega de paleio. Vejo-o no tribunal. Tente não fazer figura de imbecil.



As férias de verão terminaram. Na manhã de segunda-feira voltaram a circular mais carros nas estradas, e algumas pessoas que ele não via há algum tempo reapareceram na esquadra. Às nove horas, Wisting reuniu-se com os investigadores que lhe eram mais próximos: Torunn Borg, Nils Hammer e Espen Mortensen. Estavam os três sentados à mesa quando ele fechou a porta e ligou a luz vermelha no exterior.

– A nossa questão principal era saber como a arma do crime de Kristiansand podia ter sido usada no homicídio do Jens Hummel – começou Wisting. – Acho que descobri a resposta. Penso que quem matou o Jens Hummel, escondeu o táxi no celeiro em Huken e o corpo na estrumeira na quinta de Brunla é a mesma pessoa que matou a Elise Kittelsen.

Perscrutou o rosto dos colegas e encontrou apenas expressões de dúvida e ceticismo.

Nils Hammer levantou a mão.

– Ora espera lá – disse. – O caso de Kristiansand está supostamente encerrado. Segundo o que dizes, o acusado estará inocente. Porque ele já tinha sido preso quando o Jens Hummel desapareceu.

Wisting aqiesceu com um movimento da cabeça.

– Mas houve três testemunhas do homicídio – declarou Torunn Borg.

– Acho que houve quatro – contrapôs Wisting. – Sabemos que o Jens Hummel esteve em Kristiansand na véspera de Ano Novo. Acho que ele viu o que aconteceu.

– Nesse caso, pode ter sido ele quem telefonou para a esquadra de Kristiansand e lhes disse que tinham prendido o homem errado – sugeriu Hammer.

– Mas isso não bate certo com o que as outras três testemunhas viram – contestou Torunn Borg. – Todas elas reconheceram o assassino.

– E houve outras coisas a incriminá-lo – lembrou Espen Mortensen. – Tinha resíduos de pólvora nas mãos, por exemplo.

Wisting contou-lhes tudo o que descobrira acerca das testemunhas e dos foguetes.

– Já falaste disso ao pessoal de Kristiansand? – quis saber Torunn Borg.

– Foi como falar para as paredes – respondeu Wisting. – É tarde de mais para recuarem. O problema não é só terem apanhado o homem errado, mas também o de o homem certo ter assassinado mais uma pessoa. Se admitirem que prenderam a pessoa errada, serão também obrigados a admitir que o erro deles custou a vida a Jens Hummel. Acho que esse cenário os apavora.

– É mais fácil parar um julgamento do que anular uma sentença – notou Hammer.

– Ele ainda não foi condenado – lembrou Wisting. – Amanhã, vou testemunhar no julgamento. Com sorte, nessa altura já teremos algo mais concreto a apresentar.

Pegou na agenda e riscou os tópicos que já abordara, mas hesitou na última entrada.

– Mais uma coisa. Os nossos colegas de Kristiansand podem ter ocultado informações.

Mostrou-lhes, então, as fotografias que havia tirado com o telemóvel e falou-lhes do número de telefone que tinha sido eliminado do registo de chamadas de Elise Kittelsen.

– O Jan Larsen já está preso há quase dois anos – concluiu, e virou-se para Hammer. – Nils, consegues descobrir onde está agora o telemóvel dele, e quem está na lista de contactos?

Hammer conhecia pessoas que trabalhavam na área das telecomunicações dispostas a comprometer o seu dever de confidencialidade perante um caso de extrema importância e urgência.

– Posso tentar – respondeu-lhe.

Aproximavam-se do fim da reunião.

– Só uma coisa. – Torunn Borg virou-se para Wisting. – Tens uma teoria sobre a identidade do assassino?

– É muito cedo para apontar um nome, mas o Phillip Goldheim tem-se tornado cada vez mais interessante.

E explicou aos colegas os pontos de ligação entre Goldheim e o caso Hummel.

– A polícia de Kristiansand está a segui-lo de perto – afirmou, e deu a reunião por encerrada.

Uma vez no seu gabinete, telefonou a Ivar Horne.

– Há novidades do vosso detetive no Haiti? – perguntou.

– A coisa está complicada – declarou Horne. – Parece que o Robert Hansson está de férias e foi à Florida, onde alugou uma mota para viajar até à costa oeste. Disse-lhe que é importante e pedi-lhe que me telefone, mas não sei se recebeu a minha mensagem.

Wisting agradeceu-lhe o esforço.

– E há novidades do Mister NiceGuy?

– Não, ainda estamos em cima dele – retorquiu Horne. – O tipo tem-se mexido, mas tem sido muito cuidadoso.

– Avise-me se ele vier aqui para os meus lados.

– Será o primeiro a sabê-lo – prometeu Horne.

Hammer surgiu à porta quando Wisting pousava o telefone.

– O número não está ativo – declarou.

– Como assim?

– O número do Jan Larsen. O telemóvel do tipo não foi usado nos últimos seis meses. O histórico não vai para lá disso.

Wisting suspirou.

– Se queres mesmo saber quem é que usou o telemóvel, vais ter de falar com ele – disse-lhe Hammer.

– Com o Jan Larsen?

Hammer sorriu.

– Está preso em Skien e não vai a lado nenhum – acrescentou antes de se ir embora.

Wisting cogitou. Se não surgissem desenvolvimentos nas próximas horas, faria decerto uma visita a Jan Larsen.



Line não entrava nos escritórios do jornal local há bastante tempo. Trabalhara ali durante dois anos, antes de arranjar um emprego temporário no *VG*. Costumava ter muito movimento, mas agora estava tudo sossegado e a maioria das secretárias vazia. Muitas pareciam ter sido arrumadas de vez.

Ao ler o jornal, Line reparara que publicavam agora menos anúncios, e que os artigos eram menores. Assim sucedia a todos os jornais locais.

Kristoffer Nybråthen estava sentado na extremidade mais afastada do espaço aberto. Tinha agora menos cabelo do que na última vez que o vira. Levantou a cabeça acima do ecrã do computador e alegrou-se ao vê-la. Deu-lhe um abraço e fez um comentário sobre a barriga volumosa.

– Ora aqui está uma notícia que escapou ao editor – disse, puxando uma cadeira. – Tens tempo para te sentares?

– Vim cá precisamente para falar contigo – respondeu Line com um sorriso, sentando-se.

Nybråthen levou a mão à frente para pentear o cabelo que lhe caíra para um lado, puxando-o para cima da careca. Aquele gesto familiar fez com que Line se recordasse da velha piada segundo a qual Nybråthen cobria tudo, exceto a sua própria carecada.

– Dava-nos jeito uma dica das boas – disse ele apontando para o ecrã do computador. Line seguiu-lhe o olhar e viu que estava a escrever um artigo sobre crianças que passavam grande parte do verão em programas de ocupação de tempos livres.

– Na verdade, não tem nada que ver com isso – disse Line. – Pelo menos para já.

Nybråthen tirou os seus óculos sujos e olhou para ela.

– Em que te posso ser útil?

– Quando trabalhava cá, usavas um gravador de cassetes, um daqueles pequenos.

– Não o uso há anos – comentou ao abrir uma gaveta da secretária. – Mas acho que o tenho algures por aqui.

– Encontrei umas cassetes, mas tenho tido dificuldade em ouvi-las, não encontro nenhum leitor.

– Eu empresto-te o meu gravador.

– Posso ficar com ele até terça-feira?

Ele pegou no gravador e entregou-lho.

– Sim, sem problema – afirmou dando-lho.

Line tirou a cassette que estava dentro do gravador; era uma cassette semelhante às encontradas no cofre em casa de Sofie, e devolveu-a a Nybråthen, a quem agradeceu imenso.

Antes de se ir embora, Line disse-lhe que estava de volta à sua terra natal, e que o pai da filha vivia nos Estados Unidos. Nybråthen podia não ter uma notícia para publicar no jornal, mas agora tinha certamente assunto para mexericos.



A prisão de Skien era um colosso de betão construído numa área pantanosa a sul da cidade. Fazia um calor abafado no interior da prisão onde Jan Larsen estava detido.

Ninguém se preocupou em saber qual o motivo da visita de Wisting, e Larsen talvez nem sequer soubesse que um polícia queria falar com ele.

Conduziram Wisting a uma sala de visitas acanhada, onde se sentou à espera até ouvir uma porta bater no corredor. Pouco depois, um homem com calças de fato treino entrou na sala escoltado por um guarda.

Wisting levantou-se.

– Jan Larsen? – perguntou-lhe, e estendeu uma mão para o cumprimentar.

O homem anuiu com a cabeça e apertou-lhe a mão. Wisting disse-lhe como se chamava e sentou-se. O guarda prisional regressou ao corredor e trancou a porta.

– De que me quer falar? – perguntou Larsen, empoleirado na borda da cadeira.

– O seu nome apareceu numa investigação.

Larsen suspirou.

– Estou a cumprir uma pena de onze anos. Não chega?

– A investigação não tem nada que ver consigo – explicou Wisting. – Acho que alguém usou o seu telemóvel depois de ter sido preso.

– O meu telemóvel?

Wisting leu o número em voz alta.

– Este número não é seu? É um cartão pré-pago da NetCom.

– Talvez seja. Tive alguns números de que já não me lembro.

– Usou a caixa postal do centro de emprego como morada quando fez o registo do cartão.

– Parece coisa minha, sim.

Wisting retornou à questão principal.

– Sabe quem é que usou o seu telemóvel depois de ter sido preso?

Larsen abanou a cabeça.

– Deve ser engano. Não pus a vista em cima desse telemóvel desde que fui preso. A polícia confiscou-mo.

– Como assim?

– Até foi mencionado no veredicto do juiz. Tinha-o usado para traficar. Tanto quanto sei, ainda está no armazém de provas da polícia de Kristiansand.

– Tem a certeza? – perguntou Wisting.

Larsen levantou-se e dirigiu-se ao intercomunicador na parede. Um guarda respondeu-lhe.

– Preciso de uns papéis que tenho na cela – disse Larsen. – Alguém pode ir comigo até lá?

– Espera aí – disse o guarda.

Pouco depois, ouviram passos no corredor e chaves a tilintar. A porta abriu-se e Larsen virou-se para Wisting.

– Não demoro muito – declarou, e seguiu no encalço do guarda.

Cinco minutos depois, regressou com o acórdão do tribunal de Agder. Folheou-o até encontrar uma passagem na última página.

Wisting leu-a: *Considera-se Jan Larsen culpado, de acordo com o §34a do código penal, e sujeito a uma confiscação no valor de 70 000 coroas a reverter a favor do Estado, e, de acordo com a segunda subsecção do §35, a uma confiscação de um automóvel privado da marca Alfa Romeo e de um telemóvel Nokia, também eles a reverter a favor do Estado.*

Os arrestos tornavam-se cada vez mais comuns. O crime não devia compensar. Além de confiscar os ganhos, a polícia solicitava a confiscação de bens que haviam sido utilizados para cometer crimes.

– Quem foi o responsável por este caso? – perguntou Wisting.

– O Ryttingen. O Harald Ryttingen.

Wisting refletiu um pouco.

– Se usaram mesmo o meu telemóvel, só pode ter sido a polícia – disse Larsen, como se lhe lesse a mente.



O Sol da tarde, baixo no céu, atingiu os olhos de Wisting quando saiu da cadeia no seu carro. Baixou o visor, pegou no telemóvel e telefonou a Christine Thiiis. Com o desenrolar do caso, ela tornara-se uma amiga íntima, uma confidente. A sua experiência profissional como advogada proporcionava-lhe uma perspetiva interessante sobre o caso, pois detetava as complicações legais mais depressa do que ele.

– Estás em casa? – perguntou depois de lhe contar as novidades. – Gostava de rever o caso antes de ir ao tribunal amanhã.

– Os miúdos chegam amanhã. Não podes passar por cá agora?

Quando chegou a casa de Thiiis, Wisting deparou-se com a mesa posta na sala. Uma salada com frango e *focaccia*. A televisão estava ligada, diante da mesa, com o volume baixo.

– Queria ver se passam alguma notícia sobre o julgamento – disse ela.

Comeram enquanto esperavam que o noticiário comesse.

O julgamento foi uma das notícias principais. Ela aumentou o volume. Uma jornalista com cabelo oxigenado e uma saia demasiado justa resumiu, diante do tribunal, o primeiro dia de julgamento:

– *Um homem de vinte e cinco anos é acusado do homicídio de Elise Kittelsen, que foi morta a tiro em plena rua, aqui em Kristiansand, na passagem de ano.*

A reportagem passou, então, para imagens de arquivo, e a jornalista mencionou as questões centrais do caso. Mostraram imagens de Dan Roger Brodin a entrar, de rosto escondido, no tribunal. Wisting reconheceu, ao fundo, Harald Ryttingen, que se apresentou de fato e com uma gravata estreita.

– *O homem de vinte e cinco anos negou todo e qualquer envolvimento no homicídio* – continuou a jornalista –, *e o promotor público abordou as muitas provas que serão apresentadas nos próximos dias. O julgamento prolongar-se-á até ao fim da semana. Amanhã, várias testemunhas irão prestar declarações, e as provas técnicas serão apenas submetidas na quarta-feira.*

Christine desligou a televisão.

– Já pensaste no que vais dizer amanhã?

– Tenho de dizer a verdade – respondeu Wisting. – Com sorte, isso irá bastar para que o juiz peça um inquérito novo e suspenda o julgamento.

– Vai dar problema.

Ele estava ciente das dificuldades que daí adviriam. O seu próprio comissário avisara-o para não se intrometer no caso do Homicídio do Ano Novo.

– Não conheço toda a verdade – disse –, mas não posso calar-me e não dizer nada sobre o que já sei.

Comeram enquanto discutiam o caso. Tentaram vê-lo de várias perspetivas diferentes, e procuraram inclusive indícios de que estariam eventualmente a seguir o caminho errado. Não pretendiam chegar a uma conclusão, mas sim explorar os factos.

– É muito provável que o promotor não te queira perguntar nada – afirmou com base na sua experiência. – Vão dizer ao juiz que o que tens a dizer não tem nenhum interesse e recusar a oportunidade de te interrogar.

– Bem, é o que têm feito desde o início. Ignoram tudo aquilo que não se encaixe na imagem que querem passar.

Ela acompanhou-o até à porta.

– O mais provável é não te conseguir ver amanhã de manhã – despediu-se, como se um pouco hesitante. Depois, acercou-se dele e abraçou-o. – De qualquer maneira, boa sorte.

Wisting agradeceu-lhe a preocupação e manteve-se imóvel por um momento. Depois, deu meia volta e dirigiu-se ao carro.

Decidiu guiar até ao centro de hipismo de Brunla, onde tinham encontrado o corpo de Jens Hummel.

O calor deixara a área diante dos estábulos seca e dura. Estacionou o carro no mesmo sítio onde já o havia estacionado, saiu e bateu com a porta. Alguns corvos levantaram voo e elevaram-se rumo ao céu pardacento da noite. A toda a sua volta, os grilos cantavam por entre as ervas secas. Havia ainda restos da fita de isolamento da polícia na rampa da cavalariça. Arrancou-os. Ouviu um cavalo bater, inquieto, com os cascos no chão.

Desconheciam o local onde Jens Hummel fora assassinado; sabiam apenas que tinha sido morto a tiro, enfiado na bagageira do seu próprio táxi e despejado no estrume antes de esconderem o carro no celeiro de Frank Mandt.

Wisting aproximou-se do monte de esterco e serrim. Recomeçara a crescer e eram muitas as moscas que voavam em seu redor.

O seu telemóvel tocou: uma chamada de um número longo – um número do estrangeiro. Atendeu a chamada e apresentou-se em norueguês.

– Daqui fala Robert Hansson. Constou-me que queria falar comigo. Estou de férias nos Estados Unidos, mas o Ivar Horne disse que é importante.

– Vou ser o mais breve possível – disse Wisting. Já tinha pensado no que havia de dizer quando Robert Hansson lhe telefonasse. – Tem que ver com uma apreensão de drogas. Tenho o Aron Heisel detido por conta de doze quilos de anfetaminas.

– O nome não me diz nada.

– O Heisel aparece numa nota sobre um informador que você escreveu em outubro passado. Uma anotação sobre uma visita do Phillip Goldheim ao Heisel, uma viagem a Espanha.

Um gato branco e preto apareceu junto à parede do estábulo.

– Lembra-se disso? Estava ligado a uma operação a que chamavam Mister NiceGuy.

– Talvez – respondeu Hansson após uma pausa. – Eu tinha imenso material sobre o Goldheim naquela altura, mas nunca consegui apanhá-lo.

– Pode ser que o apanhemos agora – disse Wisting. – É possível que desempenhe um papel crucial no nosso caso.

– Isso seria interessante.

– Eu queria saber se a sua fonte saberá mais alguma coisa sobre o Goldheim e as suas ligações à região oeste e a Larvik.

Fez-se novo silêncio no outro lado da linha. Uma rapariga apareceu, com um carrinho de mão, na rampa. Wisting seguiu-a com o olhar enquanto esperava que Hansson dissesse alguma coisa. O carrinho de mão estava cheio de serrim e estrume, e ela virou-o, de lado, sobre a estrumeira.

– Daí não vem mais informação nenhuma – acrescentou Hansson.

– Já não tem contacto com ele?

Hansson hesitou de novo, respirou pesadamente, quase como se tivesse aberto uma válvula que houvesse estado fechada por muito tempo.

– O informador já morreu.



Maja ficou agitadíssima assim que se viu a sós com Line. Gritou até ficar com a cara ruborizada, e por um momento Line pensou inclusive que a menina ia desmaiar. Acabou por conseguir distraí-la com um pouco de iogurte e, depois de a pôr no parque de brincar, esgueirou-se para fora da sala.

Sofie parecia não ter mexido no cofre desde que Line o vasculhara. As pastas de arquivo, as fotografias, os blocos de notas e os envelopes com cassetes encontravam-se no mesmo sítio.

As pequenas cassetes estavam marcadas com datas. Algumas das datas tinham sido riscadas e substituídas por datas novas, e muitas tinham sido gravadas há imenso tempo. A mais recente tinha quase dois anos. Levou-as para a sala de estar no rés do chão, pegou no gravador e sentou-se no sofá.

Maja estava a gatinhar no parque e, de vez em quando, choramingava para pedir um brinquedo novo.

Line pôs a cassette com a data mais recente no gravador e carregou no *play*.

Não aconteceu nada.

Tentou de novo, mas a cassette não rodou.

Tirou a cassette, virou-a e voltou a pô-la no gravador, mas isto não fez diferença nenhuma.

Levantou a tampa que recobria as pilhas. Pareciam velhas e, ao examiná-las com mais atenção, Line viu que já tinham passado do prazo de validade há bem mais de um ano.

– Será que a mamã tem pilhas? – perguntou ela a Maja ao levantar-se, com esforço, do sofá.

– Ma...ma... mã? – disse Maja ao ver Line sair da sala rumo à cozinha.

Line abriu gavetas e armários, mas não encontrou pilhas. Depois de as procurar em todos os sítios possíveis e imagináveis, teve de concluir que não havia pilhas na casa.

Regressou à sala e tirou Maja do parque.

– Vamos dar um passeio até à loja.

Maja balbuciou e fez sons de aparente satisfação.

A loja distava somente algumas centenas de metros da casa. Pôs Maja no carrinho e começou a empurrá-lo à sua frente. Não passeava uma criança num carrinho desde que, em jovem, tinha cuidado dos filhos dos vizinhos para ganhar algum dinheiro. Gostou da sensação e dos olhares amistosos das pessoas com quem se cruzou.

Diante das prateleiras com pilhas, não se lembrou de qual o tipo de pilha de que necessitava, e acabou por comprar dois pacotes. Comprou, além disso, uma garrafa de água mineral e um gelado de cone para Maja. O gelado foi um erro, porque se derreteu nas mãos da menina e, depois, escorreu pelos seus braços abaixo e manchou-lhe as roupas.

Quando chegaram a casa, levou Maja para a casa de banho, lavou-a e vestiu-a de lavado. Quando, por fim, se sentou diante do gravador, pareceu-lhe que já tinha perdido metade do dia.

O gravador funcionava, no fim de contas, com as pilhas mais pequenas. A fita da cassette começou a rolar, mas o altifalante em miniatura emitiu apenas um ruído sibilante. Viu os seus esforços recompensados quando rebobinou a cassette. Uma conversa. Dois homens falavam um com o outro, e a conversa parecia decorrer há já algum tempo.

– *São condições muito duras* – disse um dos homens.

– *São iguais às da última vez* – retorquiu o outro. – *E dependemos completamente do pessoal dele para nos livrarmos do material.*

– *Bem, temos só de ter a certeza de que ele não percebe que lhe estamos a pagar muito pouco.*

Estavam claramente a discutir um qualquer negócio ilegal. Pareciam, pela voz, ainda jovens. Ela nunca tinha ouvido a voz do avô de Sofie, mas, a ter em conta a data da gravação, ele teria 77 anos quando da conversa. Nenhum dos homens parecia ser tão velho.

Ela continuou a ouvir a gravação. Estavam a falar de quanto iriam ganhar com o esquema.

– *Então vamos ficar com meio milhão* – ouviu-se um deles.

– *Nada mau* – comentou o outro. – *Mesmo nada mau.*

Riram-se e falaram acerca de um carro que um deles queria comprar. Line imaginou-os sentados à mesa da cozinha, um de cada lado.

Então, aconteceu alguma coisa. Uma porta abriu-se e ouviu-se uma terceira voz.

– *E então, já chegaram a acordo?*

A voz era mais grave e tinha o seu quê de altiva. Frank Mandt, pensou Line.

– *Estamos dentro* – disse um dos homens. – *Vamos fazer como...*

A conversa foi interrompida e o altifalante começou a emitir ruído de estática. Ouviu-se a voz de um locutor de rádio, como se alguém tivesse apagado a gravação da conversa ao sobrepor-lhe a gravação de um programa de rádio.

Não havia dúvida sobre o que acontecera. Frank Mandt tivera uma reunião de negócios à mesa da sua cozinha e oferecera-se para sair e deixar que os dois homens falassem à vontade. Tinha, de facto, saído da cozinha, mas certificara-se de que ouvia, ainda assim, tudo o que diziam. Assim, sabia em que situação se encontrava. Garantia, desse modo, que não o ludibriavam, e sabia o que podia exigir em seguida.

Mandt devia ter vigiado os seus sócios durante anos, tudo graças ao seu acesso a documentos da polícia, e ela não se surpreendeu minimamente que ele também escutasse, à socapa, as conversas dos sujeitos com quem fazia negócio. No entanto,

as gravações também poderiam incriminá-lo, por isso, porque é que não as tinha eliminado? Eram uma ressalva de segurança, ou Mandt tinha sido descuidado?

Tirou a cassete do gravador e escolheu outra aleatoriamente. A gravação começou com um grito de dor. Agudo e lancinante. Line tapou o altifalante com a mão, de maneira a não perturbar Maja. Assim que o grito esmoreceu, destapou o altifalante.

– *Só queremos que nos contes o que é que aconteceu* – disse, com calma, um homem.

– *Mas eu não sei de nada* – protestou, em desespero, outro homem.

Seguiu-se outro grito.

– *Okay! Okay!* – gemeu. – *Fui eu e o Lasse.*

Line diminuiu o volume e continuou a ouvir a gravação. O homem, gaguejante, contou como ele e outro sujeito tinham roubado parte de um carregamento de anfetaminas. A gravação parou abruptamente, sem que ela descobrisse qual o castigo aplicado ao homem.

A voz de Frank Mandt não surgia na gravação. Os seus capangas faziam o trabalho sujo, mas ele queria, pelos vistos, ouvir com os seus próprios ouvidos como o tinham traído.

Line lançou um olhar à cozinha, onde tinham espancado o homem. Tirou a cassete do gravador e pegou noutra.



Wisting regressou a Kristiansand. O Sol estava tão alto no céu e fazia tanto calor quanto dois dias antes.

Tal como na vez anterior, passou de carro pelo local do homicídio, ocorrido na Dronningens Gate. Tinha chegado cedo e parou, saiu do carro e observou o local onde haviam disparado o revólver. Aquilo que descobrira de noite virara tudo do avesso. As peças tinham engrenado, tudo se encaixara no devido lugar.

Uma carrinha de entregas passou na rua e levantou pó e uma folha de papel amassada que caiu lentamente no asfalto antes de outra viatura a arrastar para mais longe.

Ensaçou mentalmente o seu testemunho. Tinha consciência de que muitos colegas o considerariam desleal, e que causaria um grande impacto e danos a certas pessoas.

O seu telemóvel tocou. Era Ivar Horne. Wisting sentou-se novamente no carro antes de atender a chamada.

– Achei que lhe devia dizer que o Phillip Goldheim saiu de casa às nove da manhã e está a dirigir-se a norte pela E18.

Wisting ligou o motor.

– Então devemos ter-nos cruzado na estrada. Sabe onde é que ele vai?

– Não. Não tínhamos agentes suficientes para o seguir. Segundo combinado, a equipa de vigilância de Oslo iria apanhá-lo quando ele passasse por lá, mas parece que virou antes de lá chegar.

O resto da frase perdeu-se no silêncio no exato momento em que Wisting ativou a funcionalidade de mãos livres do telemóvel.

– Foi por isso que liguei – anunciou Horne. – Ele acabou de virar para Larvik.



Line pegou numa cassete que claramente fora usada diversas vezes. Tinham riscado três datas. A única data ainda assinalada era a de 13/10/2005.

Dessa feita, a gravação continha muitas vozes, mas nenhuma delas parecia ser a de Frank Mandt.

Falaram de carros: da necessidade de arranjar novas matrículas, qual a estrada mais segura, onde podiam trocar de viatura, onde é que era mais provável a polícia esconder-se.

Os homens falaram, então, de um assalto, de como os quatro assaltantes fugiriam do local do crime.

Line endireitou-se, pegou num bloco de notas e numa caneta.

– *Em Konnerud é que era bom* – disse um dos homens. – *Depois, podemos separar-nos. Um pode voltar atrás e conduzir até Mjøndalen. Os outros podem ir para oeste.*

Mencionaram nomes, e Line anotou-os: Aron, Robin e alguém a quem chamaram tão-só PG.

Parou a gravação e rebobinou a cassete até ao início, mas pareceu-lhe ouvir um barulho vindo da frente da casa. Pôs-se à escuta, não ouviu mais nada, foi à cozinha e espreitou para fora. Não estava ali ninguém.

Encheu um copo com água e regressou à sala de estar. Maja levantou-se agarrada às grades do parque e seguiu-a com o olhar.

Line sentou-se e, ao pegar no gravador, ouviu outra vez o ruído. O barulho parecia provir agora do interior da casa, como se uma tábua do soalho tivesse rangido no corredor.

Maja fitou a porta boquiaberta e com olhos arregalados. Line sentiu o sangue gelar-se-lhe. Provavelmente era só um barulho causado pela madeira antiga, mas era aterrador pensar que estava alguém no outro lado da porta.

Ouviu novamente um ruído. Passos.

Maja olhou para ela e de novo para a porta. Line pegou no gravador e no envelope cheio de cassetes e escondeu-os atrás de uma almofada do sofá, apoiou-se no braço da poltrona e tentou pôr-se de pé. A porta abriu-se antes de ela conseguir levantar-se. Um homem com um passa-montanhas preto na cabeça e uma pistola na mão entrou na sala.



As enormes portas do tribunal fecharam-se. Os seus passos ecoaram no corredor. Um monitor colocado bem alto na parede indicava que o julgamento do caso do Estado contra Dan Roger Brodin estava a decorrer na sala de audiências número cinco.

Wisting orientou-se. O comprido corredor por onde se acedia às várias salas de audiência estava incrivelmente silencioso e vazio. Nada indicava que um dos julgamentos mais badalados do ano estava a decorrer, naquele preciso momento, numa das salas.

A sala de audiências número cinco situava-se no fundo do edifício. Atravessou o corredor ao mesmo tempo que um juiz descia, de toga, as escadas entre o primeiro andar e o rés do chão.

O seu telemóvel apitou. Recebeu uma mensagem de texto de Espen Mortensen, que fora encarregado da operação de vigilância: *Recolheu o carro. Estacionado à frente da igreja de Stavern. A observar: O Horne foi informado.*

Wisting franziu o sobrolho. Stavern? Que é que ele tinha ido lá fazer? Tinha mais contactos dentro do círculo de conhecidos de Frank Mandt?

Escreveu uma resposta curta, para indicar que recebera a mensagem, e sentou-se num banco. Assim que se sentou, reparou que tinha sono, pois dormira pouco. As últimas peças do *puzzle* só se tinham encaixado já de madrugada.

Uma pintura abstrata estava pendurada na parede defronte dele; parecia um barquinho negro num imenso oceano azul. Uma plaquinha dava conta de que o quadro fora oferecido pela secção de Vest-Agder da Ordem dos Advogados da Noruega.

Analisou o quadro de mais perto. A pintura tinha grandes espaços vazios e figuras sem formas definidas que convidavam a diversas interpretações. Ocorreu-lhe que isto era uma vantagem na arte, mas um problema no que respeitava à lei. Quanto maior a ambiguidade, mais difícil era chegar à decisão certa.

A porta da sala de audiências número cinco abriu-se e Einar Gjessing, a principal testemunha da acusação, saiu para o corredor. Acenou a Wisting e prosseguiu rumo à saída do tribunal.

Wisting seria a próxima testemunha a depor. Andou de um lado para o outro enquanto esperava que chamassem pelo seu nome.



O homem apontou-lhe a arma. Line engoliu uma golfada de ar, o que lhe causou uma dor no peito que rapidamente se deslocou para o estômago.

– Não se mexa.

Line não conseguiu dizer uma só palavra. O homem estava a ameaçá-la, sim, mas também à criança que tinha dentro de si. O medo de que essa pequena vida terminasse ainda antes de começar foi avassalador e paralisou-a por completo. Sentiu uma pressão crescente no abdómen. Pôs uma mão debaixo da barriga e uma sensação estranha e peganhenta espalhou-se-lhe até à zona lombar. A sua esperança foi a de que a dor se devesse apenas ao medo súbito.

– Calma – disse o homem, e deu um passo em frente. – Só quero levar uma coisa comigo.

Line esforçou-se por respirar calmamente e continuou imóvel no meio da sala. Segurava ainda, com a mão direita, a barriga, e tentava sentir se o útero estava a contrair-se. Ao pensar nisso, uma dor lancinante percorreu-lhe o corpo.

Não agora, por favor, disse para si própria.

A dor diminuiu um pouco. Não era decerto uma contração de trabalho de parto normal, pensou ela numa tentativa de serenar e aclarar as ideias. Podia ser devido à contração accidental de um músculo, a uma reação provocada pelo medo, uma câibra.

Respirou fundo e caminhou até ao parque. Maja agarrava as grades com força enquanto olhava para o homem de negro. Não lhe faltava muito para chorar.

– Deixe a miúda – disse-lhe o homem, que lhe fez um gesto com a pistola.

Carregava pouco nas consoantes, reparou Line, que observou com mais atenção os olhos escuros atrás do passa-montanhas. O homem devia ser da região sul.

– O que é que você quer? – perguntou ela.

– Os papéis do seu avô – respondeu o homem. – A papelada que guardava no cofre.

Ele acha que sou a Sofie, concluiu Line.

– Estão na cave.

– Você primeiro – ordenou-lhe ele.

Maja começou a choramingar. Line dirigiu-se à porta com passos hesitantes, como se cada passada originasse ondas de choque que se lhe propagavam pelo corpo e lhe induziam novas contrações no útero. Os degraus rangeram sob o seu peso. Os gritos de Maja começaram a serenar à medida que foram descendo até à cave.

O homem no seu encalço pressionou-lhe a pistola contra as costas.

– Ao fundo – disse Line, caminhando cuidadosamente à frente do homem.

Ele empurrou-a para o interior e ordenou-lhe que se encostasse à parede.

A porta do cofre estava aberta.

– Está tudo aqui? – perguntou ele ao agachar-se.

Line ponderou mencionar-lhe as cassetes na sala de estar, mas isso equivaleria a dizer-lhe que as tinha ouvido. Ele falara em papéis e ela aproveitou o facto de ele não conhecer ao certo o que estava guardado dentro do cofre.

– Sim – garantiu.

O homem pegou numa pasta e folheou-a. Só então Line reparou que ele usava luvas de borracha. Ele abanou a cabeça com satisfação, pôs a pasta de novo no cofre e deu uma vista de olhos à divisão.

– Está à espera de visitas? – perguntou.

– Como assim?

– Hoje vem cá alguém?

Line não sabia onde ele queria chegar com aquilo.

– Uma amiga... – respondeu pensando em Sofie.

– Quando é que ela vem?

– Daqui a algumas horas.

– Está bem – disse ele, e levantou-se. – Venha comigo.

Obrigou-a a percorrer o corredor e a entrar no que fora outrora um pequeno ginásio.

– Ali – disse ele ao apontar para as barras na parede.

Line obedeceu.

– Estique as mãos! – ordenou.

Ela estendeu as mãos à sua frente e ele tirou alguns cabos de plástico do bolso e agarrou-lhe um dos braços.

Line anteviu o que iria suceder.

– Não! – protestou, tentando libertar-se.

O homem aplicou todo o peso do seu corpo contra ela e pressionou-a contra a parede, forçando um dos braços a passar entre duas das barras e a sair de novo abaixo da barra inferior.

– Não! – gritou ela novamente. – Por favor!

Ele uniu-lhe violentamente as mãos com os cabos e prendeu-a com força à parede. O plástico rijo arranhou-lhe os pulsos. Line conteve um grito de dor e concentrou-se na respiração. Se tivesse sentido, de facto, uma contração de trabalho de parto, em breve se lhe seguiriam mais, caso não se recompusesse.

– A sua amiga não tarda a chegar – declarou ele ao deslocar-se até à porta. – Fica livre dentro de poucas horas.

O homem estacou à porta.

– E é melhor não abrir a boca sobre isto. Você e ela. Não quer que aconteça nada à sua fedelha chorona, pois não?

Com a pistola, apontou para o teto, numa referência ao parque onde Maja se encontrava.

– Percebido?

Line anuiu com a cabeça quando ele saiu da divisão; o homem fechou a porta sem olhar uma única vez para trás.

Embora Maja choramingasse, Line conseguiu ouvi-lo a esvaziar o cofre na divisão contígua. Esforçou-se por se concentrar na respiração. Concentrou-se na inspiração, para que esta fosse regular e serena, e tentou repelir todas as outras ideias. Fechou os olhos.

Ouviu passos nas escadas e a porta da frente bater com força.



À medida que o tempo passava, a esperança de que a contração não tivesse assinalado o início do trabalho de parto aumentava, mas a dor regressou assim que conseguiu relaxar. A mesma dor, que se propagou até à zona lombar com o dobro da intensidade.

Um andar acima, Maja não parava de gritar. Line tentou fazer o mesmo e encher os pulmões para gritar, com todas as suas forças, por ajuda; no entanto, sabia que o som dificilmente ultrapassaria as paredes grossas. Frank Mandt tinha torturado pessoas na cozinha sem que os seus gritos atraíssem qualquer atenção.

Ela puxou os cabos de plásticos que a prendiam às barras na parede, e tentou soltar as mãos ao contorcer-se, mas os cabos eram tão duros e inflexíveis quanto algemas. Teria de se aguentar ali até Sofie chegar a casa. Quando tempo passaria ali? Duas horas? Três?

O telemóvel dela tocou dentro da mala, que estava junto ao sofá, e Maja serenou um pouco. Contudo, assim que parou de chorar, Maja começou a gritar. Line tentou convencer-se de que não havia perigo. Maja estava dentro do parque, onde nada podia magoá-la. Estava assustada e em breve teria fome, mas acabaria por se cansar e adormecer.

Sentiu três contrações rítmicas e regulares, separadas por somente seis ou sete minutos. Igualmente longas e intensas. Ela ajoelhou-se e foi descendo cada vez mais, como se lhe roubassem as forças, até ficar sentada com a cabeça apoiada no peito.

Muita da preparação pré-parto consistira em exercícios de relaxamento. Tentou acalmar-se e conter a ansiedade, e pouco depois já respirava de modo regular, enquanto a pulsação abrandava. Se controlasse a situação, o parto poderia seguir um curso mais natural. Como era um primeiro parto, poderia demorar mais de doze horas.

Os cabos de plástico arranhavam-lhe a pele dos pulsos e ela levantou-se para mitigar a dor, mas sentiu uma contração na barriga e ficou novamente hirta. Respirou de modo entrecortado pela boca, e, quando a contração passou, começou a respirar mais fundo. Notou, ao mesmo tempo, que a pressão na sua barriga diminuía. Passou uma mão entre as pernas. Estava a perder líquido amniótico, que lhe escorria pelas coxas.

Entrara em trabalho de parto, e as contrações seriam, a partir de então, mais intensas e frequentes.

Lera muitos livros e artigos acerca do trabalho de parto numa tentativa de se livrar de receios, mas não afastara por completo o medo. Imaginara o parto como um momento especial que recordaria toda a vida. Não era assim, todavia, que o queria recordar. No entanto, aconteceria o que tinha de acontecer, e ia dar à luz a sua filha no chão e presa à parede.

Sentiu uma nova contração, esta mais intensa. Tentou respirar adequadamente, mas perdeu o controlo. As contrações tornaram-se mais frequentes e fortes a ponto de lhe parecer que não sentia, de todo, as mãos.

Não reparou de imediato que Maja parara de chorar. Devia ter adormecido. Há quanto tempo estava ali fechada? Uma hora? Quando é que Sofie iria regressar? Nesse momento, a porta da frente abriu-se. Se não fosse Sofie, talvez fosse o homem da pistola, que teria regressado para recolher o que deixara para trás.

Ela arriscou:

– Socorro!

Ouviu passos nas escadas.

– Line? – gritou Sofie.

– Aqui em baixo!

A porta abriu-se. Sofie deu um passo em frente, mas parou de repente e pôs-se a observar a amiga.

Line foi tomada por uma nova contração. Dessa vez, a dor escapou-se-lhe num grito.

– Solta-me! – implorou, rangendo os dentes.

Sofie correu para ela, pôs os braços à sua volta e levantou-a.

– Já tiveste muitas? – perguntou.

Line disse que sim com a cabeça.

– Com quanto tempo a separá-las?

– Quatro ou cinco minutos. E estão a ficar cada vez mais fortes. Não temos muito tempo.



Wisting esperou e desesperou diante da sala de audiências. Uma das partes do processo queria provavelmente discutir detalhes práticos antes de prosseguir com a sessão, tal como a agenda do dia seguinte ou uma mudança na sequência das testemunhas.

Wisting recebeu uma nova mensagem de Mortensen. Goldheim regressara ao seu carro com dois sacos cheios.

Ouviu passos atrás de si. Harald Ryttingen atravessou o corredor espaçoso para entrar na sala de audiências. Logo a seguir, o oficial de justiça apareceu e chamou pelo nome de Wisting.

A sala estava repleta de pessoas que queriam assistir à sessão e de representantes da imprensa. Ryttingen tinha-se já sentado e parecia sereno e confiante. O advogado da vítima estava sentado no outro lado, juntamente com os pais de Elise Kittelsen. No lado oposto estavam sentados Olav Müller, o advogado estagiário, e o arguido Dan Roger Brodin.

O juiz encontrava-se numa posição elevada. Tinha um ar imponente e digno atrás de uma mesa alta e de costas para a parede. Os juízes adjuvantes estavam sentados ao seu lado. Um deles era um sujeito obeso que parecia sonolento e desinteressado, e a outra uma mulher jovem com o cabelo preso num puxo.

Quando Wisting se deslocava para a barra das testemunhas, o seu telemóvel começou a tocar, o que deu origem a gargalhadas entre a assistência. Puxou do telemóvel e rejeitou a chamada, tendo, ao mesmo tempo, reparado que era uma chamada de Line. Pôs o telemóvel em silêncio e colocou-o, juntamente com o seu bloco de notas, na pequena prateleira dentro da barra das testemunhas.

Olhou com respeito para o juiz, que pareceu um pouco irritado, como se estivesse impaciente e desejoso de terminar o julgamento.

– Diga-nos o seu nome completo, por favor – pediu ele.

Wisting disse-lhe o nome, a data de nascimento e a sua profissão.

O telemóvel começou a vibrar à sua frente. O microfone captou o som e propagou-o pela sala. Surgiu uma mensagem de texto no ecrã e ele lançou-lhe uma olhadela rápida. *A caminho do hospital. Acho que começou o trabalho de parto.*

Ficou com o coração na boca. Tinha prometido estar com ela, era suposto ser ele a levá-la ao hospital.

Passou a língua pelo céu da boca seco. Estava preocupado, confuso. Line havia escrito que estava a caminho do hospital, ou seja, alguém lhe devia ter dado boleia. Provavelmente Sofie. Ou ela própria estava a conduzir, o que seria típico de Line.

Ele ainda podia chegar a tempo.

Estava prestes a pegar no telemóvel para lhe ligar ou, pelo menos, escrever uma mensagem para lhe dar conta de que tinha recebido o aviso, quando o juiz o interpelou.

– Tem coisas mais importantes para fazer do que prestar um depoimento ao tribunal?

Alguns dos presentes – incluindo Ryttingen – riram-se. Wisting olhou para a mesa dos juízes.

– Desculpe.

– Então vamos tentar de novo – disse o juiz. – Tem alguma relação de parentesco, ou qualquer outra, com o arguido deste caso?

Wisting pigarreou.

– Não.

– E com a vítima e a sua respetiva família?

– Não.

O juiz deu seguimento às formalidades e lembrou que Wisting tinha de dizer a verdade e nada mais que a verdade, sem ocultar nada.

– Assim farei – disse Wisting olhando para Ryttingen de soslaio.

– Pode sentar-se, se quiser – afirmou o juiz.

Wisting sentou-se. Estava calor na sala de audiências e ele arrependeu-se de não ter despidido o casaco.

Olav Müller deu início ao seu interrogatório. Fez uma pequena apresentação da testemunha e permitiu que Wisting explicasse ser ele o responsável pela investigação do homicídio de Jens Hummel.

– Fale-nos da arma do crime – solicitou Müller a partir do seu lugar.

– Ele foi assassinado com um revólver Nagant de 7,5 milímetros – explicou Wisting –, que foi encontrado nos pertences de Frank Mandt, que residia em Stavern e morreu a 10 de janeiro deste ano.

Acrescentou que Mandt fora uma figura central de uma rede criminosa.

– Como é que a polícia obteve a arma?

– Foi-nos entregue para destruição a 24 de julho, depois de ter sido encontrada dentro de um cofre que estava fechado desde a morte de Mandt.

– E o que fez à arma?

– Segui o procedimento normal e enviei-a à Kripas, onde a submeteram a testes balísticos.

– E qual foi o resultado dos tais testes?

– Resumindo, concluíram que a arma foi usada para matar a Elise Kittelsen e o Jens Hummel.

O promotor público pigarreou, levantou-se e dirigiu-se ao juiz.

– Para evitar constrangimentos na sessão, não pomos em causa estarmos a falar da mesma arma do crime, Meritíssimo.

Portanto, não é necessário perder tempo com isto. O tribunal não tem interesse em pormenores que, com toda a sinceridade, não têm qualquer relevância para este caso.

O juiz aquiesceu.

– Então que fique assente – disse o juiz, e virou-se para o advogado de defesa. – Concentremo-nos neste caso.

Müller anuiu e dirigiu-se de novo a Wisting:

– Que pensa acerca deste caso?

– Penso que a arma liga os dois casos entre si. Na Noruega, o risco de se ser assassinado é baixo. Em termos estatísticos, é mais provável ser-se vítima de homicídio dentro da respetiva comunidade local, e normalmente há uma qualquer relação entre a vítima e o assassino. Menos de um em cada vinte homicídios ocorre em plena rua. Por conseguinte, é difícil acreditar que estejamos perante dois casos em que criminosos desconhecidos tenham usado a mesma arma para matar duas vítimas aleatórias. Além disso, os dois homicídios ocorreram num curto espaço de tempo.

Lançou um olhar a Ryttingen e viu que este último estava ansioso por apresentar contra-argumentos e possíveis explicações para o uso da mesma arma em dois crimes diferentes. No entanto, estava obrigado a esperar.

Müller prosseguiu:

– Analisou os documentos no caso contra o meu cliente por causa da sua própria investigação. Qual é a sua conclusão?

Wisting aproximou-se do microfone.

– Concluí que estamos perante um só assassino – declarou.

A sua afirmação causou comoção na sala e no corpo de juizes. O juiz assistente sonolento endireitou-se e arrastou a cadeira para a frente.

Müller deixou que as palavras de Wisting pairassem no ar e esperou que o burburinho esmorecesse antes de perguntar, com fingida surpresa, se Wisting estava ciente de que o seu cliente estava detido quando Jens Hummel fora assassinado.

– Sim, estou – disse Wisting.

– Isso significa que, a seu ver, o Dan Roger Brodin está inocente?

Wisting olhou de soslaio para os pais de Elise Kittelsen. A mãe estava a olhar para a mesa, mas o olhar do pai cruzou-se com o seu. Sabia que a sua resposta iria magoá-los, mas não tinha outra solução.

– Sim, é isso – esclareceu, e olhou para o juiz. – Acredito que a Elise Kittelsen não foi assassinada pelo Dan Roger Brodin.

Um gemido da mãe de Elise Kittelsen foi abafado pelo burburinho na sala de audiências. O promotor público levantou-se e dirigiu-se ao juiz.

– Hoje ouvimos as declarações de três testemunhas oculares, e todas elas confirmaram que o arguido é culpado. Prestaram declarações quase idênticas. A menos que a testemunha tenha algo mais a oferecer do que meras suposições e estatísticas, tudo isto não passa de especulação, e não vejo que haja necessidade de o tribunal perder tempo com isto – declarou.

O juiz anuiu, mas pareceu mais interessado em ouvir o que Wisting tinha para dizer agora.

– Tem algo mais a apresentar do que meras suposições? – perguntou.

– Falei com as testemunhas oculares – referiu Wisting; em seguida, explicou ao tribunal que a descrição dada por duas das testemunhas tivera por base uma descrição dada pela terceira testemunha e posteriormente transmitida pela rádio da polícia. – Na verdade, temos apenas uma testemunha ocular. Quando falei com elas, as duas testemunhas admitiram não ter reconhecido, de facto, o Brodin como o criminoso, e que tinham aceitado como certo ser ele o assassino, porque a polícia já o tinha algemado dentro de um carro-patrolha.

Ele folheou o seu bloco de notas e citou o que Terje Moseid lhe dissera:

– *A polícia só prende a pessoa errada em filmes.*

O promotor público levantou-se de novo.

– As três testemunhas oculares depuseram neste julgamento hoje de manhã. Solicito que seja dado crédito às suas explicações, e não à interpretação de Wisting.

O juiz anuiu, mas não fez qualquer comentário.

Müller prosseguiu:

– E em termos de provas técnicas? Examinou-as com mais atenção?

– A prova principal é o resíduo de pólvora encontrado na mão direita do arguido. Não sei como explicou a presença da pólvora em tribunal, mas quando falei com ele, há três dias, na prisão, ele deu-me algumas informações novas sobre o que fez na noite do homicídio. E explicou-me por que motivo fugiu da polícia.

Müller sorriu.

– Ele disse ao tribunal que fugiu por estar, na altura, sob o efeito de drogas e ter, portanto, violado a sua liberdade condicional.

– Ele tinha mais um motivo para fugir – acrescentou Wisting. – E também um motivo para não o querer contar à polícia.

O advogado de defesa fez-lhe um breve gesto, ou seja, um sinal para continuar.

– Entre o Natal e o Ano Novo, o Brodin roubou, num trabalho encomendado, foguetes e fogo de artifício. Um contentor com material pirotécnico que, no total, valia mais de cem mil coroas. Guardou alguns foguetes para vender por si mesmo, mas usou outros para se divertir. Quando se cruzou com a polícia na noite de 31 de dezembro, tinha acabado de fazer explodir um contentor do lixo diante de um supermercado Kiwi no centro da cidade. Largou a correr para não ser apanhado e acusado de vandalismo e roubo. Quando o prenderam, tinha as mãos sujas com pólvora dos foguetes.

O promotor público protestou.

– E não devia ter sido o arguido a contar-nos isto?

Dan Roger Brodin levantou o olhar.

– Isto é verdade? – perguntou o juiz.

Brodin pestanejou.

– O que ele disse é verdade – confirmou. – Tudo o que ele disse sobre os foguetes. Foi o que aconteceu.

O telemóvel de Wisting vibrou de novo quando o juiz fez mais algumas perguntas a Brodin. Wisting já tinha afastado o telemóvel do microfone. Dessa vez, recebeu uma mensagem pré-combinada de Nils Hammer, e que consistia apenas em *OK*.

A mensagem fê-lo pensar em Line, mas esforçou-se por se concentrar no julgamento. Ainda não chegara à parte mais interessante do seu testemunho.

Harald Ryttingen falou pela primeira vez.

– Isto é tudo falso. Está a tentar fazer com que os factos se encaixem. Porque é que só agora ouvimos esta história sobre os foguetes?

– Fui ao dito supermercado Kiwi no último fim de semana – continuou Wisting, sem esperar pela permissão do juiz. – Parece que eles apresentaram uma queixa de vandalismo à polícia logo no dia seguinte, e o incidente foi filmado pelas câmaras de segurança da loja.

Wisting tirou as fotografias dobradas da pasta.

– O caso foi arquivado pouco depois mas tenho aqui cópias das imagens. Têm pouca qualidade e não permitem identificar o criminoso, mas comprovam que naquela noite um foguete fez, de facto, explodir um contentor do lixo diante do Kiwi.

Ryttingen sussurrou algo ao promotor público, que se levantou para protestar.

– Estas fotos não foram citadas como provas documentais – referiu.

– Ainda assim, vou admiti-las – declarou o juiz, e estendeu a mão para que o oficial de justiça lhe desse as fotografias em causa.

– Tenho cópias para os outros – esclareceu Wisting entregando-as. Ryttingen, afogueado, mexeu-se no assento. A pólvora era uma das provas usadas como base da acusação. E quando a base ruía, a estrutura desabava.

– Isto não está correto – declarou.

O juiz olhou para ele.

– Quer acrescentar algo ao registo do julgamento?

Ryttingen abanou a cabeça, mas, de repente, os seus olhos pareceram cintilar.

– Não, Meritíssimo – disse, e levantou-se. – Mas, se o senhor Wisting acredita mesmo que estamos a julgar o homem errado, não poderá ele dizer-nos se suspeita de outra pessoa?

O juiz assentiu.

– Tem algum suspeito? – inquiriu.

Harald Ryttingen sentou-se de novo, cruzou os braços e recostou-se.

– Sim – confirmou Wisting e levou uma mão ao telemóvel. – Acabei de receber uma mensagem a confirmar que os meus homens detiveram um homem acusado do homicídio do Jens Hummel. Acreditamos que também matou a Elise Kittelsen.

Gerou-se uma grande comoção entre os espectadores. O juiz pegou no martelo e pediu silêncio no tribunal.

– Quem?

– Detivemos a testemunha que depôs antes de mim – anunciou Wisting. – Einar Gjessing, a principal testemunha da acusação.

Esta resposta gerou nova onda de comoção na sala. O juiz deu ao público e à acusação tempo para digerir a informação antes de pedir, uma vez mais, silêncio. O burburinho esmoreceu, mas Wisting ouviu, na barra das testemunhas, os dedos dos jornalistas a percorrer freneticamente os teclados dos seus portáteis.

– Explique-nos essa detenção, entre em detalhes, se faz favor – pediu o juiz.

Wisting endireitou-se na cadeira.

– Como já disse, examinei os documentos do processo e também o material suplementar da investigação, e encontrei uma porta oculta.

O juiz tomou algumas notas.

– Uma porta oculta?

– É um termo usado pela polícia – esclareceu Wisting. – Usamo-lo quando os investigadores não examinam convenientemente uma abertura ou um caminho do caso, ou quando há uma outra direção que os responsáveis pelo inquérito não quiseram ver. Uma pista que, mais ou menos conscientemente, optaram por não seguir. O facto de terem acusado o Dan Roger Brodin do homicídio quase antes de a investigação ter começado impediu-os de ver quaisquer outras possibilidades. Ao mesmo tempo, foi-lhes muito conveniente ignorar essas outras possibilidades. Como prenderam o arguido quase de imediato, construíram uma narrativa que não se adequava à realidade, e que significava que não tinham de investigar até que ponto a própria polícia era responsável pela morte da Elise Kittelsen.

Ryttingen murmurou algo ao ouvido do promotor público. Este último anuiu e requereu ao juiz uma pausa na sessão.

– Quero acabar de ouvir esta testemunha – declarou o juiz. – Quero saber qual é a relação da polícia com este homicídio.

Fez-se um silêncio expectante na sala de audiências.

– A Elise Kittelsen trabalhava para a polícia como informadora – disse Wisting. – Tinha acesso direto a uma rede organizada de tráfico de estupefacientes que a polícia tentava dismantelar há vários anos. Estavam prestes a ter um grande avanço quando ela morreu. Ela sabia quando e onde chegaria o próximo carregamento de drogas. Era uma informação valiosa para a polícia, mas perigosíssima para a Elise. No fundo, ela sabia demasiado, e alguém sabia que ela estava a passar informações à polícia.

O promotor público tentou, uma vez mais, impedi-lo de falar:

– Não são informações que se partilhem numa sessão aberta – disse.

Olav Müller foi mais rápido do que o juiz.

– São informações essenciais que a polícia nos ocultou este tempo todo – afirmou.

O juiz lançou um olhar a Wisting antes de se virar para o promotor.

– Isto é verdade? – perguntou ele.

Ryttingen ficou, de súbito, cinzento, como se tivesse envelhecido vários anos em poucos minutos.

– Isto não tem relevância nenhuma para o caso – acrescentou, sem admitir o que quer que fosse.

O juiz interpelou novamente Wisting.

– Como obteve estas informações? E que relevância têm para o caso?

Wisting encheu o copo à sua frente com água.

– O Einar Gjessing, o homem que prendemos, faz parte da tal rede criminosa. Tal como o Julian Broch, o namorado da Elise

Kittelsen. Era sobretudo através dele que ela obtinha a informação que passava à polícia.

Ele bebeu um pouco de água e aclarou a garganta seca. Notou que a mãe de Elise segurava na mão do marido.

– Quando iniciaram a investigação, fizeram-no como é nosso hábito. Começaram pelas bordas e foram-se deslocando para o interior. Começa-se no fundo, com um toxicodependente; a polícia convence-o a indicar o nome de quem lhe vendeu as drogas. Chega-se ao fornecedor por meio do vendedor, e é assim que se vai subindo na hierarquia. Encontraram a Elise Kittelsen na periferia desta rede. Os detetives infiltrados detiveram-na uma manhã, quando estava a sair da casa do namorado para ir para a universidade. Ela tinha em sua posse alguns gramas de haxixe, que tinha prometido levar para um amigo, e mais alguns no cacifo que usava na faculdade. Um delito menor, insignificante, mas estava em jogo todo o seu futuro. Uma condenação por posse de drogas arruinaria por completo as suas ambições profissionais enquanto professora, e também a envergonharia e aos pais. Os detetives fizeram-lhe uma proposta: esquecer-se-iam de tudo aquilo se, em troca, ela lhes desse informações. Ela optou por trair os seus conhecidos. Por trair os amigos e o namorado para se salvar.

Ryttingen ainda não desistira de silenciar, à força, Wisting.

– A testemunha não soube nada disto em primeira mão – contestou. – Não esteve presente, e isto não passa, no fundo, de pura especulação.

O juiz virou-se para ele com a mesma irritação de que, aparentemente, dera mostras quando Wisting entrara na barra das testemunhas.

– Nega que a Elise Kittelsen tenha trabalhado como informadora da polícia? – inquiriu.

Ryttingen abanou a cabeça:

– Não, mas isto...

– Prossiga! – disse o juiz a Wisting.

– O detetive encarregado dos contactos com a informadora está agora a trabalhar no estrangeiro, mas ontem à noite falei com ele ao telefone. Explicou-me que usaram a Elise para tentar aproximar-se do alvo principal, a quem a polícia deu a alcunha de Mister NiceGuy. Durante a operação policial, Elise começou a sentir-se nervosa. Receava que o namorado tivesse descoberto o que andava a fazer. O agente responsável usava um telemóvel anónimo, ou seja, um número aleatório e um telemóvel tirado, por empréstimo, do armazém de provas da polícia, mas Elise continuou a não se sentir segura. O seu contacto na polícia falou com ela pela última vez apenas algumas horas antes do homicídio. Nesse último contacto, mostrou-se receosa do que poderia vir a acontecer.

– Essa questão da chamada não pode estar certa – afirmou Olav Müller ao folhear os seus papéis. – Temos os dados referentes às chamadas da Elise Kittelsen e não há registo de uma chamada dessas no dia do homicídio.

– O responsável pela investigação mandou apagar essas chamadas do registo, para assim evitar interferências desnecessárias – esclareceu Wisting. – Para que não se encontrasse a porta oculta que levasse a outra via de investigação.

– Quem é que deu essa ordem? – quis saber Müller.

– O Harald Ryttingen.

Wisting ouviu, atrás de si, um disparo fotográfico. Um dos fotógrafos aventurara-se ao ver Ryttingen descair na sua cadeira. Muitos outros fotógrafos imitaram-no.

O promotor público arrastou a cadeira um pouco para o lado, como se quisesse afastar-se dele.

– Temos de obter uma imagem mais detalhada do que, a seu ver, aconteceu na véspera de Ano Novo – proclamou o juiz.

Wisting anuiu.

– Em parte, são apenas hipóteses. Mas a Elise Kittelsen tinha-se tornado uma ameaça às principais figuras do narcotráfico da região. Tiveram de se livrar dela. O Julian Broch não pôde fazer nada, embora haja que admitir que foi ele o responsável pela fuga de informação. Se acontecesse alguma coisa à Elise Kittelsen, as suspeitas recairiam sobre o seu namorado. Ele teve de se certificar de que arranjava um álibi, por isso, encarregaram o Einar Gjessing do homicídio. Ele já estava em dívida para com o Mister NiceGuy. Há documentos que comprovam que ele perdeu dinheiro em investimentos depois de o Gjessing ter entrado em insolvência.

O telemóvel à sua frente vibrou de novo. Era uma mensagem de Line: *Onde estás?*

Wisting reuniu todas as suas forças e determinação antes de prosseguir.

– O homicídio da Elise Kittelsen levou ao homicídio do Jens Hummel – disse ele. – O Hummel trabalhava como correio de droga nesta rede. Usava o seu táxi para transportar grandes carregamentos de estupefacientes entre as regiões oeste e sul, ou seja, entre o Frank Mandt e o Mister NiceGuy. Segundo a nossa teoria, na véspera de Ano Novo ele entregou um carregamento ao seu contacto habitual – o Einar Gjessing –, mas nessa noite aconteceu mais uma coisa. O Gjessing pediu ao Jens Hummel que o levasse de táxi até ao local onde iria interceder a Elise Kittelsen, porque sabia que ela ia a uma festa de passagem de ano. Ele queria também fugir do local do crime no táxi, que estaria à sua espera ao virar da esquina. As duas outras testemunhas não viram o Dan Roger Brodin fugir do local do crime, mas sim o Einar Gjessing.

Ele lançou um olhar rápido a Brodin. O arguido parecia confuso, como se não entendesse o que se estava a passar no tribunal.

– Mas, quando regressou ao táxi, o Gjessing foi obrigado a mudar subitamente de plano – explicou Wisting. – Tinha como missão não só calar a Elise Kittelsen, como também descobrir o que é que ela sabia. Precisava do telemóvel dela e teve de voltar atrás. Entregou a arma do crime ao Hummel e regressou ao local do homicídio. Disse que tinha perseguido o assassino, mas que acabara por desistir de correr atrás dele. No meio do todo aquele caos, enquanto faziam manobras de reanimação à Elise Kittelsen, ele encontrou o telemóvel e, quando a polícia apareceu, pediram-lhe que descrevesse o criminoso. Ele descreveu uma pessoa aleatória que se lembrava de ter visto mais cedo naquela noite: o Dan Roger Brodin.

Wisting reparou que começava a sentir-se cada vez mais impaciente. Queria concluir o depoimento e já não se expressava com o seu habitual rigor.

– Em certa medida, o Jens Hummel era um inocente que arrastaram para esta situação horrenda – disse ele. – Podia ter ficado de bico calado e permitido que o assassino da Elise Kittelsen continuasse em liberdade, mas não suportou ver um inocente condenado pelo homicídio. Tentou dizer à polícia que tinham prendido o homem errado, mas ninguém investigou a denúncia e o Einar Gjessing e os seus comparsas passaram a vê-lo como um perigo. Ainda não sabemos ao certo o que levou ao homicídio do

Hummel, mas sabemos, isso sim, que o Gjessing foi uma das últimas pessoas a entrar no seu táxi. Encontrámos algumas impressões digitais parciais do Gjessing no tejadilho do carro. Impressões digitais que o vento e a chuva não tinham apagado por completo. Estavam demasiado fragmentadas para que as introduzíssemos no motor de pesquisa automática de comparação com as impressões digitais registadas nos arquivos da polícia, mas conseguimos determinar que pertencem ao Einar Gjessing através de uma comparação manual.

Aproximava-se agora da conclusão do seu testemunho, e esta parte tinha mais pontas soltas e perguntas sem resposta.

– O Gjessing talvez se tenha encontrado com o Jens Hummel para que o Hummel lhe devolvesse a arma – continuou Wisting, que abriu os braços num gesto de incerteza, o que demonstrava que as sugestões que agora estava a apresentar não eram mais do que meras teorias numa investigação policial em curso. – O Hummel pode ter-lhe pedido dinheiro em troca do seu silêncio. Sabemos apenas que não teve oportunidade de contar a ninguém o que sabia sobre o homicídio da Elise Kittelsen. Foi morto a tiro, e a arma do crime foi parar ao cofre do Frank Mandt.

Wisting tinha noção de que havia ainda muitas questões sem resposta, e que teriam de trabalhar arduamente para concluir a investigação. Contudo, nada mais tinha a fazer no tribunal. Apresentara uma explicação alternativa.

– O advogado de defesa tem mais perguntas a fazer à testemunha? – perguntou o juiz.

Olav Müller parecia perturbado.

– Não, de momento, não – respondeu. – Mas peço permissão para chamar de novo esta testemunha a depor caso seja necessário.

O juiz anuiu e virou-se para o outro lado.

– Senhor promotor?

O promotor público abanou a cabeça.

– Bem – disse o juiz –, podem fazer uma pausa agora. A sessão está suspensa até às dez horas de amanhã. Até lá, o ministério público terá de decidir se pretende manter a acusação.

Bateu com o martelo, levantou-se e saiu. Os juízes adjuntos seguiram-no. Gerou-se uma enorme confusão assim que fecharam a porta. Os jornalistas lançaram-se em frente e separaram-se em dois grupos: um deles rodeou o promotor público, e o outro cercou Wisting.

Wisting pegou no telemóvel, abriu passagem à força e dirigiu-se o mais depressa possível à saída sem responder a ninguém. Antes de sair do tribunal, virou-se para trás e viu que Ryttingen, que também tentara escapulir-se, fora fisicamente bloqueado. Os jornalistas cercaram-no e recusaram desistir. Wisting não pôde deixar de sentir compaixão dele. Era sempre desagradável ver um dos seus colegas cruzar a ténue linha entre a justiça e a injustiça.



O telemóvel tocou antes de Wisting chegar ao carro. Ligavam-lhe de um número desconhecido que provavelmente pertencia a um editor de jornal. Rejeitou a chamada e ligou a Line antes de se sentar ao volante.

O telemóvel tocou muito tempo sem que ninguém atendesse. Enviou-lhe uma mensagem de texto para lhe dizer que tinha estado ocupado no julgamento, mas que agora ia a caminho. Ao sair do parque de estacionamento, lembrou-se de que não sabia qual o hospital para onde ela tinha ido. A filha mencionara os hospitais de Tønsberg e de Skien, e ele tinha ideia de que ela acabara por escolher o de Skien. Em todo o caso, era o mais próximo dos dois, conquanto se encontrasse a pelo menos duas horas e meia de carro.

Passou para a faixa da esquerda ao entrar na autoestrada e ponderou acender as luzes azuis da polícia. Como havia pouco trânsito, decidiu não o fazer. Assim, preferiu ligar o rádio da polícia e tentar captar, assim, as frequências dos colegas, de maneira a descobrir se havia algum controlo policial mais adiante.

Ao passar pela ponte de Varoddbrua, ligou a Ivar Horne.

– Que circo! – disse Horne. – Está tudo de pantanas. Puta que pariu, você lixou-nos a nossa operação de vigilância mais importante.

– Eu sei. Lamento. Não tive outro remédio.

– Toda a verdade e nada mais que a verdade? Pelo menos, podia ter-me avisado.

– Há notícias do Goldheim?

– Está a caminho de casa, mas também recebeu uma mensagem. Tem amigalhões no tribunal, claro. Não param de lhe ligar e enviar mensagens.

– E o que é que têm dito?

– Ele tem mantido a calma. Não diz nada que revele o seu envolvimento no assunto, mas diz que já resolveu os problemas.

A cabeça de Wisting girava a mil à hora. Goldheim tinha estado em Stavern. Tinha lá ido para resolver os problemas?

– Onde é que ele está agora? – perguntou ao observar os carros com que se cruzava no sentido oposto.

– Passou por Kragerø. Vamos segui-lo antes de entrar na cidade.

Wisting imaginou o ponto vermelho a mexer-se no ecrã de rastreamento. Se ele já chegara a Kragerø, cruzar-se-ia com ele daí a cerca de 45 minutos.

– Pode manter-me atualizado? – perguntou ele.

– Posso tentar, mas não prometo nada – disse Horne.

Wisting tentou uma vez mais contactar Line. Como ela não o atendeu, ligou a Hammer.

– Correu bem? – perguntou Wisting.

– Apanhámo-lo de surpresa. Está a caminho do centro de detenção. A Torunn e eu estamos a vasculhar-lhe o apartamento agora mesmo. Vens até cá?

– Não. Vais ter de assumir o controlo e gerir o pessoal. Estou a caminho do hospital.

– Que se passa?

Wisting sentiu os lábios contraírem-se-lhe num sorriso.

– Estou quase a ser avô.



Sozinha, Line encontrava-se deitada na sala de partos. Sofie levava-a de carro; Maja acompanhara-as no carrinho de bebé e não parara de choramingar. Não tinham passado por casa de Line para recolher uma muda de roupas e os seus produtos de higiene. Line contara, aos poucos, o que sucedera. Quando chegaram ao hospital, Sofie não quis regressar a casa, em parte porque queria oferecer o seu apoio a Line, mas também porque não queria regressar a uma casa que acabara de ser assaltada.

Line foi de imediato levada para uma sala de exames onde monitorizaram o batimento cardíaco da bebé. Uma parteira registou a duração e severidade das contrações, e mediu também a dilatação, que já ia em quatro centímetros. Depois, Line recolhera uma amostra de urina e vestira uma bata hospitalar.

Assustada e sozinha, não sabia o que tinham feito ao seu saco, aos seus pertences. A irritação que sentia por o seu pai não a ter atendido estava a transformar-se em fúria, e atrás dessa fúria escondia-se um terror que nunca antes sentira.

Uma outra parteira perguntou-lhe como estava. Line só conseguiu dizer que estava bem. Tanto ela quanto a bebé estavam em segurança, mas sentia-se inquieta rodeada de desconhecidos.

– Tente relaxar – disse a parteira. – Vai correr tudo bem.

Um alarme soou no corredor e Line ficou só de novo. Até então, sentira-se mais forte após cada contração, sempre com reservas de energia, mas agora eram mais longas e penosas, e a dor cada vez mais intensa. Agarrou a coberta e cerrou os punhos. A esperança de ver tudo aquilo acabar em breve debatia-se com a vontade de ter o pai ao seu lado antes de dar à luz.



A estrada estreitou-se até ter uma só faixa. O carro de Wisting era o quinto atrás de um camião que não passava da velocidade máxima permitida. Wisting ativou as luzes azuis e, nesse momento, ouviu pelo rádio uma mensagem de um carro-patrolha.

Um dos operadores na central respondeu de imediato.

– *Estou a perseguir um Range Rover branco que fugiu ao ponto de controlo* – disse o agente. – *Está a seguir para sul na E18. A passar pelo túnel de Sørlandsporten. Há alguma unidade que possa ajudar?*

– *Espere* – disse o operador.

Muitas unidades responderam, como era habitual em perseguições, mas Wisting encontrava-se na melhor posição. Dentro de dez minutos, cruzar-se-ia com Goldheim e o carro da polícia no seu encalço. Mais do que tempo suficiente para fazer parar um camião e bloquear a estrada.

O operador emitiu ordens. Wisting preparou-se para ligar as luzes azuis, mas retraiu-se e não premiu o botão. Não se podia atrasar.

O polícia que perseguia Goldheim indicou a sua localização. Aproximavam-se rapidamente de Wisting.

O seu telemóvel tocou. Era Horne.

– Carro a perseguir o Goldheim – esclareceu laconicamente.

– Essa parte já a apanhei. Vou cruzar-me com eles em breve.

– Ele passou por nós no bloqueio que tínhamos montado para lhe inspecionar o carro e ver o que foi buscar a Stavern. Não parou ao sinal dos agentes, acelerou.

– Sabe o que é que ele foi lá fazer?

– Só sabemos que regressou ao carro com dois sacos cheios.

Wisting avistou luzes azuis mais adiante.

– Aí vêm eles – informou.

Os veículos à sua frente encostaram-se à berma. O Range Rover branco avançou. Wisting ouviu também a sirene do carro da polícia que o perseguia. O Range Rover estava agora sobre a linha amarela central. Wisting abrandou e desviou-se para o meio. Viu que Goldheim estava sozinho e conduzia com um ar determinado.

– Tenho de desligar – disse Horne.

O trânsito retomou a sua marcha normal e Wisting prosseguiu a sua viagem. Os agentes em perseguição não paravam de comunicar através do rádio. Parecia que estavam a montar, a alguns quilómetros de distância, uma barreira com lombas e bloqueador de rodas.

Wisting continuou a ouvir as comunicações entre os colegas enquanto prosseguia para norte. O carro que seguia na dianteira da perseguição dava amiúde conta da velocidade de Goldheim e das saídas por que passavam. De repente, o agente que estava a conduzir o dito veículo começou a praguejar.

– *Ele despistou-se e saiu da estrada!* – disse, e repetiu a mensagem. – *Precisamos de uma ambulância.*

Wisting agarrou o volante com força. Não lhe restava mais do que assistir, em silêncio, ao drama que se estava a desenrolar.

As comunicações via rádio deram lugar a uma operação de salvamento. Tanto quanto Wisting percebera, o carro capotara e Goldheim estava encarcerado. Quando Wisting transpôs a fronteira entre as regiões de Aust-Agder e Telemark, os bombeiros já o tinham desencarcerado. Disseram que o seu estado era crítico, mas estável. Wisting desligou o rádio, porque não queria ouvir nem saber mais nada.



Wisting telefonou quatro vezes a Line, embora soubesse que ela já lhe teria ligado se de facto o pudesse fazer.

Encontrou um lugar de estacionamento livre à frente do hospital, e perdeu algum tempo a pôr moedas no parquímetro. Como não sabia quanto tempo passaria no hospital, enfiou na máquina todas as moedas que tinha consigo. Ao regressar ao carro com o bilhete de estacionamento, o seu telemóvel tocou. Era Christine Thiis.

– Se é verdade o que dizem nos jornais *online*, deste um belo espetáculo.

– As coisas foram acontecendo, e pronto – esclareceu Wisting ao pôr o bilhete de estacionamento no *tablier* do carro.

– O comissário quer falar contigo. Vem a caminho.

– Vai ter de esperar – disse Wisting explicando-lhe onde estava. – Não sei quanto tempo vou demorar.

Por fim, desligou, enfiou a mão dentro do carro e guardou o telemóvel no porta-luvas.

Tinha chegado demasiado tarde.

Era o hospital certo, mas, quando perguntou onde estava Line, disseram-lhe que o parto já tinha terminado e que era avô de uma menina.

Conduziram-no ao quarto onde Line estava a descansar. Quando abriu a porta, encontrou-a a dormir com a bebé ao peito. Wisting entrou no quarto com pezinhos de lã, mas o barulho da porta a fechar-se acordou-a. A bebé estava deitada no seu peito, e tinha as mãos minúsculas fechadas abaixo do queixo.

– Como te sentes? – perguntou ele.

Line sorriu e olhou para a recém-nascida.

– Fantástica – disse ela.

Ele curvou-se sobre ela e as suas fronte tocaram-se quando lhe deu um beijo na face.

– Desculpa por ter chegado tão tarde.

– A Sofie trouxe-me até cá. Viste-a no café lá em baixo?

Wisting abanou a cabeça.

– Vim logo cá acima.

A sua neta, que parecia forte e robusta, estava embrulhada numa mantinha de lã. Line mexeu-se para encontrar uma posição confortável, e a bebé tentou levantar a cabeça. Trémula com o esforço, conseguiu mexê-la um pouco.

Uma parteira entrou no quarto.

– Está tudo bem aqui? – perguntou com uma voz meiga.

Line disse que sim. Wisting apresentou-se à parteira, disse que era o avô.

– Quer pegar na menina? – perguntou a parteira.

Wisting olhou para Line.

– Não sei. Talvez mais tarde.

A parteira não aceitou um não como resposta. Pegou na menina e pousou-lha nos braços. Ele sentiu os pelinhos macios da cabeça da menina no seu rosto.

Um silêncio reverencial apoderou-se dele. Não pegava num bebé há muitos anos, mas foi uma experiência naturalíssima.

A parteira saiu e deixou-os a sós. Wisting passou um dedo pelo rosto enrugado da bebé. A pele estava quase peganhenta, mas, ao mesmo tempo, seca e rígida. De repente, a menina abriu as pálpebras e dois grandes olhos azuis pestanejaram e olharam para ele com uma confiança surpreendente.

– Vai chamar-se Ingrid – disse Line –, em homenagem à mãe.

Wisting anuiu com a cabeça e as lágrimas escorreram-lhe pela cara abaixo. Line fora outrora uma bebé tão pequena quanto aquela. Ele pensou em todos os anos que haviam decorrido desde então, e em tudo o que acontecera à sua filha sem que ele estivesse presente para a apoiar. Ela crescera muito depressa, e agora passava por uma experiência que a mãe dela não poderia vivenciar.

– Como correu o julgamento? – quis saber Line.

Wisting devolveu-lhe a bebé com muita ternura.

– Bem. Demorou algum tempo, mas consegui dizer o que queria dizer. Tive sorte com o juiz, que me deixou falar à vontade.

A bebé inquietou-se um pouco e Line acalmou-a. Wisting só então reparou que Line tinha uma ligadura no antebraço direito.

– Que aconteceu? – perguntou ao segurar-lhe na mão.

Em vez de lhe responder, Line tentou esconder o outro braço debaixo da coberta. Wisting destapou-o e viu que ela tinha marcas vermelhas e cortes em volta do pulso.

– Não sei se tenho forças suficientes para falar disso neste momento – proferiu ao deixar a cabeça afundar-se na almofada.

– Como é que fizeste esses cortes?

Line fechou os olhos e fez uma curta pausa antes de começar a contar o que lhe havia acontecido quando estava a cuidar de Maja.



Wisting regressou ao carro antes de atingir o tempo máximo de estacionamento por que havia pago. Tresloucado, sentou-se atrás do volante e procurou o telemóvel no porta-luvas.

A lista de chamadas não atendidas era longa. Ignorou-as e procurou o número de Ivar Horne.

– Como é que vão as coisas com o Goldheim?

– Vai safar-se – anunciou Horne. – Tem alguns ferimentos graves, mas não maus o suficiente para evitar que o metamos na cadeia. Mas vai ter de calçar outros sapatos, porque as solas dos sapatos que estava a usar correspondem às pegadas que encontraram no tal depósito de batatas onde estava a droga.

Wisting fez pouco caso do que ele estava a dizer.

– Os sacos que ele levou de Stavern tinham dentro os arquivos pessoais do Frank Mandt – comunicou.

– Como é que você...

– Encontraram-nos? – interrompeu-o Wisting.

– Sim, a maioria deles, pelo menos. O carro virou várias vezes ao capotar. Havia papéis espalhados por todo o lado. Estamos a tratar disso.

– Quero-os aqui – declarou Wisting. – Amanhã vou aí buscá-los.

– Eu não mando em nada disso, mas, de qualquer maneira, vamos ter de coordenar a investigação daqui por diante. Quanto mais não seja porque o vosso homicídio interfere com a nossa investigação à rede de droga.

Wisting ligou o carro e contou ao colega o que descobrira através de Line.

– Encontrámos a arma e o passa-montanhas no carro – disse Horne. – Provavelmente também vai encontrar as pegadas dele na casa do Mandt.

– Quero tudo aqui. O Phillip Goldheim incluído.

– Não sei se isso vai ser assim tão fácil.

– Estou-me a cagar para o Ryttingen – contestou Wisting.

– Já tratei dessa parte – esclareceu Horne. – Mas o Julian Broch foi preso há uma hora. Usou o barco do pai para trazer vinte quilos de anfetaminas da Dinamarca. Apanhámo-los em flagrante. Já começou a falar sobre o Goldheim. Temos de arranjar uma maneira de cooperar, mas, depois do que ele fez hoje, não tenho a certeza de que você ou os seus colegas devam tratar do caso contra ele.

Wisting viu-se obrigado a concordar.

– Uma coisa é certa – declarou Horne –, *no more* Mister NiceGuy.



Assim que chegou à esquadra, Wisting reuniu os colegas na sala de conferências. Tinham acontecido muitas coisas durante o dia e era necessário rever tudo quanto antes.

– O que é que o Gjessing disse? – perguntou ele a Hammer, acabado de regressar de Kristiansand.

– Só falámos sobre o caso Hummel – respondeu Hammer. – Deu-nos uma explicação curta e nega tudo.

– E que diz ele sobre as impressões digitais no táxi? – perguntou Mortensen.

– Ainda não o confrontámos com isso, mas ele disse espontaneamente que tentou apanhar um táxi antes do homicídio. Diz que chegou a entrar num, mas que teve de sair logo. Afirmo que já o tinha contado à polícia.

Wisting anuiu. Coadunava-se com o que Einar Gjessing lhes dissera quando o tinham interrogado no seu apartamento.

– Que mais temos contra ele? – quis saber Torunn Borg. – Já conseguimos determinar uma ligação entre ele e o Frank Mandt?

– Ainda não – declarou Wisting. – Mas pode haver alguma coisa interessante nos arquivos privados do Mandt.

– Pode haver uma reação em cadeia – acrescentou Hammer. – Se ele for acusado do Homicídio do Ano Novo, também vai ao charco no nosso caso.

A porta da sala abriu-se. Era o comissário da polícia Ivan Sundt, seguido por Christine Thiis. Perscrutou o grupo e o seu olhar deteve-se em Wisting.

– Estava à espera que viesse ter comigo assim que chegasse.

– Peço desculpa – proferiu Wisting. – Precisávamos urgentemente de rever os últimos acontecimentos.

– Também eu – contestou o comissário com rispidez.

– Podemos conversar daqui a dez minutos? – pediu Wisting.

– Vamos conversar agora mesmo – retorquiu o comissário, e sentou-se.

Os outros detetives levantaram-se da mesa. Christine Thiis deu um passo ao lado para os deixar sair da sala.

– Você pode ficar – declarou o comissário a apontar para Thiis.

Ela sentou-se ao lado de Wisting.

O comissário foi direto ao assunto.

– Que provas é que você tem?

Wisting reviu o caso passo por passo. Ao fazê-lo, apercebeu-se de que o que tinha descoberto era mais do que suficiente para pôr em causa a culpa de Dan Roger Brodin. No entanto, seria ainda difícil apresentar um caso sólido contra Einar Gjessing.

O comissário apercebeu-se do mesmo.

– Não chega – declarou. – Pode ter muita experiência enquanto detetive, mas eu também tenho uma longa experiência como juiz. O que vocês têm não chega sequer para o manter em prisão preventiva. Agiu de modo muito intempestivo.

Levantou-se e virou-se para Christine Thiis.

– Vocês os dois contrariaram as minhas ordens sobre o Homicídio do Ano Novo e conseguiram apenas arranjar um escândalo dos grandes.

Wisting não estava interessado em entrar em discussões. O comissário dirigiu-se à porta, mas parou e fitou-o:

– Se isto é tudo o que têm, vão ter de o soltar antes que o julgamento em Kristiansand recomece amanhã de manhã.



Wisting fez uma nova visita a Line pouco antes das oito da noite. Depois de falar com o comissário da polícia, passara algumas horas na esquadra sem fazer nada de muito útil. Na verdade, ansiava apenas rever a pequena Ingrid.

Tinha passado pela casa de Line para recolher algumas roupas e produtos de higiene, que na sua maioria já estavam emalados. Sofie e Maja ficariam em casa de Line enquanto os técnicos forenses procuravam, na antiga casa de Mandt, vestígios deixados por Phillip Goldheim.

Line acabara de amamentar Ingrid quando ele chegou. Ao pousar o saco com a muda de roupa da filha, ocorreu-lhe que devia ter levado um presente. Flores, chocolate, um peluche. Pediu-lhe desculpas e prometeu-lhe levar presentes para as duas no dia seguinte.

Line riu-se e entregou-lhe a bebé. Wisting sentou-se com ela nos braços e tocou-lhe na mão com o seu indicador. Os dedos minúsculos da neta agarraram-no instintivamente e apertaram-no com uma força surpreendente.

– Como vai a investigação?

Wisting descreveu-lhe o ponto da situação com toda a calma.

– Vão ter de o soltar?

Wisting sorriu, consciente de que, por estranho que parecesse, essa possibilidade não o perturbava.

– É melhor deixar dez culpados fugir do que fazer um inocente sofrer – disse ele ao pensar em Dan Roger Brodin detido na esquadra de Kristiansand.

– Já viram o que está dentro do cofre? – perguntou Line.

– Ainda não.

– Ele não levou tudo – disse ela, e mencionou-lhe as cassetes escondidas debaixo da almofada do sofá. – O Frank Mandt tinha um microfone escondido na cozinha e gravava algumas conversas. Numa das gravações ouvi-se uns tipos a planear um assalto a uma carrinha de transporte de valores. Talvez possam analisar as vozes, ou fazer alguma coisa para descobrir quem é que esteve presente.

– Boa ideia – anuiu, sem grande entusiasmo, Wisting.

Conversaram um pouco sobre outros assuntos. Ele disse-lhe que tinha telefonado a Thomas, e que ele visitaria a irmã e a sobrinha no dia seguinte.

– Já falaste com o John? – questionou-a desviando o olhar do rosto da menina.

Raramente mencionavam o pai da bebé, mas sabia que tinham estado em contacto durante a gravidez.

– Ainda não. Amanhã mando-lhe uma fotografia.

Continuaram a conversar sobre variadas coisas até, por fim, regressarem ao homicídio.

– Achas que ele morreu de causas naturais?

– Quem? – perguntou Wisting, e apoiou a bebé no outro braço.

– O Frank Mandt. Achas que caiu mesmo, ou terá sido empurrado?

Wisting recordou-se do relatório policial redigido depois de encontrarem Mandt morto ao fundo das escadas da cave.

– Nada sugeria outra coisa.

– Mas o que é que ele estava a fazer na cave? Não tinha lá grande coisa, exceto o antigo espaço de ginásio e o cofre, e ele não estava de fato de treino.

– Será que ia abrir o cofre? – interrogou-se Wisting.

– Talvez. Só me parece uma coincidência incrível ele ter caído pelas escadas abaixo mais ou menos na mesma altura em que estavam a acontecer aquelas coisas todas.

Wisting entregou novamente a pequena Ingrid a Line. A mudança de colo fez a bebé pestanejar. Algo na sua neta o levou, então, a refletir num pormenor.

Debruçou-se sobre a cama, deu um abraço à filha e prometeu regressar no dia seguinte.



O candeeiro de rua junto ao caminho que dava acesso à velha casa estava rodeado de uma luz opaca e débil. Wisting saiu do carro e pôs-se a ouvir o canto dos grilos.

Klaus Wahl encontrara Frank Mandt no fundo das escadas da cave no início de janeiro. Uma tragédia banal. Mandt tinha 79 anos, era diabético, estava trôpego e estonteado. Wahl prestara declarações concisas à polícia, mas não lhe tinham feito todas as perguntas relevantes.

Wisting tocou à campainha. O velhote demorou algum tempo a atender. Estava a usar as mesmas roupas que vestia da última vez que o vira: uns calções azuis e uma camisa aos quadrados.

– Oh, é você – murmurou, e deu um passo para o lado como se esperasse a visita de Wisting.

Sentaram-se à mesa da cozinha.

– Prendemos um homem pelo homicídio do Jens Hummel – disse Wisting.

Klaus Wahl anuiu. Tinha ouvido as notícias pelo rádio.

– O nome Einar Gjessing diz-lhe alguma coisa?

– Sei quem é – respondeu Wahl.

– Acho que ele pode ter sido uma das últimas pessoas a ir a casa do Mandt. Talvez lhe tenha entregado a arma do crime.

– Eu raramente ia a casa do Frank – esclareceu Wahl, que começou a mexer num maço de tabaco. – Normalmente, encontrávamo-nos em cafés e assim.

Wisting observou, durante algum tempo, o homem sentado à sua frente.

– Talvez ninguém conhecesse melhor o Mandt do que você. Que acha que aconteceu, de verdade? Ele tinha muito controlo sobre muita gente, e eram diversas as pessoas que teriam muito a ganhar com a sua morte. Acha que ele caiu, ou que foi empurrado?

Klaus Wahl varreu algumas cinzas de tabaco da toalha plástica.

– Caiu – respondeu com convicção. – Foi um acidente.

– Parece estar muito certo disso – comentou Wisting.

Klaus Wahl levantou-se, dirigiu-se à bancada da cozinha e abriu uma gaveta. Sentou-se de novo e pousou um bloco de notas preto e um pequeno gravador de cassetes na mesa.

– Caiu – declarou ele. – Se não tivesse caído, a pessoa que o empurrou teria levado isto.

Wisting puxou o bloco para si e abriu-o aleatoriamente. A página estava repleta de nomes, datas, quantias monetárias.

– Isto estava no fundo das escadas – disse Wahl. – Deve ter descido para guardar isto no cofre. Eu recolhi-o e trouxe-o comigo. Pensei que devia ser algo a que a polícia não devia deitar as mãos. Mas agora tenho outra opinião.

– Então porquê?

Wahl pôs o cigarro na boca.

– Um tipo chamado Einar aparece na gravação – e apontou para o pequeno gravador. – E um tipo a que chamam PG. Falam do Jens Hummel, entre outras coisas.

Wahl puxou uma fumaça e deixou que o fumo lhe saísse pelas narinas.

– Foi assim que o Mandt reforçou a sua liderança – continuou. – Sabia alguma coisa sobre todos eles, e fazia com que as pessoas falassem umas das outras.

Wisting pegou no gravador e premiu o botão de *play*. A gravação começou a meio de uma conversa.

– *Ouve lá o Einar* – disse alguém.

– *O Jens tornou-se um problema*. – Não lhe foi preciso fazer uma análise de voz para reconhecer o sotaque da costa sul de Einar Gjessing.

– *Deve haver uma maneira de resolver isso, não?* – sugeriu uma terceira pessoa.

– É o Frank Mandt – esclareceu Wahl apontando com o cigarro para o gravador.

– *Só há uma solução definitiva* – ouviu-se a voz de Gjessing. – *Corremos demasiados riscos se o deixarmos escapar.*

– *Tu corres demasiados riscos* – corrigiu-o Mandt. – *Não haveria problema se eles não tivessem apanhado um inocente.*

– *Quem é que é inocente?* – perguntou a voz que Wisting não havia ainda identificado, mas que presumia pertencer a Phillip Goldheim. – *Pode não ter sido ele a fazê-lo, mas não é inocente. Ninguém é inocente.*

– *O problema é que não sabemos o que é capaz de dizer se começar a desbobinar* – declarou Gjessing. – *Pode ser perigoso para todos nós.*

– *Ele é um dos meus homens* – disse Mandt. – *Para mim, tem valor.*

– *Vais ser recompensado, claro, e arranjam-te um substituto. Aqui o Einar está disposto a livrar-nos de um tipo perigoso. Vai ser...*

A voz foi, então, interrompida por um som agudo, como se alguém tivesse apagado o resto da conversa. Não era difícil perceber de que estavam a falar, mas a gravação também não constituía uma prova irrefutável. A conversa podia ser interpretada de diferentes maneiras, e o seu conteúdo distorcido.

Wisting deixou a cassette rolar. O silêncio na gravação alterou-se e ele ouviu vozes distantes que, contudo, aumentaram de volume ao deslocar-se rumo à divisão onde o microfone estava escondido.

– *Que estás aqui a fazer?* – Era a voz de um Frank Mandt claramente irritado.

– *Só te queria dizer que o problema está resolvido* – respondeu Einar Gjessing, e às suas palavras seguiu-se o som metálico de um objeto a ser pousado numa mesa.

– *Foda-se!* – protestou Mandt. – *Trouxeste essa merda para aqui?*

– *É tua, afinal de contas.*

– *Mas agora é a arma mais queimada que pode haver!*

– *Bem, eu eliminei o problema, por isso, podes garantir que também te livras deste.*

Seguiu-se o som de algo a ser arrastado sobre a mesa a que os dois homens estavam sentados.

– *Não quero saber mais nada acerca disto* – declarou Mandt.

– *Mas precisas de saber uma coisa* – afirmou Gjessing. – *Tive de deixar o táxi dele no celeiro.*

– *No meu celeiro?*

– *Já não o usas. Eu depois tiro-o de lá, mas quanto mais tempo demorar a ser descoberto, melhor.*

– *E o corpo?*

– *Não está lá. Não te preocupes.*

– *Alguém o vai encontrar?*

– *Não até daqui a muito tempo.*

– *Que queres dizer com isso?*

– *Talvez na primavera, quando estrumarem os campos* – esclareceu Gjessing sem entrar em mais detalhes.

Frank Mandt pareceu irritado:

– *De qualquer maneira, não devias ter cá vindo. Não agora.*

Ouviram-se pernas de cadeiras a raspar no chão.

– *Pensava que querias saber.*

– *Quero saber o menos possível sobre este assunto.*

As vozes tornaram-se mais distantes.

– *Diz ao PG que a partir de agora ele tem de arranjar alguém que venha cá recolher o material.*

O tom de irritação manteve-se até as vozes esmorecerem. Seguiu-se mais uma pausa, e depois a gravação parou. O fumo do cigarro de Klaus Wahl ergueu-se-lhe da mão, passou-lhe diante da cara e formou nuvens.

– *Pareceu-me que havia de querer ouvir isto* – concluiu.



O guarda ofereceu a Wisting uma chávena de café. Só então ele se apercebeu do quão cansado estava, e esforçou-se para vencer o cansaço e pôr as ideias em ordem. Diante dos ecrãs na sala de controlo, viu Einar Gjessing a caminhar de um lado para o outro dentro da cela. Vestia as mesmas roupas que usara, mais cedo nesse dia, no tribunal. O julgamento parecia ter ocorrido há imenso tempo.

– O advogado dele veio cá há algumas horas – informou o guarda. – Garantiu-se-lhe que não o voltavam a interrogar até amanhã.

– Só lhe quero dar uma palavrinha ou duas – disse Wisting.

– Acho que ele não está muito interessado em conversar.

O homem na cela três sentou-se na cama. Wisting acabou de beber o café com calma e depois pousou a chávena vazia e percorreu o corredor.

Einar Gjessing ergueu o olhar quando Wisting entrou com uma cadeira na mão. O próprio Wisting tentou ocultar um pouco a sua hesitação. Sentiu de imediato o ressentimento do homem sentado na cama, o seu desassossego, a sua ansiedade.

– Não tenho nada a dizer – afirmou Gjessing.

– Já o ouvi falar – declarou Wisting e sentou-se na cadeira.

Tirou o pequeno gravador da pasta e pôs a cassette a tocar a partir do momento em que Gjessing referiu ter deixado o táxi no celeiro. As vozes soaram minúsculas ao ecoar nas paredes da cela. O homem diante dele sofreu uma transformação física imediata. Ficou pálido e pareceu esvaziar-se como um balão furado.

Wisting parou a cassette.

– Sabia que o Frank Mandt gravava todas as conversas que ocorriam na casa dele?

Gjessing manteve-se em silêncio.

Wisting abriu a pasta e pegou num saco de plástico cheio de cassetes.

– Ainda não as ouvi todas, mas presumo que grande parte delas diga respeito às mesmas coisas que escreveu nos seus blocos de notas, embora também ainda não os tenha lido.

Gjessing abriu a boca, mas fechou-a de novo.

– Para si não faz grande diferença – continuou Wisting. – Provavelmente não vai ter uma pena maior do que aquela a que o vão condenar pelos dois homicídios, mas pode safar-se de outros crimes.

– Que quer dizer? – perguntou Gjessing.

– Não preciso de ouvir estas cassetes, nem de ler os blocos de notas – explicou Wisting. – Só preciso de uma confissão sua. – Levantou-se e retomou a palavra: – Só tem a ganhar se confessar. A confissão será a única circunstância atenuante que lhe poderá reduzir a pena. Amanhã de manhã, começo a trabalhar às sete horas – acrescentou, a caminho da porta. – A oferta mantém-se até lá.

Einar Gjessing continuava sentado na borda da cama quando a porta da cela se fechou. Wisting regressou lentamente à sala de controlo, onde pegou num *post-it* amarelo, no qual anotou o número de telefone de Nils Hammer.

– Se ele quiser falar com alguém, digam-lhe que pode ligar para este número. Seja a que horas for.



A confissão encontrava-se na secretária de Wisting às sete horas em ponto. A declaração escrita tivera início às 3h15, e fora assinada por Nils Hammer e Einar Gjessing às 5h50. Oito páginas com os detalhes mais importantes.

Wisting leu a confissão e sentiu alguma da sua tensão desaparecer. A confissão não continha surpresas; alguns pontos em branco eram agora preenchidos, mas nenhum detalhe fugia à sequência de acontecimentos que tinham imaginado.

Wisting entregou a confissão a Christine Thiis. Os últimos dias tinham-na claramente esgotado. Encontrava-se pressionada por detetives escrupulosos de um lado e gestores pragmáticos do outro. Ficara com olheiras, o que fazia com que parecesse mais velha.

– Pronto, agora acabou – disse ele, e pousou a confissão diante dela. – Podes dar as novidades ao comissário e ao promotor público.

Christine anuiu, e ele percebeu, pela sua expressão, que gostava da tarefa de que acabara de a incumbir.

– Onde vais?

Ele olhou para o relógio.

– Vou outra vez a Kristiansand – respondeu-lhe. – Há que resolver alguns detalhes práticos com o pessoal de lá. Além disso, o julgamento recomeça às dez. Gostaria de estar presente.



A sala de audiências número cinco estava a abarrotar quando Wisting chegou ao tribunal pouco antes das dez. Vários assistentes e jornalistas estavam agrupados num semicírculo em redor da porta, mas o oficial de justiça que lhes impediu a entrada avistou Wisting e chamou-o. Wisting esgueirou-se por entre os outros e pôs-se mesmo à porta.

Olav Müller encontrava-se agora acompanhado pelo seu patrão, Gisle Kvammen. No outro lado estava o promotor público sozinho. Nem Ryttingen nem os pais de Elise Kittelsen estavam presentes.

A porta atrás da mesa do juiz abriu-se às dez horas em ponto. As pessoas na sala levantaram-se e o juiz entrou juntamente com os adjuntos. Sentaram-se, e o juiz anunciou que se podiam todos sentar e declarou a sessão aberta.

– Como planeado, continuaremos a ouvir as testemunhas – afirmou. – Alguma das partes tem algo a dizer antes de continuarmos?

O promotor público levantou-se lentamente.

– Meritíssimo, tendo em conta os novos recentes desenvolvimentos, o ministério público deseja desistir de apresentar mais provas, e propõe que o arguido seja absolvido.

O juiz fitou-o.

– Que base deseja citar para a absolvição?

O promotor público pigarreou antes de responder:

– Não é culpado.

Gerou-se comoção na sala de audiências.

– Há mais factos, além dos que já foram apresentados ontem, que motivem essa conclusão? – perguntou o juiz.

– Recebemos mais informações hoje de manhã cedo.

O juiz esperou em silêncio que o promotor prosseguisse.

– Outra pessoa confessou ser responsável pelo homicídio de Elise Kittelsen – esclareceu.

Novo burburinho e o juiz teve de pedir silêncio na sala.

– É uma declaração em que acreditam inteiramente? – perguntou.

– Sim – confirmou o promotor público.

O juiz tomou algumas notas e depois virou-se para Olav Müller.

– O que tem o advogado de defesa a dizer?

Foi Kvammen quem falou:

– Pedimos a absolvição do arguido.

Dan Roger Brodin parecia estupefacto.

– O arguido quer acrescentar alguma coisa? – perguntou o juiz.

Fez-se silêncio na sala. Brodin aproximou-se do microfone.

– Não fui eu – declarou.

– Já ninguém pensa que foi – concluiu o juiz, olhando mais uma vez para o promotor público. – A sentença será lida às três da tarde.

Com isto, encerrou a sessão.

Wisting encostou-se à parede. Aquilo significava que Dan Roger Brodin estaria livre antes de o dia acabar.



Wisting estava sentado junto à janela com a sua neta, já com cinco dias, no colo. Era como segurar, 30 anos antes, a pequena Line, e soube-lhe bem recordar os bons momentos.

Estava a chover, tal qual como no primeiro verão de Line.

Olhou para a cabeça de Ingrid e para os seus cabelinhos pretos. Tinha os olhos fechados, as faces rosadas e rechonchudas, a boca era minúscula e macia. O seu rosto mexia-se quase impercetivelmente sempre que inspirava.

Line regressou com um grande embrulho nas mãos. Atrás dela vinha Sofia, com Maja ao colo. Wisting acolheu-as com um sorriso. Sofie acariciou a bebé antes de se sentar.

Line abriu o presente. Era um fatinho cor-de-rosa e outras roupas de bebé. Quando se ia sentar, teve de atender novamente a campainha, e regressou com Nils Hammer, Torunn Borg, Espen Mortensen e Christine Thiis. Hammer trazia balões e um peluche enorme, e Christine Thiis um tapete que tocava música.

– Posso pegar nela? – perguntou Hammer.

– Quero tirar uma fotografia – disse Line, e pegou na máquina fotográfica.

Agachou-se à frente do pai, e Hammer, em pé atrás dela, fez ruídos estranhos para atrair a atenção de Ingrid.

– Tira também uma com o meu telemóvel – pediu-lhe Wisting, que o retirou, com cuidado, do bolso das calças.

O telemóvel tocou quando estava prestes a entregá-lo. Ingrid começou a chorar e Line pegou nela, passando a Hammer.

Wisting levou o telemóvel para a cozinha e atendeu-o à porta.

– Daqui fala Olav Müller, o advogado – ouviu, com dificuldade, por entre as gargalhadas na sala.

– Obrigado por nos ajudar com o caso.

– Ligo em má hora? – perguntou Müller.

– Não há problema. De que se trata?

Na sala de estar, Hammer imitou sons divertidos, levando todos a rir, à exceção de Ingrid.

– É sobre o Dan Roger.

– Que se passa?

– Morreu.

Wisting entrou para a cozinha.

– Como disse? – perguntou ele.

– Morreu com uma *overdose* ontem à noite. Pensei que gostaria de saber.

Wisting teve de se sentar. A notícia foi tão inesperada que ficou tonto. Que Dan Roger Brodin morresse assim não era propriamente surpreendente, mas nunca imaginara que fosse acontecer tão cedo. Nem sequer lhe passara pela cabeça.

Ocorreram-lhe várias perguntas, mas não conseguiu mais do que agradecer a Müller ter-lhe comunicado as novidades.

Recompôs-se e tentou não pensar que, caso estivesse preso, Brodin ainda estaria vivo.

Ouviu gargalhadas na sala de estar, o que lhe afastou as ideias desagradáveis.

– Avô! – gritou Hammer. – Está na hora de mudar a fralda!

Wisting pousou o telemóvel na mesa da cozinha.

– Já vou! – respondeu sorrindo, e juntou-se aos outros.